PALESTRAS COM O POVO

JOÃO DE CASTRO LOPES

Palestras cem e Peve

VOLUME I

PRONUNCIA VICIADA

LISBOA
LIVRARIA CENTRAL DE GOMES DE CARVALHO, EDITOR
158, Rua da Prata, 160

1901

A SUAS ALTEZAS

O Principe de Portugal

D. Luiz Filippe, Duque de Bragança

e Seo Irmão o Infante

D. Manuel Maria, Duque de Beja

Pedindo venia a Vossos Amados Paes para aqui dedicar-Vos meo humilde trabalho sobre o bello idioma de Camões, tive em vista o duplo fim: Em primeiro logar, como Sois ainda jovens, e brilhando constantemente em Vossos infantis labios a aurora desse encantador e juvenil sorriso, creio, apropriados se Vos tornarão na carreira dos Vossos estudos estes dous livros, que ora Vos offereço, sob a a fórma de *dialogos* e *historietas*, por serem vasadas no molde da conhecida sentença: *Ridendo castigat mores*.

Em segundo logar, dedicando-Vos estes dous opusculos, que represantam uma fraca

defesa sobre a propriedade do idioma que presais, testemunho, outrosim, minha gratidão á abençoada Patria da minha consorte, onde vi promptamente restabelecer-se sua perdida saúde e a de meos queridos filhos.

Não poderia, portanto, escolher melhores Propagandistas da minha rude tarefa, do que Vós, que mais dignamente fareis que estes livros percorram as duas Nações Amigas, perpetuando a homenagem rendida á lusitana lingua.

Estou bem certo, tambem, de que haveis de querer dar ao Vosso povo o mais alcandorado exemplo de patriotismo, mostrando-Vos

amantes das lettras Patrias, cultivando-as com todo o ardor, zelo e acatamento, de que são merecedoras essas abundantissimas pedras preciosas, que outr'ora ornaram a fronte dos grandes Mestres da lingua, que continua a ser o primeiro padrão de gloria de Portugal, assim como, o maior thesouro dos idiomas.

Aos Vossos patrioticos corações fica pois, hoje, confiado meo obscuro trabalho, e pela subida honra que Concedeis de nelle insculpir Vossos Reaes Nomes, reverente Vos beija as Mãos, como fiel servo o

Auctor.

INTRODUCÇÃO

Os assumptos de que nos vamos occupar nas *Palestras com o Povo,* versarão sobre erros, de tal modo arraigados na lingua portugueza, que já passam como verdades inconcussas.

Nenhuma repugnancia, leitores, poderá, portanto, da vossa parte haver, em acceitardes a emenda daquelles, que por acaso ignorardes.

Não inquiris a verdade em cada uma das sciencias que estudaes? Pois bem; a linguagem é tambem uma sciencia; seos elementos, as palavras, servem para exprimir os factos, que se constituem para a formação da sciencia; e por isso, não devemos ignorar as verdades da lingua, que falamos e escrevemos. D'ahi, a necessidade de conhecermos e condemnarmos o *erro,* que se contrapõe ao acerto.

Não se póde negar que cada vez mais tem a lingua vernacula soffrido deturpações de toda especie. Ora, é o vocabulo mal pronunciado, e até completamente adulterado; outras vezes, o termo impropriamente empregado no discurso com o sentido differente; finalmente, os gallicismos de palavras, phrases e construcção lavram com a maior intensidade!

São estes os tres elementos destruidores da lingua portugueza; verdadeiros microbios, que nella se têm introduzido, com o fim de depauperal-a; esse mal, porém, não germinará, pois que, purissimo é o sangue deste idioma, procedente de nobres avoengos, taes como: Camões, Filinto Elysio, Manuel Bernardes *et reliqua*.

O que de mais ridiculo existe, é, que taes erros são por muitas pessôas, insensata e impropriamente desculpados com os seguintes narizes de cêra: *evolução, lei de menor esforço, o uso faz lei* e outros.

Evolução! A evolução de uma lingua não consiste em estropear a verdadeira pronunciação dos vocabulos, mutilando-os completamente, como muitas vezes notamos; em desvirtuar o sentido proprio do termo, dando-lhe significação differente; nem, tampouco, em usar de gallicismos de palavra, phrase, ou construcção.

Lei de menor esforço! A tradiccional lei de menor esforço, muitas vezes não passa da *lei da maior pre-*

guiça, omittindo-se não só lettras, mas até syllabas nos vocabulos proferidos.

O uso faz lei! Temos ainda a conhecida e sempre encaixada proposição: *o uso faz lei;* proposição em que diz o grande Horacio ser o uso o que tem o arbitrio, o direito e a norma do falar:

Si volet usus, etc., etc.

Ninguem contesta que *o uso faz lei,* mas, quando *lei* não existe; por isso, tal sentença não póde ter um sentido tão amplo, como lhe querem dar.

Desde que na lingua já existe a *palavra,* representando o pensamento, essa *palavra* será a *lei,* que de modo algum poderá ser revogada pelo uso, ou costume.

Demais, esse uso, esse costume serão, porventura, poderes competentes para legislar? Quem tal uso, ou costume pratica? O vulgo ignaro? Logo, é absurdo, porque a ignorancia não dicta leis.

Sabemos que a lingua não é estacionaria; que ella progride como todos os elementos da ordem social; que tem sua evolução propria, mas, *est modus in rebus;* do contrario, será o que está acontecendo: corrupção, e não evolução.

Se é o povo o proprio legislador; se é elle quem faz a lingua; se é elle quem tem o livre arbitrio de dar ao vocabulo a pronuncia, que mais lhe convem; se é elle quem ao termo empresta a significação, que mais

lhe apraz; se é ainda elle quem se acha incumbido de verter para o francez nosso idioma, corrompendo a linguagem com gallicismos, melhor será, então, que os mestres não mais corrijam seos discipulos dos erros de pronuncia, de propriedade dos termos e dos gallicismos, mas, que sómente lhes digam: «A regra é esta: Cada qual fale e escreva como quizer.»

Para que mais tambem compulsarmos o diccionario, afim de que elle nos diga, quanto á pronuncia, se é, por exemplo, *apetrechos*, ou *petrechos*, *sobreexcellente*, ou *sobresalente* e outros mais modos de pronunciar?

Para que ainda, o consultarmos sobre a verdadeira significação das palavras, assim por exemplo, sobre *intemerato*, que geralmente empregam, significando *valente*, quando, entretanto, quer dizer: *casto*, *puro*, *honesto*, *sem mancha*, *immaculado*?

Não temos frisante exemplo na conhecida phrase invocativa da ladainha: *Virgo intemerata*, cuja traducção nunca será a de *Virgem valente*, mas sim a de *Virgem immaculada*?

Para que, finalmente, todo esse escrupulo com a lingua que falamos, se nos dizem os enjoados das leis phoneticas e synonimicas: *Como melhor nos soar ao ouvido*, ou então: *conforme a moderna significação?! Terribile dictu, horribilique auditu!*

Parece-nos que é aquelle um indestructivel argu-

mento, que ora vem em defeza da necessidade desta propaganda.

Quotidianamente, ouvimos, tambem, empregar as seguintes phrases: Fulano é um bom escriptor, uma excellente penna, um magnifico orador!

Serão taes expressões empregadas no sentido de que esse fulano tem uma boa calligraphia, que é prenhe de imaginações ardentes, ou tambem que usa de bellissimas imagens nos seos discursos oraes, ou escriptos?

Certamente, que não. Pois ardentes imaginações e bellissimas imagens possuem muitas vezes, não só o ebrio, mas até o louco em seos momentos lucidos.

Assim pois, devemos taes expressões interpretar no sentido de que o bom escriptor, ou orador, é sómente, aquelle que não corrompe a estructura da palavra, nem tão pouco lhe adultera a significação.

Mas, de tudo isso, o mais intoleravel é ouvir-se dizer o seguinte: Como corrigir a pronuncia de certos vocabulos? Como dar a alguns termos outra significação, embora a verdadeira? Como do discurso oral, ou escripto, afastar os gallicismos, se o uso de todos esses erros já se acha entre nós tão arraigado, de um modo tão inveterado na nossa lingua?

Oh! Triste logica para os que assim pensam!

Permitta-se-nos, agora, o *simile:* Assim como, a me-

dicina extirpa do corpo humano o *virus morbidum*, assim, tambem, póde a glottologia extirpar do corpo da sciencia da linguagem o *virus*, que a corrompe.

Finalmente, todo tempo é tempo de reparar o erro.

Não nos accusem, tambem, de que pretendemos reformar a lingua, e que nada alcançaremos com a nossa propaganda.

Engano manifesto! Não queremos reformar a lingua; ao contrario, vendo que a querem reformar, mas, infelizmente, para peior, é que assim procedemos.

Tampouco, se não diga que pretendemos fazer reviver o purismo dos classicos, empregando a mais estricta propriedade nos termos. Não, o que não podemos admittir, é que uma palavra, seja tão elastica na sua translacção, que chegue a abranger, como observamos, os mais disparatados sentidos!

Se assim fosse, traria essa supposta riqueza de synonimia a pobreza para a propria lingua, que só viveria de um limitado numero de palavras.

Outro é o fim das *Palestras com o Povo*. Nestas se corrigirão em estylo humoristico os erros, não só de pronuncia, como os de propriedade dos termos, sendo os primeiros, tratados sob a fórma de *dialogos prosodicos*, e os segundos, por meio de *historietas*, contendo *quiproquós*.

Nesse ponto, seguimos o pensamento do inspirado Santeuil, quando, recommenda que com o riso os costumes se castiguem.

Só receamos, agora, que no correr d'estas *palestras* nos possa ser tambem applicada a phrase de Catão:

«*Non videmus manticæ, quod in tergo est.*»

DIALOGOS PROSODICOS

I

Emgambelar — Ridicularisar

VICIOSO — Estás enganado, meo CORRECTO. Não me deixo levar com cantigas. Não é qualquer, que me *emgambella*.

CORRECTO — Emgambella ?!

VICIOSO — *Emgambelar*, é como sempre tenho ouvido dizer.

CORRECTO — Eu tambem tenho ouvido dizer outras asnices, e nem por isso as repito. Ouve, meo casmurro: o certo é *embelecar*, formado do antigo substantivo francez *bellues*, que quer dizer: *enganos*, *mentiras*, tirando-se d'ahi para o verbo *embelecar*, a significação de *embair*, *enganar com artificios e falsas apparencias*, que é, o que familiarmente se faz com as crianças para as distrahir. Já ouviste pronunciar, como substantivo cognato, *emgambello*? Certamente, que não. Terás ouvi-

do *embelego*, que vem a ser a corrupção de *embeleco*. Logo, porque não has de dizer *embelecar?*

Vicioso — Tambem tu gostas muito de ridicularisar toda a pronuncia.

Correcto—Principalmente, quando pronunciam *ridicularisar*, em vez de *ridiculisar*.

Vicioso — Pois não se diz *ridicularia?* Porque se não deve tambem dizer *ridicularisar?*

Correcto — Dá cá a orelha, Vicioso. O substantivo *ridicularia* é formado do radical *ridicul*, do adjectivo *ridiculo*, e do suffixo latino *aria*, que entra na composição de muitas palavras, como: *charut-aria, confeit-aria, cavall-aria*, etc.

«Deves conhecer, d'entre os suffixos verbaes, o seguinte: *isar*, derivado do grego, o qual teve a forma latina *izare*. Este suffixo, tambem entra na composição de muitas palavras, como: *real-isar, civil-isar human-isar*, etc.

«Do mesmo modo, juntando o radical *ridicul* ao suffixo *isar*, teremos *ridiculisar*, que é, como se deve escrever e pronunciar. Não vês no francez, idioma tambem neo-latino, escrever-se e pronunciar-se *ridiculiser* e não, *ridiculariser?*

Vicioso — Deixa-te de latinorios com mais francezismos. As palavras têm tambem sua evolução. Já se diria *ridiculisar*, mas, hoje diz-se e queremos dizer *ridicularisar*.

Correcto — Pois, justamente pela evolução, seo idiota, é que se passou a dizer *ridiculisar*, em vez de *ridicularisar*. A pronuncia tem suas leis phoneticas. Isto

aqui não é *quero*, *porque quero*. Até mesmo, estribando-me no teo *nariz de cêra*, da *lei de menor esforço*, menos tempo gastarei, dizendo *ridiculisar*, do que ri...di...cu...la...ri.. sar. Não confundas, portanto, meo pateta, *evolução* com *corrupção*.

Vicioso — Ora basta de tanta amolação!

Correcto — Assim diz, quem não gosta da licção.

... do povo da
... Não sei se me
... que mais me parece um por-

... é o que ias dizer.
... Se eu dissesse, não seria
... que é, como se deve
... banhada pelo rio *Cas-*

sanges. Mas, afinal, nem tempo me dás para corrigir a pronuncia de uma palavra, porque vens logo com outra engatilhada. Ah! meo Vicioso, tu és de uma grande fertilidade! Soltas cada qual!...

Vicioso — Está bom! Deixa-te de considerações, que foi cousa, a que eu sempre tive quizilia. Explica-me logo, como se deve pronunciar aquella palavra.

Correcto — Bem disse eu que me não dás tempo de corrigir uma palavra, porque vens logo com outra engatilhada. Pois não bastam *maturutagem* e *Cassange?* Ainda arrumas por cima com *quizilia?!*

Vicioso — Está direito! Lá vae mais esta para o sacco.

Correcto — Qual sacco! O melhor é pôl-a na praia. Ouve, meo grande falsificador da pronuncia: Quanto ao primeiro termo, de que africanaste a pronuncia, deves dizer: *matalotagem*, palavra esta, derivada de *matalote*, (do francez *matelot*) a qual significa: *marinheiro, marujo; camarada de viagem, embarcado no mesmo navio, fazendo rancho*. Da palavra *matalote*, é que se formou *matalotagem*, que quer dizer: *provisão de mantimentos das pessoas que se embarcam, fazendo rancho*, ou *camaradagem*. Por extensão, ficou tambem este termo, significando: *provisão de mantimentos em terra*. Deixa, portanto, o negro de beiço grosso continuar a dizer: *maturutagem*, e dize sempre tu: *matalotagem*.

Vicioso — Realmente, meo Correcto, acho mais bonito, mais doce, mais suave, e até, mais euphonico: *matalotagem*, do que *maturutagem*.

Correcto — Sim, sim; mas, não te deixes muito

levar por essas cantigas do *Zé povo,* de que é *mais doce,* que é *mais euphonico,* porque, então, que seriam de certas palavrinhas bem amargas na pronunciação, taes, como: *meteorologia, prestidigitação* e outras? Se a cousa fosse como melhor nos agradasse ao ouvido, de ha muito, meo Vicioso, quantos não pronunciariam e escreveriam *meterologia* e *prestigitação,* montados na tal *lei de menor esforço?!* Por essa theoria, as regras da Prosodia ficariam reduzidas á seguinte: *Como melhor nos sôar ao ouvido.*

Vicioso—Bem. Pára no *ouvido,* porque agora quero ser todo *ouvidos* sobre a explicação da outra palavra.

Correcto—Da tal *quizilia,* já sei. Mas para essa, filho, não ha explicação alguma, basta abrires o diccionario, não, na palavra *quizilia,* porque, mesmo esta forma erronea não dá o lexicographo, mas, procura a palavra *quigila,* que logo verás ser aquella a adulteração desta. O que eu posso fazer é reproduzir-te aqui o que a respeito desta palavra diz o diccionario: *Quigila,* (termo africano) *antipathia que os negros têm a certos comeres:* —(uso familiar) *aversão, antipathia.* v. g., ter *quigila* a, ou com alguem. Á vista disso, poderás ter alguma duvida?

Vicioso—Nenhuma, absolutamente. Agora vou tranquillo apromptar a *matalotagem* para o passeio, evitar falar portuguez *Cassanges* e votar decidida *quigila* aos vocabulos vulgarmente mal pronunciados.

III

Tres-antehontem — Acachapado — Filagrana.

Vicioso — Bom dia, amigo Correcto. Desde tres-antehontem que te não vejo. Andas, naturalmente, catando palavras mal pronunciadas.

Correcto — Para que as catar, quando ellas se acham por ahi soltas, á vontade. Não acabaste, por exemplo, de me fornecer neste momento o insupportavel *tres-antehontem?*

Vicioso — Já tardava que não viesses com tuas corrigendas. Não se diz então *tres-antehontem?*

Correcto — O dizer-se diz-se, meo velho, a prova é que acabas de o fazer; mas, o saber dizer, é que nem todos o sabem fazer.

Vicioso — Gostei do trocadilho, porém, mais gostaria que me explicasses como se deve dizer.

Correcto — Isto agora é que é difficil! Imagina que entra: hebraico, sanskrito, latim, grego..... o diabo!

Emfim, lá vae: Deves saber que ha em Portugal uma provincia, cortada por fragosas e altissimas montanhas, a qual foi por isso chamada em algum tempo: *Atrás dos Montes* e tambem *Detrás dos Montes.*

Mais tarde, porém, ficou, abreviadamente, chamando-se *Trás os Montes.* As palavras *atrás* e *detrás* são formadas dos prefixos privativos, ou negativos *a* e *de*, junctos á palavra *trás*, que é a abreviatura da preposição latina *trans* que significa: *alem, através*, supprimida a lettra *n* da mesma preposição. Assim pois, *atrás* e *detrás*, que por esse motivo se devem escrever com *s*, e não *z*, querem dizer; *não alem, não atravès.* Ora, desde que se abreviou *Atrás dos Montes*, dizendo-se sómente: *Trás-os-Montes*, por igual modo se deve tambem dizer *trás-antehontem*, que é a abreviatura de *atrás de antehontem*, isto é, do dia que ficou atrás do do dia de antehontem; ao passo que, *tres antehontem* só poderá significar *tres* dias de antehontem. Notemos ainda o seguinte: Se a palavra *trás* já é a abreviatura da preposição latina *trans*, não ha necessidade de abrevial-a ainda mais, dizendo-se *tres*, que alem de exprimir idéa de numero, está tambem mais longe de se parecer com *trans*, do que a palavra *tras* que apenas lhe falta a lettra *n.*

Vicioso — Já sei. Deve-se dizer *tras-antehontem*, e não *tres-antehontem.* O negocio é de *trás* e não de *tres*; logo, *zás, trás* e vamos a outro assumpto, porque, já me confesso acachapado.

Correcto — Queres então outro assumpto? É facil. Esta mesma palavra *acachapado*, por exemplo.

VICIOSO — Que me diz *seo* compadre ?! Estou outra vez preso ?! Errei, dizendo *acachapado* ? Por essa é que eu não esperava ! Emfim, como gosto de aprender, explica-me lá isso, mas olha: Se a explicação é muito grande, o melhor é guardar para amanhã essas filagranas de pronuncia.

CORRECTO — Não te assustes, porque serei breve. Dize-me primeiro uma cousa: Sabes o que quer dizer *caçapo* ?

VICIOSO — Sei, é um coelho pequeno.

CORRECTO — Ora bem. Não deves ignorar que o coelho pequeno tem por costume abaixar-se, ou agachar-se, pelo que, se chama figuradamente ao homem baixo, ou tacão de *caçapo*. D'ahi, formou-se vulgarmente o verbo *caçapar-se*, ou, *acaçapar-se*, isto é, abaixar-se, ou agachar-se como o coelho; de modo que, *acaçapado*, que é a pronuncia correcta, vem a ser o que fica *agachado, baixo de mais, rasteiro*, etc.

VICIOSO — Pois olha, eu suppunha que *acachapado* tinha alguma relação com a palavra *chapado*, e que significava ficar chato como uma *chapa*.

CORRECTO — N'esse caso, empregariamos a propria palavra chapado, ou para dar mais força ao termo, formariamos *achapado*, sem ser preciso augmentar syllabas, porque afinal, que papel representará esse *aca* antes da palavra *chapado*, ou simplesmente *ca*, intercalado na palavra *achapado* ? Demais, a palavra *chapado* significa: *perfeito, cabal, completo, a que nada excede, ou iguala ;* assim, por exemplo, diz-se: fulano é o retrato *chapado* de beltrano, isto é, o retrato *perfeito, ca-*

bal, etc. Não prevalece portanto, tua phantastica etymologia.

Vicioso — Queres então dizer com isso que agora é que fiquei deveras *acaçapado* e não *acachapado*.

Correcto — E ainda ficaste mais *acaçapado*, por causa d'aquella celebre palavrinha *filagrana*, da qual talvez te não lembres mais.

Vicioso — Pois tambem não se diz filagrana?! Safa! Já estou furioso da vida! D'esse modo, não posso mais falar.

Correcto — Fica manso, mano. Dizes bem. D'esse modo, não pódes, nem deves mais falar, porque é *filigrana* que se diz, e não, *filagrana*. Desculpa ir metter aqui o latinorio, mas não ha remedio: A palavra *filigrana* é formada dos substantivos latinos *filum fili*, (o fio) e *granum*, *grani* (o grão), por isso diz tambem o francez, como idioma neo-latino: *filigraine*, e não *filagraine*. Nunca, pois, *filagrana* mas sim *filigrana*, que vem a ser a obra de ourives em *filetes* e *grãosinhos*.

Vicioso — Basta, cruel, porque, senão, eu é que fico desta vez transformado em *filetes*.

IV

Descarrilhamento — Descarrilamento — Descarrilhado — Descarrilado — Descarrilhar — Descarrilar. — Pántano

Vicioso—Has de crêr, meo Correcto, que nunca vi em minha vida tanto descarrilhameuto, como nestes ultimos tempos? Repara que tudo tem descarrilhado: comboios, bonds constantemente e...

Correcto — E tambem tu na pronuncia, dizendo: *descarrilhamento* e *descarrilhado.*

Vicioso — Que estás a dizer?! Pois eu sahi fóra do trilho da pronuncia?!

Correcto — Infelizmente, como sempre, meo caro. Mas isso desculpa-se, porque vês pouco o bom caminho da Prosodia.

Vicioso — Ah! Já sei. É *descarrilamento, descarrilado* e tambem *descarrilar,* como se deve dizer.

Correcto — Não dês tanto trambulhão, que cada vez estás sahindo mais fóra do trilho.

Vicioso — Nesse caso, sou eu agora quem te pede: Metta-me no trilho da bôa pronuncia destas palavras, e chimpe-me para ahi, sem dó, nem piedade, umas duas, ou tres chicotadas prosodicas, bem puxadas a sustancia!

Correcto — Vou-te fazer a vontade, indo-te ao pello, porque realmente, estás muito pelludo. Não se deve dizer *descarrilhamento*, nem *descarrilamento*, *descarrilhado*, nem *descarrilado*, *descarrilhar*, *nem descarrilar*. A cousa é simplissima: Não ha em portuguez os verbos *carrilar*, nem *carrilhar*. O que existe é sómente o verbo *encarrilhar*, que quer dizer: *pôr nos carris*, isto é, *nos sulcos*, *regos*, ou *signaes profundos*, *que deixam no chão as rodas dos carros*. Ora, quem diz *encarrilhar*, dirá perfeitamente *desencarrilhar*, que é a forma negativa daquella palavra, e do mesmo modo: *desencarrilhado*, e *desencarrilhamento*. Contra isso só se póde oppôr uma cousa: O espirito de contradicção.

Vicioso — Vá feito. *Desencarrilhei* na pronuncia, mas, felizmente, este *desencarrilhamento* não foi dos peiores, porque alguns ha que muitas vezes atiram com a gente ao pantano do vicio, donde se não póde mais sahir. Quero com isto dizer que, desta vez, não será difficil corrigir-me sobre a pronuncia daquellas palavras.

Correcto — Sim, meo Vicioso, mas se escapaste de um *desencarrilhamento*, cahiste logo noutro, e este segundo é justamente dos que acabaste de falar, isto é, dos taes que atiram com a gente no atoleiro. Agora é que, devéras, te atolaste até á ponta do nariz! Talvez não haja mais meio de te *encarrilhares*.

VICIOSO — Como assim ?!

CORRECTO — Por causa do grande solavanco prosodico daquella palavra *pántano*. Para que te has de metter a *falar difficil*? Porque não empregas logo o termo puramente portuguez ?

VICIOSO — E a palavra *pántano* não é portugueza?!

CORRECTO — *Nunca, jámais, em tempo algum!* Apromptа-te para o latinorio: Ha em latim um substantivo que se declina *pantānus, i*, nome de um lago da Apulia, na Italia, hoje lago de Lesina. Do ablativo do singular (pantāno) donde geralmente se derivam nossos substantivos, originou-se a fórma *pantâno*, referindo-se aos lagos como os da Apulia, na Italia. Se quizeres empregar em portuguez a fórma erudita, ou divergente da palavra lago (atoleiro) deves escrever e pronunciar *pantâno*, que é o puro ablativo do singular *pantāno* do nome latino *pantānus i*. Agora, se te não queres metter em funduras, encontrarás em portuguez outros muitos correlativos desta palavra latina, taes como: *atoleiro, lamarão, lamaçal, lodaçal, tremedal, paúl*, etc., inutil, portanto, será pronunciares um nome latino, breve, quando elle é longo. Como prova do que acabo de dizer ahi tens o substantivo *pantâna*, significando *atoleiro*. Deves até conhecer a phrase muito vulgar: *dar com tudo em pantâna*, como se houvesse atirado tudo ao *pantâno*, e que no sentido figurado quer aquella phrase dizer: *arruinar-se, perder a fazenda*. E agora, meo *Vicioso?*

VICIOSO — Atira-me ao *pantâno!*

V

Protogonista

Vicioso — Estou lendo um romance, meo Correcto, onde o protogonista é meo perfeito ideal!

Correcto — Dize antes: o perfeito ideal de quasi todos, porque só pronunciam erradamente: *protogonista:*

Vicioso — Não é então *protogonista* ?! E como é que se diz *antagonista* ?!

Correcto — Justamente por isso, é que se não deve dizer *protogonista*. Arréda que lá vae grego: A palavra *antagonista* é derivada do grego: *antagonistes*, formada do prefixo *anti*, que quer dizer: *contra*, exprimindo *opposição*, *contrariedade*, e da palavra *agonistes*, que quer dizer *combatente*. Por euphonia, geralmente supprime-se o *i* de *anti*, quando a palavra que se juncta a este prefixo, já começa por vogal, ou *h* mudo, e o conservamos, quando essa palavra começa por consoante ou *h* aspirado. Assim pois, no primeiro caso, dizemos:

antagonista, em vez de *anti-agonista*; e no segundo, por exemplo: *antipathia*, conservando o *i* de *anti*. Pela mesma regra deve-se dizer: *protagonista*, formando-se esta palavra do prefixo grego: *protos*, ou *proto*, que quer dizer: *primeiro*, e de *agonistes*, que, como já vimos, significa: *combatente*. A pronunciar-se *protogonista*, separado o prefixo *proto*, restaria a voz *gonista*, que não exprime cousa alguma. Demais, temos tambem palavras, em que o segundo *o* de *proto* desapparece, quando a este prefixo se junctam palavras que começam por vogal, taes como: *protase*, *protoxydo*, etc., que vêm a ser a composição de *proto* e *asis*, e tambem de *proto* e *oxydo*, eliminado, como se vê naquellas palavras, o segundo *o* de *proto*.

VICIOSO — Mas, espera, meo CORRECTO, agora é que me lembro: Eu já vi num diccionario esta palavra *protogonista*, e sobre ella dizia o diccionarista: «O mesmo que *protagonista*», logo, é porque se póde dizer de ambos os modos. Ora, não posso me lembrar em que diccionario foi...

CORRECTO — Deixa lá o diccionario, seja qual fôr. Afinal, bem mostras que és uma das parcellas do *Zé Povo*. E' preciso tambem que comprehendamos o que os diccionarios querem muitas vezes dizer. Quando este diccionarista disse sobre a palavra *protogonista*, o seguinte: «o mesmo que *protagonista*,» não quiz com isso dizer que se podia pronunciar de qualquer dos modos; apenas, apresentou, o que é muito commum nos diccionarios, a fórma erronea: *protogonista*, apresentando tambem antes a fórma correcta: *protagonista*,

pois, em vez de indicar com a abreviatura V a pronuncia correcta *protagonista,* limitou-se, sómente, a fazer aquella declaração, que não se refere á pronuncia, mas, sim, á significação da palavra, isto é, que a fórma erronea: *protogonista* tem a mesma significação que a fórma correcta: *protagonista.* A prova disso ainda, é que elle dá a verdadeira significação da palavra, quando apresenta a fórma correcta *protagonista.*

Vicioso — Ora vá um pobre diabo, como eu, traduzir um enigma d'estes!

Correcto — Realmente, meo Vicioso, tiveste agora espirito! Pois, só como enigma, póde ser classificada uma declaração daquella ordem! Felizmente, outros assim não procedem. Quando dão, por exemplo, a fórma erronea da palavra, indicam com a letra V a fórma correcta, ou, então, no fim do artigo, em que tratam da significação da palavra, dizem. «O vulgo pronuncia erradamente assim; e apresentam a fórma erronea.

Vicioso — Agora, meo Correcto, já vejo que o tal diccionarista que consultei é do numero daquelles que abraçam esta conhecida theoria: *Afinal de contas, não ha nada, como tudo mais são historias!*

VI

Lambedor — Suador — Babador — Bebedor — Borrador — Corredor — Coarador.

Vicioso. — Saberás, amigo Correcto, de algum remedio para esta maldicta tosse, que me não deixa, ha uns poucos de dias? Achas que devo tomar um lambedor? Ou será melhor, por causa da constipação, tomar um suador?

Correcto. — Não. Sou de opinião que tomes de preferencia, primeiro um *lambedouro*, sendo tu nesse caso o *lambedor*, e depois então um *suadouro*, já se sabe, sendo tu o *suador*.

Vicioso. — Sempre te saes com cada qual, que é de pôr uma pessôa a babar-se. Quando agora vier palestrar comtigo hei de trazer da prevenção um babador.

Correcto. — Traze antes um *babadouro*, e sejas tambem tu o *babador*.

VICIOSO. — Guardo mais esta. É outro góle que tomo no meo bebedor prosodico, ou por outra, vou lançar mais este assentamento no meo borrador de pronúncia viciada.

CORRECTO. — Fazes bem, mas toma antes o góle no *bebedouro* prosodico, e lança tambem o tal assentamento no teo *borradouro* de pronúncia viciada.

VICIOSO. — Desta maneira, meo Correcto, eu fujo já por este corredor a fóra, e ao chegar á casa vou lavar todos estes trapos de linguagem, e depois estende-los a coarar no coarador da bôa pronúncia.

CORRECTO. — Foge tambem pelo *corredouro*, se te julgas bom *corredor* e para os trapos de linguagem ficarem *coràdos* é preciso os pôr no *córadouro*.

VICIOSO. — Ora vamos vêr se eu decóro toda essa ladainha: *Lambedouro, Suadouro, Babadouro, Bebedouro, Borradouro, Corredouro, Córadouro*. Mas onde foste tu buscar tanto *ouro*, não me dirás ? !

CORRECTO. — Onde havia de ser ? ! No nosso riquissimo idioma, que o tem sempre em abundancia para distribuir aos pobres de espirito, como tu.

VICIOSO. — Obrigado pela generosidade. Estimaria mais que me explicasses toda essa historia de palavras que devem terminar em *ouro* e mais *ouro*, se é que ella não nos metta medo, como a historia do *touro-bezouro*, que se conta ás crianças.

CORRECTO. — Não tenhas medo, porque esta historia, longe de amedrontar, dá coragem para serem ouvidas outras do mesmo genero.

VICIOSO. — Conta-me, então, lá isso.

Correcto. — A desinencia, ou terminação *or*, em portuguez, sempre designou o *agente*, isto é, aquelle que exerce, ou produz a acção, assim como, a desinencia, ou terminação *ouro*, exprime o *logar onde* se exerce, ou se produz a acção, e tambem por extensão, cousa propria para exercer, ou produzir alguma acção, por isso, diz-se com toda a propriedade: O homem que *mata* é: *matador*; o *logar onde* se *mata*: *matadouro*; o que *logra*, é: *lograđor*; o *logar onde* se *logra*: *logradouro*; o que *embarca*, é: *embarcador*; o *logar onde* se *embarca*: *embarcadouro*; o que *lava*, é: *lavador*; o *logar onde* se *lava*: *lavadouro*. Do mesmo modo, o que *lambe*, é: *lambedor*; o preparado proprio para se *lamber* é: *lambedouro*; o que *sua*, é: *suador*; o medicamento proprio para fazer *suar*, é: *suadouro*; o que se *baba*, é: *babador*; o panninho proprio para aparar a baba, é: *babadouro*.. Assim, por exemplo, podemos dizer: Este menino por ser muito *babador*, deve sempre andar de *babadouro*. O que faz, ou lança *borrões*, é: *borrador*; o *logar onde* se lançam os *borrões*, ou o livro onde elles se lançam, é: *borradouro*; o que *corre*, é: *corredor*; o *logar por onde* se *corre*, ou alguem passa, é: *corredouro*; o que *córa* a roupa lavada, é: *córador*; o *logar onde* se *córa*, é: *coradouro*. Não pronuncía o povo, acertadamente: *ancoradouro*, *surgidouro*, *sumidouro*, *escoadouro*, *sorvedouro*, *matadouro*, *logradouro*, *embarcadouro*, *lavadouro*, etc.? Porque não ha de tambem pronunciar com a desinencia, ou terminação *ouro*, estas palavras que pronunciaste erradamente em *or*?

*

Vicioso — Não sei, meo Correcto. Só posso responder por mim, e n'este tom:

As que eu erradamente disse-em *or*
N'este instante lhes voto grande horror!

VII

Marimbondo — Ferroada — Empóla

Vicioso — Sinto muito, amigo Correcto, não poder hoje palestrar mais tempo comtigo. O demonio de um marimbondo pregou-me uma espetadela num dedo, ou melhor, uma ferroada tal, que tenho estado a vêr estrellas ao meio dia.

Correcto — Isso não é nada! Não vale dous caracoes!

Vicioso — Não é nada?! É porque não foi em ti. Vê só a empóla que tenho no dedo.

Correcto — Affianço-te que sentirias mais, se fosses mordido pelo verdadeiro insecto.

Vicioso — E como sabes tu que não fui mordido pelo verdadeiro insecto?

Correcto — Porque, se o fosses, serias pelo *maribondo,* que é o nome de uma especie de vespão, que ha no Brazil.

Vicioso — Mas, *marimbondo*...

Correcto. — Sim, *marimbondo* não é de *marimba* que preto toca. Isto aqui é instrumento mais fino. É um vocabulo da lingua *Bunda*, que não deve, por isso, soffrer alteração alguma.

Vicioso. — Como se deve, então, pronunciar?

Correcto. — *Ma-ri-bon-do.*

Vicioso. —Acceito: *Maribondo.* Para me não esquecer vou agora usar de uma bôa mnemonica. Imaginarei o seguinte: Sair do *mar* e entrar no *bond;* logo, *maribondo.*

Correcto. — Não está má a mnemonica. Mas, o que não posso conceber é como um insecto pudesse agarrar um *ferro* e dar-te uma *ferroada*, do mesmo modo porque se agarra uma *bengala* e dá-se uma *bengalada*, um *páu*, e dá-se uma *páulada*, uma *vara* e dá-se uma *varada*, um *bordão*, e dá-se uma *bordoada*, etc. Não vês ahi nestas palavras que a desinencia, ou terminação *ada* exprime a *pancada* que se dá com o *ferro*, a *bengala*, o *páu*, a *vara*, o *bordão*, etc,?

Vicioso. —Como devia ter dito eu?

Correcto. — Devias ter dito: *ferretoada*, do verbo *ferretoar*, que é composto do substantivo *ferrão*, e da desinencia, ou terminação *toar*, do latim: *ictus, ictus*, golpe. Significa, portanto, *ferretoada:* a picada da abelha, vespa, ou outro insecto.

Vicioso. —Agora, que *ferrei* na *toada*, só direi: *ferretoada*. Gostaste de mais esta mnemonica?

Correcto. — Na verdade, algumas vezes tens espirito. O peior é embirrares tanto com a bôa pronúncia das palavras.

VICIOSO. — E não é, que já vae desapparecendo a empóla do dedo ?! Não ha nada, como a distracção para curar as dôres physicas, ou moraes. Não achas ?

CORRECTO. — Pois não. Só o que não acho é que ella possa curar tua *empóla*.

VICIOSO — Não te posso comprehender. Como é, então, que acabas de concordar que a distracção cura as dôres physicas, ou moraes ?

CORRECTO — Lá, quanto as dôres physicas, ou moraes, concordo; mas com respeito a *empóla*, só poderá cural-a a palavra *ampôlla*, do latim: *ampūlla*, que em portuguez corresponde a *bôlha*.

VICIOSO — Ahn !... Pôl-a já no meo canhenho. Olha mais outra mnemonica, meo Correcto. Ahn !... Pôl-a já no meo canhenho, logo: *ampôlla*. Estou um grande mnemotechnico !

CORRECTO — E tambem um grande *espicharetico!*

VIII

Loteria

Vicioso. — Ora graças que te encontro, amigo *Correcto*. Ha quanto tempo não tinha o prazer de conversar comtigo! Suppuz que tivesses tirado a sorte grande nalguma loteria, e por isso te esquecesses dos amigos.

Correcto. — Estou que me desculparás; pois tenho muito que fazer. Quanto ao ter tirado a sorte grande nalguma loteria, enganas-te, porque eu não conheço esse jogo.

Vicioso. — Não o conheces!? Pois eu já te tenho visto com bilhetes de loteria.

Correcto. — De *lotaria* póde ser, mas não de *loteria*.

Vicioso. — Lotaria?! Só tenho ouvido assim pronunciar certa gente velha e os negros.

Correcto. — Justamente os dous melhores documentos historicos. Como sabes, a gente velha ainda

conserva a pureza do nosso idioma; quanto aos negros, não lhes foi difficil reproduzir a palavra, tal qual ouviram da bocca dos seos antigos senhores. Nesse ponto, pronunciam elles melhor essa palavra, do que muitos.

VICIOSO. — Que?! Dizendo *lotaria*, falam melhor do que os que dizem *loteria*?! De certo estás gracejando.

CORRECTO. — Tu e outros é que andam gracejando com a lingua portugueza. A tal palavra *loteria* é mais um legitimo gallicismo, e como estavas com vontade de conversar commigo, ahi temos um assumpto para discutir.

VICIOSO. — Entremos então no assumpto.

CORRECTO. — Vamos a elle:

A lingua portugueza não possue o suffixo *eria*, mas sim *aria*, do latim *arius, aria, arium*, que exprime collecção, quantidade, como se vê nas palavras; *charut-aria, confeit-aria, cavall-aria*, etc. Não se deve, portanto, dizer, como por ahi dizem; *infant-eria, artilh-eria, maçon-eria, bilhet-eria, voz-eria*, e tambem *lot-eria;* finalmente, não deve palavra alguma portugueza terminar com o suffixo *eria*, que é propriamente oriundo da lingua franceza *erie*, como se vê nas seguintes palavras: *cheval-erie, bijout-erie, infant-erie, artilh-erie, maçon-erie e lot-erie*. Ora, assim como a lingua franceza juntou o substantivo *lot*, que quer dizer *sorte*, ao suffixo *erie*, e formou a palavra *loterie*, assim tambem a lingua portugueza juntou o substantivo *lote*, supprimindo o *e* (*lot*) ao suffixo que lhe é proprio, *aria*, e formou a palavra *lotaria*. A pronunciarmos, *loteria* melhor será dizermos logo em puro francez: *loterie*.

Que necessidade ha de aportuguezarmos o suffixo francez *erie* em *eria*, quando temos nosso legitimo suffixo *aria!?*

Vicioso.—Mas, meo *Correcto*, quem é hoje que vae dizer *lotaria?* Eu, pelo menos, confesso que tenho vergonha de assim pronunciar em qualquer roda, com quanto saiba que é esta a verdadeira pronuncia.

Correcto. — Pois olha, meo caro amigo, faze como eu: Quando tenho certeza da verdadeira pronuncia de uma palavra, e que sei explicar a razão etymologica, porque assim a pronuncío, não trepido proferil-a em qualquer roda, por mais selecta que seja. Mais vergonha devem ter aquelles que só teem como argumento sempre os mesmos narizes de cêra, que são: « É como todos pronunciam », « Sempre ouvi dizer assim », « Sôa-nos melhor ao ouvido », e outros da mesma força.

Vicioso. — Qual, filho! Não me ageito com a tal *lotaria*; falta-me o animo.

Correcto.— Falta-te o animo! És um pobre diabo! A que degradação moral e intellectual chegou o homem, que prefere o caminho errado ao certo; que já se envergonha de mentir ante o tribunal da sua consciencia, que ora lhe apresenta a verdadeira pronuncia de um vocabulo! Miseria, miseria e mais miseria!

Vicioso. — Bonito! Gostei deste pedacinho! Estás hoje, além de grammatico, tambem muito dramatico! Mas que queres. .

Correcto. — Confessa, miseravel, que não tens coragem de offerecer aos teos impuros labios o nectar prosodico de um vocabulo, mas que continuarás a en-

venenal-os com a viciosa beberagem linguistica, que vaes, a resto de barato, compral-a no balcão da ignorancia!

Vicioso. — Basta de drama! Perdôa-me, meo *Correcto,* porque eu conheço que pequei contra a pureza da nossa lingua. Não mais direi *loteria,* mas sempre *lotaria!*

IX

Sobreselente — Sobreexcellente — Desapercebido — Reptil — Gracil.

Vicioso — Pois não é que me voltou a maldicta constipação?! Tenho estado com o nariz, que é uma perfeita gotteira. O que vale é que trago sempre commigo lenços de sobreselente!

Correcto — Naturalmente alguma nova qualidade de lenços para curar constipações. Grande cousa é o progresso! Onde os compraste?

Vicioso — Ah! Meo maganão! Nada te passa desapercebido. Não me deixas pôr pé em ramo verde. Pelo que me dizes, já sei que tropecei na pronuncia de alguma palavra. Faça-me então o favor de corrigir o erro que commetti.

Correcto — Não, filho. Por ora, só tropeçaste em duas, ou por outra, só commetteste dous erros muito vulgares na bocca do povo.

Vicioso — E tu que andas sempre de bocca preparada para dares o *bóte,* fazes de mim teo sapo predilecto, mas de um reptil como tu não tenho eu medo.

Correcto — Cala-te, sapo, senão engulo-te. Não te ponhas a coaxar mais erros de pronuncia, porque o *bóte* é certo.

Vicioso — Como o sapo deve sempre obedecer aos traiçoeiros como tu, por isso me calarei.

Correcto — Agora é que te engulo devéras. Prepara-te para o *bóte!*

Vicioso — Mas antes do *bóte*, dize-me quantos pulinhos dei eu na pronuncia viciada, desde que estou a conversar comtigo?

Correcto — Queres saber?. Pois então vae lá contando: *Sobreselente*, *desapercebido* e *reptíl*.

Vicioso — Só tres?

Correcto — E achas pouco?

Vicioso — Pois bem. Explica-me então isso por miudo.

Correcto — Vê lá! Olha que estas palavrinhas trazem um pouco de sal do baptismo. Sobre duas, principalmente, terei que te applicar a phrase da egreja: *Accipe salem sapientœ*.

Vicioso — Amen. Faça de conta que sou eu o sacristão, e como tal, por isso é que te pergunto: Que quer dizer aquelle latinorio?

Correcto — Litteralmente quer dizer: *Toma o sal da sabedoria*.

Vicioso — Muito obrigado. Mas não me salgues muito, porque de sapo poderei transformar-me em peixe salgado, de que não sou nada amigo.

Correcto — Ora lá vae: Abra a bocca e feche os olhos.

VICIOSO — Perdão. N'esse caso, prefiro fechar a bocca e abrir bem os olhos para não incorrer n'outras.

CORRECTO — Sim, senhor. Tiveste agora espirito e bem forte.

VICIOSO — Lá espirito, é que nunca me falta. De phosphoros é que preciso para accendel-o.

CORRECTO — Estou gostando, estou gostando.

VICIOSO — Sim, mas eu é que não estou gostando muito da tua demora em explicar-me os taes erros.

CORRECTO — Ora ahi temos a explicação: Não se deve dizer *sobreselente*, nem como dizem tambem alguns, espevitadamente: *sobreexcellente*, suppondo ser esta palavra composta da preposição *sobre* e do adjectivo *excellente*. Devemos pronunciar: *sobresalente*, que é a modificação de *sobresaliente*, como se diz em castelhano. Tal palavra é effectivamente composta; mas, da preposição *sobre* e do adjectivo latino *saliens, salientis*, do verbo *salio, salire*, que quer dizer: *saltar*, *pular*, *brotar*, etc. D'ahi, ficou a palavra *sobresalente* com a significação de: *de mais que necessario, destinado a supprir as faltas*. Tem por isso a locução adverbial *de sobresalente*, a significação de: *em reserva, para supprir as faltas*. Estás satisfeito, meo sapo?

VICIOSO — Muito. Vamos agora aos outros erros. Já que a cobra não cobra, não se gasta o cobre.

CORRECTO — Como está o sapinho espirituoso!

VICIOSO — Já se deixa vêr que é pela influencia do fluido magnetico da cobra.

CORRECTO — Nesse caso, lá vae obra. O tal *desapercebido*, que me não passou *despercebido*...

VICIOSO — Pódes ahi ficar, porque já comprehendi. Deve dizer-se *despercebido* e não; *desapercebido*.

CORRECTO — Agora é que ficaste completamente *desapercebido*, porque te mostraste *despercebido* no assumpto.

VICIOSO — Bonito! Agora o que eu estou é muitissimo embrulhado!

CORRECTO — Eu já te desembrulho: *Desapercebido* significa uma *cousa*, e *despercebido* outra *cousa*. Vê tu como são as *cousas!*

VICIOSO — Homem! Acaba com essa *cousa*, porque eu já estou nervoso com tanta *cousa!*

CORRETO — É a influencia do *bóte* que vaes levar. Eil-o: A palavra *desapercebido* é composta do prefixo negativo *des* e do participio passado do verbo *aperceber*, que é tambem composto do prefixo intensivo *a*, que exprime: *muito*, e do verbo *perceber*, significando d'ahi: *aperceber* o mesmo que: *perceber muito*, ou então: *avistar*, *distinguir*, *vêr ao longe*, *pôr em ordem*, *preparar*, *munir*. Foi por isso, que ha pouco disse-te que tinhas ficado completamente *desapercebido*, pelo facto de te mostrares *desapercebido* no assumpto, isto é, que não o *distinguias*, ou estavas completamente *não preparado*, que é o que significa a palavra *desapercebido*. Quanto á palavra *despercebido*, simplissima é a sua significação, pois que não é mais do que a fórma negativa do participio passado *percebido*, equivalendo, portanto, *despercebido* a: *não percebido*. Percebeste-o agora tu?

VICIOSO — Não só *percebi*, como não fico mais *des-*

apercebido por outra vez. Pódes agora dar-me o tal *bóte* do.... re...

CORRECTO—Continua: *Mi, fá, sol, lá, si.* Não é o que ias dizer?

VICIOSO—Velhaco! Tu bem sabes a palavra que eu ia proferir. Anda lá, corrige-a.

CORRECTO—Vamos então primeiramente ao baptismo: *Accipe salem sapientiæ.*

VICIOSO—Amem, e satisfaça a vontade do sapo, que já que não possue um corpo gracíl, ao menos deixará de coaxar erradamente, adquirindo uma linguagem pura e sonora.

CORRECTO—Cala-te, ó sapo de uma figa! Estás aqui, estás no papo com este ultimo agúdo dó de peito que soltaste.

VICIOSO—Qual foi elle?!

CORRECTO—O detestavel *gracíl*, que vem formar o *quarteto* da tua bella prosodia de hoje.

VICIOSO—Mas tu só me ensinaste um *duetto* que foi o *sobreselente* e o *desapercebido.* Ensaia-me então agora o terceto, que é o do *reptíl* e depois este ultimo quarteto do *gracíl.*

CORRECTO—Não é preciso ensaiar um de cada vez, porque ambos pertencem á familia *dissonante* dos agudos improprios.

VICIOSO—Com certeza não são elles meos parentes, porque eu, na qualidade de sapo, faço parte da familiã dos *barrigudos.* Mas não importa. Desfolha lá essa arvore genealogica, porque preciso de relacionar-me neste grande mundo prosodico.

Correcto — Lá vae baptismo para a frente: *Accipe salem sapientiæ.*

Vicioso — Amen.

Correcto — Ha na grammatica portugueza uma regra muito *rococó*, que qualquer menino de escóla sabe na ponta da lingua. Vem a ser ella a seguinte: «Os nomes terminados em *il*, uns são *breves* e outros *longos*. São *breves* os que são representados por *adjectivos*, que correspondem aos adjectivos latinos terminados em *ĭlis* breve, assim como: *fácil*, que corresponde a *facĭlis, difficil* a *difficĭlis, útil* a *utĭlis, ignóbil* a *ignobĭlis, agil* a *agĭlis, débil* a *debĭlis, frágil* a *fragĭlis*, e consequentemente *réptil* a *reptĭlis* e *grácil* a *gracĭlis*. Á semelhança do plural latino em *ĭlis* breve, fazem tambem estes adjectivos portuguezes o plural em *eis*, como se vê em *fácil, faceis*, etc. Do mesmo modo, portanto, devemos dizer no plural, com relação a *réptil* e *grácil: répteis e gráceis*. São longos aquelles adjectivos portuguezes terminados em *il*, que correspondem aos adjectivos latinos terminados em *īlis* longo, assim como: *infantil* que corresponde a *infantīlis, hostil* a *hostīlis, pueríl* a *puerīlis, subtíl* a *subtīlis*, etc. Á semelhança do plural latino em *īles* longo, fazem tambem estes adjectivos portuguezes o plural em *ís*, como se vê em: *infantíl infantis*, etc. São tambem longos, sem excepção alguma, todos os substantivos portuguezes terminados em *il*, taes como: *aníl, ardíl, barríl, buril, carril, caril, edil, funíl, fuzil, gradíl, ceitil*, etc.

Vicioso — Dá-me agora licença, meo illustrado e *grácil réptil*, que eu te apresente aqui a seguinte ob-

servação: Quanto á palavra *grácil*, bem sabia que era adjectivo, embora a pronunciasse longa, mas quanto á palavra *réptil*, embora tambem a pronunciasse longa, é que suppunha ser um substantivo, por vêl-a sempre empregada, determinada pelo artigo.

Correcto — Geralmente assim se diz, mas nesse modo de dizer acha-se occulto o substantivo *animal*, que concorda com o adjectivo *réptil*, que em latim significa: *o que rasteja, anda de rastos, rasteiro*. Dizer-se, portanto, ellipticamente: *o réptil*, equivale a dizer-se: *o animal rasteiro*.

Não usamos tambem nós de outras expressões ellipticas, identicas a esta, taes como: *o bello, o util, o agradavel*, etc.?

Vicioso — Estou satisfeitissimo. Não ha nada como o ser-se uma cobra esperta! Como ella se esconde tão bem escondidinha entre as hervas, e dá-nos depois o *bóte*, sem que a presintamos!

Correcto — É para confirmar a sentença: *Latet anguis in herbis.*

Vicioso — *Mea culpa, mea culpa mea maxima culpa!*

Correto — *Quæ te dementia cepit!*

Vicioso — *Ora pro nobis.*

Correcto — Ora... vae-te para o diabo que o carregue!

Vicioso — *Et cum spiritu tuo!*

X

Cordavão — Pesponto — Roda dentada

VICIOSO — Não sei se soffres dos callos, meo Correcto; pois eu sou um grande martyr a este respeito.

CORRECTO — Conforme a natureza dos callos. Quando elles atacam as algibeiras, dóem mais do que os que nos atacam os dedos dos pés.

VICIOSO — Estás sempre disposto ao gracejo. Não te fallo dos callos *callotes*, mas sim, dos taes que atacam os dedos dos pés. Imagina que eu ha muito tempo só uso botas de cordavão, pois, nem assim, os malditos deixam de me perseguir.

CORRECTO — É justamente porque usas botas feitas de corda, por isso é que ellas te fazem callos.

VICIOSO — Feitas de corda ?! Quem te falou ahi em corda ?

CORRECTO — Tu mesmo é que acabaste de o dizer.

VICIOSO — Creio que te não falei em corda, porem, em cor...da...vão. Comprehendeste ?

Correcto — Comprehendi e continuo a comprehender que as taes botas de *cordavão* só poderão ser feitas de *corda*, porque fazes aquella palavra derivar desta.

Vicioso — Não sei como se diz. É assim que tenho ouvido dizer muitos sapateiros.

Correcto — Em pronuncia sapateira póde ser que assim seja, e tu, meo Vicioso, embora não exerças o officio, has de confessar que a respeito de pronuncia, és uma verdadeira gaveta de sapateiro.

Vicioso — Já sei. Naturalmente esta palavra vem do latim...

Correcto — Estás enganado. Vem mesmo do nome de uma cidade da Hespanha, chamada *Cordova*, onde se prepara o couro curtido para o fabrico das taes botas, que por isso devem-se chamar botas de *cordovão* e não de *cordavão*.

Vicioso — D'esta não sabia eu. Não me admiro, porque tens viajado mais do que eu.

Correcto — Principalmente pelo mundo dos livros, pois, como sabes, não é preciso ir-se á Roma para vêr o Papa. Eu, por exemplo, comquanto tenha viajado alguma cousa, nunca fui á Hespanha; entretanto, não ignoro o nome das suas cidades, e as differentes industrias de algumas, como te acabei de provar.

Vicioso — Decididamente preciso de dar um pesponto bem forte nesta lingua, para ver se ella endireita.

Correcto — Pelo que ouço, já vejo que além de seres um máo sapateiro, és tambem um máo alfaiate

da linguagem. Ora, responda-me praticamente : Que significa esse termo *pesponto* que ha pouco empregaste ?

Vicioso — O termo *pesponto*, creio que significa na technologia dos alfaiates e costureiras, o *ponto* que se dá logo em seguida de outro e bem juntinho. Não será isso ?

Correcto — Se bem que não seja alfaiate nem costureira, vou-te applicar agora um *remendo* nessa pobre lingua esfarrapada. Se, como dizes, o tal *pesponto* é o *ponto* que se dá logo em seguida de outro e bem juntinho, logo, vem a ser um *ponto depois do outro*. Ora a palavra *depois*, tambem se diz sob a fórma *após*, ou simplesmente *pós* da preposição latina *post*, que significa : *depois ;* portanto, deve-se pronunciar *posponto*, que quer dizer : *depois* do *ponto*, ou, um *ponto depois* do outro, e *ponto final*, meo amigo.

Vicioso — Não podia ser melhor ponteada a explicação que me déste ! Foi qual uma roda dentada, que, num rapido giro, fez tocar num só *ponto* todos os dentes. Gostaste da imagem ?

Correcto — Mais gostaria se ella fosse benta pela religião da Pronuncia, ou ainda, se não tivesses dado tão grande *dentada* na victima da Prosodia.

Vicioso — Não vás mais longe. Já decifrei o enigma. A cousa é com a *roda dentada*. Pois a palavra *dentada*, não quer ahi dizer : *em fórma de dentes ?!*

Correcto — Qual, meo improvisado dentista ! Vá ferrar noutro esta *dentada*. Quanto a mim, não me morderás na orelha, porque tenho o ouvido muito apurado. A palavra *dentada* será sempre um substantivo deri-

vado de *dente*, sendo a terminação *ada* o suffixo augmentativo, que entra na composição de muitos substantivos, com o fim de exprimir a *acção*, como observamos nos seguintes: *pedrada* derivado de *pedra*, *facada* de *faca*, *punhalada* de *punhal*, *varada* de *vara*, e outros muitos. Como o verbo que exprime *fazer dentes* não é *dentar*, mas sim, *dentear*, portanto, o participio passado deste verbo, o qual tambem exerce a funcção de adjectivo, será *denteado*, *denteada*, e por isso devemos dizer: roda *denteada* e não *dentada*. Não disseste ha pouco que a explicação não podia ser melhor *ponteada*? Porque não disseste melhor *pontada*? É porque a palavra *pontada* é tambem um substantivo derivado de *ponta*, á semelhança dos que te acabei de apresentar. Agora, ao meo vêr, tu é que precisavas...

VICIOSO — Bem o sei, seo maroto, de levar uma *dentada*.

XI

Enteado—Estilhaço

Vicioso — Quero crêr, meo *Correcto*, que n'este mundo, não ha ninguem mais feliz do que eu, porque descobri agora que tenho um parentesco com a Fortuna!

Correcto — Nesse caso, dou-te os parabens. Qual vem a ser o gráo desse parentesco? És filho, irmão, primo, tio, sobrinho...

Vicioso — Nada disso. Sou apenas enteado da Fortuna. Descobri que esta respeitabilissima matrona é minha madrasta.

Correcto — Mas isso não é gráo algum de parentesco; pois enteados somos todos nós, não da Fortuna, mas do mundo que nos vio nascer.

Vicioso — Essa agora!

Correcto — Sim, por essa agora é que não esperavas. Reflecte um pouco, e vê qual poderá ser a etymologia da palavra *enteado?*

VICIOSO — Quer-me parecer que *enteado* deve ser derivado de *ente*, porém essa terminação *ado* é que não sei o que significará junta á palavra *ente*.

CORRECTO — Eu te ajudarei a missa. Essa terminação *ado* e seo feminino *ada* não são mais do que a abreviatura dos participios passados *nado*, *nada*, que vem a ser a modificação dos participios de fórma erudita *nato*, *nata*, do latim *natus*, *nata*, *natum*, que quer dizer: *nascido*, *nascida*. Deves naturalmente conhecer a expressão muito commum dos romancistas: *com o sól nado*, ou: *o sól era nado*, em vez de: *com o sól nascido*, ou: *o sól era nascido*.

VICIOSO — É exacto, conheço. A gente do campo emprega até muito esta expressão: *com o sól nado* em vez de: *com o sól nascido*.

CORRECTO — Deixa-me então continuar a te ajudar a missa: Juntando-se a palavra *ente* ao participio *nado*, *nascido*, abreviado como já te disse em *ado*, significará portanto, a palavra *enteado* unicamente: *ente nascido*. Ora, *entes nascidos* somos todos nós, logo, não póde essa palavra exprimir gráo algum de parentesco com aquelle que tem padrasto, ou madrasta.

VICIOSO — Não te interrompendo. Eu desconfio que tu, em vez de ajudares a missa, estás, mas é a ajudal-a, porque eu agora concordando com o que me acabaste de explicar, ia-te dizer *Amen*, o que é proprio de quem ajuda a missa, portanto troquemos de figura: Sejas tu o padre e eu o sacristão, mas destes que só dizem *Amen*, porque mesmo para ajudar a missa, nunca me mandaram ensinar.

CORRECTO — Este mundo é realmente das compensações. O que te falta em pronuncia sobra-te em espirito.

VICIOSO — Obrigado pela gentileza; o que prova que é tambem outra compensação que tenho. A par de algumas descomposturas que me prégas, recebo tambem ás vezes amabilidades como esta. Ora bem, estando acabada a interrupção, peço-te que continues, não a ajudar a missa, mas a dizel-a.

CORRECTO — Continuemos então: Os viuvos que possuem filhos, e que casam novamente; esses filhos *nascidos antes* da celebração do novo matrimonio, com relação aos padrastos, ou madrastas, foram denominados: *anteados*, abreviatura, como já vimos de *antenados*, que quer dizer: *antes nascidos*, ou: *nascidos antes*.

VICIOSO — Na verdade, a modificação de *anteado* para *enteado* seria facil de se dar.

CORRECTO — E não foi outra cousa. Os senhores grammaticologos, porém, desculpam este *erro*, appellando para a tal *lei do abrandamento*, que, na minha fraca opinião, muitas vezes não passa da *lei da maior preguiça*. Não se pronuncia: *ante-sala*, *ante-camara*, e não: *ente-sala*, *ente-camara?* Pois a palavra *anteado* é tambem um substantivo composto, com a differença, porém, de, em vez de ser formado de dous substantivos, como aquelles, é então formado de uma preposição e de um participio, assim como, em vez de ser separado pelo traço de união, é escripto juntamente, como muitos outros substantivos compostos.

Póde aqui servir de exemplo, perfeitamente analogo, o substantivo: *recemnascido*, que é tambem composto de uma palavra invariavel, e do mesmo participio *nascido*, sem a fórma erudita *nado*.

Vicioso — Ó Correcto, empresta-me agora um pouco esta tua ultima palavra, porque eu quero, sem lhe alterar as lettras, dar-lhe outra significação, dizendo-te: Agora, meo Correcto, é que eu *nado* no mar de rosas das tuas bellas licções!

Correcto — Muito obrigado, mas vê lá como nadas. Não te vás afogar, é o que eu desejo.

Vicioso — Não te dê cuidado. Em todo caso deve ser melhor morrer-se afogado, do que feito em estilhaços, por um tiro de canhão, ou cousa que o valha.

Correcto — Ai, que morreste agora, meo Vicioso!

Vicioso — Bem m'o disseste! Pois olha, eu não nadei muito agora no oceano das palavrinhas. Não sei como diabo vim a morrer assim tão depressa!

Correcto — São cousas! Muitas vezes não é do excesso de nadar que se vem a morrer, mas sim, engulido por uma baleia, ou tubarão, que tambem existem no tal oceano das palavrinhas. E foi justamente isso o que te aconteceo. Falaste em *estilhaços*, prompto! Esta palavrinha que é um dos taes tubarões de pronuncia, que todos temem, ouvio-te pronuncial-a mal, e zás, chamou-te ao papo. Agora, só poderás ressuscitar, se acceitares a pronuncia que ella exige que se lhe dê.

Vicioso — Se acceito! Morto é que eu não quero

ficar. Como é então que esse tal tubarão exige que se lhe chame?

CORRECTO — Diz o Ex.mo Sr. Tubarão que elle se chama *Hastilhaço*, filho legitimo do Ex.mo Sr. *Hastíl* e neto da Ex.ma Sr.a D. *Haste*, e diz ainda aquelle, que cómo os nomes do senhor seo pae e da senhora sua avó são escriptos com *H*, por isso elle, na qualidade de descendente de tão illustre familia, deve se chamar *Hastilhaço*, e não *Estilhaço*, porque não foi este o nome que elle recebeo na pia do baptismo da Cathedral de Nossa Senhora da Pureza, pertencente á Freguezia da Bôa Prosodia.

VICIOSO — Pois seja feita sua vontade e tambem a minha que não gósto nada de ser defunto. Restitua-me a vida, Ex.mo Sr. *Hastilhaço!*

CORRECTO — Viste como ressuscitaste num instante? O que é a gente tratar bem as senhoras palavrinhas! Ellas gostam de ser respeitadas e tratadas com toda a consideração de pronuncia e verdadeira significação. Não admittem que se lhes adultere a fórma, nem a essencia. Até mesmo, na sua *archaica* velhice ou no seo retirado *obsoletismo*, de vez em quando tomam parte nas grandes solemnidades da Linguagem Falada, ou Escripta, dispensando-se-lhes nessas occasiões as maiores reverencias, como um culto á sua nobre existencia! São ellas que muitas vezes soccorrem nosso pobre pensamento, accudindo-nos com a riqueza das suas expressões; que nos incitam e animam nos arrojados actos da vida; finalmente, que nos consolam e depuram a alma, nos grandes momentos, em que o co-

ração parece querer absorver-se pela magoa! Ah, meo Vicioso, as palavras têm uma grande influencia, moral e social; pois, sem ellas, não existiria o progresso e civilisação dos povos. Não são, nem serão nunca pereciveis para os espiritos cultos, mas sim, eternamente immortaes pelo seo subido valôr!

VICIOSO — Sublime, amigo Correcto, sublime! Acceita um apertado abraço do teo Vicioso, que espera, algum dia será tambem teo homonymo.

XII

Senapismo — Sanapismo — Amostra — Zurrapa.

Vicioso — Sancto Deos, meo Correcto! Cada vez as cousas mais encarecem! Está tudo pela hora da morte! Parece que a carestia dos generos augmenta com as necessidades do povo. Vou comprar duzentos reis de mostarda para fazer um senapismo, e dão-me della tão diminuta quantidade, que fiquei abysmado!

Correcto — Como pediste tu ao pharmaceutico a mostarda?

Vicioso — Ora essa? Como havia de pedir?! Disse-lhe apenas: Deixe-me vêr ahi duzentos reis de mostarda para um senapismo, e prompto.

Correcto — Eu logo vi. O pharmaceutico que lhe sentio chegar ao nariz o cheiro da mostarda do teo *senapismo,* suppoz que eras tambem ignorante em contas e por isso te illudio no peso da mostarda.

Vicioso — É então erro dizer-se senapismo?! Deve talvez ser sanapismo?

Correcto — Qual senapismo, nem sanapismo! A palavra é: *sinapismo*, puro ablativo do singular do substantivo latino: *sinapismus, sinapismi*, derivado de *sinapi* (*mostarda*).

Vicioso — De modo que não é *sena*, nem *sana*, mas *sina*. Forte sina é a minha na pronuncia!

Correcto — Despertaste-me uma idéa! Como gostas muito dos trocadilhos, mnemonicas e versos, vou arranjar aqui duas quadrinhas mnemotechnicas, individualisando a terminação *pismo* daquella palavra.

Vicioso — Ora vamos vêr isso!

Correcto —

Inspirae-me, ó Musa arrebentada

Vicioso — Eu completo o resto:

Senão dou-te uma grande bofetada!

Correcto — Na Musa, já se vê.

Vicioso — Nem podia deixar de o ser.

Correcto — Eis as quadrinhas:

O *pismo* não entra em *sena*
Nem com o *c* do latinismo,
Dizer tambem vale a pena:
Não se *sana* nenhum *pismo*.

A boa pronuncia ensina
Que se diga com purismo
Que o *pismo* tem sua *sina*,
E por isso é: *Sinapismo*.

Vicioso — Estão interessantes, pois não. Has-de fazer-me o favor de copial-as, que eu as quero decorar. É verdade! Não me posso esquecer! Se visses a miseria de mostarda que o tal pharmaceutico me vendeo, dirias que aquillo era mais amostra do que outra cousa.

Correcto — Não, isso é que eu não diria.

Vicioso — Não dirias?! Porquê?!

Correcto — Porque não pronuncio: *amostra*, mas sim: *mostra*, que é o substantivo derivado do verbo *mostrar*, e não *amostrar*. Bem conhecida é a phrase: *Dar mostra de si*, e tambem est'outra no plural: *Dar mostras de amisade*. O *padrão, modelo*, ou *exemplar* de uma mercadoria que se mostra, deve tambem ser *mostra*. Não ha fundamento algum para se estabelecer a differença de *mostra* no sentido moral, e *amostra* no sentido material. Estes mesmos substantivos *padrão, modelo* ou *exemplar*, geralmente empregados no sentido material, muitas vezes empregamos no sentido moral, quando figuradamente dizemos: *um padrão de gloria, um modelo de virtude, um exemplar de bondade*, etc., portanto, tambem se deve dizer: *O negociante apresentou mostra da sua mercadoria*, isto é, *mostrou-a* ao publico. Se o logar em que se expõem as mercadorias tem o nome de *mostrador*, logo não será improprio chamar-se *mostra* á propria mercadoria. Este erro de pronuncia ficou natu-

ralmente introduzido pelo seguinte: Quando pronunciamos estas duas palavras; *uma mostra*, d'ahi resulta a ligação do *a* de *uma,* ao *m* da palavra *mostra,* obrigando-nos por isso, a pronunciar: *uma amostra.* Por esse motivo, julgou talvez o povo que se devia escrever e pronunciar: *amostra.* Fica-te, pois esta, meo Vicioso, como *panno de mostra* e não de *amostra.* Estás realmente ficando com o paladar da pronuncia muito estragado.

Vicioso — Se fosse só o da pronuncia, seria o menos. O peior é que para as comidas ainda lhe não encontrei remedio algum. Até com as bebidas, meo Correcto! Outro dia deram-me a provar um vinho, considerado excellente; pois se não fosse quem com elle me obsequiou ser entendido na materia, affianço-te que classificaria o tal vinho de zurrapa.

Correcto — Eu tambem não posso supportar o *zurrapa,* principalmente, quando elle me entra pelos ouvidos a dentro, a zurrar de uma maneira infernal!

Vicioso — Dir-me-has então, como supportas em teos delicados ouvidos a pronuncia d'aquella palavra.

Correcto — A palavra *zurrapa,* assim escripta é puramente castelhana, derivando-se de outra da mesma lingua: *zurra,* que quer dizer: *pello, sedimento em fórma de pellosinhos, que se acham nos licores que vão assentando.* Ha tambem nessa lingua o verbo *zurrar,* que significa: *tirar o pello ds pelles, ao couro, limpar-lhe o carnaz.* Entre parenthesis: Nosso verbo *zurrar* nada tem que ver com aquelle verbo castelhano, pois é apenas um som imitativo do burro, quando solta sua dis-

cordante voz. Fechemos agora o parenthesis: Pronunciando os castelhanos o *z* com o som de *s*, ou ç cedilhado, pronunciam portanto, aquellas palavras: *zurrapa, zurra,* e *zurrar* do seguinte modo: *surrápa, surra,* e *surrar*. Ora, tendo nós já mudado o *z* de *zurrar* castelhano para *s*, pronunciando e escrevendo *surrar*, devemos por igual modo pronunciar e escrever *surrápa* e não *zurrapa*.

Vicioso — E a mnemonica para esta palavra é facilima: Basta lembrar-me da surra que acabaste de dar-me para nunca mais esquecer a verdadeira pronuncia: *surrápa*.

XIII

Quadrumâno — Mangedoura

Vicioso — Vi hoje no jardim zoologico um quadrumâno muito interessante!

Correcto — Estás enganado. No jardim zoologico não ha nenhum *quadro humano*. Todos os *quadros humanos* se acham em exposição na Academia das Bellas Artes.

Vicioso — Não me refiro á pintura. Falo do quadrumâno animal.

Correcto — Ah! animal! Salvo seja, meo Vicioso, devias nesse caso ter pronunciado: *quadrúmano*, que é o certo.

Vicioso — E tu, meo marôto, aproveitaste logo a má pronuncia da palavra para fazer teo trocadilho e divertires-te á custa da minha ignorancia. Como porem, já estou acostumado com essas pilherias, não dou cavaco; ao contrario, desejaria que me desses agora um cavaquinho, explicando-me porque é que se deve dizer *quadrúmano* e não *quadrumâno*.

CORRECTO — É facil, mano. Para melhor comprehenderes, deixa-me primeiro explicar o seguinte: Ha em latim um adjectivo, formado do numeral *quatuor* (*quatro*) e do substantivo *pĕs, pĕdis* (o *pé*), o qual serve para designar o animal que anda de quatro pés. É este o adjectivo representado pela palavra *quadrŭpes, quadrupĕdis,* (*quádrupes, quadrúpedis*), cujo ablativo do singular(*quadrŭpĕde*) (*quadrúpede*) ficou em portuguez adoptado sob a fórma, pronuncia e significação. Pelo mesmo processo, para designar-se o animal que tem *quatro mãos*, formou-se tambem com o numeral *quatuor* (*quatro*) e o substantivo *mănus* (*mão*) o adjectivo portuguez *quadrúmano*, que se pronuncia breve, por ser breve a primeira syllaba da palavra *mănus*. Ora, assim como não se diz: *quadrupéde*, nem *bipéde,* o animal de *dous pés,* tambem se não deve dizer: *quadrumâno*, e sim: *quadrúmano*. Não te satisfez o cavaquinho que me pediste?

VICIOSO — Muitissimo. Só não estou satisfeito com uma cousa.

CORRECTO — Com que?

VICIOSO — É que eu cada vez mais me convenço de que devia ter nascido, em vez de *bípede, quadrúpede,* mas dos que abanam a orelha, porque então só viveria a zurrar diante da mangedoura, sem ser preciso corrigir-me dos vicios de pronuncia.

CORRECTO — Ora deixa-te de modestia! Mesmo que tivesses nascido quadrúmano, desses que abanam a orelha, não poderias zurrar diante da mangedoura.

VICIOSO — Porque?!

*

Correcto — Porque elles só possuem como taboleiro de comida, a *manjadoura*, palavra derivada do antigo verbo *manjar*, que significava: *mastigar o comer*. Este verbo é hoje empregado, mais como um substantivo masculino, significando: *iguaria, pasto, comida*, e no sentido figurado: *alimento*, dizendo-se, por exemplo: *o manjar da alma*, etc.

Vicioso — E esta palavra *manjar*, será derivada do francez: *manger*, ou do italiano: *mangiare?*

Correcto — Assim no escuro, á noute, que todos os gatos são pardos, póde ser que seja; porém, ás claras da bôa etymologia não o é, pela razão seguinte: Do mesmo modo porque o francez e o italiano, idiomas neo-latinos, formaram seos verbos *manger* e *mangiare* da contracção do verbo latino *manducare*, que significa: *comer*, assim o portuguez, como idioma neo-latino, que tambem é, formou do mesmo modo o verbo *manjar*, isto é, da contracção do verbo latino *manducare*, não sendo por isso precíso, derival-o do francez, nem do italiano. Se o francez tambem derivou do verbo *manger* o substantivo *mangeoire*, nós tambem derivámos do antigo verbo *manjar* o substantivo *manjadoura*. Não achas que é razoavel o que te acabo de expôr?

Vicioso — Não ha nisso a menor duvida.

Correcto — Pois é o que te digo, meo Vicioso. *Se non é vero...*

Vicioso — *É bene trovato.*

XIV

Brasileiro — Mineiro — Lisboeta — Paulista — Santista — Campista — Nortista — Sulista.

Vicioso — O amôr da patria, meo Correcto, é hoje fructo, que parece não existe mais na grande arvore das nações!

Correcto — Isso é principio de algum discurso?

Vicioso — Sim, póde-se dizer que é o discurso da ingratidão para com o solo natal! Estive outro dia com um homem, filho do Brasil, que podia ser tudo, menos brasileiro!

Correcto — E dizes muito bem! Esse homem, filho do Brasil, podia ser tudo, menos *brasileiro!*

Vicioso — Ora, vae-te para o inferno! Estou a falar sério e tu estás com caçoadas! Como é, que sem conheceres o homem de quem te falo, pódes assim responder-me?

CORRECTO — Não é preciso conhecel-o. Basta ser esse homem filho do Brasil, para não ser *brasileiro*.

VICIOSO — Então o filho de Portugal não será tambem *portuguez*, o da França não será *francez*, o da Inglaterra não será *inglez*, e assim por diante?

CORRECTO — Lá esses, são. Só o filho do Brasil, meo Vicioso, é que não póde ser *brasileiro*. Poderá ser: *brasilano*, *brasiliano*, *brasilez*, *brasileno*, *brasilense*, ou melhor que tudo isso: *brasiliense*. Se te não fosse maçar, meo Vicioso, eu desenrolaria a lingua, só para mostrar-te que por ahi andam muitas cabeças com os chapéos trocados, que vem a ser muitas palavras com os suffixos mal encaixados.

VICIOSO — Ora ahi está uma *maçada*, que ainda por cima, eu seria capaz de dar-te *massa*, só para vêr *amassados* os taes suffixos mal *encaixados*. É impossivel agora que com o trocadilho e o versinho de pé quebrado, não me faças a vontade. Vamos, desenrola a lingua por ahi, que eu como *Vicioso*, não deixo tambem de ser *curioso*.

CORRECTO — Pois por seres tão *bondoso*, vou tambem ser *prestimoso*: Se feita está a grammatica não devemos adulterar-lhe as regras, applicando-as erradamente, como, por exemplo, agglutinando a certos nomes, suffixos que lhes não são proprios. Não é necessario ir de encontro ás verdades grammaticaes, pois o *suffixo*, pelo sentido que apresenta, tem seo valor proprio, e nas suas multiplas applicações deve sempre conservar sua origem significativa. Assim pois, os suffixos *eiro*, *eira* são a modificação de *ário*, *ária*, de

(arius, aria) derivando-se estes do verbo *ago, agere,* que significa: *fazer, obrar, produzir, accrescentar, augmentar,* etc. D'ahi se tiram as diversas applicações, taes como: a de capacidade para conter alguma cousa, como por exemplo: *tinteiro, assucareiro, cocheira, cafeteira,* etc.; a de producção, como: *larangeira, bananeira,* etc.; a de collectividade, como: *parreira, cabelleira,* etc.; a de acção, como: *choradeira,* etc.; a de habito, cargo, ou profissão, como: *careteiro, porteiro, sapateiro,* etc.; a de logar onde, como: *atoleiro, picadeiro,* etc. Onde está a analogia de *procedencia, origem, natural de,* que os suffixos *eiro, eira,* apresentam ahi n'estas palavras? Porque motivo então, ha de o suffixo *eiro* na palavra *brasileiro,* significar *o que é natural do* Brasil? Tal analogia, meo Vicioso, só comparada... não sei mesmo com que!

VICIOSO — Sei eu. Só comparada a do ôvo com o espeto.

CORRECTO — Na verdade, não podias achar melhor comparação. Mas vamos ao resto: Temos tambem a palavra *mineiro,* designando o *filho,* ou o *natural do* Estado de Minas, quando *mineiro* só poderá significar o que lavra e explora *minas* (onde o suffixo *eiro* é ahi bem empregado, por exprimir *cargo,* ou *profissão.*) Com certeza, não serás capaz de apontar-me, além d'estes dous unicos suppostos adjectivos gentilicos, outros da mesma natureza. Basta sómente isto para que o suffixo *eiro* não constitua regra, dando á palavra *brasileiro* a significação de *natural do* Brasil, e á palavra *mineiro* a de *natural do* Estado de Minas.

Vicioso — Tens toda a razão, mesmo pelo principio geral de que a *minoria nunca vence.*

Correcto — Se tão rica é nossa lingua, que tantos suffixos possue para exprimir differentes sentidos, porque havemos de ir buscar um suffixo que não exprime o desejado sentido que se quer dar á palavra?

Vicioso — Pela mesma rasão tambem, porque os ricos são muitas vezes os que andam mal arranjados.

Correcto — Observa, meo Vicioso, que dentre os muitos suffixos que existem, exprimindo *procedencia, origem, natural de,* taes, como: *ano, ão, aico, atico, engo, enho, ez, iaco, ino* e *ense,* podemos dizer que o mais communmente empregado é o suffixo *ense,* derivado do latim *ensis* do participio presente do verbo *esse* (*ens, entis*) que quer dizer: *sendo, existindo, que é, que existe,* donde se formou o substantivo portuguez *ente* (*o ser, aquelle que existe*). Assim, por exemplo, temos: *amazonense, o que é* do Amazonas, ou *natural do* Amazonas, e do mesmo modo: *paraense, maranhense, piauhyense, cearense, rio-grandense, parahybense, espirito-santense, catharinense, mato-grossense, parisiense, lisbonense,* etc., etc. Se o suffixo *eiro* exprimisse logar donde se é *natural,* todo filho do Estado de Mato-Grosso, fosse embora muito delicado, havia de ser chamado um *mato-grosseiro,* assim como todo filho da cidade do Porto, estaria tambem de má sorte, porque havia de ser por força *porteiro,* ainda que não exercesse o cargo. Felizmente estes dous escaparam do tal *eiro,* o que já não aconteceo com o filho do Estado de Minas. Este póde até gabar-se pela

nobre profissão de lavrar e explorar *minas*, que é o que faz o *mineiro*.

Na classificação technica das plantas *que são* do Brasil, ou, *naturaes do* Brasil, encontramos a fórma erudita *ensis*, designando *procedencia*, *origem*, como se vê nos diversos generos d'aquellas, a saber: *aristolochia brasiliensis*, *eugenia brasiliensis*, *garcinia brasiliensis* e outras, inclusive o nome da propria *flora*, que se diz em latim: *flora brasiliensis*, e em portuguez: *flora brasiliense*.

No sentido emphatico é tambem a palavra *brasiliense* empregada, como, por exemplo na seguinte phrase: *Ao hastear-se o aureo pendão brasiliense*, etc. É pois a formula *brasiliense* a que melhor exprime o *filho*, ou o *natural do* Brasil, e não *brasileiro*.

Assim tambem, devemos dizer *minense*, ou melhor *minarense*, substituindo por euphonia, o *s* de minas pela lettra *r*.

Tornando ainda á palavra *brasileiro*, direi que quanto ás outras fórmas: *brasilez*, *brasilano*, *brasiliano*, e *brasilense* mais cabimento teriam do que *brasileiro*, se não fosse, como vimos, já existir a fórma erudita *brasiliense*, que ainda é preferivel á *brasilense*, por ser mais euphonica do que esta.

Como sabes, nossos suffixos *eiro*, *eira*, correspondem em francez a *er*, *ère*, sendo as palavras *primeiro*, *primeira*, *estrangeiro*, *estrangeira*, traduzidos em francez por *premier*, *première*, *étranger*, *étrangère*.

Ora, se fosse o certo: *brasileiro*, *brasileira*, traduziriam os francezes estas palavras do seguinte modo:

brésilier, *bresilière;* entretanto, dizem, por ser idioma neo-latino: *brésilien*, *brésilienne*, como tambem: *parisien*, *parisienne*, cujos suffixos *en*, *enne*, mais se approximam do nosso suffixo *ense*. Não será este tambem um valioso argumento?

Vicioso — Valiosissimo, meo Correcto. Pelo que me acabas de expôr, não sei mesmo o fundamento da existencia das fórmas *brasileiro* e *mineiro*, por serem estas as duas unicas no genero.

Correcto — Eu te direi: Estando a historia intimamente ligada á lingua, outro não póde ser o fundamento, senão este: Não ignoras que foram os portuguezes os primeiros exploradores do Brasil, começando por explorar, não só o páu-brasil, como tambem outros productos, sendo por isso, pelos compatricios, chamados: *brasileiros*, ou exploradores do solo do Brasil. Mais tarde constituiram os portuguezes familia nessa nova nação, e os filhos, ou por serem seos paes *brasileiros*, ou não, continuaram a explorar, ou negociar com os productos do seo solo, e ficaram tambem por isso chamando-se: *brasileiros*, mas não por terem nascido no Brasil. O mesmo se deo no Estado de Minas: Como os filhos deste Estado, naturalmente exploraram as *minas* que ahi existiam, ficaram pela mesma razão, chamando-se tambem: *mineiros*, mas não por terem nascido no Estado de Minas. Ora ahi está como eu fundamento o caso.

Vicioso — E acho muito bem fundamentado, pois realmente não encontro outras razões mais acceitaveis, do que as que acabas de apresentar. É verdade: A pro-

posito desta mesma palavra Brasil, como achas que se deve escrever? Com *s*, ou com *z*?

Correcto — Sem duvida alguma que com *s*, por ser derivada da palavra *brasa*, chamando-se por isso pau-brasil, por ter a côr propria da *brasa*. Vês tambem que o francez, procedente do latim, escreve *Brésil* com *s*, e não com *z*.

Vicioso — Occorreo-me tambem agora, com esta historia de *brasileiro* e *brasiliense* a palavra *lisbonense*, que significando *filho*, ou *natural de* Lisbôa, encontra pela frente a palavra *lisboeta* com a mesma significação. Será isso possivel?

Correcto — O ser possivel, é, a prova é que ouves empregal-a com aquella significação; agora, admissivel é que não póde ser.

Vicioso — Mas será possivel ser explicada, não é assim?

Correcto — E sem grandes difficuldades; ao contrario, ao alcance de qualquer cachola: O suffixo *eta* exprime *diminuição*, como se vê nas palavras *vareta*, (*vara pequena*) *caneta* (*pequena canna*) *saleta* (*sala pequena*) *ilheta* (*pequena ilha*) e outras muitas; portanto, *lisboeta* será sómente o *diminuitivo* da palavra Lisbôa, e nunca exprimirá o *filho*, ou o *natural da* cidade de Lisbôa, o qual é lisbonense, a não se querer dizer tambem: *lisboense* ou *lisboez*.

Pois, meo Vicioso, como já te disse, não é só o suffixo *eiro* nas palavras *brasileiro* e *mineiro*, nem o suffixo *eta* na palavra *lisboeta*, que se encontram mal encaixados. Temos tambem o celeberrimo suffixo *ista*, nas

palavras: *paulista, santista, campista, nortista* e *sulista.*

O suffixo latino *ista* exprime geralmente *emprego,* ou *occupação, profissão do que exerce e faz,* como: *dentista, copista, sacrista, oculista, pianista, rabequista, flautista,* etc., etc. A palavra *paulista* não póde, por isso, exprimir o *filho,* ou o *natural* do Estado de São Paulo, mas sim, *paulense, paulano,* ou *paulistano,* admittindo este ultimo um processo de formação, isto é, intercalando-se entre o radical *paul* da palavra *Paulo,* e o suffixo *ano,* que exprime origem, (como *pernambucano, alagoano, sergipano,* etc.) a syllaba (*lis*), seguida da letra euphonica (*t*); de modo que, não se derivará de *paulista,* mas sim de Paulo, porque em tal caso, já existindo, (embora erradamente) a palavra *paulista,* inutil seria crear-se a forma *paulistano.* Póde ainda confirmar esta regra a existencia de um antigo orgão da imprensa desse Estado, sob o titulo: *Correio Paulistano;* pois se a palavra *paulista* exprimisse *origem,* seria o titulo daquelle orgão: *Correio Paulista.*

A Palavra *santista* será mais propria para designar aquelle que trabalha em *santos,* ou *imagens,* não obstante haver tambem a palavra *santeiro;* mas nunca significará o *filho,* ou o *natural da* cidade de Santos. Não é o *filho,* ou o *natural do* Estado do Espirito-Santo chamado *Espirito-Santense,* ou diz tambem o povo: *Espirito-Santista?!* Devemos, portanto, chamar *Santense* ao *filho,* ou *natural* da cidade de Santos.

Não é tambem *campista* o *filho,* ou *natural da* cidade de Campos, mas sim *campense,* que se não deve

confundir com *campinense*, que é o *filho* ou o *natural da* cidade de Campinas.

Quanto ás palavras *nortista* e *sulista* devem tambem seguir a mesma regra, chamando-se *nortense* e *sulense* ao *filho* ou *natural do* norte, ou do sul de uma nação.

Queres tambem saber agora de mais uma? É que esta nossa palestra de hoje está sendo muito comprida e eu já estou cançado de falar.

Vicioso — Mas em compensação, como as de alguns dias têm sido curtas, fica, nesse caso, uma cousa por outra.

XV

Ovelha ranhosa — Envólucro

VICIOSO — A influencia do meio, meo bom Correcto, é tudo na sociedade; por isso, mui judicioso é o velho dictado portuguez: *Dize-me com quem andas, dir-te-hei as manhas que tens*. Quero com isso dizer que como vivo sempre a palestrar comtigo, já vou adquirindo a boa pronúncia dos nossos vocabulos vulgarmente mal pronunciados.

CORRECTO — Na verdade a mesologia é uma perfeita escola, e o extenso dictado: *Dize-me com quem andas*, etc. que na versão latina laconicamente se apresenta pelo: *ex comite mores*, não deixa tambem de ser uma pura verdade.

VICIOSO — Pois aquelle compridão dictado é em latim vertido só por tres palavras?!

CORRECTO — É para vêres que no idioma de Cicero, por ahi chamado *lingua morta*, encontra-se muitas vezes mais vida em duas ou tres palavras, do que num discurso de qualquer idioma. A phrase *ex comite mores*, que, litteralmente traduzida, quer dizer: *pelo com-*

panheiro os costumes não escapará, de certo, á comprehensão do espirito atilado, que facilmente subentenderá as palavras, que por ellipse se acham occultas naquella phrase.

Vicioso — Está claro. Facilmente se comprehende que aquillo quer dizer que os costumes de uma pessoa podem ser conhecidos pelos costumes do companheiro dessa pessôa. Queres tambem saber porque commetto assim tantos erros? É porque alem de não ter recebido uma boa educação litteraria, fui tambem educado por um padrinho que quando abria a bocca para falar era uma desgraça! Coitado! Era muito bom sujeito, mas diziam todos que com elle se relacionavam, que o pobre homem maltratava a Prosodia a mais não poder, dandolhe valentes pontapés, e como uma ovelha ranhosa deita um rebanho a perder, ahi está porque este seo criado sahio assim deste feitio.

Correcto — Mas eu não creio que uma ovelha ranhosa deite um rebanho a perder.

Vicioso — E esta! Porque então, meo Correcto?!

Correcto — Por uma razão muito simples. Desculpa-me proferir aqui uma palavra, não só pouco agradavel ao ouvido, como tambem ao estomago; mas como te não posso explicar doutra maneira mais comprehensivel, não ha outro remedio. Não creio repito, que uma ovelha *ranhosa,* que (com licença) quer dizer cheia de *ranho,* ou com muito *ranho,* possa deitar um rebanho a perder. O que póde prejudicar um rebanho é a ovelha *ronhosa,* isto é, a que tem muita *ronha,* que é uma especie de sarna que dá nas ove-

lhas. Tão conhecida é esta palavra que é até commumente empregada no sentido figurado para significar: *manha, astucia, malicia.*

Vicioso — O erro é tal qual uma ostra! Quando se agarra aos cascos de um individuo, custa a sahir, e ás vezes, propaga-se tanto, ou lastra, como se tambem fosse uma sarna. Se eu te disser uma cousa, meo Correcto, talvez não acredites: Eu já li no envólucro de uma droga qualquer estas palavras: *Remedio para oveha ranhosa.*

Correcto — Como disses-te-me que talvez não te acreditasse, digo-te agora com franqueza que não acredito.

Vicioso — Paciencia. Nesse caso, minto.

Correcto — Não sou capaz de duvidar da tua palavra.

Vicioso — Como é então que dizes que não acreditas?!

Correcto — Ai! que não destes ainda pela cousa! Acredito, meo Vicioso, que tivesses lido: *Remedio para ovelha ranhosa,* o que porem não posso acreditar, é que tivesses lido num *envólucro.* Não te lembras de uma palestra que tivemos ha pouco tempo, em que me inpingiste o tal *pántano* em vez de *pantáno,* e que eu te apresentei em portuguez seos correlativos, taes como: *atoleiro, lamarão, lamaçal, lodaçal, tremedal, charco, paúl,* etc.?

Do mesmo modo, se não queres dizer em portuguez: *envoltorio,* deves então pronunciar longa aquella palavra, dizendo: *envolúcro.* Se fosses versado em la-

tim, talvez me viesses agora com uma objecção, que promptamente a destruiria com um bom argumento.

Vicioso — Comquanto nada saiba de latim, dize-me sempre qual seria essa objecção, é qual tambem o argumento que apresentarias?

Correcto — A objecção seria naturalmente a seguinte, firmada no principio geral de uma regra de prosodia latina: «Quando uma vogal está antes de uma consoante muda e de outra consoante liquída, formando a muda e a liquída a syllaba seguinte, a vogal assim collocada é breve, como por exemplo, na palavra *volŭcris* (passaro), na qual a vogal *ŭ* é breve, porque se acha antes da consoante muda *c*, e da liquida *r*, formando estas a syllaba seguinte *cris*.» Eis agora o argumento que em tal caso eu apresentaria: A palavra *envolúcro* não é derivada de *volŭcris* (passaro), mas sim, directamente do ablativo do singular *involūcro*, do substantivo neutro da segunda declinação: *involūcrum, involūcri*, (envoltorio), que é formado do supino *involūtum*, do verbo *involvĕre* (envolver), devendo por isso o substantivo *involūcro*, derivado daquelle supino, conservar a mesma quantidade tonica. Ha tambem em latim a palavra *involŭcris*, mas esta não é mais do que a fórma negativa da palavra *volŭcris* (passaro), significando portanto, o que *não vôa*, ou *não é capaz de vôar*, o que nenhuma relação tem com o substantivo *involūcrum*, formado, como já vimos do supino *involūtum*, do verbo *involvĕre* (envolver).

Agora, meo Vicioso, se depois de ter eu desenvolvido a questão, tu é que ficaste nella envolvido...

Vicioso—Não temas, que não *perdeste teo latim.*

Correcto—Não o perdi comtigo, porque és razoavel. Vá agora repetir eu todo aquelle sermão a outrem.

Vicioso—Dir-te-ha logo: *Vá prégar noutra freguezia!*

XVI

Trespasse — Destrinchar.

Vicioso — Quasi que te falto hoje á palestra, meo Correcto. Ando ahi mettido com um negocio de trespasses, que me tem dado um trabalhão immenso!

Correcto — Tambem dás para isso?! Não sabia que tinhas esta habilidade!

Vicioso — Achas então que para isso é preciso ter habilidade?!

Correcto — De certo que sim. Olha, eu, por exemplo, não sou capaz de o fazer.

Vicioso — Porque ainda se não te proporcionou occasião.

Correcto — Deos me livre! Seria mais facil pedir esmolas!

Vicioso — Estás doudo?!

Correcto — Doudo estás tu. Lá para essa cousa de: *um*, *dous*, *tres* e... *passe*, não é commigo. Nunca tive geito para pelotiquices, nem magicaturas.

Vicioso — Ah! que malvado! Já estás a fazer trocadilho com a palavra *trespasse*. Eu a empregal-a no sentido de transferir, ou passar a outrem certos direitos, e elle a torcer-me a significação da palavra!

Correcto — Paguei-te na mesma moeda. Uma vez que torceste a fórma da palavra, eu tambem torci-lhe a essencia, ou a significação.

Vicioso — Não é então este substantivo derivado do verbo *trespassar?!*

Correcto — Não, meo Vicioso. É preciso que dês primeiramente um passo atrás, e te curves reverente deante da bôa pronuncia: *traspasso*, pela seguinte e logica razão: A preposição latina *trans* (alem), modificada era *trás*, como já viste nas palavras *Trás os Montes* e *trásantehontem*, facilmente, tambem ligou-se ao verbo *passar*, sendo d'ahi formada a palavra *traspassar*, que quer dizer: *passar além*, ou *atravez*, ou ainda: *atravessar*, *penetrar*, etc. Não se deve tambem pronunciar, como substantivo derivado d'aquelle verbo: *traspasse*, porque ahi nada ha que vêr com a palavra *passe*, que significa o *signal*, ou *licença* para se *passar* de um logar para outro. Devemos pois, como substantivo derivado d'aquelle verbo, pronunciar: *traspasso*, que quer dizer: *o acto de traspassar*, *de dar*, *ceder a outrem*, etc.

Não prevalece tambem a opinião de alguns diccionaristas, fazendo derivar a forma *trespassar*, do verbo francez *trespasser*, porquanto, na propria etymologia franceza esse *trespasser* é formado de *outre* (além) e de *passer* (passar), exactamente do mesmo modo, por-

que nós fazemos derivar *traspassar*, de *trans* (além) modificado em *trás* e do verbo *passar*. Achas que esta explicação poderá tambem *passar?*

Vicioso — Se queres que te fale com franqueza, dir-te-hei: Destrinchar como tu o fizeste, outro não faria.

Correcto — Então explica-me lá isso melhor.

Vicioso — Não te comprehendo.

Correcto — Pois está bem claro. Desde que eu *destrinchei*, é porque não soube explicar.

Vicioso — Eu sou quem deve agora dizer-te: Explica-me lá isso melhor.

Correcto — Sabes o que significa *trinchar*, não é assim?

Vicioso — Sei. É cortar o comer.

Correcto — Pois bem. Se *trinchar* quer dizer *cortar*, a palavra *destrinchar* será a fórma negativa: *não cortar*. Ora, não sabendo eu *cortar*, ou *separar* as partes componentes de uma palavra, logo, não sei explicar sua etymologia, e por isso é que disse-te que me explicasses melhor.

Vicioso — E tu que és um bom *trinchante* linguistico, *trinchaste-me* logo com tuas piadas. Está direito. Offereço-te agora o *carname* da minha ignorancia para *trinchal-o* á vontade.

Correcto — Deixa-me então fisgal-o devéras: Ha em castelhano um verbo que é: *destrizar*, e que se pronuncia *destriçar*. Este verbo é derivado doutra palavra castelhana *triza* (triça) que significa: *pedaço, migalha*. D'ahi ficou figuradamente empregado no sen-

tido de: *individuar, considerar de per si; dizer, expôr miudamente*. Deste verbo *destrizar* (destriçar) foi formado o verbo portuguez *destrinçar*, que é como se deve escrever e pronunciar.

Não deixa de ser tambem acceitavel a opinião de alguns que dizem ser o verbo *destrinçar* uma modificação do verbo *destrançar*, que significando *desfazer as tranças*, póde figuradamente ser empregado no sentido de: *desembaraçar, expôr*, ou *dispôr miudamente*.

Vicioso — Agora, meo Correcto, o dito por não dito. *Destrinçar* como tu o fizeste, outro não faria.

XVII

Vigéssimo — Trigéssimo — Salavanco — — Enxova.

Vicioso — Não sei como ha quem ainda acredite em palpites, ou em sonhos com o numero da sorte grande! Outro dia sonhei com um numero, em que me havia sahido a bicha. Assim que acordei, tomei nota do tal numero e sahi-lhe á procura, cheio de esperança que o havia de encontrar.

Correcto — E encontraste-o?

Vicioso — Não só o encontrei, como tive tambem uma serie de coincidencias, que mais me animaram. Ao sahir de casa, a primeira carroça que se me depara tinha o numero que vi em sonhos; dou mais dous passos, e encontro um pedaço de talão recibo, cujo numero de ordem era exactamente o do sonho; finalmente, puxo uma nota de mil réis, e o numero de ordem era tambem igual ao do sonho.

Correcto — Realmente é muita coincidencia!

Vicioso — Encontro um bilhete com este numero, compro-o, e já sabes o resto...

Correcto — Branquinho da Silva, não foi isso? E era inteiro o bilhete?

Vicioso — Felizmente, não. Era apenas um vigéssimo.

Correcto — Ah! por isso é que te sahio branco!

Vicioso — Por ser vigéssimo em vez de inteiro? Ora muito obrigado! A sorte grande tanto dá num inteiro, como num meio, décimo, vigéssimo, ou mesmo trigéssimo.

Correcto — Não é possivel! A sorte grande nunca poderá dar num *vigéssimo*, nem num *trigéssimo.*

Vicioso — Então porque?!

Correcto — Porque nem *vigéssimo*, nem *trigéssimo* representam partes de unidade alguma. Tu e outros como estão com a boquinha doce com a palavra *décimo*, vão por isso cantando na mesma toada os ordinaes dos multiplos de *dez*, dizendo *vigéssimo* e *trigéssimo*, que não sei porque não escrevem tambem com a terminação *écimo*, em vez de dous *s s!* Ora, ouve aqui: Tu dizes *centéssimo*, ou *miléssimo*? Não. Dizes *centésimo* e *milésimo*, pronunciando o *s* com o som de *z* por estar entre duas vogaes, logo, deves escrever e pronunciar: *vigésimo* e *trigésimo*, dando do mesmo modo ao *s* o som de *z*. Eis ahi está, porque disse-te ha pouco que o bilhete sahio branco, pois como *vigéssimo* não representa cousa alguma, nada portanto, poderias tirar.

Vicioso — Até no jogo da pronuncia fui caipora! Haviam tambem de sahir brancas as taes palavrinhas na tua lotaria prosodica! Mas felizmente a palavra *lotaria* não se me escapou agora. Se ás vezes dou meo salavanco na pronuncia, em compensação vou tambem por outro lado corrigindo-me de algumas cincadas.

Correcto — Agora foi justamente o contrario. Ao te corrigires, por exemplo de *vigéssimo* e *trigéssimo,* deste logo depois o *salavanco.*

Vicioso — Em que palavra?

Correcto — Nessa mesma palavra *salavanco.*

Vicioso — Eu bem estava para dizer *sacudidela,* ou *sacudidura,* mas o diabo da mania de querer falar difficil, como dizes tu, engasguei-me com uma espinha e prompto!

Correcto — Mas não morrerás engasgado, porque eu, sem dar-te socco algum nas costas, vou tirar-te a espinha desse tal peixe *salavanco,* com a qual muitos se tem tambem engasgado.

Vicioso — Faze-me então lá essa operação, mas com muito cuidadinho! Eu, quando como peixe é esta desgraça!

Correcto — Não mexas com a bocca, nem dês com a lingua nos dentes, senão atrapalha-me a operação. Isso de espinhas é uma cousa muito perigosa!

Vicioso — Eu que o diga, que noutro dia engasguei-me devéras com a espinha de uma enxova, e quasi que vou direitinho para debaixo da terra!

Correcto — Lá vae tudo quanto Martha fiou! Por mais que te eu dissesse não abras a bocca, nem dês

com a lingua nos dentes, foi inutil! Agora é que a operação vae ser difficil!

Vicioso — Como assim ?! Não me assustes, homem!

Correcto — Porque agora não é mais uma espinha que tenho que arrancar-te, são duas! Uma, é a do tal peixe *salavanco*, e outra é a do peixe *enxova*, com cuja espinha disseste-me que te havias engasgado noutro dia, e que quasi que foste direitinho para debaixo da terra.

Vicioso — É que ella subio-me então pela garganta acima. Eu bem estava sentindo umas cocegasinhas...

Correcto — Bem, bem, não fales mais, sem eu concluir essa operação verdadeiramente *prosodico-cezariana!*

Vicioso — Não me assustes, ó Correcto!

Correcto — Não se estando quieto da guéla, não deixa de correr algum risco!

Vicioso — Sou todo mudo e nada agora surdo.

Correcto — Com a delicada *pinça preposicional*, segundo o methodo de Raspail, aperfeiçoado por Bostock e Jonkopings, juntando a pequena cartilagem *so*, em vez de *sob* (debaixo) á *epligotte* denominada *alavanca*, será facilmente extrahida aquella espinha sob a fórma: *solavanco*. Achaste moroso este processo, ou sentiste alguma desagradavel impressão?

Vicioso — Ao contrario, achei que foste até muito rapido na operação.

Correcto — Vamos agora extrahir a segunda espinha. Esta operação é um pouco mais perigosa, mas eu tambem conheço um processo moderno do grande e

notabilissimo operador Chateaux-Lafitte, ampliado pelos eminentissimos operadores Chateaux-Margaux e Phileas-Fog. O processo é o seguinte: Pela *tracheotomia* vou fazer chegar ao teo apparelho auditivo a segunda espinha, e por ter esta passado pelo *canal* italiano: *acciuga*, do latim *acus* (cousa aguda) donde o francez tambem formou *anchois*, eis aqui promptamente extrahida a segunda espinha sob a fórma correcta: *anxova*.

Vicioso — Ah! que allivio, meo Correcto! Obrigadissimo! Pois não sabia que eras tão habil operador e tão profundo na sciencia de Hippocrates! Pelos auctores que acabaste de citar vê-se tambem logo que não és nenhum pêco na materia.

Correcto — Eu cá sou assim em medicina!

Vicioso — E eu cá sou *assado* na pronuncia!

XVIII

Sarrafo — Longiquo — Degradado.

Vicioso — Bem diz o proverbio, meo Correcto: *Quem quer vae, quem não quer manda*. Mandei hoje o cosinheiro fazer uns sarrafos para eu arranjar uma casinha de porquinhos da India, e o estupido suppoz que aquelle trabalho fosse o mesmo que rachar lenha, e estragou-me a madeira toda que lhe dei.

Correcto — Ainda quando se estraga só a madeira é o menos, mas as pobres tiras é o que mette dó!

Vicioso — Não imaginas! Umas, muito grossas, outras, muito finas, outras, grossas de um lado e finas do outro. Ora, se taes tiras algum dia foram sarrafos!

Correcto — *Sarrafos*, de certo que nunca, porque não foram feitas com a serra.

Vicioso — Isso é que foram, mas o estupido do cosinheiro é que não soube serrar.

Correcto — Tu viste-o serrar a madeira?

Vicioso — Não vi, mas dei-lhe a serra para o fazer.

Correcto — Do modo porque me contas o caso, já vejo que teo cosinheiro servio-se doutra ferramenta, que se chama *sarra*.

Vicioso — É a primeira vez que ouço falar nesta ferramenta. Nunca a vi.

Correcto — Nem eu tão pouco, mas como não é preciso ir a Roma para se vêr o Papa, digo-te aqui que *sarrafos* só poderão ser feitos de *sarra*, e nesse caso, talvez *sarra* seja alguma ferramenta moderna, porque não a conheço. Se elle porem, cortou tiras de madeira com o auxilio da *serra*, só poderia fazer *serrafos*. Porque razão ha de ser este o unico nome derivado de *serra*, que muda o *e* em *a*, transformando a palavra em *sarra*, quando todos os outros derivados conservam, ou na integridade a forma originaria *serra*, ou então o radical desta palavra?

Ora toma nota, e vê se não é exacto o que acabo de dizer. Da palavra *serra* temos os seguintes derivados, que conservam na integridade a fórma originaria: *serração* (acto de serrar), *serradiço, a* (madeira *serrada* para algum fim), *serrador* (o que *serra*), *serradura* (pó da madeira que se *serra*) *serrafaçar* (cortar com instrumento, que lacera a modo de *serra*), *serralhar* (lavrar como os serralheiros), *serralheiro* (ferreiro que faz chaves, ferraduras, etc.), *serrano, a* (habitante da serra) *serrania* (serie de *serras*), *serranice*, (habitação nas *serras*), *serrazina* (figuradamente: pessôa importuna).

Como derivados que conservam apenas o radical da palavra *serra* (serr) temos os seguintes: *serreo, a*

(da feição de *serra* com seos dentes), *serreta, serril, serilha* (diminutivos de *serra* com diversas significações) *serrinha* (outro diminutivo de *serra*, ou tambem do instrumento *serra* de *serrar*), *serro* (monte alto), e *serrote* (diminutivo de *serra*, e tambem a pequena *serra* de mão).

Á vista de tantos derivados de *serra*, onde se não vê o *e* trocado em *a*, porque se não ha de tambem dizer *serrafo*, derivado de *serra?*

VICIOSO — São destas palavrinhas, meo Correcto, que já vêm de tempo longiquo, e que se tornam difficeis de corrigir.

CORRECTO — São as taes considerações tolas que o vulgo sempre apresenta, como um argumento muito valioso. Está arraigado? Desarraiga-se. Meo Vicisoso, a verdade é esta: Todo o tempo é tempo de reparar o erro. Nunca é tarde para se corrigir um defeito, seja este de que natureza fôr.

VICIOSO — Apoiado, concordo, mas seria preciso que alguem *serrasse* tanto os ouvidos do povo com a palavra *serrafo*, para que esta ficasse implantada no sólo da bôa pronuncia.

CORRECTO — Pois eu tambem digo-te que seria preciso não *serrar* com *s*, mas *cerrar* com *c*, os ouvidos do povo, para que esta anemica palavra *longiquo*, que lhe sugaram o sangue, arrancando-lhe o segundo *n*, não mais ferisse nossos pobres tympanos!

VICIOSO — Ah! Ainda tem outro *n*?! E como é elle encaixado!

CORRECTO — É encaixado, dizendo-se do seguinte

modo: *longinquo*, do latim: *longinquus*, formado do adverbio *longè* (longe) e do verbo *incolare* (habitar), cujas duas primeiras syllabas *inco* são representadas pela segunda parte da palavra *longinquus*, a qual vem a ser *inquus*. Pela mesma razão deve-se conservar em portuguez o segundo *n*, pronunciando-se, como já te disse: *longinquo*.

VICIOSO — E ainda não déste com uma coincidencia: É que este termo, significando *remoto, distante*, etc, tem tambem vivido muito *remoto*, ou *distante* da bôa pronuncia. É mais outro degradado.

CORRECTO — Quanto ao facto de ser aquelle termo privado da sua dignidade prosodica, concordo com a palavra *degradado*; mas, por viver esse mesmo termo *remoto*, ou *distante* da bôa pronuncia, não posso concordar.

VICIOSO — Eu é que não *concordo* que *concordes* e não *concordes*, e por isso aperto-te até *com cordas* se me não *acordas* da ignorancia.

CORRECTO — Pois se assim queres, já dou-te *corda*: A palavra *degradado* não é mais do que o participio passado do verbo *degradar*, que é composto do prefixo privativo *de* e *gradus*, (graduação, dignidade) com a desinencia verbal *ar*, significando por isso o seguinte: *privar de graduação civil, militar, ou ecclesiastica*.

Comquanto a fórma *degraduar* seja mais correcta, ainda assim, *degradar* é mais geralmente usado. No sentido figurado emprega-se *degradar* com a sinificação de: *alterar, perder, corromper*.

Não é geralmente bem empregado o adjectivo par-

ticipio *degradante*, no sentido de: *privado de dignidade, perdido, corrompido, aviltante?*

Não se emprega tambem ordinariamente, com acêrto, o substantivo *degradação*, no sentido de: *perda da dignidade, ou da graduação com ignominia?*

Porque havemos então de dar ao participio *degradado* a significação de *desterrado?* Existindo já o substantivo *degredo*, formado do prefixo privativo *de* e do verbo latino *gradior* (andar), facil e consentaneamente devemos derivar-lhe as fórmas verbaes, dizendo: *degredar* e *degredado*, para significar: *desterrar* e *desterrado*.

Pode vir em favor d'esta pronuncia um dos trabalhos do grande purista Camillo Castello Branco, o qual se intitula: O *Degredado*.

Vicioso — Dou-te toda razão, meo Correcto. Realmente de *degredo* derivar-se *degradado*, é o mesmo que querermos derivar *enxada* de *cabo de enxó!*

XIX

Choramingar—Choramingas—Lamurias

Vicioso — Não ha nada que mais incommode os nervos, meo Correcto, do que ouvir uma criança a choramingar. Tenho um visinho, cujo filho é um grande choramingas!

Correcto — Ora vê lá como são as cousas: O *choramingar* mexe-te com os nervos; quanto a mim, fere-me os ouvidos.

Vicioso — Mas como póde ser isso, se o choramingar não é acompanhado de gritos, nem de berreiro?!

Correcto — Mas é acompanhado desse *mingáo prosodico* que me não agrada ao paladar do ouvido.

Vicioso — Mingáo prosodico?! É bôa!

Correcto — Sim, porque *choramingar* mais parece com *chorar mingáo*, do que com a verdadeira pronuncia que deve ter esta palavra. Que se *chore sangue*, como figuradamente se diz, vá; mas que se *chore mingáo*, nunca vi em dias da minha vida!

Vicioso — Pois agora é que eu chorava de muito bôa vontade para conhecer a verdadeira pronuncia desta palavra.

Correcto — Não é preciso gastar tuas lagrimas por tão pouco. A verdadeira pronuncia daquella palavra é: *choramigar*, formado de *chorar* e da palavra latina: *mica* (migalha) e da desinencia verbal *ar*, significando por isso, *choramingar* o seguinte: *chorar a miude e pelo mais leve motivo.*

Pela mesma razão não se deve dizer *choramingas*, mas sim, *choramigas*. O povo, meo Vicioso, gosta muito de nazalar as palavras desprovidas do *n*, e por isso é que tambem diz: *planta-fôrma* em vez de *plata-forma*, *corpanzil*, em logar de *corpazil*, e outras.

Vicioso — Quem diria, meo Correcto! A choradeira do tal filho do meo visinho, que tanto me incommodou, trouxe-me hoje como bem o corrigir-me da pronuncia viciada da palavra *choramingar*. É o caso de dizermos que as lamurias de uns trazem algumas vezes o contentamento para outros, ou como melhor diz o dictado: *Ha males que vêm para bem.*

Correcto — Agora é que acertaste mesmo em cheio! Fizeste no bilhar da Prosodia uma bonita carambola! Bateste primeiro na palavra *choramingar*, depois esta na palavra *choramingas*, vindo o choque da primeira bater agora na palavra *lamurias*. Isto é que é ser um bom taco na pronuncia!

Vicioso — Dize antes: um perfeito *tacão!* Ora a tal senhora *lamurias* obrigando-me a fazer *carambolas prosodicas!* Toma agora o taco da bôa pronuncia,

meo Correcto, e faze pontaria á palavra *lamurias*, desmanchando o effeito da minha má *carambóla*.

Correcto — Deixa-me esfregar um pouco *de giz latino* na ponta do taco, sem o que não poderá sahir o jogo bem feito.

Vicioso — Pois então esfrega lá esse *giz*.

Correcto — Prompto. Ha em latim um substantivo da 1.ª declinação, defectivo no numero, o qual se declina: *lemuriæ, lemuriārum*, derivado de *lĕmŭres*, que significa, segundo a crença dos antigos Romanos: *almas*, ou *sombras dos mâos, que separadas do corpo, perseguem os vivos*.

Do accusativo de *lemuriæ, lemuriārum* procede o substantivo portuguez *lemurias* que por isso só se deve usar no plural, significando: *sacrificios usados pelos antigos Romanos, por meio de cantilenas para afugentar os lémures*. A palavra *lémures* que se pronuncia breve, por ser breve em latim (*lemŭres*), é até muito empregada pelos poetas; logo, porque não hão de tambem estes escrever e pronunciar *lemurias?*

Vicioso — Deixa-os lá. São uns malvados! O Mestre Horacio deo-lhes tanta liberdade, que afinal está ahi o que fizeram: Abusaram desaforadamente!

Correcto — E o melhor não é só isso. É que já enxertaram no seo vocabulario o adjectivo *lamuriento*, que pegou e não sae mais da cachola dos vates!

Vicioso — Agora, meo Correcto, é que eu desejaria estar mesmo com o taco em mão, porque havia de abrir-lhes o *côco*, sem dó, nem piedade!

XX

Décano — Récua — Aspiral

Vicioso — A antiguidade, meo Correcto, é uma das grandes virtudes neste mundo!

Correcto — Agora é que descobriste isto?

Vicioso—Não estou a dizer que descobri cousa alguma. Se assim me exprimi foi para contar-te um facto que commigo se deo, o qual, enchendo-me de gloria e satisfação, prende-se intimamente á antiguidade, e tu como estás sempre disposto ao gracejo, vieste logo cortando-me o fio do discurso.

Correcto — Ah! Ias então fazer um discurso? Nesse caso, peço-te desculpa de o ter interrompido, e desde já digo como os presidentes das assembléas: Tenha a palavra o Sr. Vicioso para falar sobre as virtudes theologaes, (enganei-me) quero dizer sobre as virtudes da antiguidade e suas resultantes.

Vicioso — Sr. Presidente, (enganei-me) quero dizer Sr. Correcto, vou contar-lhe o tal facto que com-

migo se deo, e que tanto me encheo de gloria e satisfação: Faço parte de uma associação, de que sou o mais antigo membro, e tendo havido nesta ultima assembléa geral uma calorosa discussão entre mim e outro collega, declarei que dessa data em diante não faria mais parte daquella associação. Immediatamente levanta-se um collega, pede a palavra e diz: Sr. Presidente, não devemos consentir que o mais antigo consocio nos abandone, porquanto, digamos a verdade, tem sido elle um incansavel benemerito desta associação. Ahi está, meo Correcto, porque eu dizia-te que a gloria e satisfação que experimentei prendiam-se á antiguidade. Já vês que um décano tem sempre seo valôr.

CORRECTO — Poderá ter lá para ti; quanto a mim, não lhe dou valôr algum.

VICIOSO — Porque lhe negas então o valôr?!

CORRECTO — Porque deve-se dizer *decâno*, do latim *decānus*, em que o *ā* é longo, e não breve.

VICIOSO — Mas *decâno*...

CORRECTO — Já sei. Vaes dizer que *decâno* parece cousa procedente de *cano*. Desse modo não se diria tambem *deleite*, para se não tomar no sentido de alguma cousa feita de *leite*, nem empregariamos tambem a locução *de balde*, para se não suppor ser o vaso com que se tira agua dos póços.

VICIOSO — Ora vê como são as cousas! Pois eu já fiz troça de um sujeito por ouvil-o pronunciar *decâno*. Disse-lhe até: Sim, tanto faz ser de *cano*, como sem *cano*, no fim dá certo.

CORRECTO — Naturalmente, esse sujeito que dizia

decâno é por que entendia do assumpto, e não te replicou pela troça que lhe fizeste?!

VICIOSO — Apenas sorrio, como quem diz: És da récua dos ignorantes.

CORRECTO — Não creio que elle dissesse isso.

VICIOSO — Não estou tambem affirmando que elle disse. Parece que andas mouco!

CORRECTO — Se o fosse não seria mal acertado agora, porque se costuma dizer: *A palavras loucas, orelhas moucas*, e como tu proferiste uma loucura orthoépica...

VICIOSO — Loucura orthoépica?! Tens ás vezes uma linguagem tão elevada que me parece... o que?! Estar vendo uma interminavel aspiral de vocabulos, subindo o céo da refinada Prosodia, para depois transformar-se numa fonte de repuxo, cujos crystallinos fios vão se condensar no seio da bôa pronuncia.

CORRECTO — Que pena, meo Vicioso, não collocares esse bellissimo repuxo no jardim da recta pronuncia, onde os virgineos e aromaticos vocabulos pudessem receber-lhe o fresco róscio! Mas era preciso que esse jardim não tivesse *récua* de ignorantes, nem vocabulos subindo em *aspiral.*

VICIOSO — Peço-te então, como obsequio, enxotares do jardim da recta pronuncia a tal *récua*, de ignorantes, e fazeres os vocabulos subirem por ourta linha que não seja a *aspiral.*

CORRECTO — É facil. Tomo da *vara prosodica*, dou uma valente varada na tal *récua* e por brio da bôa pronuncia apparecer-me-ha regenerado o verdadeiro

vocabulo : *récova,* derivado do arabe : *récoba,* que quer dizer : *cáfila, comitiva de homens a cavallo,* ou figuradamente : *grande numero de cousas juntas,* taes como : *de ndos, de gente, de bestas de carga,* etc. Quanto aos vocabulos, com que sonhaste na tua ardente imaginação, vendo-os subir em *aspiral,* com a mesma *vara prosodica* applico uma varada no primeiro *a* daquella palavra, e mando-a retirar-se para dar logar á muito competente lettra *e,* regenerando-se tambem a tal *aspiral* no verdadeiro vocabulo : *espiral,* que é o adjectivo derivado de *espira,* que vem a ser : o *circulo formado por uma serie de circumvoluções, ou roscas, como por exemplo, as da serpente, as dos filamentos de certas plantas trepadeiras, as roscas do parafuso,* etc.

Vicioso — Agora é que fiquei enroscadinho qual uma serpente, torceste-me, como se eu fosse uma trepadeira, e desaparafusaste-me de mais tres vicios de pronuncia que foram : *décano* por *decâno, récua* em vez de *récova,* e *aspiral,* em logar de *espiral.*

XXI

Pertences — Lacraia — Edificante

Vicioso — Estive outro dia no leilão de uma casa nobre, (era até um bello edificio !) onde se deram scenas muito interessantes. O leiloeiro, que era um grande gaiato, trouxe o auditorio em constante hilaridade. Uma das scenas foi a seguinte: Um sujeito que tinha arrematado um lavatorio, pergunta depois ao leiloeiro: E agora pertences ao lavatorio? Responde-lhe com graça o leiloeiro: O arrematante está enganado. Eu não pertenço ao lavatorio, este é que lhe pertence. Foi uma risada geral!

Correcto — E o leiloeiro só disse isso?!

Vicioso — Querias ainda mais?! O leiloeiro bem percebeo que o arrematante referia-se aos accessorios do lavatorio, isto é, á bacia, jarro, saboneteira, etc.; mas arranjou aquelle trocadilho, já se vê que para fazer espirito.

Correcto — Pois se elle mais não disse, teve então pouco espirito.

Vicioso — Achas pouco?!

Correcto — De certo. Mais espirito teria se tivesse organisado a resposta do seguinte modo: «O arrematante está enganado. Eu não pertenço ao lavatorio, este é que lhe pertence, e só o que lhe faltam são as *pertenças* que não me deram para pôr em leilão. Isso é que seria uma resposta cabal e, de mais espirito! Que dizes?!

Vicioso — Se elle, alem de fazer o trocadilho, corrigisse a pronuncia daquella palavra, certamente que seria muito melhor. Mas como poderia o pobre do homem dizer *pertenças*, se elle não *pertence* á classe dos lettrados, e só lhe *pertence* o inseparavel martello...

Correcto — Com que vae inconscientemente martellando a bôa pronuncia, não é assim?.

Vicioso — Já que completaste a phrase, direi que é.

Correcto — Mas vamos lá ao resto. Não obstante o leiloeiro deixar de corrigir a palavra *pertences*, não se póde dizer que não teve espirito, por isso, é que desejo tambem que me contes as outras scenas interessantes.

Vicioso — Ahi vae outra, que produzio maior hilaridade ainda: Estava o leiloeiro a offerecer uma manteigueira de porcellana, cuja tampa, ou pela pressão do ar, ou por outro qualquer motivo, não podia de modo algum desprender-se, e para não perder tempo diz o seguinte: Meos senhores, pouco importa tirar-lhe a tampa, porque já se sabe que lá dentro não ha manteiga, e se têm muita curiosidade, o melhor é quebrar-se a manteigueira, assim como fazem as crianças com a

cabeça dos bonecos para vêr o que lá existe. Nessa occasião diz uma respeitavel matrona, que desejava arrematar aquelle objecto:

Faz-me o favor da manteigueira, sr. leiloeiro? Eu entendo melhor disso, do que o senhor. Ás vezes é mais questão de geito, do que de força. Recebendo do leiloeiro a manteigueira, abrio-a aquella senhora instantes depois, mas qual não foi a sorpreza que teve, quando vio sair de dentro da tal manteigueira um horroroso bicho?! Solta um grito e atira aquella pelos ares. Pergunta-lhe o leiloeiro debaixo de uma grande gargalhada: «Que foi, minha senhora?! Responde-lhe aquella: «Uma lacraia, sr. leiloeiro! Os demais circumstantes fizeram côro com o leiloeiro, soltando tambem gostosas gargalhadas. Diz agora aquelle gaiato com este espirito: Isso ha de ser a manteiga, que endurecendo com o frio, fugio agora para não ser comida.

Correcto—Repetirei como ha pouco: Mais espirito teria, se respondesse sómente o seguinte: «Talvez seja um *lacrão* e não *lacraia.*

Vicioso — E se fosse mesmo *lacraia?*

Correcto — Não seria *lacrão.*

Vicioso — Já vês que podia haver engano.

Correcto — O engano é todo teo, meo Vicioso, porque suppões que *lacraia* é feminino de *lacrão.*

Vicioso — Pois não é?!

Correcto — Nem nunca o foi! A palavra *lacrão* é derivada do arabe: *alacrâb,* que quer dizer: *escorpião.* Ora, desde que não ha *escorpiona* não haverá tambem *lacraia.*

Vicioso — Não ponha mais na carta. Estou satisfeito.

Correcto — Tamhem eu não o deixo de estar por esta segunda scena que me contaste. Alem do inesperado successo, que era realmente para provocar hilaridade, houve tambem da parte do leiloeiro muito espirito, comquanto não tivesse corrigido a má pronuncia da palavra *lacraia*. E deram-se ainda mais algumas scenas?

Vicioso — Deo-se depois desta uma scena, mas então, edificante!

Correcto — Ah! Já sei. Depois de feito o leilão dos moveis, louças, etc., passou-se ao leilão do proprio edificio, e por isso é que chamaste scena edificante por se referir ao edificio.

Vicioso — Não é a isso que me refiro, porque não houve leilão do edificio. Só se *edificante* se refere unicamente ao que é proprio, ou concernente ao edificio.

Correcto — Nem póde deixar de ser outra coisa. Bem sei, em que sentido quizeste empregar a palavra *edificante*. Foi com certeza com a significação de: *commover, elevar alguem á virtude, a obrar acções virtuosas pelo exemplo e exhortação;* mas não é possivel, meo Vicioso, porque seria o mesmo que querermos, como vulgarmente se diz: *Metter a Sé na Misericordia.* A palavra *edificante,* de tão curta significação, não póde, nem poderá abranger aquelle sentido tão translato, como acabámos de vêr.

Vicioso—Aguçaste-me agora a curiosidade de querer saber como se deve então pronunciar aquella palavra.

Correcto —Para melhor conheceres a pronuncia e significação adulteradas daquella palavra, convem mesmo que me contes a tal scena *edificante*.

Vicioso — A scena foi esta: O leiloeiro, para salvar a situação, que encheo de acanhamento aquella senhora, proferio algumas palavras, moralisando o caso, dizendo que bem pensado, podia ser fatal; que elle e os circumstantes não deviam regozijar-se com o susto e grande perigo por que passara a dita senhora; que era tambem um dever social respeitarmos o sexo fragil, e por isso, rogava-lhe que o desculpasse; que, como sua profissão pede sempre que elle tire proveito de uma occasião jocosa, por esse motivo, assim procedeo. Venha agora, meo Correcto, a explicação da palavra *Edificante.*

Correcto — O proprio discurso do leiloeiro póde servir de base. Seo objectivo foi o seguinte: *Apresentar os deveres sociaes do homem, suas mutuas obrigações;* finalmente: *moralisar*, e tudo isso faz parte da *Philosophia moral,* isto é, da *Philosophia ethica,* ou simplesmente *Ethica,* como vulgarmente se diz. Se da palavra Moral, que representa uma das partes da Philosophia, formámos o verbo *moralisar*, do mesmo modo, da palavra Ethica, podemos e devemos formar o verbo *ethificar*, de *ethica*, e *ficar* (de *ficare*, alterado de *facio, fecĕre*, fazer) desinencia verbal, esta, que entra em composição com muitos substantivos e adjectivos, formando verbos, taes como: *modificar, classificar, clarificar, purificar*, etc. De modo que *ethificar*, significando *fazer*, ou *(prégar) ethica*, corresponde a *mo-*

ralisar. Deve, portanto, o adjectivo participio deste verbo escrever-se e assim pronunciar-se: *ethificante*.

Os diccionarios não dão, nem *ethificar*, nem *ethificante*, porem um delles, como que, doendo-lhe ao ouvido e na consciencia, sempre manda vêr, em vez de *edificante* esta outra fórma: *edificativo, a*, o que nada adianta, porque tambem conserva o radical verbal de *edificar*.

Vicioso — Quem sabe, meo Correto, se já não se diria *ethificar* e *ethificante*, e pelo som dental destas palavras, não seria o *t* pronunciado com o som de *d*, e d'ahi a confusão com *edificar* e *edificante?*

Correcto — Podia ser, mas a razão será naturalmente a seguinte: Como *edificar* significa *levantar com base, ou assentamento*, d'ahi veio a idéa moral de *elevação*, ficando, portanto, *edificar*, como já vimos, com a significação de: *commover, elevar alguem á virtude, a obrar acções virtuosas pelo exemplo e exhortação*. Mas, se podemos de *ethica* formar *ethificar* e *ethificante*, que necessidade ha de darmos um sentido figurado ás palavras *edificar*, e *edificante?* Isto só denotará pobreza da lingua, quando ella é tão rica!

Vicioso — E pobreza muito franciscana! Raios partam os ladrões do thesouro da nossa lingua!

XXII

Tavolagem — Carnegão — Cacarécos — Mastro

VICIOSO — Tenho gostado immenso, meo Correcto, da actividade da policia. Ultimamente não poupa as casas de jogo. Ainda hoje li uma noticia, que dizia assim: «Pelas tres horas da madrugada de hontem foi surprehendida pela visita da policia uma casa de tavolagem, que se achava no exercicio de suas funcções, indo jogadores, tabolas e *tutti quanti* soltar o dó de peito no palco do xilindró.

CORRECTO — Mas o que eu noto é que nessa noticia ha um verdadeiro disparate.

VICIOSO — Disparate?! Acho-a até um tanto jocosa na fórma.

CORRECTO — Na *essencia* poderá ser, mas quanto á *fórma* é que está justamente *deformada*.

VICIOSO — Se está *deformada* é preciso então *re-*

formal-a, e eu me acho aqui prompto a *conformar-me* com a nova *fórma* que tiver de entrar na *fôrma*.

CORRECTO — A *reforma* da tal *fórma* não póde ser mais simples do que esta: Se a casa era de *tavolagem*, não poderia ter, senão *tavolas*, e como hoje já se não diz *tavola*, mas sim *tabola*, logo, a casa devia ser de *tabolagem*. Não é commum a expressão: *entabolar conhecimento*, etc., ou já ouviste alguem dizer: *entavolar?* Devemos, portanto, dizer *tabolagem* e não *tavolagem*. Essa troca do *b* por *v* era muito commum entre os antigos, mas nós, como somos modernos, deixemos o *v* que é *velho e feio* e acceitemos o *b* por ser *bonito*.

VICIOSO — Está bonito, sim senhor! Mas eu agora é que fiquei com a cara feia! Mais feia do que quando o medico me extrahio outro dia o carnegão de um leicenço.

CORRECTO — Havia de te doer muito, não? Imagina agora a pobre da Pronúncia aguentar tambem a dôr deste *carnegão* que estás a extrahir do leicenço da tua linguagem!

VICIOSO — Já me tinha esquecido de que eras tambem versado em medicina, como deste-me outro dia provas nas arriscadas operações que me fizeste. Como devo então pronunciar aquella palavra?

CORRECTO — Mudando apenas o *g* para *c*, e dizendo: *carnicão*.

VICIOSO — Ora ahi está uma etymologia, que julgo não será preciso que m'a expliques, porque já supponho que seja a seguinte: Por ser aquella porção de

carne muito dura, chamaram-n'a talvez por isso *carne de cão*, e d'ahi ficou a palavrá *carnicão*. Não será isso?

Correcto — És um etymologista de força! Guarda antes a tal *carne de cão* como mnemotechnica da pronúncia, mas não como etymologia da palavra. A acceitar-se tua etymologia, o plural de *carnicão* seria *carnicães*, quando entretanto é *carnicões*.

Vicioso — Deita então minha etymologia aos cães, e explica-me agora qual a verdadeira.

Correcto — A palavra *carnicão* é formada do latim: *carnis*, genitivo de *caro* (carne) e de *acus* (ponta), por ter aquella porção de materia a fórma de um prégo, e tanto assim é, que os francezes chamam o *carnicão* de *clou*, que como sabes, quer dizer *prégo*.

Vicioso — Obrigado pela explicação. Por falares agora em *prégo* lembrei-me do *martello* que vou mandar metter nos meos cacarécos, porque pretendo reformar minha humilde choupana, desde a sala de visitas até á cosinha.

Correcto — Mas pódes tambem fazer teo leilão, sem machucares ninguem.

Vicioso — Ora essa! Machuco então alguem por isso?!

Correcto —Pois não! Querer mandar metter o martello nos *cacarécos* é machucar a victima da Pronúncia, que não tem culpa de cousa alguma.

Vicioso — Pois não se diz *tarécos*, que tem a mesma significação, porque não se ha-de tambem dizer *cacarécos* para significar os *cacos velhos*?

Correcto — Justamente por causa da palavra *tare-*

cos, meo Vicioso, é que o povo adulterou a pronúncia daquella palavra, que deve ser *cacaréos*, e não *cacarécos*.

Vicioso — E para ser *cacaréos* deve haver naturalmente um fundamento, que muito estimaria m'o explicasses tambem agora.

Correcto — Para isso, basta que eu te apresente aqui duas palavras terminadas em *aréo*, para que melhor comprehendas a etymologia de *cacaréos*.

Vicioso — Quaes são então essas palavras?

Correcto — São ellas as seguintes: *mastaréo* e *fogaréo*. Vejamos primeiro a etymologia de *mastaréo*. A palavra *mastaréo* é derivada de *masto* e do suffixo *aréo*, do grego *aîro*, que significa: *levantar, pôr em logar alto*. A palavra *fogaréo*, derivada de *fogo*, tendo o mesmo suffixo *aréo*, do grego *aîro*, exprime tambem *elevação, altura*, pois como sabes o *fogaréo* é uma concha de ferro, *elevada* em haste, e cheia de pinhas, ou estopa, embebidas em oleo, e que serve para alumiar de noute. Da idéa de *elevação*, ou *altura*, como vemos nas palaxras *mastaréo* e *fogaréo*, nasce consequentemente a idéa de *augmento*, ou *quantidade*, a qual se póde applicar á palavra *cacaréos*, para exprimir quantidade de *cacos*, ou *muitos cacos*, razão tambem, porque esta palavra só se deve usar no plural. Ora, como em geral os trastes velhos pouco se conservam inteiros, e quasi todos se representam por meio de *cacos*, ficou por isso a palavra *cacaréos* significando por translacção: *trastes velhos*, quando sua verdadeira significação é a de: *muitos cacos*.

Vicioso — É verdade. Ha pouco, quando me explicaste a etymologia da palavra *mastaréo,* disseste-me ser esta palavra derivada de *masto,* e eu estive para te perguntar se te havias engasgado com o *r,* ou se seria mesmo *masto,* como se deve pronunciar.

Correcto — Ora, meo Vicioso! Se eu ainda me engasgasse com a espinha de algum peixe maior, vá; mas logo com aquelle vocabulo...

Vicioso — Queira desculpar-me. Eu bem sei que o amigo Correcto, com tão bôa dentadura prosodica que possue, sabe perfeitamente mastigar os mais espinhosos vocabulos da nossa lingua, mas como poderia faltar-lhe o folego na occasião em que pronunciou tal palavra, nada mais natural do que engasgar-se com aquella espinha, embora muito pequenina como é o *r*.

Correcto — Saiba, então, que felizmente não me engasguei, e vou dizer-te a razão porque pronuncio *masto* e não *mastro,* como diz o vulgo.

Vicioso — Vamos a isso, meo Correcto, porque na grande *não do êrro* andava tambem eu embarcado, mas agora, diante de tão perito commandante, curvo-me como o mais rude e submisso dos marinheiros, offerecendo-me para acompanhal-o no couraçado da boa Prosodia, o qual se acha entregue ao teo valente commando.

Correcto — Obrigado, meo povo. Perdão, quero dizer: Obrigado, meo bom marinheiro, pela confiança que em mim depositas. Pois lá vae minha fraca opinião: A palavra *mastro,* como a pronuncía o vulgo, vem a ser a alteração de *masto,* que é como se deve

pronunciar, por ser derivado do grego: *massón* (mais comprido) e *stao* (estar fixo em pé, direito). No francez antigo era *mast*, hoje *mât;* no allemão e inglez é *mast*, e no celtico: *mad*, ou *maid*. Como vês, em nenhum destes idiomas entra a lettra *r;* portanto, deve tambem ser em portuguez: *masto*. Se fosse *mastro*, dir-se-hia tambem *mastraréo*, e não *mastaréo*, que parece ser mais naturalmente derivado de *masto*. Que dizes tu, meo Vicioso?

Vicioso — Que com um commandante desta ordem podemos navegar de vento em pôpa, sem receio de naufragarmos no *mare magnum* da pronúncia viciada.

XXIII

Agua salôba, salôbre — Desenxavido — Moringa.

Vicioso — Dize-me cá uma cousa, ó Correcto: Já bebeste em dias da tua vida algum copo d'agua saloba?

Correcto — Homem, agua de Vichy, de Moura, e outras tenho tomado, porém agua de Sá Loba, nunca lhe experimentei o paladar.

Vicioso — Máo, máo! Já sei que eu é que estou com o paladar da pronúncia estragado. Naturalmente deve ser agua *salóbre,* como tambem tenho ouvido pronunciar.

Correcto — Nem *salóba,* nem *salóbre,* meo Vicioso.

Vicioso — Mas que a palavrinha começa por *sal,* talvez eu não me engane.

Correcto — Dizes bem. Essa palavrinha é derivada da palavra latina *sal,* que é a mesma palavra portugueza *sal,* e da palavra tambem latina *uber,* que quer

dizer *cheio*. D'ahi se formou o adjectivo portuguez *salôbro, salôbra,* que significa: *o que tem algum sal,* ou *sabôr salgado;* assim, por exemplo, os *póços salôbros* são aquelles, cuja agua é má para beber, por saber a sal.

VICIOSO — Eu bem dizia que naquella palavrinha entrava *sal* com certeza. Mas, realmente, meo Correcto, não ha nada mais desenxavido do que a tal agua *salóbra*. Parece que agora falei direito, não?

CORRECTO — Sómente quanto á agua *salôbra,* pois quanto ao resto, mostraste que ainda estás com o paladar da pronúncia muito estragado.

VICIOSO — Como assim?!

CORRECTO — Porque ainda dizes *desenxavido*.

VICIOSO — E continuarei a dizer, se me não corrigires agora.

CORRECTO — Queres então que te metta na casa da correcção... da pronúncia, já se vê.

VICIOSO — Prenda-me, meo Correcto, prenda-me por ordem do chefe de policia... prosodico, ou prosodica?

CORRECTO — Será sempre melhor dizeres chefe de policia *prosodica,* porque a *policia* é que é *prosodica,* e não o *chefe*.

VICIOSO — Pois então, prenda-me por ordem do chefe de policia *prosodica*.

CORRECTO — Estás preso, meo Vicioso.

VICIOSO — Já que estou preso, *solta-me* então agora a explicação do *desenxavido*.

CORRECTO — Ahi a temos: A palavra *desenxavído,* além de possuir uma lettra trocada, fazem-n'a longa,

quando deve ser breve. A lettra trocada é o *v*, que deve ser substituido por *b*, devendo tambem pronunciar-se breve: *desenxábido*. A razão é a seguinte: Esta palavra é composta do prefixo intensivo *des*, que ahi quer dizer *muito*, e do adjectivo *enxábido*, corrupção do latim: *insipidus*, por sua vez tambem composto de *in-sá-pidus* (sem sabôr). A palavra *desenxábido* quer portanto dizer: *muito sem sabor*, ou *inteiramente insípido*. Se o prefixo *des* fosse ahi negativo, a palavra *desenxábido* significaria: *não insípido*, ou então: *saboroso*, donde se conclue que outra não póde ser a etymologia desta palavra, senão a que te apresentei. Como exemplo iguaes á palavra *desenxábido*, temos os seguintes: *desinquieto*, *desfeiar*, *desfallecer*, *descahir* e outros, onde o prefixo *des* não é negativo, mas sim, *intensivo*; assim pois, *desinquieto*, significa: *muito inquieto*; a palavra *desfeiar*, quer dizer: tornar-se *muito feio*; pela mesma razão, *desfallecer* exprime: *fallecer muito*, ou *perder as forças*; assim tambem *descahir* significa: *cahir muito*, etc.

É por isso que no povo rustico, como melhor conservador da pureza da lingua, não deixa de ter algum fundamento o emprego das palavras: *desinfeliz*, exprimindo: *muito infeliz* e *desnegar*, significando: *negar muito*. Assim como ha o verbo *denegar*, que quer dizer: *negar muito*, onde o prefixo *de* é tambem *intensivo*, do mesmo modo haverá toda a razão de ser na forma rustica *desnegar*, considerando-se tambem *intensivo* o prefixo *des*.

VICIOSO — Digo-te agora aqui uma cousa: Bemdita

a moringa que continha a tal agua *salôbra* e *desenxabida*, pois só assim me corrigiria neste momento destes dous vocabulos, que até hoje eram por mim mal pronunciados.

Correcto — Completa melhor a phrase, dizendo: destes tres vocabulos.

Vicioso — Tres?!

Correcto — Contando com a *moringa* tres é o que *pinga*.

Vicioso — Deixa o *verso*, e mostra-me o *reverso* da medalha, isto é, corrige-me mais esta desafinação.

Correcto — Já que falas em *desafinação*, é preciso que eu te corrija por musica, e desse modo, só mesmo por meio do *verso* é que te poderei encaixar nos ouvidos a afinação, ou a musica daquella palavra.

Vicioso — Pois vá feito. Toca a musica.

Correcto — Djim, bum! bum! Tró, ló, ló, trá, lá, lá:

> Que a bôa pronúncia vingue,
> E não sejas nella um *pinga*,
> Pronuncía antes *moringue*,
> Voz brasilea, e não *moringa*.

XXIV

Deshouveram — Emplasto — Postêma

Vicioso. — Lêste a noticia, meo Correcto, dos dous povos que se deshouveram, e dahi resultou a tremenda guerra, que actualmente sustentam, onde teem perdido milhares de soldados?

Correcto — Li, e pela propria noticia vi que não se *deshouveram*, porque elles não tinham que *haver* cousa alguma.

Vicioso — Já começas a querer embrulhar-me. Bem sabes que falo da contenda em que elles entraram.

Correcto — Mas para exprimir essa idéa temos o verbo reflexivo: *desavir-se*, composto do prefixo negativo *des* e do verbo tambem reflexivo *avir-se*, que significa: *ajustar-se, fazer avença, concordar*, etc., donde a fórma negativa *desavir-se* vem a significar: *não ajustar-se, não fazer avença, desconcordar, ou entrar em contenda*, como ha pouco disseste.

Não conheces a phrase muito vulgar: Elles lá que *se avenham?* Como esse *avenham* nada tem com o verbo *haver*, por isso, seo preterito perfeito *se avieram* nada tem tambem com o preterito perfeito *houveram*, que só pertence ao verbo *haver*. Dahi se segue que devemos dizer no sentido de *abrir contenda*: elles *se desavieram* e não, se *deshouveram*. Vá portanto, meo Vicioso, *desovar* outra etymologia, porque os ovos desta goraram completamente no chôco da bôa prosodia.

Vicioso — Eu vou mas é pôr um emplasto nesta maldita lingua, que me não ajuda a falar a lingua. Sempre que estou a conversar comtigo, o demonio da lingua obriga-me a levar um *r*.

Correcto — E dizes muito bem. Já se não levasses o *r* não sei para onde, poderias agora encaixal-o naquelle *emplasto*, pronunciando *emplastro*, que é o direito, por ser o puro ablativo do singular *(emplastro)* do substantivo neutro *emplastrum, emplastri*.

Vicioso — Qual, filho! Não ha meio de curar-me! Hei-de ter sempre postêma na ponta da lingua! Felizmente, como és bom medico, e curas-me de graça, é o que me vale! Quando me rebenta um tumor destes, não imaginas! Fico tão alliviado! Mas o peior é que logo depois nasce-me outro, e levo assim nesta lida constante de tumores linguisticos.

Correcto — Como por exemplo, agora. Mal acabei de lancetar um, vieste logo com est'outro: *postêma*.

Vicioso — Então não te demores. Lancéta-me quan-

to antes mais este, que eu não tinha dado por elle. Ora esta! Creia que o não sentia na lingua.

Correcto — Naturalmente por ser muito pequeno.

Vicioso — E porque será que tenho assim tantos tumores na lingua? Isto é, agora, depois que me tenho tratado comtigo, estou melhor. Mas aqui ha tempos, Deos te livre! Era uma praga! Será talvez por causa do sangue?

Correcto — Sim, será do sangue, mas é tambem porque falas muito, meo papagaio, e como sabes quem mais fala...

Vicioso — Mais erra.

Correcto — E sendo a molestia um erro da natureza, dahi, quem mais fala mais doente deve ficar. Não ouves o medico dizer ás vezes: «Não deixe o doente falar muito? É por causa dessas e outras.

Vicioso — Mas vamos lá primeiro á lancetada, e depois conversaremos. Com que então o tumor te parece que ha de ser pequeno?

Correcto — Pelo que me disseste, meo papagaio, presumo que será pequeno. Em todo o caso, o melhor é examinal-o: Dá cá o pé, quero dizer, põe a lingua de fóra.

Vicioso — Ahi a tens. Não me calques a lanceta com muita força.

Correcto — Olha lá o medroso! Magoei-te quando te lancetei os outros?

Vicioso — É verdade que não. Apenas senti uma dorsinha, mas muito passageira.

Correcto — Pois menos o sentirás agora. Vou só

tocar muito de leve com a pontinha da lanceta. Ora ahi vae: *Tac!*

VICIOSO — Ah!

CORRECTO — É justamente o remedio que deves pôr na tal *postêma*. É esse *a*, mas sem a mistura do *h*, para poderes pronunciar claramente: *apostêma*.

VICIOSO — Só a lettra *a*, mais nada?

CORRECTO — Sómente isso, por ser aquella palavra derivada do grego: *aphistémi*, que quer dizer: *dividir*, *abrir*, applicando-se por isso ao abscesso, que termina por suppuração.

VICIOSO — O melhor, meo Correcto, é por hoje bocca fechada, senão todo eu acabo tambem por suppuração.

XXV

Ramella — Belíde — Mýope

Vicioso — Ah! meo Correcto, esta é que foi muito bôa! Tive outro dia uma discussão com um sujeito, a respeito de asseio, e atirei-lhe com uma indirecta, sem razão de ser. Mas tudo porque? Porque vejo pouco! Disse-lhe eu: Ora, eu conheço muita gente asseiada, mas que não limpa a ramella. Sabes o que o homem me respondeu, e a cara com que fiquei?

Correcto — Talvez te respondesse o mesmo que te vou agora responder: Ora essa! Não ha razão de pedir licença para empregar a palavra Ramella, que vem a ser o nome da comarca e concelho da Guarda, freguezia de Portugal, na provincia da Beira.

Vicioso — Dou-te minha palavra que ignorava completamente isso. Ha então em Portugal um logar com o mesmo nome dessa palavra, cuja significação não é lá muito agradavel?

Correcto — Com o mesmo nome é o que dizes,

pois o nome desse logar é apenas um paronymo dessa palavra, cuja significação, com razão disseste não ser muito agradavel. Não saberás tambem o que são paronymos ?

Vicioso — Confesso-te, meo Correcto, que a respeito de grammatica, não estou muito em dia com ella. Ficar-te-hia agradecido, se me explicasses, não só o que são *paronymos,* mas tambem a pronúncia exacta daquella palavrinha de significação desagradavel.

Correcto — Chamam-se *paronymos* os nomes que, escrevendo-se com lettras differentes, e tendo significações tambem differentes, pronunciam-se quasi do mesmo modo, assim como: *relevar,* e *revelar, ratificar* e *rectificar, digerir* e *dirigir* e nesse caso tambem: *Ramella* e (agora sou eu quem deve pedir licença) *remela*. A palavra *Ramella* não póde ter outra etymologia, senão exprimir o diminutivo de *rama,* e a palavra *remela* é formada do prefixo intensivo *re,* e do substantivo latino *mellīgo, mellīgĭnis, (mellígo, mellíginis)* que significa a substancia resinosa empregada pelas abelhas no fabrico do mel. Por analogia é que se deo este nome ao humor viscoso, que se ajunta no canto interno dos olhos e na raiz das pestanas. Seria isso o que o tal sujeito respondeo?

Vicioso — Mais satisfeito ficaria eu se o fosse, porém elle assim me respondeo: «O senhor enganou-se. O que eu tenho aqui neste olho é uma belide, pois não é meo costume levantar-me da cama, sem lavar a cara». Imagina, mas foi a cara com que fiquei!

Correcto — Pois se a cousa fosse commigo não en-

cavacaria tanto, e trataria de disfarçar, dando-lhe um bom troco.

Vicioso — Que responderias tu?

Correcto — Sómente isto: Bem me quiz parecer a principio sér, (não uma *belíde,* porque não conheço esta molestia) mas sim uma *belída,* e como não vejo bem, peço-lhe por isso desculpa de ter supposto ser outra cousa.

Vicioso — Ah! meo grande ironico! Pois eu tambem dizia *belíde.* E não é este o nome!?

Correcto — Não, meo Vicioso, o nome da albugem, ou nevoa branca no iris do olho é *belída,* derivado do grego *bleô* ou *blaó* (offender, ferir) e *eidô* (vêr).

Vicioso — Eu ando muito precisado de uns oculos. Cada vez estou mais mýope!

Correcto — Se usasses de uns bons oculos prosodicos, já não dirias mais que estavas *mýope.*

Vicioso — O peior é que estes oculos custam muito caro! Mas admittindo que eu os possuisse, como deveria pronunciar a ultima palavra que proferi, e que repetiste accentuadamente?

Correcto — Se possuisses uns bons oculos prosodicos havias de pronuncial-a longa: *myópe,* do grego: *myó* (fechar) e *ops* (olho), que serve para designar aquelle que tem a vista curta.

Vicioso — Bem certo é o dictado que diz: «Quem não sabe, é como quem não vê». Ora, eu não sabendo, e pouco vendo, estou todo inteirinho dentró deste dictado. O que eu devia, era andar pedindo: Uma esmola para um pobre cégo, que anda aos trambulhões pelo caminho da grande Estrada Prosodica!

Correcto — Mas olha, meo Vicioso, tambem diz outro dictado: «O peior cégo é aquelle que não quer vêr». Talvez, por isso, muitos te respondessem: Se te queres alimentar intellectualmente, vá primeiro cavar com a enxada do estudo.

Vicioso — Se tambem não me respondessem: «Vá plantar batatas!»

XXVI

Carramanchão—Rodamoinho—Rodomoinho — Redemoinho — Remoinho — Carrapêta.

Vicioso — Fui hontem, meo Correcto, vêr uma linda casa com um grande jardim á frente, e fiquei devéras encantado com um elegante carramanchão de jasmins! Que primor! Que cousa tão pittoresca! Como seria poetico alli fruir-se algumas horas vespertinas, sentado em rustico banco e aspirando o suave arôma do jasmineiro em flôr! Depois, ao sól posto, e com a entrada do argenteo e pallido astro, ouvirmos o gorgeio dos passaros, volteando em tôrno daquelle abrigo espiritual, e satisfeitos, erguermos como prece as seguintes palavras: Oh! bemdicto que sois em tal momento, meo consolador carramanchão!

Correcto — Bellissimo é o quadro que me acabas de descrever, porém creio que se alguma das Musas

estivesse alli presidindo o acto, e te ouvisse proferir a tal prece, não só desmoronaria aquelle pavilhão de jasmins, como tambem horrorisada fugiria para o Parnaso. O argenteo e pallido astro se occultaria tambem sob a mais densa nuvem, e a negra e medonha bocca da noute viria logo escancarada soar lugubremente aos teos ouvidos, dizendo-te: «Cala-te, ó trombeta dissonante! A Poesia que só quer ouvir musica maviosa, repelle teo estridente *carramanchão!*»

VICIOSO — Lá se quebraria então o quadro da poesia, onde procurei esmerar-me no colorido das scenas, e o desventurado pintor iria talvez a estas horas *pintar monos!*

CORRECTO — Mas como tal não succedeo, pois que apenas traçaste na téla da tua imaginação o esboço daquella paisagem, ainda é tempo de te corrigires, para quando quizeres realmente pintar aquelle quadro, não passares pela decepção que te figurei.

VICIOSO — Peço-te então aqui, como obsequio, que me corrijas, mas muito baixinho, porque póde alguma das Musas estar por ahi á escuta, e depois ir dar parte á Poesia. Nada, que eu não quero soffrer desagradaveis surpresas!

CORRECTO — A correcção é facilima: Basta arrancares um só dente da tua bocca.

VICIOSO — Que?! Pois é preciso, sem necessidade arrancar um dente?! Essa vontade não faço eu á Poesia!

CORRECTO — Mas olha que é um dente de uma só raiz! Que te custa isso?

VICIOSO — Apenas uma dôr aguda e mais nada.

CORRECTO — Mais agudo foi teo *carramanchão*, que felizmente não chegou aos ouvidos de qualquer das Musas!

VICIOSO — Nesse caso, tu que já tens servido de padre, de medico, e de tudo quanto ha, poderias tambem agora servir de dentista. Hein?! Que artista! E que dentista!

CORRECTO — Pois então vamos com isso, mas dize-me antes uma cousa: Queres que te arranque o dente com a linha, como se faz com as crianças, ou preferes que o extraia a ferro?

VICIOSO — Como sou muito nervoso, com a linha será melhor.

CORRECTO — Dize antes: muito medroso. Abra então, lá essa bocca. Ora vejam! Basta só calcar de leve o dedo sobre o dente, para se vêr como está elle molle! Isto até se tira mesmo á mão. Um, dous, tres, prompto! Cá está elle!

VICIOSO — Ui! Deixa-m'o vêr. Ora essa! Não é que o dente tem a configuração de um *r* minusculo?!

CORRECTO — Vaes agora com a falta deste dente pronunciar direitinho o nome do tal abrigo espiritual. Experimente só.

VICIOSO — Lá vae: *Caramanchão*. É assim?

CORRECTO — Exactamente. Já vês que aquelle dente a mais estava a atrapalhar-te a pronuncia.

VICIOSO — Agora já posso ir morar na tal casa, e gosar o *caramanchão* á vontade, sem receio de que alguma das Musas o deitem abaixo, nem a lua se es-

conda, e nem a negra bocca da noute venha ferir-me os ouvidos, mandando-me calar a trombeta dissonante. Has-de ir passar um dia commigo, meo Correcto. Quero mostrar-te tambem a grande chacara que tem a casa. Ao fundo corre um rio, que com outro se encontra em direcção opposta, formando então um rodamoinho muito interessante!

Correcto — Mas será mesmo um *rodamoinho*, ou um *moinho de roda?*

Vicioso — Tu é que já começas a fazer-me a cabeça andar á roda. Pois seja lá *rodomoinho*, *redemoinho*, ou *remoinho*. Escolhe para ahi á vontade.

Correcto — Qual *rodomoinho*, nem *redemoinho*, e menos ainda o tal *remoinho!*

Vicioso — Se a cousa é em verso, ó meo amiguinho, dizei-me como é.

Correcto — É *redomoinho*.

Vicioso — Vou vêr se decóro o tal *demoninho!*

Correcto — Estás então enfeitiçado pela casa? Pois é tomal-a quanto antes, e ir gosar as delicias que ella te offerece.

Vicioso — É verdade, já me ia esquecendo: Tem tambem um grande pateo todo coberto, onde as crianças poderão brincar, quando chover. Alli resguardados jogarão sua petéca, sua carrapêta, etc. etc. Queres saber, meo Correcto, quando eu procuro casa para a familia, não dispenso nunca que tenha um bom quintal, uma bôa chacara, ou um bom jardim. Eu cá sou de opinião que devemos dar sempre ás crianças toda a largueza para ellas brincarem. Nós tambem já fomos

*

d'aquella edade, e gostavamos de brincar da mesma maneira. Olha, eu por exemplo, fui um grande apaixonado do tal jogo da petéca.

Correcto — Tambem eu o fui, principalmente, quando era interno no collegio. Quanto ao outro jogo, é que nunca o conheci, nem mesmo o conheço. Isso naturalmente, ha de ser algum jogo estrangeiro, cheira-me assim a francez: *carrapêta*.

Vicioso — Agora é que te percebo, meo marôto! Estás ahi, mas é a jogar commigo o jogo da pronuncia dessa palavra que dizes parecer-te franceza. Joga-me então para cá a boa pronuncia da referida palavrinha, que eu tambem farei como as crianças: darei dous pulos de contente. Está dito?

Correcto — Dito.

Vicioso — Pois então dá corda ao tal brinquedo, que eu quero vêl-o dansar e cantar aos meos ouvidos seo verdadeiro nome.

Correcto — *Trrâ, trrâ trrâ*, aqui está *Carapêta*.

Vicioso — Não sôa mal. Canta bem o ladrão, mas o peior é ter *cara* de *pêta;* entretanto, como lá diz o dictado: *Quem vê cara não vê coração*, póde ser que sua etymologia esteja muito longe disso. D'onde será filho este brinquedinho tão interessante?

Correcto — Da Grecia, meo Vicioso. É formado de *karuon* (noz) e *poùs* (pé) genitivo *podós*. Como sabes, a verdadeira *carapêta* é a bolota de estevas com que os rapazes brincam, tomando-a pelo pedunculo, e fazendo-a gyrar com os dedos. A industria depois incum-

bio-se de fazêl-a de páo, ou de marfim, e tem-n'a até hoje aperfeiçoado.

VICIOSO — Bem disse eu ha pouco que: *Quem vê cara, não vê coração*. Longe estava de adivinhar que esse brinquedo com *cara de pêta* havia de ter *coração* grego.

CORRECTO — E não é só o coração. Se queres, posso mostrar-te até tripas e tudo.

VICIOSO — Agradeço-te. Guarda antes as tripas para fazer *dobradinhas* amanhã para o almoço.

XXVII

Apetrechos — Cronha — Projéctil

Vicioso — Lembras-te, meo Correcto, da tal guerra, de que ha dias te falei, na qual disse que se haviam perdido milhares de soldados?

Correcto — Lembro-me. E o que ha então de novo?

Vicioso — É que a lucta tem sido encarniçada. Li que o governo de uma das nações inimigas despendera perto de cem contos de réis em apetrechos bellicos.

Correcto — Eu tambem li essa noticia, mas com relação a outros instrumentos.

Vicioso — Como foi que a leste?

Correcto — Que o governo de uma das nações inimigas despendera perto de cem contos de réis em *petrechos* bellicos.

Vicioso — Ah! *petrechos?*

Correcto — Não, meo Vicioso, *petrechos* sem *a*.

Vicioso — Perdão. Este *ah!* foi apenas uma excla-

mação que fiz. Só o que desejo agora saber é a etymologia desta palavra.

Correcto — Saiba então que é do castelhano: *pertrechos*, que significa: *instrumentos de guerra*.

Vicioso — Pois dentre esses *petrechos*, meo Correcto, diz a noticia que li, terem ido duas mil espingardas com a cronha de jacarandá. Comquanto seja esta madeira muito forte, comtudo, acho-a muito pesada para espingardas. Que dizes?

Correcto — Sobre isso nada te posso adiantar, porque não entendo de manufactura de armas. Mais depressa poderei dar minha opinião sobre a palavra *cronha*. A verdadeira pronuncia deve ser *coronha*, do grego *koroné* e do latim *corona*, que é a extremidade grossa e curva de algum corpo, assim como, o nó de uma arvore, ou a eminencia redonda de um osso. A palavra *cronha*, se bem que seja muito usada, não é mais do que a contracção de *coronha*, que é como se deve escrever e pronunciar.

Vicioso — Eu tambem nada entendo de instrumentos de guerra. Tive um parente, que era professor de Balistica, e só o ouvia falar em canhões e morteiros que lançavam um projéctil a uma distancia enorme! Não notaste coisa alguma nesta minha ultima phrase?

Correcto — Se notei!

Vicioso — Eu logo vi. Desta vez, meo maganão, não me apanhaste em falso. Esperavas talvez que eu pronunciasse *projectíl*, como diz erradamente o vulgo. Pois não! Mas agora, confesso-te aqui: Eu tambem dizia *projectíl*, mas uma occasião, um professor ouvindo-

me assim pronunciar, pedio-me licença para corrigir-me, dizendo-me que esta palavra devia se pronunciar breve, e não longa, por se derivar do adjectivo latino *projectĭlis*, (projéctilis).

Correcto — Pois sinto muito, meo Vicioso, ter talvez que te contrariar um pouco, abalando teo contentamento, a respeito da pronuncia dessa palavra. Has de me desculpar ir de encontro ao *magister dixit*, isto é, não concordar com a opinião desse professor, a quem talvez consideres mais do que a minha insignificante pessôa, porem, tem paciencia. É este o caso de ser empregada a phrase: *Amicus Plato, sed magis amica veritas*. Se queres a traducção lá vae: Sou amigo de Platão, porem mais amigo da verdade. E a verdade, meo Vicioso, (não ha remedio, lá vae mais latim) assim é: *Dura veritas, sed veritas*.

Vicioso — Ora essa, meo Correcto! Não offenderás, nem a mim, nem ao professor que me corrigio, se emittires tambem aqui tua abalisada opinião sobre a pronuncia daquella palavra. Crê que gosto até muito de uma bôa controversia, principalmente, quando esta é feita por pessôa competente, como tu.

Correcto — Obrigadissimo, meo Vicioso. Eu vou aqui apresentar-te, tão sómente, a verdade prosodica do facto: Não ha em latim (pois poderás percorrer todos os diccionarios) o adjectivo *projēctĭlis*. Se o houvesse, nada mais natural do que passar este adjectivo para o portuguez, e o pronunciarmos: *projéctil*, do mesmo modo porque pronunciamos *fácil* de *facĭlis*, *ágil* de *agĭlis*, *frágil* de *fragĭlis* e outros.

Alguns diccionarios portuguezes dizem ser esta palavra derivada do substantivo francez *projectile.* Na minha fraca opinião não será preciso ir buscar ao francez aquella palavra, pois, assim como, este idioma formou do seo substantivo *project,* o diminuitivo *projectile,* o portuguez tambem formou do seo substantivo *projecto,* o diminuitivo *projectíl.* Digamos melhor: Do verbo latino *projicĕre* (projícere) (lançar, arremessar) só se formou o adjectivo participio *projēctus, projēcta, projēctum.*

As palavras portuguezas *projécto, projécta,* já foram tambem usadas sob a fórma exclusiva de adjectivos particípios, significando: *cousa lançada, ou arremessada.* Dahi ficou depois o adjectivo *projécto* na fórma masculina, com a força de substantivo verbal, para exprimir: *delineação traçada na mente, a respeito de obra, ou empresa meditada, intento, tenção de fazer alguma cousa;* finalmente, *tudo quanto é lançado, ou arremessado pela nossa imaginação.*

Assim pois, como do substantivo *varão* se formou o adjectivo *varonil,* e tambem de *mulher, mulheril,* de *infante, infantil,* de *fabrica, fabril,* etc., do mesmo modo se formou do substantivo *projécto,* o adjectivo *projectíl.* Eis aqui minha humilde opinião sobre o assumpto. Resta agora saber se quererás acceital-a, ou não.

Vicioso — Falaste-me ha pouco em latim, agora respondo-te em francez. Não te direi que: *Entre les deux mon cœur balance,* mas sim: *entre les deux à toi m'avance.*

XXVIII

**Pantomina—Pantomineiro—Pantominice
Rosilho—Maromba—Acrobáta.**

Vicioso — Já foste vêr, meo Correcto, esta companhia equestre e acrobatica que ahi está?

Correcto — Ainda não.

Vicioso — Pois vá, que não te has de arrepender. Vale a pena gastar alguns cobres, mas ao menos apreciarás bons trabalhos. Em pantomina então, desafio que haja outra igual.

Correcto — E pódes ter toda a certeza que não houve, não ha, nem haverá.

Vicioso — Estás caçoando, hein?! Suppões talvez que estou a exagerar.

Correcto — Não digo que estejas a exagerar. É porque estás apresentando-me um trabalho, a tal *pantomina*, que julgo ser inteiramente novo no genero do circo de cavallinhos.

Vicioso — Pois eu suppunha pronunciar esta palavra melhor, do que a ouvi por duas pessôas.

Correcto — Como pronunciaram ellas?

Vicioso — Uma pronunciou: *pantominina,* e outra, talvez não acredites, mas juro-te que o ouvi: *espantominina.* Fiquei devéras espantado!

Correcto — É o caso de se dizer: *Ri-se o rôto do descosido.* Pois eu tambem não fiquei agora menos espantado de te ouvir pronunciar: *pantomina.*

Vicioso — Não se me dava de te offerecer uma cadeira para assistires ao espectaculo de hoje, se me explicasses a pronuncia dessa terrivel palavra, que só faz espantar os que a ouvem.

Correcto — Acceito teo offerecimento, mas com a seguinte condição: se a cadeira fôr de primeira classe, a explicação será minuciosa, e se o não fôr, limitar-me-hei a dizer sómente, como se deve pronunciar aquella palavra.

Vicioso — Pois eu seria capaz de te offerecer uma cadeira, que não fôsse de primeira classe?! Não me julgues assim tão miseravel!

Correcto — Está bem, não te offendas, que o que eu disse foi apenas por gracejo. Quando eu sei e posso explicar minuciosamente uma cousa, não me poupo a isso, pois tenho sempre satisfação em me tornar o mais claro possivel nas minhas rudes interpretações.

Vicioso — Corramos então um véo sobre o passado, e corre tambem tu agora o avelludado reposteiro da tua lucida explicação.

Correcto — Previno-te de que na minha tosca chou-

pana não uso reposteiros avelludados. É a propria porta de emendadas taboas, apanhadas aqui e acolá, a qual, quando aberta, sempre me traz um pouco de luz para repartir com aquelles, que me honram com sua visita.

Vicioso — Deixa-te de modestia e de rapapés, porque bem sabes que eu não sou visita de ceremonia. Vamos á explicação, que é melhor.

Correcto — A tal palavra de *espanto* deve se pronunciar: *pantomima*, do grego *pantos*, genitivo de *pas* (todo) e de *mimus* (imitador), significando por isso *pantomima*, a imitação de tudo, por meio de gestos e mimicas.

Vicioso — De modo que, dizendo-se *pantomima*, creio que se deve tambem dizer *pantomimeiro* e não *pantomineiro*, como diz o vulgo, assim como, *pantomimice*, e não *pantominice*, como tambem vulgarmente se diz.

Correcto — Nem sobre isso resta a menor duvida, desde que essas duas palavras são derivadas de *pantomima*.

Vicioso — Ora bem. Como o promettido é devido, terás logo mais, á noute, a cadeira para o espectaculo. O programma então de hoje é deslumbrante! Entra um celebre cavallo rosilho, que executa trabalhos admiraveis!

Correcto — Ahi está uma cousa que tenho curiosidade de vêr: Um cavallo todo côr de rosa!

Vicioso — Tens razão, meo Correcto. Realmente parece que assim devia ser, mas o maldito vicio de pronuncia é que faz tudo isso! Como se deve então pronunciar?

Correcto — Responde-me primeiro: De que côr é o tal cavallo?

Vicioso — Elle tem assim uma côr russa misturada.

Correcto — Nesse caso, é *russilho* como se deve pronunciar, que vem a ser o adjectivo que exprime a côr *russa* com encarnado mesclado.

Vicioso — É verdade! E toda a gente diz cavallo *rosilho!*

Correcto — Mas vamos adiante. Que mais pratos traz a lista? Desculpa-me, quero dizer: Que mais traz o programma de hoje?

Vicioso — Traz tambem um trabalho de maromba, que é uma das maravilhas do mundo!

Correcto — A chamar-se *maromba*, deve ser então da familia da *tromba*.

Vicioso — O que me está parecendo, é que já queres metter aquella palavra na *tromba* do vicio. Sopra-me então pela *trombeta prosodica* a bôa pronuncia da supra dita.

Correcto — Manda a *trombeta prosodica* que se pronuncie: *marôma*, do grego *meruó* (torcer) e *himas* (cabo, calabre), nome aquelle proprio da corda grossa, ou calabre do navio. Por translação significa tambem a corda tesa, sobre que dansam os dansarinos de corda, ou volteadores.

Vicioso — Já vejo que até hoje, em vez de eu dansar na *corda tesa* da bôa pronúncia daquella palavra, dansava, mas era na *corda bamba* do vicio! Ah! meo Correcto, se fosses tão bom acrobáta na corda, como o

és na *tesura prosódica*, talvez esta companhia te fizesse alguma proposta.

CORRECTO — Pois eu acho que se fosse *acrobáta*, é que ella não me proporia cousa alguma.

VICIOSO — Porque?!

CORRECTO — Porque ella só precisará de *acróbata*, e eu não o sendo, de certo não me acceitaria.

VICIOSO — Naturalmente, é tambem palavra grêga?

CORRECTO — É exacto. É formada do prefixo *acro* de *akros*, o qual entra na composição de muitas palavras, significando: *extremo, summidade*, e da palavra *bateîn*, de *bainô*, que significa: *andar, que anda sobre a ponta do pé.*

VICIOSO — Na verdade, sempre tive duvida, se seria *acróbata*, ou *acrobáta;* entretanto, suppuz que *acrobáta* devia ser o certo.

CORRECTO — E por causa das duvidas, porque não empregaste logo a expressão em portuguez?

VICIOSO — Essa é boa! Porque não a conheço.

CORRECTO — Sim. Muitos ha que conhecem a palavra, ou expressão portugueza, e preferem, sómente por pedantismo, empregar a palavra, ou expressão estrangeira, ou de fórma erudita.

VICIOSO — Mas isso não se dá commigo. Não leio pela mesma cartilha, e não tendo lido tambem bons livros, ignoro, não só a procedencia daquella palavra, mas tambem seo modo de pronunciar.

CORRECTO — Ignoras então que o *acróbata* é o *dansarino de corda!?* Porque não empregaste de preferencia esta expressão?

VICIOSO — Crê que não me lembrei, senão a empregaria.

CORRECTO — Qual, meo velho, a mim não me illudes! O povo gosta sempre de empregar o termo, ou expressão mais alambicada, ou revezada para fingir erudição. Eu já conheço o fraco da sociedade em que vivo. Para cá vens de carrinho!

VICIOSO — Como estás enganado! Venho mesmo a pé, e de bem longe! Calcula que venho desde a densa mata da ignorancia, atravessando as encruzilhadas das duvidas até aqui, para me ensinares onde fica a cidade do Saber e o rico Palacio Prosodico dos vocabulos da nossa lingua.

CORRECTO — Como falaste sinceramente, e em estylo grandiloquo, retiro neste momento o juizo que acabei de fazer de ti. Digo-te tambem aqui com sinceridade: Não te quero mais vêr qual pobre *nomade da lingua portugueza*, errando pelos invios sertões da Prosodiá, nem chafurdando-te no immundo atoleiro dos vocabulos viciosos. Quero vêr, depois de te banhares na limpida fonte orthoepica, entrares arrogante pela cidade do Saber, e firme e lédo pisares o vestibulo do Palacio Prosodico, para tomares parte no grande banquete, que o rei da Pronuncia costúma offerecer aos fidalgos da sua côrte.

VICIOSO — E quando a esse ponto eu chegar, direi então:

> Nem era de esperar que um rei tão sabio,
> Procedesse jámais de outra maneira!

XXIX

Vozeria — Alinhagem — Linhagem — Lavaréda — Madorna.

Vicioso — Ó Correcto, e o incendio esta noute passada aqui na nossa rua?

Correcto — É verdade, não pude dormir. Levei toda a noute acordado, e pregado á janella, assistindo áquelle medonho espectaculo!

Vicioso — Eu acordei com o barulho dos gritos de fogo e soccorro! Não te incommoda ouvir vozeria á noute, quando já estás recolhido?

Correcto — Não só á noute, mas tambem de dia, e até á hora da nossa morte...

Vicioso — Amen Jesus.

Correcto — P'ra *vozeria* só Credo em cruz!

Vicioso — Lá resarei, porem, primeiro vou resar o Peccador: «Eu peccador me confesso a ti, meo Correcto...»

Correcto — Pois então não peques mais, dizendo *vozeria.*

Vicioso — Para não peccar, como hei de então dizer?

Correcto — *Vozaria,* ou melhor: *vozearia,* como tão bem se diz em Coimbra.

Vicioso — Naturalmente para não se empregar o tal suffixo afrancezado *eria.*

Correcto — Exactamente. Deves lembrar-te do que te disse numa palestra, que tivemos sobre a palavra *loteria.* Que necessidade ha, ainda aqui te repito, de aportuguezarmos o suffixo francez *erie* em *eria,* quando temos nosso legitimo suffixo *aria?* Não vês, por exemplo, na palavra portugueza *especie,* que acaba em *e,* supprimirmos esse *e* final, e accrescentarmos o suffixo *aria,* dizendo: *especiaría,* e não *especieria?* Se assim dissessemos, seguiriamos tambem o francez, que de *especie* formou *especierie,* e a dizermos em portuguez *especieria,* seria tão gallicismo, como é a palavra *loteria,* sobre que já discutimos. Comquanto não se diga em francez *vozerie,* mas sim *crierie,* ainda assim, não se deve usar nunca em portuguez do suffixo *eria,* que, como já vimos, é oriundo do francez.

Vicioso — Ah! vicio! vicio! Mas vamos ao incendio.

Correcto — A estas horas, só ás cinzas delle.

Vicioso — E deve haver por lá mesmo muita cinza, por ser uma fabrica de alinhagem.

Correcto — Essa nova industria *alinhagem* é que eu ignorava completamente. Vou tomar nota no meo canhenho.

Vicioso — Espera lá, espera lá: Fabrica de *linhagem* é que eu queria dizer. Já não marcarás mais um erro no teo canhenho prosodico.

Correcto — Mas sim, dous: *alinhagem* e *linhagem*.

Vicioso — Desembaraça-me então de tanta *linha* e *alinha-me* depois na fileira da recta pronúncia daquella palavra.

Correcto — Mas como te emmaranhaste assim tanto no novello prosodico?

Vicioso — Confesso-te que mesmo não sei.

Correcto — Resas-me então de novo o Peccador, não é isso? Nesse caso, estás perdoado; por conseguinte, vou dar-te aqui a communhão: Dizer-se *alinhagem* é grossa tolice, e *linhagem* é formado da palavra *linha* e da desinencia augmentativa *agem*, significando d'ahi a palavra *linhagem* o seguinte: *serie de parentes descendentes de um progenitor commum*. Deves conhecer a expressão muito commum: *Cavalleiro de alta linhagem*, para designar o descendente de familia nobre, etc. A recta pronúncia da palavra em que gastaste tanta *linha*, sem necessidade, é: *niagem*, ou *aniagem*, que vem a ser: *lençaria grossa de linho crú para capa de fardos*.

Vicioso — Obrigado pela communhão, que tambem me tirou mais este fardo de pronúncia, que desde ha muito tempo trazia sobre a lingua.

Correcto — Por falares em lingua. E que grandes linguas de fogo, as do tal incendio?! Crédo! Foi uma cousa horrorosa!

Vicioso — É verdade! Cada lavaréda que mettia medo!

Correcto — Antes o fosse.

Vicioso — Não te comprehendo!

Correcto — Quero dizer que se fossem *lavarêdas* seria cousa de *lavagem*, e em tal caso o incendio se extinguiria. Pois não te parece que *lavarêda* só poderá derivar-se de *lavar*?

Vicioso — Lava-me então mais este vocabulo com a pura agua da tua fonte prosodica.

Correcto — Queres uma simples lavagem, ou uma grossa esfregação com casca de côco e sabão?

Vicioso — Como me falaste quasi em verso, vou te responder na mesma toada:

> Não quero simples lavagem,
> Quero grossa esfregação,
> Dada com toda a coragem,
> Casca de côco e sabão.

Correcto — Então lá vae:

> Diz o Moraes, meo menino,
> Ser tal nome derivado
> Do *lábaro* de Constantino,
> Porem 'stá muito enganado!
>
> Do grego: *lamprós* (brilhante
> Luminoso, qual a seda)
> Forma-se elle, e d'ora avante
> Pronuncía: *labarêda*.

Vicioso — Não foi má a esfregação, mas o peior é que eu estou tambem a esfregar os olhos de somno,

pois pouco dormi a noute passada, por causa do tal incendio. Quero vêr se vou agora para a casa passar por uma madorna, porque daqui a algumas horas tenho que trabalhar.

Correcto — Dou-te meos parabens! Com que então virou-se o feitiço contra o feiticeiro?! Tu que dizias que a tal Companhia equestre devia contractar-me como acróbata, afinal, tu é que foste o contractado.

Vicioso — Mas que disparate estás ahi a dizer?! Quem foi que te falou nisso?!

Correcto — Tu mesmo. Pois não acabaste de dizer que vaes passar por uma *dorna má*, ou por uma *má dorna*, porque tens que trabalhar daqui a algumas horas? Não se chama *dorna* a uma pipa? Ora, se estás a ensaiar este trabalho de passar por dentro de uma pipa, logo, é porque entraste para a Companhia equestre e acrobatica.

Vicioso — Agora já não prégo olho, sem primeiro me pregares o sermão da verdadeira pronúncia dessa palavra, com que arranjaste tão impagavel trocadilho.

Correcto — Dizes bem *sermão*, porque a tal *madorna* é digna de se lhe pregar um bom *sermão de lagrimas*, não só pela sua má pronúncia, mas tambem pelo seo máo emprego de significação. Prepara-te agora para enxugares as lagrimas: A verdadeira pronúncia daquella palavra é: *modorra*, do egypcio: *moten* (estar tranquillo) e *raçoni* (somno). De *moten* tambem se deriva outra palavra egypcia: *mout*, (morte). Vamos agora á significação: Geralmente empregam a palavra *madorna* em vez de *modorra*, para exprimir um *ligeiro*

somno, quando *modorra* quer dizer: *somnolencia quasi lethargica*, e por isso é que a expressão o *somno da modorra* é empregada no sentido de: *o somno o mais profundo*. Então, meo Vicioso, que tal o sermão?

Vicioso — Na verdade provoca lagrimas, mas... de vergonha, pela grande ignorancia em que muitos ainda vivem, a respeito da pronúncia e significação desta palavra!

XXX

Lustro — Lustre — Trincal — Burnir

Vicioso — Sabes, meo Correcto, que briguei hoje com a minha engommadeira?

Correcto — Por causa da demora com a roupa? A minha tambem tem este costume.

Vicioso — Demora-se muito! E as camisas levam lá um lustro, de que eu nada gosto.

Correcto — Isso tambem é demais! Gastar cinco annos para engommar umas camisas! Se fosse commigo, nem cinco mezes supportaria.

Vicioso — Cinco annos?!

Correcto — Pois não disseste que as camisas levam lá um lustro de que nada gostas? Logo, é porque levam lá em casa da engommadeira cinco annos para serem engommadas. Não se chama *lustro* ao periodo de cinco annos?

Vicioso — Ora bólas! Não é que troquei as bólas?!

Eu suppunha que *lustro* significava o *brilho* e que *lustre* fosse o periodo de cinco annos.

Correcto — Pois é justamente o contrario, meo Vicioso. A palavra *lustro* é o puro ablativo latino: *lustro,* do substantivo neutro: *lustrum, lustri.* Este termo de historia antiga designava o periodo de cinco annos, porque no fim d'elles se faziam em Roma as *lustrações* da cidade. Quanto á palavra *lustre,* derivada de *luz,* é que significa: *o brilho da superficie, luz reflectida por superficie lisa,* e tambem: *lampadario de crystal.* Mas afinal, acho exquisito não gostares de lustre nas camisas!

Vicioso — Do que eu não gosto, meo Correcto, é do ingrediente de que usa minha engommadeira para dar lustre ás camisas, isto é, do trincal, que lhes põe, e que só serve para cortar a roupa.

Correcto — Esta é que eu não posso *trincar!* Já viste *trincal* cortar a roupa?

Vicioso — Porque não?! Pois não é um sal?!

Correcto — Estás enganado. O sal de que usam as engommadeiras para dar lustre ás camisas é o *tincal,* da voz persa: *tencal,* que vem a ser o *borax,* que é um sal que ajuda a derreter os metaes e outras substancias.

Vicioso — Tambem foi só questão de encaixar um *r* na palavra. Pois é verdade. Emquanto as senhoras engommadeiras usarem o celebre *tincal,* commigo perderam o freguez. Seja embora esse processo o melhor para burnir as camisas, cá por mim o dispenso.

Correcto — *Burnir* as camisas?! Que vem a ser isso?!

Vicioso — Pois *burnir* não é o mesmo que *lustrar* ?!

Correcto — Não é, não foi, nem nunca o será.

Vicioso — Que significa então *burnir* ?

Correcto — Cousa nenhuma. O que queres dizer e que a lingua te não ajuda é: *brunir*, pura palavra franceza *brunir*, formada de *brun* (escuro). Ainda assim, *brunir* não significa *tornar brilhante e claro*, mas sim: *dar côr parda, ou escura, e alisar a superficie, tornando-a brilhante*. Diz-se com propriedade *brunir*, o alisar, dar brilho, ou lustre aos metaes, ás pedras, ao marfim, ao páo, ao couro, esfregando a superficie com corpo duro, e mui liso, ou polido. As botas engraxadas, por exemplo, diz-se que são *brunidas*, por terem o brilho sobre o escuro, mas o peito da camisa que requer seja d'um claro brilhante, nunca poderá ser *brunido*, mas sim levar o *lustre*, ou simplesmente *brilho*.

Vicioso — Com tanto *lustre* prosodico, meo Correcto, é impossivel que desta vez a senhora minha lingua não brilhe no céo da bocca, donde me têm sahido vocabulos tão mal estrellados na pronúncia!

XXXI

Tramela — Tralhão — Bringela

VICIOSO — Fizeram-me hontem uma tramela, meo Correcto, que me tem aborrecido muito.

CORRECTO — Ora adeus! Não faças caso. A uma pequena intriga não se deve ligar importancia.

VICIOSO — Porque dizes pequena intriga?

CORRECTO — Porque uma *tramela* não póde ser senão uma pequena *trama*, que no sentido figurado quer dizer: *tramoia*, *enrêdo*, *ardil doloso*, *intriga*, etc.

VICIOSO — Tu é que és muito ardiloso! Não sabes então que eu me refiro á peça de madeira cravada em um prégo, onde se volve para segurar as portas?

CORRECTO — Se me tivesses dito *taramela*, que é o nome dessa peça de madeira, logo saberia, mas como me falaste em *tramela*, suppuz ser o diminutivo de *trama*, como já te expliquei. Esse erro, meo Vicioso, procede de pronunciarmos brandamente a palavra, e

por isso soar aos ouvidos de muitos: *tramela,* em vez de *taramela;* entretanto, deves ouvir todos pronunciarem *taramela,* quando empregam a phrase muito commum: *Dar á taramela,* para exprimir: *falar muito.* Certamente não terás ouvido ninguem dizer: *Dar á tramela.*

Vicioso — É que quando proferem o substantivo isoladamente, dizem *tramela,* pela *lei do abrandamento,* ou *de menor esforço.*

Correcto — Ou melhor: Pela *lei da maior preguiça,* que é como eu sempre a traduzo.

Vicioso — Voltando agora ao caso: Fizeram-me (deixa corrigir-me) uma *taramela,* que muito me aborreceo, mas agora é que vejo que fui o unico culpado, porque dei o molde para o carpinteiro fazél-a, e afinal, não sahiu coisa que prestasse. Em parte foi bem feito para me não metter a tralhão.

Correcto — Mas o que vem ahi fazer esse augmentativo de *tralha,* não me dirás?

Vicioso — De *tralha?!*

Correcto — Sim, porque *tralhão* não é mais do que o augmentativo de *tralha,* que como sabes é o nome peculiar da *malha* das rêdes. Esta palavra, meo Vicioso, tambem pertence á familia das que se corromperam pela tal *lei do abrandamento,* pois sua verdadeira pronúncia é: *taralhão,* nome de uma ave vulgar mui gárrula; por isso, tambem se o applica figuradamente á pessoa que fala muito, e bem conhecida é a phrase: *metter-se a taralhão,* como ha pouco empregaste, embora errando na pronúncia da ultima palavra

da mesma phrase. Como correlativa áquella temos tambem est'outra: *Gostar de metter sua colhér.*

Vicioso — Por esta phrase: *Gostar de metter sua colher,* lembrei-me agora de que hoje ao jantar vou metter a colhér e com vontade num pratinho de bringelas, o qual espero estar delicioso! És tambem apreciador da bringela?

Correcto — Não. Sou mais apreciador da *beringela,* mais outra victima da tal *lei do abrandamento.*

Vicioso — Cá tomarei nota, e crê, meo Correcto, que, se a vontadinha de comer alguma cousa não fosse tanta, mais me demoraria hoje na bôa prosa comtigo, mas como sabes, nós não governamos o estomago, e quando elle bate aquellas horas certas da refeição, não ha outro remedio sênão obedecêl-o.

Correcto — Sem ceremonia, podes ir, quando queiras, mas com a tal vontadinha de comer com que estás, apósto que já te esqueceste das tres victimas da Santissima Pronúncia, as quaes serviram de assumto da nossa palestra de hoje.

Vicioso — A prova de que não me esqueci, é que vou mandar o carpinteiro fazer outra *taramela,* e não me metterei mais a *taralhão,* salvo, se alguma bôa *beringela* me chamar para eu dar opinião sobre seo sabôr.

XXXII

Rochonchudo — Mugído — Traquino — Minguinho.

Vicioso — Bem diz o dictado, meo Correcto: *Novos ares, novos climas.* Depois que levei a familia para o campo, todos mudaram. Fortaleceram, engordaram, e adquiriram bôas côres. O pequenito é que eu noto que está muito rochonchudo.

Correcto — Isso é que é máo! Porque não o mandas sangrar?

Vicioso — Sangral-o?! Porque?!

Correcto — Por estar assim muito *roxo*. Olha que o sangue, quando é de mais, prejudica. Não disseste que o pequenito está muito roxonchudo? Logo é porque está muito *roxo*.

Vicioso — Mas o *rochonchudo* que pronunciei, não escrevo com *x*, e sim com *ch*. Ha então em portuguez a palavra *rochonchudo* com *x*, derivado de *roxo*?

Correcto — Não, meo Vicioso, nem tão pouco com *ch*, mas como *rôcho* não é palavra alguma, e tem o som egual ao do adjectivo *roxo*, por isso, suppuz que querias formar algum derivado deste adjectivo, comquanto não fosse lá muito bem formado. Em todo caso, podia ser tambem um neologismo, que tivesses ouvido de alguem do campo, e que pelo habito o empregasses na conversação.'

Vicioso — Pois olha, meo Correcto, muita gente boa...

Correcto — Assim o diz, bem sei. É a tal cousa, meo Vicioso: *Todos assim o dizem, sempre ouvi dizer assim, sôa-nos melhor ao ouvido*, e outras da mesma força. O caso é outro: Esse termo *chulo*, o qual significa: *mui gordo*, deve ser pronunciado: *rechonchudo*, formado da palavra *recheio* e da desinencia *chudo*, do francez *chou* (couve).

Vicioso — Perdão. Não consinto que me chamem o pequeno de *recheio de couve*, ou *couve recheiada*.

Correcto — Faz-te talvez confusão a palavra *recheio*, porque suppões ser o *picado*, ou *massa*, de que se enche a barriga da gallinha, perú, leitão, ou peixe, assado, ou frito, ou com que se enchem paios, chouriços, pepinos, empadas, etc. A palavra *recheio*, meo Vicioso, é composta do prefixo intensivo *re*, que quer dizer *muito*, e do adjectivo *cheio*, significando, portanto, *recheio*, o mesmo que *muito cheio*, e no sentido figurado exprime: *grande quantidade*. Já vês que não te quiz falar de *recheio de couve, nem de couve recheiada*, mas sim de *couve muito cheia*, ou *volumosa*, que é,

na verdade, o que parece ser a pessôa muito gorda, ou arredondada.

Vicioso — Sabes tambem, meò Correcto, porque o pequenito está assim tão *rechonchudo*? É por causa do leite de uma bôa vacca que tenho, o qual lhe dou todos os dias e com pequenos intervallos.

Correcto — Na verdade, quando o leite de vacca é bom, não ha melhor alimento para as crianças.

Vicioso — E como é tambem agradavel o mugido da vacca!

Correcto — Nesse ponto discordo. Eu aprecío mais o leite de vacca, do que o *mugido* desta; porque não ha nada mais insupportavel do que os bérros deste animal!

Vicioso — Mas leite *mugido*...

Correcto — Só poderá ser derivado de *mugir*, e como este verbo exprime o gritar desentoado do touro, boi ou vacca, leite *mugido* não poderá significar o leite tirado ás vaccas, cabras, ou ovelhas. A esse se deve chamar: leite *mungido*, do verbo *mungir*, alterado do latim: *múlgeo, mulgére*, que significa: *ordenhar*.

Vicioso — Deixe-me beber este delicioso copo de leite, *mungido* pela mão da tua vigorosa Prosodia! É verdade, meo Correcto, que o leite de cabra faz o pimpôlho ficar um traquino? Será isso exacto?

Correcto — Não. O que o pimpôlho poderá ficar é um *traquinas*, palavra esta que sempre se usa sob a fórma feminina e no plural, e que significa: *buliçoso, travesso, inquieto*, etc.

Vicioso — Pois meo pequenito não tomou, nem

toma leite de cabra, e é um grande *traquinas*. Esperto como elle só! Ainda não tinha dous annos o marôto e já sabia a historia do dedo minguinho. Parece incrivel!

Correcto — E foste tu que fizeste esta parodia?

Vicioso — Que parodia?!

Correcto — Esse tal dedo *minguinho*.

Vicioso — Mas porque chamas a isso parodia?

Correcto — Porque eu tambem conheço uma historia com o nome de dedo *meiminho*, ou *meminho*.

Vicioso — Conta-me então essa historia que, naturalmente, faz parte da collecção prosodica de outras, que me tens contado. E é muito comprida?

Correcto — Não, é até muito curtinha: Foi um dia um idioma chamado latino, que tendo casado com a lingua portuguesa, deixou-lhe, quando morreo, uma grande fortuna, muitos bens de raiz, e dentre estes legou-lhe tambem um interessante e pequenissimo terreno, denominado *minimus*, a que essa rica viuva chama hoje *minimo*, e no qual construio tambem um pequenissimo abrigo sob o nome de *meiminho*, ou *meminho*, em memoria do seo fallecido marido. Havendo nesse pequenissimo abrigo duas unicas janellinhas, onde em cada qual só cabia o menor dedo da mão, ficou dahi por diante esse menor dedo denominado *meiminho*, ou *meminho*. Ora ahi está contada a historia, e esse tal dedo entrou por uma janellinha e sahio pela outra.

Vicioso — E iguaes a esta conta-me sempre outras.

XXXIII

Merinó — Degotado — Chamalote Lantejoulas

Vicioso — Estive hontem num baile, meo Correcto, onde muito me ri, por causa de um exquisito vestuario, com que se apresentou uma pretenciosa velhota, feia como um jacaré, e já muito carcomida pela traça do tempo. Não imaginas que figura! Era uma perfeita mascarada! Trazia um vestido de merinó branco, degotado, com fitas de chamalote encarnadas e amarellas e cheias de lantejoulas. Não te digo nada. Tomei a velhota á minha conta, e prometti-lhe que a descripção do seo vestuario sahiria nos periodicos, e que seria destacado dos outros pelo bom gosto e originalidade. Mas não avalias a decepção porque passei! Depois que dei a noticia, é que me disseram hoje que aquella exquisitona velhota é uma senhora muitissimo illustrada e perfeita conhecedora do idioma portuguez, e que tem escripto alguns livros sobre nossa lingua.

Correcto — Nesse caso, meo Vicioso, dou-te meos pezames. Foste buscar lã, e sahiste tosquiado. Se a velhota conhece bem o portuguez, como dizes, vae com certeza notar a serie dos vocabulos incorrectos que naturalmente citaste na tal descripção do vestuario.

Vicioso — Mas se não viste a descripção que fiz, como é que sabes que empreguei uma serie de vocabulos incorrectos?

Correcto — Comquanto não tivesse lido a descripção, comtudo, quer me parecer que havias de lhe ter empregado as palavras: *merinó*, *degotado*, *chamalote* e *lantejoulas*. Bastam estas quatro para representar a serie dos vocabulos incorrectos de que te falei.

Vicioso — É verdade! Empreguei todas essas palavras, mas porque assim sempre as escrevi e pronunciei. Essa agora é que foi uma dos diabos! Por isso, lá diz o dictado: *Não se ria o rôto do descosido*. Quem me mandou fazer caçoada da pobre velha, por não saber se vestir, quando eu tambem não sei falar, nem escrever?!

Correcto — E a noticia da descripção encerra alguma chacota, relativa ao disparatado do vestuario?

Vicioso — Pois não! Mette-a até ao ridiculo!

Correcto — Então, meo Vicioso, estás perdido! Agora é que ella se vae vingar sériamente de ti. Espera pela resposta, ou melhor, pela corrigenda daquelles erros.

Vicioso — Eureka! Eureka! Descobri um meio de salvação. Passarei por critico humoristico, mas não por ignorante.

Correcto — Qual é então, esse meio de salvação?

Vicioso — És tu.

Correcto — Mas eu não conheço a tal velha.

Vicioso — Mas conheces a lingua portugueza e é quanto basta. Corriges-me os taes erros, e eu antes que ella me responda, escrevo-lhe uma carta, dizendo que os compositores, pelo habito do vicio de pronúncia, adulteraram-me a orthographia de algumas palavras, e então, cito-as todas direitinhas, como devem ser. Que aćhas da idéa?!

Correcto — Não é má, porem, podia ser melhor.

Vicioso — Como seria então *melhor?*

Correcto — É que se *corrigires* esses erros que te apontei, não corrigirás outros que talvez hajam no correr da mesma noticia.

Vicioso — Dizes bem. Comquanto a noticia seja pequena, comtudo sempre pode haver uma ou outra palavra mal escripta. Antes porem de ir buscar a noticia para mostrar-te, corrige-me primeiramente os erros que me apontaste, porque já estou ancioso por saber qual a fórma correcta dos mesmos.

Correcto — Escreveste *merinó* com accento agúdo no *ó?*

Vicioso — Escrevi.

Correcto — Pois não o devias ter feito. Essa palavra é puramente castelhana, e se pronuncia *merino,* que quer dizer *errante,* sendo por isso chamado carneiro, ou ovelha *merino,* os que mudam de terra, de pasto nas diversas estações, e tem lã muito fina. O correlativo desta palavra em portuguez é: *meirinho,*

meirinha. Nunca ouviste falar no panno *meirinho*? Pois em Gil Vicente na «Arte da Feira» encontra-se esta passagem:

> *Mart* — Tende vós aqui borel
> Do pardo de lã *meirinha*?
> *Bran* — Eu qu'ría uma pucarinha
> Pequenina para mel.

Se o povo diz *merinó,* meo Vicioso, é porque os francezes pronunciam longa essa palavra, por causa da natureza do seo idioma, e como o commercio francez assim pronuncía, nosso commercio o arremedou. Como frisante exemplo, temos tambem a palavra *cordão,* adulterada do francez *cordon,* diminutivo de *corde,* quando pela terminação *ão* da palavra portugueza *cordão,* devia ser esta um augmentativo, e não um diminutivo.

Não se deve tambem dizer *degotado,* mas sim *decotado,* do verbo latino *decútio, decútere,* composto do prefixo intensivo *de,* que exprime *muito,* e do verbo grego *kóptô* (cortar) O verbo *decotar* tem por isso as seguintes applicações: *cortar* os ramos inuteis da arvore e rente com o tronco; extirpar o que é máo, inutil, nocivo, etc; assim, por exemplo: a cauda das aves, o rabo, as orelhas do cavallo, cão, etc. Com relação ao vestido de mulher significa: talhal-o de fórma, que deixe vêr grande parte do peito e dos hombros.

Quanto á palavra *chamalote,* não é esta de muito bôa orthographia, pois sendo derivada do francez *ca-*

*

melot, melhor será dizer *chamelote*, comquanto seja aquella forma mais usada.

Vicioso — Mas agora é que observo, meo Correcto; Entre *chamalote* e *chamelote* é tão pequena a differença, apenas a troca do *a* por *e*, que muitas vezes poderá uma pessôa enganar-se, ficando na dúvida se o certo será *chamalote*, ou *chamelote*.

Correcto — Não creio que isso aconteça, pelo seguinte: Se uns pronunciassem *chamalote*, e outros *chamelote*, vá; mas como geralmente se pronuncía *chamalote*, não será difficil distinguir em *chamelote* a fórma correcta.

Vicioso — Eu já estava de mnemonica preparada para me não enganar, porem, como acho razoavel o que dizes, não empregarei mais a mnemonica.

Correcto — Qual era então a mnemonica?

Vicioso — A seguinte e muito simples: Quando a vires não *chama lote*, melhor será que se lhe *chame lote*.

Correcto — Tambem serve. É bôa mnemonica.

Vicioso — E a outra palavra?

Correcto — É verdade. Sobre *lantejoulas*, tambem te direi que se pronuncia: *lentejoulas*, do francez *lente* (lentilha) e *jouel* (joia). Vae agora buscar a noticia que déste para eu vêr.

Vicioso — Sim, meo Correto, vou buscal-a, para que ella receba as *lentejoulas* das tuas brilhantes correcções.

XXXIV

Intrincado — Desvencilhar-se

VICIOSO — Metti-me ahi num negocio intrincado, meo Correcto, que me tenho visto em sérias difficuldades!

CORRECTO — Más se o negocio é *intrincado,* nesse caso não deve offerecer difficuldades, porque, se *trincado,* quer dizer *cortado com os dentes,* que é o que significa o verbo *trincar,* o termo *intrincado* deverá significar: *não cortado com os dentes.* Ora, como o que *não é cortado com os dentes* não deve offerecer *esforço,* ou *difficuldade,* logo, tudo quanto fôr *intrincado,* deverá significar: *cousa não difficil,* ou *de facil execução.* Não achas que é razoavel o que digo?

VICIOSO — Não. Acharia mais razoavel, se, logo após essa conclusão, que não deixa de ser logica, me corrigisses tambem a pronúncia desse tal *intrincado,* que, pelo que me disseste, já sei que foi mais outro cochilo que dei, diante da Ex.ma Sr.a D. Orthoépia.

Correcto — Na verdade, meo Vicioso, orthoepicamente falando, estás muito dorminhôco.

Vicioso — Que queres? Estou muito atrazado com o Morpheo da bôa pronúncia, por isso é que dou destes cochilos nas vigilias da minha ignorancia. Se me désses agora um bom narcotico prosodico para poder dormir e sonhar com a deusa Recta Pronúncia, crê que te ficaria muito grato, e depois de desperto, relatar-te-hia minuciosamente o que tivesse sonhado.

Correcto — Não ha remedio. Lá vou servir outra vez de medico.

Vicioso — E de medico *orthoépico,* que vem a ser uma distincta especialidade.

Correcto — Melhor será dizeres *orthopédico* por estar sempre a concertar os aleijões dos vocabulos mal pronunciados por ti.

Vicioso — Tens razão. Não podia ser mais apropriada a denominação. Realmente tens sido o medico *orthopédico* dos vocabulos por mim mutilados na pronúncia.

Correcto — Queres então o narcótico?

Vicioso — Venha de lá isso.

Correcto — Ahi o tens: A verdadeira pronúncia daquella palavra é: *intricado,* do verbo *intricar,* derivado do latim: *intricare,* sendo este formado de *trica,* do grego *thrix* (cabellos, ou pennas em que se envolvem os pés das aves para lhes tolher o moverem-se.) Dahi ficou o verbo *intricar* com a significação de: *enlear, enredar em tricas e trapaças, embaraçar, emmaranhar, complicar,* etc. Não ouves empregar a palavra

tricas, (que só se deve usar no plural, como em latim) com a significação de: *enredos, maranhas, trapaças forenses, ou chicana?* Não conheces tambem a phrase: *Andar envolvido em tricas?* Ora, não se dizendo *trincas*, mas sim, *tricas*, logo, o verbo dahi derivado deve ser *intricar*, e não *intrincar;* assim como seo participio deve ser: *intricado*, e não: *intrincado*. Temos ainda como prova o verbo *intrigar*, com igual significação, e que não é mais do que o mesmo verbo *intricar*, modificado apenas pela mudança do *c* em *g*, como consoantes da mesma classe. Desperta agora do narcótico, e conta como me prometteste o sonho que tiveste.

Vicioso — Ah! meo bom Correcto! Que sonho delicioso! Foi pena ser tão curto! Como eu desejaria sonhar eternamente com o verdadeiro mundo prosodico, onde ha pouco me achei! E como estava seductora a deusa Recta Pronúncia! Quanta puresa nos seos labios! Quanta logica nas suas phrases! Quanta precisão em seos termos; finalmente, quanto esmero e correcção! Alli, sim! Alli é que se vive prosodicamente bem! Que se respira o puro oxygeneo, que se desprende da grande arvore dos vocabulos!

Quem me dera transportar-me de uma vez para aquella celestial região! E, enamorado da deusa Recta Pronúncia, poder depois estreital-a em meôs braços, e dizer-lhe cheio de jubilo: És agora minha, sómente minha, oh! encantadora deusa!

Correcto — Ficaste então captivo do verdadeiro mundo prosodico, e apaixonado pela deusa Recta Pronúncia, não é assim?

Vicioso — Fiquei, meo Correcto, aqui o confesso, e quando eu me desvencilhar desta grosseira roupagem do vicio, e chegar áquella sublime região da Pronúncia, não sei o que mais poderei desejar!

Correcto — Mas, para chegares á sublime região da Pronúncia, será preciso não te *desvencilhares*, mas sim, *desenvencilhares-te* tambem de mais este vicio prosodico, por ser este verbo composto do prefixo disjunctivo *des*, deste outro prefixo *en*, junto ao substantivo *vencilho* com a desinencia verbal *ar*, e do reflexivo *se*. Deves saber que se chama *vencilho* (do latim: *vincio, vincire,* atar) ao atilho, baraço de palha, de junco, ou de verga para atar pavêas, mólhos, ou feixes. Diz-se vulgarmente: *Em um vencilho*, correspondendo ás expressões: *Juntamente de uma só vez*. Não menos commum é tambem a phrase: *Não tem atilho, nem vencilho*. Assim pois, *desenvencilhar-se* litteralmente explicado quer dizer: *Não se metter em vencilho*, isto é: *Desatar-se, soltar-se, desprender-se* (o que estava atado com *vencilho*) e dahi no sentido figurado: *desembaraçar-se de uma coisa qualquer*.

Vicioso — Permitta Deos, amigo Correcto, que de hoje por diante eu não fique mais *intricado* com a bôa pronúncia dos vocabulos, e que me *desenvencilhe* do vicio, de uma vez para sempre!

XXXV

Registar — Registo — Rúbrica — Calhamaço

Vicioso — Muito desejaria, meo Correcto, reunir num grande livro, já se sabe, dedicado a ti, todos os vicios de pronúncia, que até hoje tenho commettido, e acompanhado das correcções que sobre os mesmos me tens feito; mas, para isso seria preciso recordar-me, não só de todos elles, mas tambem das suas respectivas emendas. Creio que não seria difficil registar tudo isso, e dar a esse livro o titulo de *Registo da Pronuncia Viciada*. Que achas da idéa?

Correcto — Não é má, porém, seria mais agradavel á boa etymologia se pudesses *registrar* tudo num livro intitulado: *Registro da Pronúncia Viciada*.

Vicioso — Tenho tambem ouvido assim pronunciar, mas como alguns diccionarios dão *registar* e *registo*, por isso...

Corretto — Acceitaste a opinião dos que assim

dão, e recusaste a de outros, não foi isso? Pois commigo dá-se o contrario: Recuso a opinião dos que dão *registar* e *registo*, e acceito a dos que dão *registrar* e *registro,* pela seguinte razão, que não deixa de ter seo fundamento logico: O verbo *registrar,* dizem elles, é derivado do latim: *registrare,* composto da palavra *res* (negocio) *agĕre* (fazer) e *struo, struĕre* (dispôr, assentar, copiar por inteiro, ou em extracto no livro do registro). Como argumento tambem poderoso, temos o francez, idioma neo-latino, o qual não diz *register,* nem *registe,* mas sim: *registrer* e *registre.*

Vicioso — Vou *registrar* mais esta no meo *Registro da Pronúncia Viciada.* É verdade. Desejo que este livro, depois de prompto, leve a rúbrica do meo amigo Correcto, para dar-lhe maior valôr.

Correcto — Agradeço-te a attenção, mas como não ponho *rúbrica* em papel algum, por isso não poderei tambem pôl-a em teo livro.

Vicioso — Negas-me então tua firma, e num livro que te é dedicado?!

Correcto — Não nego, nem poderei negal-a. O que sómente nego é a *rúbrica.*

Vicioso — Logo, negas a firma!

Correcto — Não, meo Vicioso, o que eu nego é a pronúncia breve do vocabulo, que pronuncio e pronunciarei sempre longo: *rubríca* por ser pura palavra latina: *rubrīca, rubrīcæ,* que era antigamente o nome que se dava á terra vermelha, que servia para estancar o sangue. Tambem se chama ao almagre com que os carpinteiros marcam as linhas na madeira para a

serrarem. Esse nome foi igualmente dado aos titulos, que estão nos livros de direito civil e canonico, porque eram antigamente impressos em vermelho. Por extensão é que veio a significar: firma, signal, cifra que muitas pessôas fazem no fim dos seos nomes, assignatura, do nome em breve, ou firma especial de personagens, ou de certas repartições.

Vicioso — Mais outra palavrinha para o *Registro*.

Correcto — Desse modo vae ficar um livro muito volumoso. Pois, se de instante a instante estás a te corrigires de erros de pronuncia, de que tamanho não sairá esse livro?!

Vicioso — Mas, para não ser maçador, eu terei o cuidado de publicar primeiro um pequeno volume, depois outro, e mais outro, e assim por diante; pois bem sei que ninguem supportaria um calhamaço!

Correcto — Eu, pelo menos, não o supporto. Prefiro um mosquito cantador a zumbir-me nos ouvidos, do que o dissonante *calhamaço* a penetrar-me nelles. Não imaginas os arrepios prosodicos que sinto, quando ouço assim pronunciar esta palavra!

Vicioso — Bem me disseste que é de instante a instante, que estou a incorrer no vicio da pronúncia. Sendo assim, meo Correcto, desisto desde já da empresa que tentei de organisar esse trabalho, porque já vejo que seria interminavel! Agora é que *calha* o *maço* que te vou dar, pedindo-te que me corrijas a má pronùncia *calhamaço*.

Correcto — A correcção é facilima: Sabes que se chama *cânhamo* á planta que produz um linho grosso,

pois juntando-se á palavra *cánhamo* a desinencia augmentativa *aço*, temos ahi a palavra *cánhamaço* (pronuncia correcta) para exprimir cousa grosseira, como é o panno ordinario do linho *cánhamo*. Mais claro do que isso...

VICIOSO — Só tinta de escrever!

XXXVI

Papavento — Bogarim — Bogarí — Tulípa Chrysanthêmo.

Vicioso — Sabes que mandei pôr no torreão da minha casa um papavento? Não calculas a graça que as crianças acharam nisso!

Correcto — Pudera! Naturalmente mandaste lá pôr algum grotesco boneco com a bocca aberta, como que querendo engulir, ou *papar* o *vento*? Até eu, sem ser criança, acho tambem graça na tua idéa!

Vicioso — Qual boneco! Pois então não sabes que é a tal bandeirinha muito commum?

Correcto — Ah! Mas isso se chama *catavento*, palavra esta, formada do verbo *catar*, ou *buscar*, e do substantivo *vento*.

Vicioso — Mas agora bem pensado, meo Correcto, digo te aqui que não será nenhuma tolice dizer-se tambem *papavento*, porque desde que aquelle objecto *cata*, ou *busca* o *vento*, o mesmo é que o *papar*.

Correcto — Mas com que bocca, meo Vicioso? Esta é que se não póde *papar*, nem mesmo feita em *papas*. E tu o que precisas é não estares a *papar* a bôa pronuncia das palavras.

Vicioso — Pois deixemos agora o *catavento* no torreão da casa, e desçamos até ao jardim da mesma, o qual, não imaginas, está uma belleza! Tenho alli flôres de quasi todas as qualidades. Falta-me agora uma, que qualquer dia hei de arranjar.

Correcto — Qual é ella?

Vicioso — O bogarim.

Correcto — É perderes a esperança, meo Vicioso, que não encontrarás esta flôr.

Vicioso — Porque?

Correcto — Porque não existe.

Vicioso — Como não existe?! É até muito commum. Eu é porque não me dei ainda ao trabalho de ir arranjal-a.

Correcto — Poderá ser muito commum no canteiro boccal dos que mal a pronunciam, dizendo tambem alguns *bogarí*, mas não no mimoso e verdadeiro *jardim-prosodico.*

Vicioso — Queira perdoar-me, meo Correcto. Neste momento o humilde canteiro boccal pede licença para abrir seo seio, e nelle receber a pura semente orthoépica dessa linda flôr, que muito o honrará, se dignar-se de dar-lhe seo verdadeiro nome.

Correcto — Seo verdadeiro nome, meo Vicioso, é *Mogorim,* que vem a ser a rosa branca, oriunda de Mogor.

Vicioso — Perdôa-me então, meo lindo Mogorim, ter até hoje adulterado vosso nome de baptismo.

Correcto — Assim pronunciando, com certeza agora a encontrarás nos mais floridos jardins, e poderás transportal-a para o teo, sem receio de offender a pureza do seo delicado nome.

Vicioso — É uma das flôres, meo Correcto, que mais aprecio! E que agradavel aroma que possue! Ahi temos outra tambem, de que sou muito apaixonado, só pela belleza das variadas côres: A tulipa.

Correcto — Que?! Como que falaste em *xulípa?!*

Vicioso — Ah! marôto! Isso é talvez alguma *xulípa prosodica* que me queres dar, e vens então com este disfarce. Vamos lá, ataca-me essa *xulípa,* mas em cheio e com vontade, a vêr se eu fujo pela estrada do vicio, e me encaminho pela linda Avenida da Bôa Pronuncia!

Correcto — Ora toma lá a *xulípa:* Essa flôr, que veio da Turquia, e que se parece no feitio com os turbantes Esclavonios, a que os Turcos chamam: *tulipant,* donde fizeram *tulipen,* nome da flôr entre elles; essa flôr, que lhes orna a fronte, e que lhe fazem o emblema do amôr, e sobre a qual, nos primeiros dias da primavera, celebra-se uma festa no serralho do grão-senhor; essa flôr, que sobre as margens do Bosphoro representa o emblema da inconstancia; essa mesma flôr, que tem sua historia, por ter exercido grande influencia na Hollanda, desde 1644 até 1647, subindo nessa época a elevadissimos preços; essa flôr, ainda, que transtornou a cabeça de muitos, enriquecendo

grande numero de floricultôres; essa flôr, finalmente, meo Vicioso, deve ser pronunciada breve: *túlipa*. Talvez a pronunciem longa, por ser longa em francez: *tulípe*.

Vicioso — Pois bem. De hoje por diante assim a pronunciarei, mas confesso que só tenho pena de uma cousa.

Correcto — De que?

Vicioso — Dos pobres poetas não terem talvez mais outra rima para a palavra *xulípa!*

Correcto — A poesia que tenha paciencia, que tambem leve desta vez sua *xulípa,* porque a prosa já se tem sacrificado muito por ella!

Vicioso — Lá isso é verdade.

Correcto — Mas porque te lembraste da poesia?

Vicioso — Porque como se falou em flôres, e estas são muito amigas d'aquella, por isso é que me lembrei.

Correcto — Com que então góstas muito de flores?

Vicioso — Sou louco por ellas, meo Correcto! Agora, por exemplo, estou todo voltado para o chrysanthêmo! Não é por ser a flôr da moda, mas realmente, é muito *chic!*

Correcto — Ah! Pourquoi non?! Le chrysanthème est une fleur très chic!

Vicioso — Que!? Estás a falar francez?!

Correcto — Estou a te responder no mesmo idioma, em que me falaste. Não disseste *crysanthêmo* com a pronuncia franceza *crysanthème,* acompanhado do puro francezismo *chic?* Por isso eu tambem passei para o francez toda a phrase da resposta.

Vicioso — Ora essa! Não se diz então *chrysanthêmo?!*

Correcto — Que por ahi se diz *chrysanthêmo,* sei eu. Basta este nome ser longo em francez, para o fazerem tambem longo em portuguez. Não viste já o mesmo com a palavra *túlipa,* que geralmente pronunciam longa: *tulipa,* como em francez: *tulipe?* De ha muito, meo Vicioso, que a pronuncia franceza tem servido de padrão para nossa prosodia, como se não a possuissemos sob bases estabelecidas. Por essas e outras é que nos ficaram a viciada pronuncia de *reptíl, gracíl, merinó,* e tantas mais, porque, como o francez, pela natureza do seo idioma, alonga quasi todas as palavras, por isso, fomos tambem pronunciando longas, grande numero de palavras portuguezas, semelhantes na fórma ás palavras francezas. Não sei como não se diz tambem: *facíl, difficíl, utíl, agíl, fragíl,* etc., por serem longas em francez estas palavras. Por milagre nos escapou a palavra italiana *piano,* que, como neste idioma, pronunciamos tambem breve, e não longa como em francez: *pianó.* Devemos, por isso, obedecendo á origem, pronunciar: *chrysânthemo,* por ser ésta palavra tambem breve em grego, e não arremedarmos a pronuncia franceza: *chrysanthêmo.* Alem disso, meo Vicioso, deixa-te falar aqui com franqueza: A palavra *chrysânthemo* será nova no vocabulario das flôres, porem esta flôr nada tem de nova entre nós. No meo tempo sempre a conheci com o nome de *despedidas do verão.* Comquanto os modernos floricultores, por meio de processos chimicos, tenham-n'a aperfeiçoado sob di-

versas fórmas de embellezamento, cá para mim a flôr é e será sempre a mesma: *despedidas do verão*. Continúa, pois, a cultival-a, meo Vicioso, mas não te esqueças de cultivar-lhe a bôa pronuncia, se quizeres dar-lhe a moderna denominação grega.

VICIOSO — Assim o farei. Desde que trato da *fórma*, tratarei tambem da *essencia* e por isso não me esquecerei nunca do formoso *chrysânthemo !*

XXXVII

Beberricar — Alpista — Çorda — Gervão

Vicioso — Não posso vêr uma pessôa estar a beberricar. É um vicio, meo Correcto, que muita gente tem, e com o qual implico solemnemente!

Correcto — Não é só tu, que implicas com isso. Eu tambem implico, porem, com uma differença: Em vez de não poder vêr, o que não posso é ouvir pronunciar com todos os *rr* o tal *beberricar!*

Vicioso — Não se deriva então essa palavra do verbo *beber!?*

Correcto — Justamente por isso é que não acho razão, para se lhe encaixar dous *rr*, porque juntando-se ao verbo *beber* a desinencia frequentativa *icar*, do latim: *ico, ere* (dar golpes) teremos: *bebericar* e não: *beberricar.*

Vicioso — Se bem que não seja passarinho, hei de sempre *bebericar* nessa *fonte prosodica,* cuja agua me

parece ser mais pura. Quantos passarinhos não haverá por ahi, que desconhecem a agua dessa fonte?! Meo Correcto, muitos delles só cuidam de encher a bocca de alpista, e pouco gostam de *bebericar*.

Correcto — Quantos assim não ha! Eu, por exemplo, conheço um, que prefere encher a bocca de *alpista*, do que da verdadeira semente que devia comer.

Vicioso — Pois a alpista não é a semente propria dos passarinhos comerem?!

Correcto — Pelo menos, a que eu conheço mais propria é a *alpiste*.

Vicioso — Agora é que eu não pude deixar de ser passarinho, porque cahi mesmo de xofre no alçapão da pronuncia! Quem diria que eu, que nunca pensei em ser passarinho, havia de o ser nesta occasião?! É verdade que tambem já fui sapo! Tenho sido tudo, não admira! Outro dia, até virei creança!

Correcto — Como?

Vicioso — Não *comendo*. Estava de queixo inchado, por causa de uma forte dôr de dentes que tive, e por isso levei um dia inteiro só a tomar çorda e mais çorda, como se fosse um nenê! Ah! Não podia comer!

Correcto — Isso comeste, meo Vicioso!

Vicioso — Como?!

Correcto — Digo-te neste momento o contrario do que ha pouco me disseste: *Comendo*.

Vicioso — Mas, qual comendo, se eu não podia comer! Viste-me comer? Quando e o que?

CORRECTO: —

Agora, agora, agora,
Inda não ha meia hora,
Que comeste o *a* de *açorda*,
Num instante, sem demora.

Estavas entretanto a dizer: Ah! Não podia comer! E foi justamente esse *a* sem *h*, que comeste, deixando a palavra *açorda* completamente acephala! És um glotão de lettras, como nunca vi! Deves gostar muito da sopa alphabetica feita de uma massa em feitio de lettras, sôpa essa que as crianças muito apreciam pelo lado da brincadeira.

VICIOSO — Se gosto! Ainda outro dia tomei uma sôpa destas.

CORRECTO — Está claro que havias de gostar, porque és um *papa-lettras* de força!

VICIOSO — Mas meo Correcto, mesmo quem disser: uma *açorda*, pouco se perceberá o primeiro *a* de *açorda*, parecendo-nos sempre ouvir dizer: uma *çorda*.

CORRECTO — Mas quem disser duas, o mesmo já não succederá, porque terá que dizer duas *açordas*, o que não se confundirá com duas *çordas*. A razão disso, meo Vicioso, é por causa da *crase* que existe, isto é, pela ligação do *a* de *uma* com o primeiro *a* de *açorda*, tal qual se deo, como já vimos, com a palavra *apostêma*, em que o *a* de *uma*, ligando-se por *crase* ao primeiro *a* de *apostêma*, faz parecer pronunciarmos: *uma postêma*, em vez de: *uma apostêma*. Quanto á palavra *mostra*, que o vulgo pronuncía: *amos-*

tra, e de que tambem já tratámos, dá-se justamente o contrario: Como a palavra *mostra* não começa por *a*, não se dá então a *crase*, e por isso, vae o *a* de *uma* ligar-se á palavra *mostra*, parecendo-nos, por isso, ouvir pronunciar: *amostra*.

VICIOSO — Sim senhor. Gostei do *panno de mostra*, e meo amigo Correcto tem dado *mostras* de que em pequeno tomou do saboroso e fino *chá prosodico*, ao passo que eu, pobre diabo, só tomei puro gervão!

CORRECTO — Conheço muitas qualidades de chá, porem esta, confesso que me é inteiramente desconhecida.

VICIOSO — Basta dizeres isso, meo velhaco, para eu saber logo que o conheces perfeitamente, mas como fórma erronea, não é exacto?

CORRECTO — Exactissimo meo Vicioso.

VICIOSO — Dá-me então uma pinga desse chá, embora ordinario na qualidade, mas ao menos agradavel ao paladar da pronuncia.

CORRECTO — Lá vae então o *chásinho*: Amarga um pouco, porque é feito de uma planta medicinal, denominada em latim: *verbēna*, e em portuguez: *orgévão*, mas depois, acostumando-se...

VICIOSO — Ah! De certo! Pois eu, quando estiver com o paladar da pronuncia estragado, não tomarei outro chá, senão o *orgévão*.

XXXVIII

Telephône — Telephonio — Teléphono — Homóphono — Murmúrio — Encyclopédia.

Vicioso — Ha certas invenções, meo Correcto, que seria melhor nunca terem apparecido neste mundo! Uma dellas é a do telephône. Leva uma pessôa, ás vezes, horas e horas a perguntar quem fala, quem fala, e sem ouvir falar! Com franqueza, não gósto nada de ouvir o telephône. Arripiam-se-me até os nervos!

Correcto — Eu tambem não gósto; principalmente, quando elle se faz ouvir em francez!

Vicioso — Isso peior ainda! Pois, se em portuguez pouco se entende, quanto mais em francez!

Correcto — Estás enganado! Em portuguez é que elle nunca se fez ouvir, porque só o pronunciam em puro francez: *telephône*. Ultimamente é que por ahi appareceram duas fórmas, porem mal aportuguezadas.

Uma, não sei porque *demonio*, sob a fórma: *telephonio*.

Vicioso — Parece verso.

Correcto — Mas não é. Outra, baseada nesta logica de philosophia barata: Assim como se pronuncía: *homóphono*, tambem se deve pronunciar: *teléphono*, e arrumaram com o *teléphono* para a frente.

Vicioso — Pergunto-te agora eu: E qual deve ficar á frente de todos esses?

Correcto — Já te respondo. Esse tal *homóphono*, de moderna technologia grammatical, é assim pronunciado tambem pelo vicio de imitação, pois como se diz: *homónymo* e *homógrapho*, pronunciam-n'o tambem breve: *homóphono*, quando deve ser longo: *homophóno*, por ser longa esta palavra grega. Ora, desde que se deve pronunciar *homophóno*, por igual modo tambem se deve pronunciar *telephóno*, fórma esta verdadeiramente aportuguezada, e não: *telephonio* (que não é erronea, mas sem necessidade) nem *teléphono*, e muito menos o detestavel barbarismo: *telephóne*.

Vicioso — Pois com o *telephóno*, meo Correcto, nunca pude acostumar-me. Ainda se produzisse um ligeiro murmúrio, póde ser que eu ouvisse alguma cousa. Mas qual! Leva-me a cantar aos ouvidos, como se fosse um mosquito-tenor.

Correcto — Sendo ligeiro o murmúrio, poderá passar, mas não o sendo, prefiro o *murmurio*.

Vicioso — Lá vem pedrada! Porque se pronuncía então longa essa palavra?

Correcto — Porque, sendo em latim: *murmŭr*,

murmŭris, accommodou-se em portuguez com o suffixo *ío* longo: *murmurío*, á semelhança de muitos substantivos, que tem o mesmo suffixo, taes como: *arrepío*, *assobío*, *atrío*, *bafío*, *corrupío*, *estío*, *plantío*, *rodopío*, *senhorío*, etc.

Vicioso — Tens sempre a bôa resposta na ponta da lingua. Eu desejaria tambem ser uma encyclopédia viva, como tu.

Correcto — A seres *encyclopédia*, não poderias ser viva, porque essa breve pronúncia não tem mais o direito de vida no grande Reino Prosodico. Ahi, ella só póde existir, sob a fórma longa, cuja arvore genealogica é a seguinte: *en* (prefixo), *kyklos* (circulo), *pedîa*, de *paideîa* (instrucção, conhecimentos) de *paîs* (menino) e *daîein* (aprender). É por isso, que esta formosa Grega: *Enkyklopaideîa*, que em portuguez deve ser baptizada por: *encyclopedía*, quer dizer: *o complexo de conhecimentos humanos*.

Vicioso — Se assim é, meo Correcto, quando eu tiver que penetrar no grande Reino Prosodico, não deixarei de ir apresentar meos cumprimentos á formosa Grega: *Encyclopedía*. Nessa occasião precisarei então de mudar de traje, porque não hei de ir assim com este fato orthoépico, todo estragado, como o que trago commigo.

Correcto — Fazes bem. Deves mesmo mudar este feio *traje* para o bonito *trajo prosodico*, o qual tambem usaram Alexandre Herculano e outros contemporaneos deste.

Vicioso — Não sei porque, meo Correcto, sempre

me senti mal com o *traje*, que trago commigo. Parece assim que não é meo...

CORRECTO — É pôl-o fóra quanto antes. Isso, naturalmente, é *farpella* de algum ignorantão que te impingiram como novo. Crê no que te digo.

VICIOSO — Quem sabe se não será isso mesmo ?! Pois vou já pôr fóra este *traje*, e vestir o bonito *trajo*, de que me falas, para mais uma vez ficar confirmado o conhecido dictado : *Quem o alheio veste, na praça o despe.*

XXXIX

Atanazar — Pichóte — Bonanchão — Bonancheirão — Bellodrômo — Hippodrômo

VICIOSO — Como sabes, meo Correcto, fui sempre inimigo de tudo quanto é jogo! Pois outro dia, um amigo começou a atanazar-me tanto para jogar o bilhar, que afinal não tive remedio senão ceder. Mas que vergonheira! Tambem regalei-me de atirar com as bolas ao chão, e rompi duas ou tres vezes o panno!

CORRECTO — Eu é que seria capaz de romper este mundo e e outro, se encontrasse alguem que me explicasse a etymologia da palavra *atanazar;* pois tenho grande curiosidade de saber onde é que foram arranjar a origem desta palavra.

VICIOSO — Isso agora é que me não compete, porque não sou etymologista. Mais depressa tu poderás explicar-m'a.

CORRECTO — Se fôr o que desconfio... Ora dize-me: Empregaste o *atanazar* no sentido de *atormentar?*

Vicioso — Sim. Foi neste sentido que o empreguei.

Correcto — Ah! Então já sei! É o tal meo conhecido de muitos annos, que, de momento, não pude reconhecer, por causa da mudança do alfinete da gravata.

Vicioso — Essa é que é muito bôa! Com que então um simples alfinete de gravata transfigura assim tanto o typo de uma pessôa?

Correcto — Eu te explico: Não vês que desde que me entendo, sempre vi esse sujeito com um alfinete de gravata d'ouro massiço, e em fórma de uma *tenaz*. Lembro-me até de que me dizia sempre elle que trazia comsigo aquelle rico alfinete só para *atenazar* os invejosos. Ora, apresentando-se-me hoje esse sujeito com outro alfinete *pechisbeque*, sem fórma alguma de *tenaz* ahi está explicada a razão...

Vicioso — Porque não se deve dizer *atanazar*, mas sim *atenazar*. Comprehendi perfeitamente.

Correcto — Mas vamos ao resto: Continúa a contar-me a historia do bilhar, que peço desculpa ter-te interrompido.

Vicioso — Afinal, o senhor meo amigo convenceo-se de que eu era um grande pichóte n'aquelle jogo, e convidou-me para outros. Tambem não se zangou commigo, porque aqui o digamos: É um grande bonanchão! Um bonancheirão como não ha outro! O unico defeito que tem é a mania pelo jogo.

Correcto — Manias têm muitos, meo Vicioso! Se uns tem-n'a pelo jogo, outros tem-n'a pela má pronúncia, e assim por diante.

Vicioso — Cá recebi, não havia pressa. Queres en-

tão saber quaes foram os outros jogos para que elle me convidou?

CORRECTO — Desejaria, e desejo mesmo saber, porém desculpa-me ter que interromper-te novamente, porque tambem possuo uma mania.

VICIOSO — Não ha belleza sem senão. Qual é então ella?

CORRECTO — É a seguinte: *Não deixar passar camarão por malha*, ou por outra: *Não deixar passar vocabulo mal pronunciado;* por isso, como sou teo sincero amigo, não te quero vêr no caminho errado, quando sei que desejas enveredar-te para a sublime região da Bôa-Pronúncia, para esse Reino Prosodico a que tanto aspiras!

VICIOSO — Obrigadissimo, meo Correcto. Longe de me offender, dás-me até prazer, quando me corriges a pronúncia de uma palavra.

CORRECTO — Mas isso é talvez de uma. E quando é de duas, ou mais, como acontece ás vezes?

VICIOSO — É o mesmo. Pouco me importa. Ao contrario: Quando me corriges mais de uma, mais satisfeito fico, porque maior se torna o cabedal de bôa pronúncia, que vou adquirindo.

CORRECTO — Então, tenha paciencia: Peço-te que não pronuncies mais: *Pichóte, Bonanchão* e *Bonancheirão.*

VICIOSO — Ora essa! Tu não pedes, mandas. Corrige pois essas tres palavras, antes que eu presenteie com mais algumas teo delicado paladar prosodico.

CORRECTO — Permitte que te diga: Não costumo a

acceitar presentes da ex.ma snr.a D. Corruptela, embora saiba que é esta mesma senhôra muito franca em os distribuir aos pobres de saber. Se bem que eu não seja nenhum millionario, graças a Deos, ainda possúo algum cabedal orthoepico, sufficiente para matar a fome da minha ignorancia. Na verdade, tenho pena daquelles que são constantemente dominados por essa Rainha do Vicio!

Vicioso — Descasca então com vontade nessa grande feiticeira, que só serve para nos illudir! O demonio da mulhersinha deo agora para perseguir-me, que me não larga! Muitos até julgam, por causa do meo nome, que eu sou parente dessa lambisgoia! E que tal, meo Correcto?!

Correcto — Anda lá! Não negues! Tu tens sempre alguns traços...

Vicioso — Essa é boa! Só porque commetto alguns vicios de pronúncia?! Nesse caso, muitos serão della parentes, porque tambem os commettem.

Correcto — E ninguem diz o contrario; pois essa intrujona intrometteo-se de tal fórma no seio social, que, a bem dizer, está hoje aparentada com a maior parte da humanidade! Com seos cantos de sereia vae seduzindo muita gente!

Vicioso — Não acabarem de uma vez com essa bruxa! Diabos a carreguem para o fundo de todos os infernos!

Correcto — Bôas! Para ahi é que não vae ella! É mais facil vôar um burro! O que essa despotica mulher deseja é viver sempre no seo céo do Vicio, e em

vez de ser rodeada de papudos anjinhos, ter em seo torno *felpudos cabriolas do erro, a rabanar com os rabinhos das cincas!* Esse é seo sonho dourado!

VICIOSO — Digo agora com o «Ciume do Bardo»:

> «Pudesse uma só nao contel-os todos,
> «E o piloto fosse eu!»

CORRECTO — Não vale a pena apoquentares-te. Vê se consegues libertar-te della quanto antes, que é o melhor.

VICIOSO — É o que vou fazer, começando por pedir-te desde já que me corrijas as tres palavras, que me apontaste, como erroneas na pronúncia.

CORRECTO — Não seja essa a duvida. Vou já corrigir-t'as: A palavra *pichóte*, não é mais do que a adulteração de *pechote*, de *pecha* (falta), a qual pronunciam os portuguezes: *pichote*, como se fosse com *i*, pela rapida pronúncia do *e* quasi mudo. Nós, brasilienses, como somos mais demorados na pronúncia diremos sem difficuldade *pechote*, com *e*, que é como se deve escrever e pronunciar. Ora, sendo *pechote*; como já vimos, derivado de *pecha* (falta), d'ahi, a significação figurada d'aquella palavra, exprimindo: *jogador inexperto*, pelo facto deste commetter faltas. Como igual exemplo temos tambem a palavra *fechar*, que os brasilienses pronunciam fazendo soar brandamente o *e*, como se fosse quasi *fêchar*, e os portuguezes pronunciam-n'a rapidamente, com o *e* quasi mudo, como se escrevessem *fichar*, e com esta *fecho* a explicação da primeira pala-

vra. Vamos agora ás outras: Não se deve pronunciar: *bonanchão*, nem *bonancheirão*. Estas palavras são verdadeiros adjectivos, formados destes outros: *bonacho, bonacha* (do francez: *bonasse*) e da desinencia augmentativa: *ão, ona*, devendo-se, portanto, dizer: *bonachão, bonachona*, e pela mesma razão: *bonacheirão bonacheirona*, fórmas estas que têm a mesma significação que *bonacho, bonacha*, isto é, que exprime aquelle que é: *de bom natural, de summa bondade, que está por tudo, bôa alma*. Tambem se usa ás vezes, como substantivo, quando dizemos: um *bonachão*, achando-se nesta phrase occulto o substantivo *homem*, que deve concordar com o adjectivo *bonachão*. Ora ahi está: Por causa desta segunda interrupção deixaste de dizer-me quaes foram os outros jogos para que esse teo amigo te convidou.

VICIOSO — É verdade, mas se assim foi preciso... E peço-te que quando eu commetter erros de pronúncia, não me poupes. Interrompe-me, seja em que occasião fôr, e corrige-me immediatamente, que ainda te fico agradecido.

CORRECTO — Pois bem, ficará a meo cuidado. Continúa agora a tal historia dos outros jogos.

VICIOSO — Ah! sim. Pois o senhor meo amigo carregou-me para o Bellodrômo. Quiz ahi que eu fizesse apostas, quando eu nada entendo de velocipedía. Fartei-me de perder dinheiro e ganhar experiencia! Depois convidou-me para no dia seguinte irmos ao hippodrômo. Eu que detesto corridas de cavallos, passei alli algumas horas bem aborrecidas!

Correcto — Não o interrompendo: Preciso de interromper-te, pela tua propria autorisação de ha pouco. Não sei se te lembras?

Vicioso — Que?! Já trabalhei para isso?! Em tão pouco tempo que abri a bocca?! Estou hoje então uma verdadeira catadupa de vicios!

Correcto — De pronúncia, felizmente. Como te transformaste em catadupa, vou aproveitar neste momento a agua, e dar um banho em dous vocabulos, que (aqui á puridade) não estão muito asseiados, se quizeres, por exemplo, apresental-os ao Reino Prosodico, quando lá fôres.

Vicioso — Banha-os então, meo Correcto, e se fôr preciso, esfrega-os bem!

Correcto — O primeiro, principalmente precisa de ser esfregado com mais força, do que o segundo, porque até já apresenta algumas manchas no corpo.

Vicioso — Qual é o primeiro?

Correcto — O Sr. Bellodrômo. Lá vae agua! *Tchó! tchó, tchó!* Prompto! Está bem lavadinho e esfregadinho! Já nem parece o mesmo! A prova ahi o tens: *Velódromo*, composto do adjectivo latino: *velŏx velōcis*, (veloz) e do nome grego: *dromo* (curso, corrida, carreira). A palavra *bellodrómo*, meo Vicioso, é puro hespanholismo. Quanto ao segundo vocabulo basta deitar-lhe um pouco d'agua pela cabeça, para, em vez de ficar *longo* pela preguiça, tornar-se experto, ligeiro, e *breve*, como seo irmão *velódromo*, dizendo-se tambem: *hippódromo*, composto dos nomes gregos *hippo* (cavallo) e *dromo*, como já vimos, (curso, corrida,

carreira). Nunca viste empregado o termo *pródromo*, composto de *pro* (diante) e *dromo*, significando o *prefacio*, ou *introducção* a algum estudo, ou tratado? E tambem no plural: *pródromos* (termo de medicina pathologica) exprimindo os phenomenos precursores de uma doença?

Vicioso — Sim.

Correcto — Pois este termo é parente daquelles dous, de que ha pouco tratámos, e desde que não dizemos *prodrômo*, mas sim *pródromo*, não devemos tambem dizer: *bellodrômo*, nem *hippodrômo*, mas sim, *velódromo*, e *hyppódromo*.

Vicioso — Pois eu desconfio que tambem vou entrar para esta familia.

Correcto — Como assim?!

Vicioso — Porque qualquer dia estão por ahi a chamar-me: *Viciódromo*.

XL

Abóboda — Resplandor — Resplandecer — Tremelicar — Visneto

Vicioso — Visitei hontem uma egreja que fiquei maravilhado de a vêr! Que riqueza de architectura! Que esplendor! O altar-mór era imponentissimo! Os outros altares tambem muito ricos! Os pulpitos em fórma de concha marinha eram de um trabalho admiravel! O tecto todo em fórma de abóboda apresentava riquissimos lavores do mais lindo e fino relevo que se póde imaginar! E as imagens! Que magestosos crucifixos! Havia então uma imagem, que trazia um grande e riquissimo resplandor, que havia de ter custado bem bom dinheiro! O côro era vasto e soberbo! O orgão de um feitio fóra do commum parecia ser de um subido valôr! Emfim, tudo apreciei, porém de todas as cousas, as que me deixaram mesmo de bocca aberta foram: a abóboda e o resplandor!

*

Correcto — Commigo deo-se tambem o mesmo. Foram as duas cousas que me deixaram de bocca aberta: a *abóboda* e o *resplandor!*

Vicioso — Conheces então qual é a egreja?

Correcto — Não, porque não me disseste qual era. Mas, quando uns ficam de bocca aberta por verem, não admira que outros tambem fiquem de bocca aberta por ouvirem, e foi justamente o que commigo se deo. Ouvi pronunciar *abóboda* e *resplandor,* fiquei tambem por isso de bocca aberta.

Vicioso — Ora seja tudo pelo amôr de Deos! Eu a suppôr que já tinhas visto e admirado essa egreja, quando vejo agora que só te admiraste dos meos dous erros de pronúncia! És ás vezes tão subtil na maneira de apanhar-me no erro, que se me torna impossivel em certas occasiões, desconfiar que estejas a notar-me vicios de pronúncia. Agradeço-te a delicada maneira de corrigir-me, mas confesso que ás vezes dou mais cavaco com isso, do que se me emendasses immediatamente, pois occasiões ha, em que julgo que estás a falar sério, e afinal, venho depois a saber que estás a fazer troça da minha ignorancia.

Correcto — Perdão. Eu não sou capaz de fazer troça da ignorancia de ninguem, principalmente, de um amigo, como tu. Se algumas vezes assim procedo, é para não te molestar com a emenda, logo á queima-roupa, porque afinal, não és nenhum collegial, nem eu nenhum mestre-escola, de palmatoria em punho, á cata de alguma cincada que dês 'na pronúncia. Creio que a liberdade, que entre nós existe, permittirá que eu al-

gumas vezes graceje comtigo, e até mesmo essa fórma de corrigir o erro, parece que será mais agradavel para nossas amigaveis palestras, do que se fizessemos das mesmas exclusivas sessões de linguistica. Apenas reuno o util ao agradavel, e como sei que gostas de aprender, e tens-me pedido mesmo que te corrija sempre, quando pronunciares mal alguma palavra, por isso, tenho até aqui satisfeito tua vontade, mas de hoje por diante...

Vicioso — Continuarás a proceder do mesmo modo, porque não me molestarás de fórma alguma.

Correcto — Mas se acabaste ha pouco de confessar que dás mais cavaco, quando eu te corrijo indirectamente por meio do gracejo, como é que agora assim me falas?

Vicioso — É porque, alem da satisfação que me déste, achei tambem logicas as razões que me apresentaste, e como obediente discipulo que sou, sempre respeitoso me curvo diante do *magister dixit*.

Correcto — Mas afinal, estamos aqui a *rasgar sedas*, quando talvez façam falta nas lojas.

Vicioso — Ainda tu pódes rasgal-as, porque és rico de linguagem, mas eu que sou desta um pobretão, não tenho esse direito, e para o ter, falta-me o grande cabedal que possues, e por isso, é que não dispenso de me corrigires todas as vezes que puderes. Já esses dous vocabulos, que me vaes corrigir, serão mais duas moedas que lançarei no meo *cofre prosodico*, para que um dia, quando o abrir, exclame radiante de alegria: Como sou rico de bôa pronúncia! E todo esse cabedal a quem

devo? Ao meo amigo Correcto, que me aconselhou guardal-o com todo o zelo, para poder depois supprir as necessidades das minhas expressões.

Correcto — Se fores realmente ajuntando todas essas preciosas moedas a que muitos não ligam importancia, porque não conhecem seo verdadeiro valôr, poderás meo Vicioso, formar até um grande peculio para teos filhos, que algum dia tambem dirão: Se não nos falta hoje o pão do corpo, ao pão do espirito o devemos, pela bôa instrucção, que nos legou nosso amado pae!

Vicioso — Praza a Deos, meo bom Correcto, que estas tuas beneficas palavras possam ser de futuro reproduzidas por meos queridos filhos!

Correcto — Guarda, então, mais estas duas moedas, cujos valôres são os seguintes: Ao tecto arqueado chama-se *abóbada*, do baixo latim: *abōbŭta;* e em vez de *resplandor*, pronuncia tambem *resplendor*, por ser esta palavra derivada do verbo latino: *resplendeo, resplendēre*, composto do prefixo intensivo *re*, que quer dizer *muito*, e do verbo *splendeo, splendēre* (brilhar). Não dizemos *esplendor*, tambem do latim: *splendor*? Porque não havemos do mesmo modo dizer *resplendor*?

Vicioso — Nesse caso, o verbo portuguez correspondente devia ser tambem *resplendecer*, e não *resplandecer*, como geralmente se diz.

Correcto — E porque não? A fórma *resplendecer* é verdadeiramente a correcta, e não *resplandecer*. Ahi está porque eu invoco sempre o francez, como poderoso argumento nestas questões. Podemos dizer que é elle um dos idiomas neo-latinos, que mais respeita sua fi-

liação. Assim pois, escreve aquelle : *resplendir* (resplendecer) e *resplendissement* (resplendor), observando sempre a origem latina do verbo *resplendeo, resplendere*. Quanto ao pronunciar o *en* com o som de *an*, isso nada influe, por ser esse *en*, como sabemos, um diphthongo, que assim se pronuncía ; mas o facto é, que esse idioma não decompõe a estructura da palavra, corrompendo sua etymologia, como acontece em portuguez.

Vicioso — Pois a *abobada* e o *resplendor* deixaram-me maravilhado! Contou-me um velhinho, que alli se achava junto a mim, todo a tremelicar, que ha muitos annos havia sido roubado aquelle rico resplendor, e que um visneto delle foi quem deo passos para descobrir o auctor do roubo. Disse-me tambem que dessa data em diante vinha sempre rezar áquella imagem, agradecendo a bôa acção praticada por seo descendente.

Correcto — Se te não offendesses, meo Vicioso, offerecia-me agora para trocar por mais duas moedas outras duas palavras que pronunciaste nesta pequena historia, que me acabas de narrar.

Vicioso — Mais duas moedas?! Isso não se rejeita! Venham de lá ellas, que eu preciso de encher o cofre.

Correcto — Troquemos então o *tremelicar* por *tremelhicar*, e o *visneto* por *bisneto*. Quanto á primeira palavra : *tremelhicar*, deve ser assim escripta, a exemplo de outros verbos *redundantes frequentativos*, em que tambem entra o *lh*, denotando idéa de continuidade, taes, como : *dedilhar*, *esmerilhar*, e outros. Sobre a segunda palavra : *visneto*, desde que este gráo de

parentesco quer dizer: *duas vezes neto*, logo, devemos empregar a expressão *bisneto*, composta do adjectivo *bis*, que quer dizer: *duas vezes*, e do substantivo *neto*. Acceitas agora a troca?

VICIOSO — Desde que não seja *baldroca*.

XLI

Algazarra — Transuente — Espadoado

Vicioso — Fizeram esta noute uma algazarra tal á minha porta, que suppuz que queriam pôl-a abaixo.

Correcto — Com certeza não seriam Mouros na costa, e muito menos á tua porta.

Vicioso — Mas a que proposito falas em Mouros?

Correcto — Por teres pronunciado *algazarra;* pois se esta palavra tivesse um *r* só, seria a *algazara,* termo derivado do arabe: *algazraba,* o qual exprime a vozearia dos Mouros ao travar da peleja.

Vicioso — Mas, se não tive Mouros na costa, nem á minha porta, tenho agora um valente Mouro orthoepico á porta da minha bocca, abalando-a pelo vicio de pronúncia. E ante esse conflicto *bello-prosodico* não mais ouvirei a falsa *algazarra,* mas sim, a verdadeira *algazara.* Mudando agora de tom, meo Correcto: Pelo que ouço, a Snr.ª D. *Algazara* é da familia *anti-guttural.*

Correcto — Exactamente. Assim como são os Srs. *Caramanchão, Carapêta,* e outros. Os membros desta familia, meo Vicioso, dão solemne cavaco, quando os confundem com os da familia *guttural*. Não imaginas! São verdadeiros rivaes! Mas vamos ao caso, que estavas a contar-me, que te parecia quererem pôr abaixo a porta da tua casa.

Vicioso — O caso deo-se com um transuente que passava correndo pela minha porta, na occasião em que lhe armaram um laço para elle cahir. Quando o bicho quiz evadir-se, já era tarde. Deram-lhe uma pancada no focinho, que elle cahio logo alli a espirrar sangue.

Correcto — E de que feitio é esse bicho *transuente?* Não o conheço. Naturalmente, ha de ser alguma especie de gambá, não?

Vicioso — Mais gambá me pareces tu, meo espertalhão, que já déste com o cheirinho activo da tua cachaça, que é a pronúncia viciada, e não descanças, emquanto não a devorares soffregamente. Pois então toma logo de um trago essa maldicta bebida, e offerece-me, como permuta, em delicado calix de *etymologico crystal* o saboroso e perfumado *licôr orthoépico,* que eu desejaria sempre prelibar antes de entrar em conversação comtigo.

Correcto — Vou então dar-te a provar um calix desse delicioso licôr, mas bebe-o com moderação, que elle não é fraco. O gôsto approxima-se assim ao dos Benedictinos, porem é muito mais forte.

Vicioso — Como se chama elle?

Correcto — Chama-se *transeunte,* ou licôr do Lacio.

Vicioso — Se é do Lacio, ha de então cheirar por força a latim.

Correcto — Completamente, porque é feito de dous ingredientes puramente latinos: Da preposição *trans,* que significa *alem,* e da fórma *euntis,* do participio presente *iens, euntis,* do verbo *ire* (ir); significando portanto, em latim: *transeunte,* e em portuguez tambem: *transeunte* o seguinte: *o que vae, ou passa além.*

Vicioso — É o caso de dizer-se: Perdi a sorte grande por causa da troca de um algarismo. Assim, por exemplo: Se depois de *trans,* viesse a lettra *e* em vez de *u,* e esta viesse logo em seguida, teria feito pontaria certa, mas como assim não foi...

Correcto — Sahio-te branco o bilhete. Não é só a ti que tal succede. Na grande roda da *lotaria prosodica* tem-se dado isso, e com muita gente bôa! Palpitam ás vezes num *bilhete-vocabulo,* conservam-n'o com muita fé, e quando vão verifical-o na *lista orthoépica,* ou perdem por um ponto, como te aconteceo agora, ou então ficam muito *phoneticamente* longe do verdadeiro *premio prosodico.*

Vicioso — Como já me aconteceo uma vez: Conservava com muita fé um *bilhete-vocabulo,* cujo numero litterario era: *emgambellar,* e afinal, sahio a sorte grande no *embelecar,* numero este, que estava eu muito longe de pensar nelle. De nada mais me admiro neste mundo, meo Correcto. Pois não é que outro dia vi um homem correr com medo de um rapazola, de uma criança?!

Correcto — Talvez porque esse rapazola o amea-

çasse atirar com alguma pedra, ou outra qualquer cousa.

Vicioso — Nada, não foi isso. O tal rapazola desafiou-o para brigar, e o sujeito poz-se logo a correr, não obstante ser um homem espadoado.

Correcto — Nesse caso não admira. Desde que o homem era *espadoado,* fez muito bem não acceitar o desafio, porque com certeza perderia na lucta.

Vicioso — Essa é que não está má!

Correcto — Perdão. Essa é que está justamente *mà*; não só pela *mà* pronunciação, mas tambem pela *mà* applicação.

Vicioso — Logo, está duas vezes *mà,* isto é, *màmà.* Ora, eu como *vicioso fedelho da pronúncia,* que ainda digo: *màmà,* scismei tambem agora, e não quero mais me criar com o *viciado leite prosodico,* que até hoje tenho tomado; por isso, repudio o *peito tuberculoso da pronúncia,* e dora avante só quero amamentar-me no uberrimo e sadio *peito orthoépico,* em que tambem te amamentaste.

Correcto — Pobre criança! Se não te desmamas tão depressa desse *tuberculoso peito,* em que te alimentas, morrerás infallivelmente de uma *entero-cerebrite!* Afianço-te que é a peior das molestias, que podem atacar os *crianços* como tu. Coitadinho do Vicioso! Queres então *màmà?* Eu já te vou buscar uma mamadeira. Ora ahi a tens: Aprecia o que diz agora o bom *leite prosodico* nella contido: A palavra *espadoado* é na verdade derivada de *espadoa,* mas significa: *o que tem as omoplatas sahidas fóra da articulação, e por isso*

manqueja. Assim, por exemplo, se diz: *A pancada tinha deixado o animal espadoado; com golpes tinha espadoado o cavallo*, etc. O verbo *espadoar* significa portanto: *fazer manquejar das espadoas*, ou: *ficar manco da espadoa*. Quando, porem, queremos nos referir ao homem, que tem *espadoas largas*, devemos dizer: homem *espadaúdo*, palavra esta tambem derivada de *espadoa*, sendo ahi, por euphonia, eliminado o *o*, e accrescentada a desinencia augmentativa *údo*. Assim pois, *espadoado* significa uma cousa, e *espadaúdo* outra. Que tal te soube o *leitinho prosodico?*

VICIOSO — Soube-me que nem gaitas!

XLII

Corrumão — Pendurucalho — Rubim

Vicioso — Não sei se te lembras de um caso, que ha tempos te contei sobre uma pretenciosa velhota, que encontrei num baile em que estive, a qual trazia um vestuario muito exquisito, de côres mascaradas?

Correcto — Lembro-me perfeitamente. Commetteste até nessa occasião alguns vicios de pronúncia, que foram: *merinó*, *degotado*, *chamalóte* e *lantejoulas*, encaixando estes mesmos vicios na descripção que fizeste em alguns periodicos, com relação ao vestuario da tal velhota. Depois então, é que vieste a saber que era aquella senhora uma grande litterata, e conhecedora profunda da lingua portugueza, e por isso, ficaste muito incommodado com o ridiculo papel que representaste.

Vicioso — Exactamente. Admiro-me como de nada te esqueces! Pois essa velhota, meo Correcto, encontrei-a

novamente num baile, em que estive outro dia, e o encontro deo-se do seguinte modo: O dono da casa, em que se realisava o baile, incumbio a diversos cavalheiros de irem receber á porta da rua as senhoras que chegassem, e conduzil-as pela escadaria acima até á sala do toucador, onde aquellas se desembaraçariam das suas capas. Quem julgas que se me havia de apresentar logo á frente? A tal velhota! Tive que conduzir essa cruz até ao calvario das minhas vergonhas! Atordoado como estava, ia dando-lhe, ao subir a escada, o lado da parêde, mas felizmente salvei-me a tempo com esta phrase: Convem mais que V. Ex.ª tome o lado opposto ao da parêde, por causa do corrumão, que sempre é um baluarte mais poderoso, do que o fraco braço do homem.

CORRECTO — E o que te respondeo ella?

VICIOSO — Apenas sorrio, como...

CORRECTO — Quem queria naturalmente dizer que *corrimão* será talvez um baluarte mais poderoso na pronúncia, do que o viciado *corrumão*. A palavra *corrimão*, meo Vicioso, não é mais do que a modificação de *corremão*, isto é, logar por onde *corre* a *mão*, sendo o *e* de *corre* abrandado em *i*, como geralmente acontece em algumas palavras.

VICIOSO — Naturalmente seria por causa do tal *corrumão* que ella sorrio.

CORRECTO — Nem podia deixar de ser. E sabe Deos, quantas depois desta não notaria ella! Olha, se conversaste muito...

VICIOSO — Nessa noute pouco conversei, mas de

proposito, meo Correcto, muito de proposito, justamente por causa disso.

Correcto — E o vestuario della era tão exquisito, como o outro da vez passada?

Vicioso — Mais ou menos a mesma cousa. O que dava muito na vista eram uns pendurucalhos que trazia nas orelhas, pescoço e braços, que mais parecia uma verdadeira cascavel de guisos.

Correcto — Não lhe terias talvez dito: V. Ex.ª traz uns bonitos pendurucalhos?

Vicioso — Pareces doudo! Pois eu lá usaria desta grosseira expressão! Se o quizesse dizer, empregaria outros termos, como, por exemplo, estes: V. Ex.ª traz hoje uns bonitos ornatos pendentes!

Correcto — Mas se não fosse a velhota quem trouxesse aquelles ornatos pendentes, e sim outra pessôa, e ao conversares com aquella, quizesses metter a ridiculo essa pessôa, não empregarias o termo *pendurucalhos*?

Vicioso — Ah! Ahi o caso mudaria de figura.

Correcto — Pois então saiba que terias tambem que mudar a má pronuncia *pendurucalhos*, se não quizesses por igual modo ser mettido a ridiculo pela propria velhota.

Vicioso — Tanto torceste, meo Correcto, que afinal me apanhaste em falso. Mas fizeste bem, porque assim me corrigirei de mais uma. Como deveria então pronunciar aquella palavra?

Correcto — Trocando sómente o segundo *u* por *i*, e dizendo: *penduricalho*, tal qual se deo com as pala-

vras *corrumão* e *corrimão,* não se trocando porém o segundo *u,* por não ter dous *u* a palavra viciada *corrumão.*

VICIOSO — Pois dentre esses *penduricalhos,* meo Correcto, notei num collar que trazia a velhota um lindo rubim rosa do maior tamanho que tenho visto!

CORRECTO — Já se sabe que por um galanteio disseste-lhe logo que dentre as pedras preciosas apreciavas mais o *rubim,* não foi isso?

VICIOSO — Não, porém se o dissesse, creio que não haveria nisso offensa alguma.

CORRECTO — A não ser apenas a da mutilação da pronúncia da palavra *rubim.*

VICIOSO — Do que escapei eu! Pois saiba agora meo Correcto, que tive impetos de atirar-lhe com aquella phrase, só pela admiração que me causou a belleza daquella rosea pedra, cujo nome não repetirei, emquanto não m'o corrigires.

CORRECTO — Corrige-te então, dizendo *rubi,* que é pronúncia mais correcta do que *rubim,* sendo aquella palavra derivada do latim: *rubĕo, rubēre,* que significa: *ter cór vermelha.*

VICIOSO — Foi portanto, muito bom não atirar com aquella phrase á velhota, porque se esta me corrige a má pronúncia *rubim,* com certeza, pela *falsidade* da minha pronúncia, eu é que ficaria da côr do verdadeiro *rubi.*

XLIII

Melro — Transtornar — Empíreo — Nephelibáta.

Vicioso — Fiz hontem uma excursão ao campo, que me trouxe gratas recordações do bello tempo da minha mocidade! O dia estava soberbo! O céo quasi sem nuvens, de um puro azul encantador, como que revelava o contentamento da Natureza, que alegremente sorria por intermedio do Astro-Rei por sobre a vegetação terrestre. Na verde folhagem pelo campo estendida, se transluzia o mais bello dos coloridos! A essa multiplicidade de encantos reunia-se o magestatico silencio da Natura, que se contrastava com o bulicio da vida extra-campezina!

Dahi a momentos, quebra-se aquelle suave silencio, e nova scena não menos agradavel se me depara: Ao enveredar-me por dentro de um bosque, fui irresistivelmente encaminhando-me para um ponto, que me

chamava o mavioso e alegre canto do rouxinol, cuja seductora voz, de momento arrebatou-me, obrigando-me a ficar extatico a ouvil-o e confundil-o com a mais harmoniosa das orchestras!

Logo após apparece-me um pequeno vulto negro e amarello: Era outro passaro, de suave canto, era finalmente, o lindo melro! Foi então que fiquei boquiaberto a contemplar a grandeza e o esplendor, que possue o immenso palacio da Natureza, denominado *campo!* Que considerei serem mais preciosas as boninas em flôr, matisando o verde manto campestre, do que as ricas pedrarias encrustadas nos carcomidos e velhos trapos do palacio dos Mortaes! Que achei mais brilho no dourado sol, do que no fantastico ouro das corôas e braceletes, com que se ornam os potentados! Que senti mais perfume no agreste arôma, do que nos enebriantes almiscares, com que se untam as odaliscas! Finalmente, que saboreei mais como um nectar a crystalina agua da fonte natural, do que se tomado houvesse o mais afamado dos enervantes licôres, que só servem muitas vezes para nos transtornar a cabeça, quando calma e pensativa!

Correcto — Falaste como um verdadeiro poeta, porem...

Vicioso — Não te interrompendo. Em primeiro logar, não sou poeta, meo Correcto, mas juro-te que naquelle dia senti jorrar-me a veia poetica por todo o cerebro, e transbordar-se-me a alma de uma exquisita poesia! Parecia-me nessa occasião transportado á região do empireo; emfim, se poeta eu fosse em tal momento, seria um verdadeiro nephelibáta!

*

Correcto — Depois que te expandiste bastante, descrevendo-me a belleza do campo, mostrando-me sua supremacia ao buliçoso viver da viciosa sociedade, que se ostenta de enganosos ouropéis, confessando-me a transfusão da tua alma ás ethereas regiões da poesia, só me cabe dizer-te agora o seguinte: É pena, meo Vicioso, que não houvesses emmoldurado o poetico quadro que te pintou a sabia Natureza, com expressões mais puras e correctas na pronunciação; assim pois, se aquelle nitido e bello azul celeste de que me falaste, fosse circumdado do puro *ouro de lei prosodica*, seria o caso de lançares no quadro da tua poetica e bellissima descripção o verdadeiro *ouro sobre azul!*

Mas infelizmente assim não o fizeste! Amalgamaste os metalicos e vibrantes vocabulos do nosso rico idioma, e numa reacção *chimico-prosodica*, deturpaste a linguagem com a impureza dos vicios de pronuncia, que forçosamente ferirão os castos ouvidos daquelles que ainda prezam a vernaculidade dos termos! Agora é que devéras formaste uma desafinada orchestra entre o gorgeio dos passaros que ouviste, e as dissonantes vozes de alguns vocabulos que pronunciaste. Pobre cantor! Quando tiveres que modular algum canto ameno, como o que acabaste de entoar aos meos ouvidos, eu te aconselho: Não mais desfiras as cordas da tua harpa anti-orthoepica, porque vibráteis como são, poderão romper os tympanos, que receberem seo vicioso som. Crê com sinceridade, meo Vicioso, que me agradou immenso a musica do teo mavioso canto; porem arripiaram-se-me os nervos ante algumas notas falsas, que nelle

introduziste. Permitte que aqui te parodie a phrase de Cicero: *Quousque tandem Vitiose, abutere auribus nostris?*

Vicioso — Venha primeiro a traducção, que depois te darei a resposta.

Correcto — Ahi vae então: *Até quando ó Vicioso abusarás dos nossos ouvidos?*

Vicioso — Toma lá agora a resposta em macarronio: *Quousque emendare vicios meos, exgravatante pronuncia viciata.*

Correcto — Como me déste uma bôa resposta, vou desde já corrigir-te dos vicios de pronúncia, que commetteste no teo mimoso e poetico discurso.

Vicioso — Vamos lá com isso. Olha o vicio numero um que sáia.

Correcto — Eil-o: O lindo melro de bico amarello!

Vicioso — Que?! É então viciado o canto deste passaro?!

Correcto — Não, meo Vicioso, o que lhe viciaram foi o nome, que até hoje o cantam prosodicamente mal, pronunciando *melro*, em vez de *merlo*, do latim: *merŭla*, de: *maurus* (escuro). Na provincia do Alemtejo, em Portugal, ainda hoje se pronuncía *merlo*. Se queres tambem um poderoso argumento lá vae o francez para a frente, como idioma neo-latino, o qual respeitou sempre sua filiação, dizendo: *merle*, e não: *melre*. Diga-me agora: *Ce n'est pas vrai, monsieur?*

Vicioso — *Oui, monsieur, pourquoi non?*

Correcto — Vamos agora ao vicio numero dous.

Vicioso — Appareça, sem cerimonia.

CORRECTO — Eil-o que vem: *Transtornar.*

VICIOSO — Vem transtornar o que?

CORRECTO — Como estás inveterado do mal prosodico! Estou a apresentar-te o proprio vicio que se chama: *transtornar.*

VICIOSO — Queira desculpar-me. Como eu não o conhecia, por isso... Como vae? Como tem passado? A familia vae bem?

CORRECTO — O verdadeiro nome d'este senhor, meo Vicioso, é: *Trastornar,* muito claramente formado da preposição *trás,* abreviatura de *atrás,* e do verbo: *tornar,* significando por isso, *trastornar,* o seguinte: *revolver de baixo para cima, derribar para trás,* e no sentido figurado: *perturbar o espirito, alterar a bôa harmonia, fazer voltar ao antigo estado.* Ora, se fosse *transtornar,* sendo *trans,* como sabes, a preposição latina, que quer dizer *alem,* a palavra *transtornar* significaria *tornar alem,* o que é tolice dizer, por isso...

VICIOSO — Basta. Não vá mais além. Saia agora o vicio numero tres.

CORRECTO — Apresento-te aqui contra gosto da Quantidade Latina o sr. Empíreo, que por vontade daquella nunca mudaria seo verdadeiro nome de baptismo, recebido na pia do Lacio, o qual vem a ser *Empirêo.*

VICIOSO — Tenho muita honra em o conhecer, e cá o recommendarei aos meos amigos. Haverá ainda mais algum vicio a apparecer?

CORRECTO — Felizmente o ultimo.

VICIOSO — Olha esse ultimo que sáia estufado com batatas!

Correcto — Prompto! É o poeta do seculo das luzes, mas que vive sempre nas trévas da ignorancia, ou melhor, é o poeta do *mundo da lua*, por viver, como seo proprio nome indica, na região das nuvens. É o sr. Nephelibáta, filho da sr.ª *Nephelê* (nuvem) e do sr. *Batês*, de *bateîm*, derivado de *bainô* (andar). Dizem que este poeta vive desgostoso da vida, porque adulteraram a pronúncia do seo nome, alongando-o, em vez de abrevial-o, isto é, chamando-o: *Nephelibáta* em vez do seo verdadeiro nome grego que é: *Nephelíbata*.

Vicioso — Com que então foi passada uma revista em regra nos vicios que commetti no meo obscuro discurso?!

Correcto — E ficaste satisfeito com a revista?

Vicioso — Á *vista* dos vicios que conhecia de *vista*, a tal *revista* metteo-me *vista!*

XLIV

Alvoraçar — Orgía — Escondrijo — Recondíto — Cócaras — Camandulas.

VICIOSO — Vi-me hontem á noute nuns assados, meo Correcto, que ainda hoje ao lembrar-me, tremem-se-me as pernas, e bate-me o coração, como se quizesse saltar fóra. Imagina que um pobre pesadão como eu, tive que representar o papel de rapaz, dando pulos e cambalhotas, só para poder escapar dos perigos que encontrei á minha frente. Nunca mais me metto noutra!

CORRECTO — Pelo que ouço, estiveste nalguma grossa pandega, hein seo marôto? Depois queixa-te dos resultados. Os homens da tua edade devem ser mais comedidos: Mas afinal como foi lá isso?

VICIOSO — Havia de ser pouco mais de meia noute. Vinha eu do theatro, muito calmo e tranquillo, com disposições a entrar no classico chá com torradas, quando ao approximar-me de casa, ouço alli pela circumvisinhança

um *zum zum*, que denotava algum *forrobodó de maçada*, como dizem cá os capadocios. Por natural curiosidade fui espiar o tal *forrobodó*. Não te conto nada!

CORRECTO — Nem é preciso, porque já sei. Metteste a cara no tal *forrobodó*, e só sahiste pela manhã, e arriscado, já se vê, a sahir tambem com a cara quebrada, pelo que ha pouco me disseste.

VICIOSO — Assim foi, meo Correcto, mas não por vontade minha, crê.

CORRECTO — Creio, pois não. Por vontade talvez das tuas pernas, que te obrigaram a entrar naquelle templo de Terpsychore. Mas conta lá o caso, como se deo?

VICIOSO — Como estava com muita sêde, pedi um cópo d'agua a um conhecido meo, que alli se achava como convidado. Este offereceu-me logo para que entrasse e tomasse um cópo de cerveja. Chamou o dono da casa, apresentou-me, e lá bebi o cópo de cerveja. Estava o tal *forrobodó* no mais acceso dos enthusiasmos, e o dono da casa, para obsequiar-me, disse ao convidado meo conhecido que me levasse até á sala. Quando ahi cheguei, começavam os animos a alvoraçar-se, e d'ahi a momentos formava-se um sarilho medonho! Eram cadeiras e bengalas pelo ar, tiros de rewolver, gritos de ataques; finalmente, uma orgia assustadôra. O tal meo conhecido desappareceu immediatamente, e eu que não queria que me escovassem o fato, fui tratando de procurar um escondrijo para metter-me. Sempre encontrei um recondíto lugar, debaixo de uma escada. Ahi estive um tempo immenso de cócaras. Já me doiam os joelhos de estar naquella contrafeita posição,

mas não havia outro remedio. Todo eu tremia, desde os pés até á cabeça. Os queixos a baterem um no outro, pareciam de quem tiritava de frio, ou com os de uma velha beata, resando ás camandulas. Depois que a policia os convidou a pernoitarem na grande hospedaria gratuita, e que eu vi que tudo estava placido e sereno, sahi então muito abaixadinho por alli fóra, e dei graças a Deos, só depois que entrei em casa. E que tal, meo Correcto?! Quem está livre de uma destas?! E ahi está como se deo o caso. Já vês que não foi por vontade minha. Crês agora?

CORRECTO — Parece incrivel!

VICIOSO — Parece, mas não é. Os diarios de amanhã, ou depois, darão naturalmente noticia dessa occorrencia, e verás então, se o que te digo, é ou não verdade.

CORRECTO — Acredito, meo Vicioso, mas parece incrivel! Um, dous, tres, quatro, cinco, e seis!

VICIOSO — Tu é que me pareces maluco! Que estás ahi a contar?

CORRECTO — Estou a contar as *pauladas prosodicas*, que acabaste de dar no teo *sarilho oratorio*. E os pobres dos meos ouvidos é que as apanharam todas em cheio! Ainda tu encontraste logar para te esconderes, porem eu, que assisti a todo o teo *sarilho oratorio*, firme, de pé, e sem poder fugir, imagina como não devo estar com os tympanos machucados!

VICIOSO — Faze então o que a policia fez com aquella gente. Prende os *motinadores prosodicos* do meo *sarilho oratorio*, que eu ainda em cima te agra-

deço. Affianço-te que não pedirei á *Chefe Orthoépica* que os solte. Prende-os pois sem receio, e se possivel fôr, mette-lhes o *chanfalho* a valer, vae os espadeirando, sem compaixão, a vêr se elles se corrigem.

CORRECTO — Então lá vae lenha! Desembainhar espadas! Preparar golpes! E aguenta rapaziada, que é por ordem da *Chefe Orthoépica!* Tome pará a frente Sr. *Alvoraçar,* não ande de nome trocado, porque o senhor já tem retrato na *Policia Prosodica.* Seo verdadeiro nome é *Alvoroçar,* derivado do nome de seo pae, o qual é: *Alvoroço,* e não *Alvoraço.* Chuche tambem sua espadeirada Sr.ª *Orgía,* disfarçada em *pernilongo prosodico,* quando a senhôra é *pernibreve,* e quer tambem passar por membro da familia portugueza, sendo sua naturalidade estrangeira, pois, de ha muito que a conheço como legitima filha do Lacio. Seo nome é até um defectivo no numero: *órgia, orgiórum* derivado do grego: *orghia,* do radical *orghé* (ira, impeto) que era o nome que se dava ás festas de Baccho, que se faziam de noute, vindo a chamar-se figuradamente: *bródio.* Conserve pois seo verdadeiro nome, que é *Órgia,* como assim pronunciava o grande Castilho. Como em francez é *orgie* naturalmente é outro francezismo de pronúncia. Não se esconda tambem Sr. *Escondrijo;* apanhe lá igualmente sua espadeirada; não engula, sem necessidade uma lettra do seo nome, que é: *Esconderijo,* derivado de *Esconder,* e da desinencia *ijo,* do Hespanhol: *echar* (lançar); não destoe portanto, dos seos irmãos: *recanto, escaninho* e *escondedouro,* os quaes nunca adulteraram seos nomes. Lamba tambem

sua bôa espadeirada outro estrangeiro, o Sr. *Recondíto*, legitimo *latinismo*, por ser filho do Sr. *Recondĭtus, Recondĭta, Recondĭtum*, que quer dizer: *occulto, coberto, profundo*. Seo nome deve ser breve: *Recóndito*, como o de seu pae, *Recondĭtus* e não *Recondíto*. O Sr. *Cócaras* tambem não escapa, tome espadeirada, que é serviço! Ja ouvio alguem dizer: Fulano está a *cocarar*, ou *cocorar?* Ora se se diz *cocorar*, voz imitativa do cacarejo da gallinha, quando está no chôco, ou agachada sobre os ovos, está claro, que o substantivo derivado daquelle verbo *cocorar* deve ser *cócoras*, e não *cócaras*, portanto, levante-se dessa ridicula posição *antiprosodica*. Tenha agora paciencia a elegante dama D. *Camandulas*. Quem a mandou metter-se no *sarilho oratorio?* Se a lei é igual para todos, ha de levar tambem sua espadeirada. A senhora não é melhor do que a sua companheira D. Órgia; deixe portanto, tambem de usar o falso e feio nome *Camándulas*, que é termo chulo. Seo apropriado e lindo nome é: *Camdldulas*, que era o ramal de contas grossas, ou de bugalhos, em que resavam os *Camáldulos*, ou monges do mosteiro de *Camdldula*, na cidade de Toscana, na Italia. Agora, que já distribui as seis espadeiradas, dize, meo Vicioso, que mais desejas que faça a estes *motinadores prosodicos?*

VICIOSO — Que mettas todos seis na casa da Correcção... da Pronúncia.

XLV

Aeorolito — Alarde — Castôr e Pollux

Vicioso — Comquanto não seja versado em Astronomia posso dizer-te, meo Correcto, que sempre estudei meo poucochinho dessa sciencia, e por isso, gosto ás vezes de apreciar as travessuras dos meninos astros, quando andam a brincar lá por cima. Se eu pudesse teria um observatorio para fazer meos estudos, mas como infelizmente o não tenho, faço-o, ás vezes, como e donde posso. Uma dessas noutes achava-me eu a bordo de um vapor a palestrar com o Commandante, que é meo amigo, e mais alguns officiaes. Olhavamos para o céo, que estava todo coberto de estrellas. O Commandante, que se presumia de possuir profundos conhecimentos de astronomia, começou a citar Flammarion, Arago, e outros reputados astronomos, e d'ahi entrámos todos em discussão. Momentos depois, ao olhar para o céo, solta o Commandante esta formidavel asnice: Temos alli uma estrel-

la, que pela sua configuração, dentro de pouco tempo se transformará num aerolítho. Eu não me pude conter, e abri logo numa grande gargalhada. Pergunta-me elle admirado: De que se ri o senhor? Disse talvez alguma tolice? Não supponha que estou a fazer alarde dos meos conhecimentos sobre astronomia. Eu, para disfarçar, respondi-lhe, mas com esta indirecta: Estou a rir-me, meo Commandante, mas é de uma cousa, que a este respeito me occorreo agora. Imagine o Commandante, que essa estrella se lembrava de transformar-se neste momento em aerolitho, e zás, cahia sobre nossas cabeças, e pobre da sciencia astronomica é que havia muito de soffrer com isso, porque homens, como o sr. Commandante, e outros da sua força, não poderiam mais fazer estudos desta ordem!

Correcto — Sim senhor, foi uma indirecta muito bem jogada, mas havia tambem de ter graça, se um dos officiaes, dos que alli se achavam, dissesse, por exemplo, o seguinte: «Em primeiro logar, refuto a opinião sobre a existencia do *aerolítho*.»

Vicioso — Isso é que eu desejaria que elle me provasse.

Correcto — Ora essa! Provava-te muito facilmente.

Vicioso — Como assim?!

Correcto — Dizendo-te: Eu só conheço o *aerólitho* (pedra meteorica que cae da atmosphera) palavra aquella formada do latim: *aer* (ar) e do grego: *lithos* (pedra) que é breve, sendo por isso aquella palavra breve, e não longa.

VICIOSO — Pela mesma razão deve-se então pronunciar, em vez de *monolítho*, *monólitho*. Será assim?

CORRECTO — Julgo que sim. Outra cousa porém, que eu diria, se fosse um dos officiaes, seria o seguinte: Não creio que o Sr. Commandante faça *alarde* dos seos conhecimentos sobre astronomia, porque *alarde* nada sendo em portuguez, não poderá tambem exprimir cousa alguma nesse idioma.

VICIOSO — E se o Commandante pedisse que lhe explicasse como se deve dizer, ou pronunciar, essa palavra, como deveria o official explicar-lh'a?

CORRECTO — Dizendo-lhe: A pronuncia correcta daquella palavra, meo Commandante, é: *alardo*, do arabe: *alârdo* (resenha de gente de guerra, mostra que se passa á tropa) do verbo *ârada*, que significa: *apresentar, fazer apparecer, passar mostra aos soldados.* Dahi ficou a palavra *alardo*, com a significação de: *mostra, ostentação, basofia, jactancia.*

VICIOSO — Pois eu, sem fazer *alardo* dos meos fracos conhecimentos de astronomia, estive a notar os disparates que dizia o tal Commandante, e fartei-me de rir a mais não poder! Perguntei-lhe se sabia o nome da constellação boreal, ou, o de duas estrellas della, isto é, deste meteóro luminoso, que apparece em tempo de tempestade no topo dos mastos e vergas dos navios chamado tambem fogo Santelmo, e o sr. meo Commandante não me soube responder. Disse-lhe eu: São até dous nomes mythologicos de dous irmãos, filhos de Jupiter e Leda. Pois nem assim! Por troça ainda lhe disse: Um delles anda então sempre de chapéo de castôr. E nada!

Um dos officiaes que alli estava, rapaz gaiato e atilado, interrompeo logo, dizendo: Ora quem não conhece os dous grandes pandegos Castôr e Pollux?! Dei-me muito com elles! Foram até meos collegas na *Escola Astral.*

Correcto — Gostei realmente da tua idéa do chapéo de castôr, para despertar no Commandante o nome da constellação boreal; assim como, da piada do official, atirando o caso para o lado do ridiculo; porém, o que lamento é que tanto tu, como o official confundissem o nome do animal *castôr* com o de uma das estrellas daquella constellação. Esse nome mythologico, meo Vicioso, applicado a uma das estrellas dessa constellação, tem radicaes mui differentes dos do animal *căstôr*, e é erro indesculpavel confundil-os, como têm feito alguns lexicographos. Tal nome deve ser pronunciado breve: *Cástor*, do grego: *Kàzein*, que significa: *ornar, embellesar.* Assim tambem o nome Pollux é derivado do grego: *poliós,* que quer dizer: *branco, lúcido, luzente.* Quanto ao nome do animal, *castôr,* èsse vem do grego: *Kastôr,* de *khòhô* (fazer uma levada de terra, ou socalco) e *stóreô* (estender no chão, fazer a cama), pois, como sabemos, esse animal, que vive nas bordas dos rios, ou lagos, alli edifica com arte primorosa, moradas sólidas em socalcos, para se retirarem, quando sobrevêm as inundações. A cauda, que é longa, achatada e forte, serve de colhér de pedreiro, e com os dentes corta e afeiçoa a madeira para a habitação commum. Não confunda portanto, alhos com bugalhos.

Vicioso — Eu bem achava exquisito e fóra de proposito, darem, sem analogia alguma, o nome desse

animal áquelle ente mythologico, e tambem a uma das estrellas daquella constellação boreal, mas emfim, como sempre ouvi assim pronunciar...

CORRECTO — É a tal cousa de que já te falei: «É como todos pronunciam». «Sempre ouvi dizer assim». «Soa-nos melhor ao ouvido» e outras da mesma força.

VICIOSO — Pois agora meo Correcto, depois da tua clara e logica explicação, direi com toda a sciencia e consciencia: *Cástor* e *Póllux*.

XLVI

Cama-pé — Canna-pé — Asphalte — Alpercatas — Relé.

Vicioso — Dormi hontem a sésta num cama-pé que me regalei! Nunca passei por uma somneca tão bôa em minha vida!

Correcto — Só mesmo a vontade de fazer daquelle encosto uma cama, é que lhe poderão dar o nome de *cama-pé.*

Vicioso — Pois eu suppunha ser justamente por isso, que assim se pronunciava. Comquanto tenha ouvido tambem pronunciar *canna-pé,* julguei que seria mais acertado *cama-pé,* pelo bom commodo que nos dá esse encosto, como se fosse uma verdadeira *cama;* ao passo que, para ser *canna-pé,* seria preciso que esse encosto fosse feito sómente de *canna* para se estender os *pés.*

Correcto — Não te estendas mais, porque, senão

é que dás devéras com os pés na etymologia dessa palavra.

VICIOSO — De modo que não é, nem *cama-pé,* nem *canna-pé,* e lá se vae mais um *pontapé* na pobre da *Pronúncia.*

> Pergunto-te agora com um *rapapé:*
> E a bôa pronúncia, dizei-me qual é?

CORRECTO — É *canapé,* porém com um *n* só, e escripto numa só palavra. Este vocabulo deriva-se do latím: *canopeum,* do grego: *konopeîon* (mosquiteiro) de *konops* (mosca). Nada tem, portanto, que vêr com a *cama,* nem com a *canna,* meo Vicioso. Comprehendeste?

VICIOSO — Estou sciente, meo Correcto. Pois ao levantar-me do *canapé* com um *n* só, e escripto numa só palavra, piso no soalho, que era de asphalte, e com o corpo quente como estava, o que sei dizer é que apanhei um grande resfriamento! Enfiei-me depois numa especie de alpercatas que alli tinha, mas era tarde, porque o mal já estava feito.

CORRECTO — O peior foi pisares no *asphalte,* e ainda te enfiares nas *alpercatas.*

VICIOSO — Pois isso é que foi todo o mal! Que queres! A gente ás vezes não pensa, e faz destas loucuras.

CORRECTO — Talvez que se pisasses noutro soalho, e te enfiasses noutros sapatos, tal cousa não te acontecesse.

VICIOSO — Qual é esse outro soalho?

Correcto — O soalho de *asphalto*, do latim: *asphaltus*, do grego: *asphaltos* (bitume) de *asphalizô* (fortificar). Esse bitume é o da Judêa, do lago Asphaltite, ou Mar Morto.

Vicioso — E quaes são esses outros sapatos, de que tambem falas?

Correcto — São as *alparcas*, ou *alpargatas* do arabe: *albalga*, ou *albalgat*.

Vicioso — Agradeço-te a indirecta da correcção destas duas palavras. Não vês que acostumado a ouvir essa relé de pedreiros dizer *asphalte*, por isso me acostumei tambem a dizer assim. Quanto á palavra viciada, *alpercatas*, dá-se justamente o contrario: Tenho ouvido assim pronunciar muita gente bôa, e reputada illustrada.

Correcto — E quanto á outra?

Vicioso — Que outra?! Falta alguma mais?! Pois já não corrigistes estas duas palavras?!

Correcto — Sim, mas desejava tambem corrigir outras que acabaste ha pouco de proferir, e de que não tens, naturalmeute, a menor consciencia.

Vicioso — Desde que o dizes, é porque notaste mais algum vicio de pronuncia; portanto, é favor corrigir-me desse maldicto microbio, que se me inoculou na lingua, e que me não deixa mais falar. Não vá agora nessas poucas palavras notares tambem mais um quarto vicio de pronúncia.

Correcto — Pois já temos o quarto vicio.

Vicioso — Que me dizes?! Será possivel?!

Correcto — Conte lá, e veja se não é: *Cama-pé,*

ou *canna-pé*, *asphalte*, *alpercatas*, e agora com este que te vou corrigir, vem a ser portanto, o quarto vicio.

VICIOSO — Tens razão. Já não me lembrava do tal *cama-pé*. Pois vamos lá ao quarto.

CORRECTO — Não é preciso, porque eu te explico aqui mesmo na *sala das correcções*; salvo, se te acanhas, por causa dos circumstantes. Em vez de *relé*, meo Vicioso, dize *ralé*, por ser esta palavra derivada do castelhano *ralea*, que vem a ser a ave, ou o animal, em que a ave de rapina costuma fazer presa. A *ralé* do falcão, por exemplo, são as pombas; etc., etc. No sentido figurado significa aquella palavra o seguinte: *casta*, *especie*, *laia*, *sorte*, etc.

CORRECTO — Incommodaste-te com a explicação dada aqui na *sala das correcções?*

VICIOSO—Tanto me não *ralei*, que de hoje por diante só direi *ralé*.

XLVII

Allopátha — Homeopátha — Nevropátha — Frenesim — Autópsia.

VICIOSO — Estive outro dia com um allopátha, que metteo a valer as bótas na homeopathia. Disse que ella era uma medicina dagua choca, que não tinha importancia alguma; emfim, arrazou o mais que poude a sciencia do grande Hanneman. Contando eu isso a um homeopátha, disse-me este, tambem por sua vez, horrores da allopathia. Á vista do exposto, dize-me agora tu. Devo ser pelo allopátha, ou pelo homeopátha?

CORRECTO — Na minha fraca opinião entendo que não deves ser, nem por um, nem por outro.

VICIOSO — Assim devia ser, já que elles são os primeiros a desmoralisar a sciencia da medicina. Mas em todo caso, a escolher, qual dos dous escolherias?

CORRECTO — Já te disse que nenhum.

VICIOSO — Logo, não crês, nem na allopathia, nem na homeopathia.

CORRECTO — Lá isso creio.

VICIOSO — Porque não acreditas então nos seos representantes legaes?

CORRECTO — Por não serem estes os verdadeiros.

VICIOSO — E quaes são os verdadeiros?

CORRECTO — O *allópatha* e o *homeópatha*, sendo o primeiro nome formado das palavras gregas: *allos* (outro, a) e *pathos* (doença), e o segundo, do prefixo grego: *homo* (semelhante, igual) e *pathos* (doença).

VICIOSO — Nesse caso, deve-se tambem chamar *nevrópatha* ao que soffre dos nervos.

CORRECTO — Perdão, *neurópatha*, porque *nervo* em grego não é *nevro*, mas sim, *neuro*, como se vê em: *neurastenia*, e *neurastenico*.

VICIOSO — E não é que a pronunciar-se breve estas palavras, torna-se até mais bonito?! Pois com franqueza, meo Correcto, eu, ás vezes, como que me acanho estar a pronunciar: *allopátha*, *homeopátha*, e *neuropátha*, por causa do feio som de *páta*, que se mette em taes nomes, embora seja aquella terminação escripta com *th* (*patha*). Já pronunciando: *allópatha*, *homeópatha*, e *nevrópatha*, não só deixarei de repetir tanto o som de *páta*, mas tambem não darei tanta *patada* na pronúncia. Não sei porque, fazia-me isto cá por dentro certo frenesim, que não posso explicar.

CORRECTO — Tambem não sei porque, faz-me cá por dentro certa afflicção, quando ouço o incerto *frenesim*.

VICIOSO — Allivia-te então, e allivia-me tambem, explicando-me a bôa pronúncia desta palavra.

CORRECTO — Basta tirares o *m* final e pronunciares: *phrenesi*, do grego: *phren* (o cerebro, a mente). Chama-se em medicina *phrenesi* á inflammação cerebral. Dahi, deo-se tambem este nome ao delirio resultante dessa inflammação, e á loucura furiosa. Figuradamente a palavra *phrenesi* significa: *inquietação moral, impaciencia, impertinencia*, e tambem: *actividade, zelo excessivo, amôr ao trabalho.*

VICIOSO — Afinal, nossa palestra de hoje tem versado, póde-se dizer, exclusivamente sobre medicina. Á medida que vou proferindo palavras mal pronunciadas, tu como habilissimo *operador prosodico*, vaes fazendo-lhes a devida autópsia, apresentando-me os verdadeiros elementos morphicos, de que aquellas se compoem.

CORRECTO — Justamente por ser *operador prosodico* é que não posso fazer *autópsia.*

VICIOSO — Porque?!

CORRECTO — Porque a fazer, seria: *autopsía*, do prefixo grego: *auto*, de *autos* (proprio, por si proprio) de *opsis* (acção de vêr) e da desinencia portugueza *ía*, que é longa.

VICIOSO — Sabes que mais? Como isso de *autopsía*, cheira-me muito a defuncto, o melhor é guardarmos para amanhã nossa palestra, porque, senão, posso ser ainda hoje autopsiado por ti.

XLVIII

Cartomância — Chiromância — Nigromância — Nigromante — Cuspe

Vicioso — A maldicta casta das bruxas, creio que é uma praga que jamais acabará. Apresentou-se-me outro dia em casa uma velha hespanhola, dizendo-me que exercia a cartomância, desde rapariga, e que tinha sempre tirado bons resultados com suas cartas, que nunca lhe falharam uma só vez. Disse-me tambem que era entendida em chiromância, e que lia com a maior facilidade pelas linhas da palma da mão a indole, pensamento e toda a sorte futura de qualquer pessôa. Conhecia tambem os segredos da nigromância, e que como nigromante ninguem lhe excedia. O demonio da velha quando falava, enchia-me a cara de cuspe, e eu para não aturar mais o assalto dos perdigotos, disse-lhe que não acreditava, nem na cartomância, nem na chiromância, nem na nigromância, e muito menos na ni-

gromante, que me falava naquelle momento, porque já a conhecia como uma refinada bruxa, que andava a illudir os papalvos, e que eu (preguei-lhe então esta) como fazia parte da policia, estimava muito ter occasião de conhecêl-a de perto. Aquillo foi agua na fervura. Cessaram os perdigotos, e a espertalhona da velha sahio por alli fóra fina como um fuso! Só assim é que me pude vêr livre da tal bruxa!

CORRECTO — Mas para que fôste tu prégar-lhe uma mentira?

VICIOSO — Que mentira? Dizer-lhe que fazia parte da policia? Fiz muito bem; pois essa gente foge da policia, como o diabo da cruz! Nem podia ter eu outro meĩo de salvação.

CORRECTO — Qual policia, meo Vicioso! Não é a essa mentira, a que eu me refiro.

VICIOSO — Então, qual é?

CORRECTO — Dizeres que não acreditavas naquellas adivinhações.

VICIOSO — Pois como de facto não acredito, e considero tudo isso uma bruxaria.

CORRECTO — Eu é que não posso acreditar nisso.

VICIOSO — Esta agora é que não está má! Já me viste algum dia mettido nessas cousas?

CORRECTO — Não sei. Só o que te digo é que em todas essas adivinhações que citaste, tenho a certeza de que acreditas. Considera-as até bem verdadeiras.

VICIOSO — Tu é que com certeza não estás com o juizo todo. Mas porque dizes isso? Deve haver um fundamento.

CORRECTO — Pois ha um fundamento, e este é o seguinte: Se não acreditas na *essencia* daquellas adivinhações, pelo menos, acreditas na *fórma*, porque até repetiste duas vezes: *cartománcia*, *chirománcia*, *nigrománcia*, não escapando tambem o *nigromante*.

VICIOSO — Eu já estava meio desconfiado com a historia. Devia ter logo percebido que por ahi andava negocio de vicio de pronúncia. Tu é que davas um bom bruxo, meo espertalhão! Olha, adivinha-me agora como se deve pronunciar essas taes palavras.

CORRECTO — Alto lá! Isto aqui não é negocio de adivinhação, mas sim de convicção de pronúncia. Assim pois, deve-se pronunciar: *cartomancía*, formado de *carta* e *mancía*, do suffixo latino e grego *mantía*, de *mantenô* (adivinhar, prognosticar). Do mesmo modo: *chiromancía*, formado de *chiro*, do grego: *kheir* (mão) e do citado suffixo *mancía*. Quanto á *nigromancía* deve-se esvrever e pronunciar: *necrómancia*, formado de *nekrós* (um morto) e tambem suffixo *mancía*. Ora, dizendo-se *necromancía*, por igual modo se deve dizer: *necromante*. Cospe tambem agora, meo Vicioso, teo viciado *cuspe*, e pronuncia *cuspo*, que é saliva mais asseiada.

VICIOSO — E eu que não quero passar por mal asseiado, hei de algum dia cuspir todos esses vicios de pronúncia.

XLIX

Tresnoitado — Desvairado — Açaime.

VICIOSO — Ando por aqui tresnoitado, meo Correcto. Ha tres noutes que não durmo, por causa do latir constante de um maldicto cão da visinhança.

CORRECTO — Mas por não dormires ha tres noutes, é que dizes estar tresnoutado?

VICIOSO — Está claro que sim. Desde que não durmo...

CORRECTO — E se não dormisses ha quatro noutes, como dirias que estavas?

VICIOSO — Ora essa! Estaria tambem tresnoitado.

CORRECTO — Isso é que não poderias dizer.

VICIOSO — Porque?

CORRECTO — Porque pela tua regra: dirias *quatronoitado*.

VICIOSO — Que quer dizer então *tresnoitado*?

CORRECTO — Não quer dizer cousa alguma.

VICIOSO — Então explica-me alguma cousa sobre a verdadeira pronúncia d'esta palavra.

CORRECTO — Eu já te explico. Ha em portuguez dous prefixos que se parecem um pouco na fórma, e que são *tres* e *tras*. O primeiro, *tres* é o puro adjectivo numeral cardinal latino: *tres*, *tria*, que passou para o portuguez sob a mesma fórma, (*tres*) e tambem como adjectivo numeral cardinal. Desse adjectivo latino *tres* é que o francez formou, pela idéa de quantidade, seo adjectivo qualificativo e adverbio *très* (muito); assim como o portuguez o empregou tambem como prefixo, significando *muito*, como se vê, por exemplo, na palavra: *tresler* (lêr muito) *tresvarío* (muito vário, ou estado de pessôa delirante).

Não prevalece portanto, a opinião de alguns lexicographos que dizem ser o prefixo portuguez *tres*, que exprime quantidade, derivado do francez *très* (muito) pois como acabamos de vêr, tanto o francez, como o portuguez foram buscar taes fórmas e significações numa só fonte, que é o latim. O segundo prefixo, *tras*, é empregado, ora como abreviatura de *trans* (alem), como por exemplo nas palavras: *traspassar* (passar alem) em vez de *transpassar*, e *trasladar* (transferir de um logar para outro), em vez de *transladar*. Outras vezes é o mesmo prefixo *tras* empregado como abreviatura de *atrás*, como por exemplo, já vimos na palavra *trastornar* (tornar, ou derribar para *trás*). Do mesmo modo devemos tambem dizer: *trasnoutado*, para exprimir: *o que não dorme uma, ou mais noutes atrás*. Comquanto digam alguns lexicographos que o prefixo

tres encontra-se algumas vezes modificado em *tras* (atrás), e vice-versa, *tras* em *tres*, não deve ser isso admissivel, porquanto, o emprego de um prefixo por outro, necessariamente alterará o sentido da palavra, e por um principio geral de grammatica, os *prefixos*, assim como os *suffixos* devem ser apropriadamente empregados, e não indifferentemente.

VICIOSO — Não te parece, meo Correcto, que cada lexicographo é um desvairado?

CORRECTO — Não. O que me parece, é que cada qual é um *desvariado*. Que necessidade ha de se fazer anagramma do verbo *desvariar*, e do seo participio *desvariado*, dizendo-se *desvairar*, e *desvairado*? Não se diz *desvario*, ou tambem se faz anagramma, dizendo-se *desvairo*? Acho que isso é quanto basta para tapar a bocca dos que dizem *desvairado*.

VICIOSO — A minha, pelo menos, tapou. Pudesse eu tambem pôr um açaime, forte como este, na bocca do tal cão, que me não deixou dormir tres noutes seguidas.

CORRECTO — Não te offendas com o que te vou dizer, pois é apenas por gracejo, e para fazer trocadilho, de que muito gostas, que aqui avanço esta proposição: Porque não tiras antes o *açaime* da tua bocca, e pões um *açamo*, do arabe: *acamma*, na bocca do cão?

VICIOSO — Sem tambem te querer offender, respondo agora no mesmo tom: Acceito teo *açamo*.

L

Centilítro — Decalítro — Decilítro — Hectolítro — Kilolítro.

Vicioso — Soffres de dôres de dentes, meo Correcto?

Correcto — Ás vezes.

Vicioso — Pois eu sou victima. Quer no verão, quer no inverno, sou sempre perseguido por essa terrivel dôr! Ponho quanto remedio me ensinam, mas é inutil!

Correcto — Já puzeste cocaïna?

Vicioso — Ainda não experimentei. É bom remedio?

Correcto — Excellente! Passa logo num instante.

Vicioso — Pois hei-de ir hoje á pharmacia comprar a tal cocaïna.

Correcto — Mas é que isso não se vende, sem receita do medico.

Vicioso — Porque?

Correcto — Porque é um toxico. Não conheces a *coca?* Pois é dahi que se forma esse medicamento denominado *cocaïna*. A *coca* vem a ser uma baga, ou semente venenosa, de uma planta sarmentosa da Judia (*coculus indica*) com que se atordôa o peixe, como com o trovisco.

Vicioso — Tambem não sei o que é *tròvisco*.

Correcto — O *trovisco* é um arbusto vulgar, que tem um succo leitoso e amargo. Este arbusto lança-se pisado nos rios para matar o peixe. Assim pois, como a *coca* atordôa o peixe, tambem a *cocaïna*, daquella extrahida, nos atordôa e estontêa. Os medicos e dentistas empregam-n'a até muito, como um poderoso anesthesico.

Vicioso — Tambem me ensinaram, mas ainda não experimentei, pôr algumas gottas anodynas, cujo nome não me occorre agora, em meio decilitro d'agua, e de vez em quando molhar um pincelzinho, e ir applicando na cavidade do dente. Disseram-me que é um excellente remedio. Quem me ensinou foi até um francez.

Correcto — Mas elle te ensinou em francez, ou portuguez?

Vicioso — Em portuguez.

Correcto — Não creio.

Vicioso — Porque?!

Correcto — Porque ainda conservas a pronúncia franceza, dizendo *decilítro*.

Vicioso — Pois vou deixar a *conserva* franceza, e dá-me agora *conserva* portugueza.

Correcto — E é para já. Não ignoras que o novo

Systema Metrico entre nós introduzido, é invenção franceza. Como ainda sabes, pela indole dessa lingua, são pronunciados longos os seguintes nomes de pesos e medidas: *centilítre, decalítre, decilítre, hectolítre* e *kilolítre*. Nós, que quasi já falamos francez, em vez de portuguez, por isso, fomos tambem traduzindo os nomes daquelles pesos e medidas, conservando em portuguez a mesma pronúncia longa, que elles têm em francez. Não sei como escaparam: *centígrado, centímetro, decâmetro, decímetro, hectômetro,* e *kilômetro*? Ora, se estes nomes se pronunciam breves, os nomes daquelles pesos e medidas, devem tambem ser pronunciados breves, por ser breve em grego a primeira syllaba da palavra *litro*, devendo-se por isso dizer: *centílitro, decálitro, decílitro, hectólitro* e *kilólitro.*

VICIOSO — E não se deve tambem dizer: *centígramma, decágramma, decígramma, hectógramma* e *kilógramma?*

CORRECTO — Não, porque em grego a vogal antes de duas consoantes é longa, e a palavra *gramma* que é grega, é escripta como se vê com dous *m*, por isso, a vogal *a* da primeira syllaba *gra*, é longa.

VICIOSO — Mas se eu fôr, por exemplo, pedir ao negociante um *decílitro* de vinho, chama-me logo aquelle um ignorante.

CORRECTO — E que te importas com isso, se lhe apresentares immediatamente os mesmos argumentos que aqui te apresento?

VICIOSO — Dizes muito bem. É o que vou fazer. Assim como até hoje me tenho corrigido de outros vicios

de pronúncia, que me tens apontado, assim tambem me corrigirei destes. O que mais sinto agora, meo Correcto, é ter que me ausentar de ti por algum tempo, senão de mais vicios me corrigiria.

CORRECTO — Sinto tambem muito da minha parte separar-me de ti, e só o que te peço é que não te esqueças do teo sincero amigo Correcto.

VICIOSO — E para me não esquecer, aqui me despeço, dizendo-te:

Adeos, Correcto, que eu sigo,
Pois durante toda a vida,
Terás tambem um amigo
De: *conta*, *peso* e *medida*.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

INDICE

DAS PALAVRAS DE PRONÚNCIA VICIADA CONTIDAS NESTE VOLUME

INDICE

DAS

PALAVRAS DE PRONÚNCIA VICIADA, CONTIDAS NESTE VOLUME

A

B

C

D

V

Z

JOÃO DE CASTRO LOPES

Palestras com o Povo

VOLUME II

IMPROPRIEDADE DOS TERMOS

LISBOA
LIVRARIA CENTRAL DE GOMES DE CARVALHO, EDITOR
153 — Rua da Prata — 160

1902

PALESTRAS COM O POVO

JOÃO DE CASTRO LOPES

Palestras cem o Povo

VOLUME II

IMPROPRIEDADE DOS TERMOS

LISBOA
LIVRARIA CENTRAL DE GOMES DE CARVALHO, EDITOR
158, Rua da Prata, 160

1901

PALESTRAS COM O POVO

I

ALUGAR

Dous cavalheiros, um advogado e um chefe de familia, andavam afflictos á procura de casa.

O advogado, occupado sempre com a clientela, resolveu fazer o seguinte annuncio: *Precisa-se de uma casa com bôas accommodações para numerosa familia. Paga-se bom aluguel. Quem a tiver, dirija-se á rua Andrade n.º 30.*

O chefe de familia, tambem homem muito occupado, encontrando-se com um amigo pergunta-lhe:

—Não saberás indicar-me alguma casa que esteja para alugar?

Responde-lhe o amigo:

—Porque não vaes ter com aquelle proprietario muito conhecido, esquece-me agora o nome... que mora á rua dos Andradas? Dizem até que elle é muito accommodado nos alugueis.

— Obrigado. Tomo teo conselho. Vou já daqui direitinho procural-o.

Parte immediatamente o *pater-familias* á procura do proprietario. No meio do caminho, esquece-se do nome da rua, conservando apenas o numero da casa.

Eil-o agora dando tratos á imaginação:

— Rua de... Já me não lembro do nome da rua! Ora, como diabo se chama a tal rua?! Rua... rua... Ah! Já sei. Rua Andrade n.° 30. Não me esqueço mais.

Chegado o nosso homem á rua Andrade n.° 30, bate á porta, e como não sabe o nome do proprietario, diz a quem vem recebel-o:

— Dsejo falar ao dono da casa.

— Não está, responde-lhe um criado, mas se quizer deixar algum recado...

— Nesse caso, deixar-lhe-hei escripto o que pretendo.

Tira do bolso um cartão de visita e neste escreve a lapis o seguinte: «Ill.^{mo} Sr.—Desejo alugar-lhe uma casa para numerosa familia.

Entrega o cartão e retira-se.

Dous minutos depois chega o dono da casa, e logo á porta da rua recebe o cartão, que lhe entrega o criado, com a seguinte phrase:

— Sahiu agora mesmo daqui um senhor que deixou este cartão. Se quizer posso chamal-o.

— Sim, chama-o.

Ao sahir o criado, lê immediatamente o dono da casa o cartão, e vae depois abrir a porta da sala de

visitas, á espera do auctor daquellas linhas que acabava de lêr.

Eis de volta o chefe de familia.

Diz-lhe o dono da casa:

—O cavalheiro me desculpará se o mandei incommodar, mas como ia, naturalmente, perto...

—Ora essa! Incommodo nenhum.

—Tenha a bondade de entrar e sentar-se.

Depois de entrar e sentar-se avança aquelle individuo esta amavel proposição:

—Sou eu talvez quem deve pedir desculpa de o vir incommodar, e não o senhor a mim; pois, pela natureza do negocio, o interesse é mais meo do que seo.

—Perdão, cavalheiro, penso, justamente o contrario; que o interesse deve ser mais meo.

—Não concordo. Eis uma questão, que se aqui estivesse um advogado poderia resolvel-a.

—Comquanto seja eu advogado, creio que não é caso de ir buscal-o, para resolver tão simples questão.

—Ah! é advogado?! Então melhor. Peço, como obsequio, resolvel-a.

—Pois não. Com todo o prazer: Não obstante, tenha o proprietario grande interesse em alugar sua casa, comtudo, não perderá, deixando de alugal-a a qualquer pessôa, porque encontrará immediatamente outras, visto como, nunca faltam pretendentes; ao passo que o pretendente, alem da difficuldade com que lucta, pela escassez das casas, póde muitas vezes perder uma bôa morada, e não achar depois outra, ou ou-

tras eguaes áquella que desejava; logo, o pretendente deve ser sempre o mais interessado.

Observa a visita:

— Pois é justamente o que eu penso, e nesse caso, qual de nós deve ser o mais interessado? Eu, ou o Dr.?

— Está claro que eu, responde o advogado, por ser o pretendente, e não o senhor como proprietario.

Neste momento, o chefe de familia, como que movido por uma mola, dá um pulo na cadeira, e fitando de olhos arregalados o advogado, pergunta-lhe estupefacto:

— Pois o Dr. não é proprietario?! É tambem pretendente como eu?!

A esta brusca interrogação, pergunta-lhe tambem o advogado, não menos admirado:

— Como?! Pois o senhor é tambem pretendente?! Não é proprietario?!

— Nunca o fui, sr. Dr., nem sei qual o motivo que o levou a suppôr que eu fosse proprietario.

— Foi o motivo o seguinte: Tendo eu annunciado que precisava de uma casa para numerosa familia, pagando bom aluguel, e que quem a tivesse, podia para aqui dirigir-se; portanto, nada mais natural do que qualquer proprietario procurar-me para esse fim, principalmente, declarando o annuncio pagar-se bom aluguel. Apresenta-se-me depois o senhor dizendo em seu cartão: *Desejo alugar-lhe uma casa para numerosa familia.* Ora, como quem aluga é sempre o proprietario, e não o locatario, ou inquilino, eis porque suppuz que o cavalheiro fosse proprietario.

— Esta agora!

— Certamente que sim. Póde-se pois, admittir que o proprietario alugue a casa, e o inquilino tambem a alugue? Terão então ambos o direito de ceder a qualquer uma propriedade, por meio de aluguel, que é o que significa a palavra *alugar?*

— Lá isso é exacto. Mas, sr. Dr., como deveria então exprimir-me, sem poder dizer: *Desejo alugar-lhe?*

— Por outras muitas formas. Nas *Ordenações do Reino,* por exemplo, lá está que o proprietario *aluga* e o locatario, ou inquilino *toma de aluguer,* ou *aluguel,* como se diz hoje. Não querendo usar desta expressão, poderia empregar o proprio verbo *alugar* sob a seguinte forma: Desejo que *me alugue* sua casa, ou uma de suas casas, etc. Assim tambem o locatario, ou inquilino deve sempre dizer: fulano *alugou-me* esta casa, e não: *eu aluguei* esta casa a fulano.

A lingua ingleza, por exemplo, que é muito pobre em comparação á nossa, possue entretanto dous verbos para exprimir aquellas duas idéas. São elles o verbo: *To let,* quando o proprietario *cede* a casa por aluguel, e *To hire,* quando o inquilino *toma,* ou *recebe-a* por aluguel.

— Entretanto, sr. Dr., ouve-se isto todos os dias, da parte do inquilino: *eu aluguei* uma casa. Pudera não haver confusão!

— Tanto póde haver que o senhor acaba de presenciar o *quiproquó* que entre nós se deo, só por haver sido da sua parte mal empregado o termo *alugar*. E como poude tambem tomar-me como proprietario?

Salvo, se trocou o numero da casa, ou da rua. Ha tambem por ahi uma rua, chamada rua dos Andradas, cujo nome se póde confundir com o de rua Andrade.

— Exactamente! Foi mesmo rua dos Andradas que me disseram, e não rua Andrade; portanto, sr. Dr., só me cabe pedir-lhe mil desculpas, por ter tomado seo precioso tempo, e agradecendo tão proveitosa licção, dizer-lhe tambem o seguinte: Agora é que vejo como se fala mal nossa lingua!

II

INTEMERATO

Em um quartel apresenta-se ao official de estado um soldado ainda novato e diz-lhe:

— Ás ordens, capitão. Tive hoje alta, e acabo de sahir da enfermaria.

— É verdade, seo idiota: Já soube que você apanhou um forte resfriamento, quando na madrugada passada esteve de sentinella. Porque recusou beber a ração de aguardente que se lhe mandou dar? Para ficar doente, como aconteceo. Não sabe que é costume, em tempo de guerra, quando ha invernadas, distribuir-se aguardente, por ordem do general, ás forças destacadas na vanguarda?

Nessa occasião apparece um cadete que vinha palestrar com o capitão, official com quem tinha grande liberdade, e ouvindo que o capitão reprehendia o soldado, que era seo conhecido, pergunta:

— Que temos, capitão? Este sujeito infringio alguma ordem?

— Pois não. Este estupido foi adoecer por culpa propria. Apanhou um resfriamento na madrugada passada, chuvosa como foi, porque recusou a ração de aguardente.

Interrompe o soldado:

— Sr. capitão, se V. S.ª me dá licença que fale...

— Dize lá.

— V. S.ª deve estar lembrado do que me disse, quando jurei bandeira: que a primeira qualidade do soldado era sêr *intemerato*. Como eu não sabia o que significava esta palavra, fui perguntar aqui, ao sr. cadete, e elle disse-me que *intemerato* queria dizer: aquelle que não tem vicio, por exemplo, que não joga, não bebe, etc., por isso, quando o forriel me apresentou a caneca de aguardente, eu fui immediatamente dizendo: não bebo, quero sêr *intemerato,* lembrando-me portanto, do que V. S.ª me tinha dito.

— Mas seo *bolas,* você não vio logo que o cadete estava gracejando? E o que tem uma cousa com outra? Quando eu disse que a primeira qualidade de um soldado era ser *intemerato* quiz explicar: ser *valente.* Suma-se já d'aqui, seo palerma, antes que o mande para a guarda da frente.

Escapa-se cabisbaixo o soldado, e logo depois o cadete, que era um gaiato de força, dirige-se ao capitão com a seguinte phrase muito usada em giria militar, com relação áquelle que comette qualquer erro, ou syllabada:

Tenha paciencia, meo capitão, você *está preso.*

— Como assim ?!

— *Está preso,* repito.

— Mas no que errei eu?

— Dando á palavra *intemerato,* a significação de *valente.*

— Ora vá se catar!

— Não, capitão, não disfarce!

— Meo amigo, é como tenho ouvido muita gente dizer: soldado *intemerato,* referindo-se ao soldado valente.

— Qual! Deixe-se disso, capitão! Você agora é *meo, todo meo, tomei-o para mim, não dou nem um pedacinho a ninguem.*

— Pois repito: é como tenho ouvido muita gente dizer.

— Tambem eu; mas por aquelles que não conhecem a verdadeira etymologia da palavra, pelos que ignoram o latim.

— É verdade, já me ia esquecendo de que você foi *formigão* do Seminario. Anda lá: explica-me então esse latinorio, porque eu a respeito de latim, nunca passei do *hora, horæ.*

— A palavra *intemerato,* meo capitão, é derivada do adjectivo latino *intemeratus, a, um,* sendo este formado do prefixo negativo *in,* que quer dizer *não,* e do verbo *temero,* que significa: *violar, manchar, polluir,* etc., d'onde *intemerato* corresponde a: *não violado, não manchado, não polluido,* etc., que vale o mesmo que dizer: *puro, casto, incorrupto, immaculado.* Aqui

está o que significa a palavra *intemerato*. Ora diga-me uma cousa: você nunca ouvio cantar a ladainha? Não se lembra daquella phrase: *Virgo intemerata*? Será a traducção desta: *Virgem valente?*

— Tem razão, cadete; *estou preso!*

III

APESAR

Aconselhava certo pae ao filho que não podendo, por falta de meios pecuniarios, formal-o em qualquer curso superior, seguisse o funcionalismo publico, porque ahi poderia com trabalho e força de vontade occupar tambem distincta posição na sociedade.

Sobre esta ponderação paterna observa o filho que, a se não formar em curso superior, deseja seguir o commercio.

Tanto, porém, o pae com o filho insiste, que este para o satisfazer inscreve-se logo para o primeiro concurso de praticante supplente de uma das nossas repartições publicas.

Acontece ser o pae do rapaz, conhecido do director da repartição, onde tal concurso se deveria effectuar. Dirigindo-se ao director da repartição, e depois de lhe pedir a *benevolencia* do costume, disse que desconfia-

va que, se seo filho seguisse a carreira de funccionario publico, seria mais para o satisfazer do que por vontade propria, e tambem notava que não era sem algum pesar que o rapaz exerceria o logar de praticante supplente, pois que o considerava de muito baixa categoria.

Realisado o concurso, é o rapaz nomeado para o referido cargo de praticante supplente.

No fim de quinze dias de exercicio do cargo, já o joven funccionario se familiarisára com o serviço e estava até muito satisfeito, alimentando idéas de bôas promoções futuras; entretanto, não deixava de estar muito aborrecido com o procedimento de um servente muito malcriado, que constantemente o desacatava, atirando de modo brusco sobre a mesa os objectos de serviço, dando-lhe tambem respostas atrevidas.

Incommodado com isso, escreve o nosso empregado a seguinte carta ao seo director:

«Ill.^{mo} e ex.^{mo} snr. Director.—Apesar de ser nesta repartição empregado de baixa categoria, venho relatar-vos o seguinte facto: Sou constantemente desrespeitado pelo servente da minha secção, o qual atira sempre sobre a mesa os objectos de serviço que lhe peço, e, quando o advirto, dá-me repostas atrevidas. De V. Ex.^{a}, etc., etc.»

É a referida carta entregue á tarde na residencia do director.

No dia seguinte, por motivo de ligeiro incommodo, falta o novo empregado á repartição.

Manda nesse mesmo dia o director chamal-o ao gabinete, e sabendo que havia aquelle faltado á reparti-

ção, começou d'ahi a fazer as seguintes considerações:

— Do que este rapaz precisava agora era ser exonerado. Já me incommoda ouvir tanto pesar! Disse-me o pae, ao falar-me, que não era sem algum pesar que seu filho acceitaria o cargo de praticante supplente, e o proprio filho acaba agora de o confirmar na carta que me escreve, declarando ter pesar de ser nesta repartição empregado de baixa categoria. Além disso, esta ausencia immediata á repartição, outra cousa não é senão o abandono do logar. Ora bolas! Pois se não está contente, peça logo sua exoneração. É afinal o que vou fazer. Satisfaço-lhe a vontade, exonerando-o quanto antes.

Noticiam os periodicos do dia seguinte a exoneração do rapaz, e surprehendido este com tão prompta despedida, sem perda de tempo á repartição se dirige.

— Sr. director, peço licença para dizer-vos que não sei ao que deva attribuir minha exoneração.

— É simples: Ao muito pesar que tem o sr. de ser nesta repartição empregado de baixa categoria.

— Perdão. O sr. director não interpretou bem minhas palavras. Eu quiz dizer que não obstante ser nesta repartição empregado de baixa categoria, ainda assim me julgava com o direito de queixar-me de um servente, cujo cargo está abaixo do meo.

— Pois, se o senhor quiz dizer *não obstante*, porque razão não empregou logo esta expressão, ou outras equivalentes? Vem depois com a desculpa dos que erram: «o senhor interpretou mal minhas palavras».

Essa é boa! Serei obrigado a adevinhar sua intenção?! Soubesse exprimir-se.

— Mas sr. director, esta expressão *apesar* é até muito empregada.

— Não me conta o senhor novidade alguma. Ha até quem tenha o descôco de construir phrases como estas: *apesar* de ser meo amigo, *apesar* de ser um bom negocio, *apesar* de eu estar muito contente, etc., etc., como se fosse possivel haver motivo de *pesar* em todas estas cousas. Tal é a pertinacia do povo sobre o máo emprego do *apesar* que usa esta expressão quasi exclusivamente de preferencia ás outras que lhe são correlativas.

— Mas tambem, sr. director, estarmos agora a escolher o sentido da phrase para applicarmos, ou não, o *apesar*, é para fazer confusão!

— Qual confusão! Não pode haver nenhuma, desde que se attenda ao seguinte: As locuções: *não obstante, comquanto, se bem que, posto que, ainda que, sem embargo, embora, máo grado, a despeito* e tambem *apesar* ou *a pesar*, exprimem todas idéa de *opposição* ou *resistencia* mais ou menos forte, não impedindo, entretanto, que se pratique a acção. Quanto, porém, á locução *apesar* ou *a pesar*, além desta indicar *forte opposição*, encerra tambem a idéa de *pesar, desgosto, mágoa, sentimento*. Não erraremos nunca, se empregarmos qualquer das outras locuções citadas pela locução *apesar*; assim, por exemplo, se em vez de dizermos; *apesar* de estar contrariado (expressão correcta), dissermos: *não obstante* estar contrariado, *comquanto* esteja con-

trariado, etc., será sempre o mesmo sentido da phrase. Se porém, empregarmos a locução *apesar* por qualquer das outras, o mesmo já não succederá; assim, por exemplo, se, em vez de dizermos: não obstante termos uma bella noute, comquanto tenhamos uma bella noute, etc., dissermos: *apesar* de termos uma bella noute, alterado ficará o sentido, pois que não póde haver *pesar* de termos uma bella noute. A propria expressão pleonastica pelo vulgo empregada: *apesar dos pesares*, está ainda claramente mostrando que a locução *apesar* ou *a pesar* só exprime idéa de pesar.

Em conclusão: A locução *apesar* pode ser sempre substituida pelas locuções que lhe são correlativas, e estas nunca pela locução *apesar*.

—E porque, sr. director, hão de todos incorrer neste vicio de linguagem?

—Porque é já vicio do povo desrespeitar, não só as leis civís, mas tambem as grammaticaes. Os proprios auctores do diccionario de synonimos, Roquette e Fonseca, são os primeiros infractores da propriedade desta locução, quando dizem no começo da sua obra: «Apesar de que já uma douta e elegante penna escreveo acerca dos synonimos da lingua portugueza, etc.» De modo que, assim se exprimindo, sentem *pesar* de que já uma douta e elegante penna escrevesse acerca dos synonimos da lingua portugueza.

—Mas ahi está, o sr. director, fornecendo agora um argumento a meo favor: os proprios diccionaristas empregaram a locução *apesar* no sentido de *não obstante*.

*

— Mas empregaram-n'a erradamente, e foi justamente isso o que lhe acabei de ponderar. Ai! que o amigo é talvez do numero daquelles que pensam que a applicação exacta de um termo, ou de uma expressão, não passa de um objecto de luxo, uma exigencia, uma impertinencia grammatical.

— Felizmente já teve o senhor a prova contraria. Por causa do máo emprego da locução *apesar* resultou-lhe um prejuizo moral e material, que foi sua exoneração. Vê portanto, meo caro sr., que não é assim tão inutil o valor real das palavras, phrases e locuções.

IV

CARECER

Estudante de curso superior escrevera ao pae, que morava fóra da Capital, a seguinte carta: «Meo pae. — Carecendo de alguns livros para os proximos exames, peço-lhe que me mande 50$000 rs., pois que aquelles importam nesta quantia. Seo filho obediente e amigo F.»

Era o pae deste estudante, homem já velho e de tempera antiga. Comquanto não tivesse grande illustração, mostrava não ser de todo destituido de alguns principios litterarios, e jactava-se de ter sido educado nos moldes do antigo ensino.

Depois de lêr a carta diz o velho admirado:

— Máo! Máo! A cousa já me não vae agradando muito. Pois, se no principio do anno comprei todos os livros que lhe eram necessarios, como é que agora me pede o rapaz dinheiro para livros?! Tel-os-ia já estra-

gado, ou consumido?! Nisto aqui, anda talvez alguma esperteza...

Eu tambem já fui estudante, e conheço certos costumes da classe. Naturalmente, o maroto vendeo esses taes livros de que hoje necessita, e ao vêr approximarem-se os exames, vem-me com esta cantiga. Pois eu tambem faço-me de tolo, e mando-lhe dizer que se arranje como puder, que estude em livros emprestados, como eu fiz no meo tempo. Nada, não estou a cavar dinheiro. Os tempos estão *bicudos!*...

Por occasião das férias, apresenta-se na casa paterna o referido estudante meio resabiado.

Escusado é dizer que o rispido progenitor, antes de lhe dar o costumado abraço, perguntou-lhe logo pela nota da approvação; e ao saber que o filho havia sido simplesmente approvado em todas as materias do anno, exclama indignado:

— Que dizes?! *Simpliciter in totum!* Pois tu não te envergonhas, rapaz, de me trazeres esta nota!?

— Mas, meo pae, o senhor bem sabe...

— Qual carapuça! Andaste vadiando o anno inteiro, e agora queres desculpar-te. Não admitto. Teo castigo devia ser repetires o anno; porque o estudante de curso superior deve tirar nos exames, pelo menos, o seo *plena*. No meo tempo, aos estudantes que tinham por costume ser simplificados nos exames, dava-se-lhes o titulo de dr. Simplicio. Vê lá se tambem queres ficar conhecido por tal nome.

— Pois saiba agora, meo pae, que quasi sahi reprovado.

—Oh! tratante! Tens ainda o desaforo de me dizer isto, em face?

—É o que lhe digo. Quasi que sahi reprovado, e por sua causa.

—Por minha causa?!

—Sim senhor, por sua causa; porque precisando muito de alguns livros, e mandando-lhe pedir dinheiro para os comprar, respondeo-me o senhor que me arranjasse como pudesse, que estudasse em livros emprestados. Assim fiz, porém, como os collegas tambem precisavam de estudar, vi-me por isso, muitas vezes embaraçado.

—Mas, dize-me cà uma cousa: Tu não levaste d'aqui todos os livros que te eram necessarios para o anno em que te matriculaste?

—Levei-os, sim senhor; mas, é que os lentes nos recommendaram que consultassemos outros auctores, por isso é que lhe mandei pedir dinheiro para os comprar.

—Ora esta, só dando com um gato morto! E porque não me disseste isso na carta?

—Pois eu não lhe mandei dizer: Carecendo de alguns livros para os proximos exames, peço-lhe que...

—Não acabes, não acabes, filho da minh'alma!

—Mas porque, meo pae?!

—Não acabes, porque acabaste de assassinar a lingua portugueza!

—A lingua portugueza?!

—Sim, esta lingua de que já prestaste exame, e sobre a qual mostras agora que nada sabes. Refiro-me

ao termo *carecendo*, pessimamente empregado na tua carta. Que significa a palavra *carecer*?

— *Carecer* significa *precisar*.

— Do que precisavas sei eu... Isso que dizes é o que naturalmente ouves por ahi dizer. Eu já conheço a ronha de certos pedantes, que, quando encontram duas, ou tres palavras synonimas, gostam sempre de usar a menos vulgar. Assim, por exemplo, como sabem que *carecer* é synonymo de *faltar*, *necessitar*, ou *precisar*, suppoem que é tudo uma e a mesma cousa, e por isso empregam de preferencia *carecer*, por lhes parecer termo mais ampollado, mais alambicado, não sendo raro se ouvirem destas phrases: Não *carece* incommodar-se. Quando *carecer* da minha pessoa... etc., etc.

— Mas, meo pae, que significa então *carecer*?

— *Carecer* não é exactamente a mesma cousa que *precisar*; do contrario, não seriam synonimos. *Carece-se* do que se teve e não se tem. *Falta* o que não se tem, nem se teve nunca. *Necessita-se* do que é indispensavel para os usos e necessidades da vida. *Precisar* vem a ser o termo generico que abrange a significação de todos estes. Por exemplo: Se até hoje não tiveste juizo, portanto, *falta-te* juizo. Se vendeste os livros que tinhas, e agora desejavas os possuir de novo, delles então *carecias*; e do que *necessitas* ou *precisas* é de formares-te para ganhar a vida. Comprehendeste agora?

— Comprehendi, sim senhor.

— Pois ahi está. Já vês que me não devias ter escripto: *Carecendo* de alguns livros, porque assim me

deste a entender que os tiveste em algum tempo, e que agora não os tinhas mais. Por isso, supponho eu que os tivesses estragado, ou consumido, é que te não mandei dinheiro para os comprar.

— Mas, meo pae, isto é querer o senhor ser muito escrupuloso na linguagem.

— Essa é bôa! Pois não viste o *quiproquo* que dahi resultou pelo máo emprego do tal termo *carecer?!* Tenho eu tambem obrigação de falar errado, ou chamar-me á ignorancia da verdadeira significação das palavras, só para agradar á massa ignara?!

Fica sabendo, meo filho, que aquelle que não preza a lingua nacional, deve considerar-se sem brio, sem dignidade, e até mesmo sem patriotismo! Ouve, guarda de memoria e repete sempre estes sentenciosos versos de um dos nossos melhores puristas da lingua portugueza:

Quem a lingua não preza em que primeiro
De Mãe balbuciou o nome sancto,
É ser excepcional, é filho ingrato,
Não conhece da patria o doce encanto!

V

DESESPERADO

Dirigira-se certo pretendente a uma secretaria para falar ao ministro. Ao saber previamente que era este um homem muito irascivel, que por qualquer cousa se enfurecia, teve o cuidado de perguntar primeiro ao official de gabinete se o ministro estaria bem disposto a recebel-o.

Acontece, que, havendo morrido uma pessôa da familia do ministro, achava-se este sob o peso da mais profunda magua, pela irreparavel perda que acabava de soffrer.

Á vista do abatimento moral do ministro, responde o official de gabinete ao pretendente:

— Quer-me parecer que o ministro não o poderá hoje attender, porquanto o vejo muito desesperado.

— Nesse caso, não o quero incommodar. Voltarei noutra occasião.

No dia seguinte volta o pretendente e pergunta ao official de gabinete:

—Então como se acha hoje o ministro?

—Homem... elle continua ainda muito desesperado.

—Causa-me isso grande transtorno! Bem. Não ha remedio. Voltarei ámanhã.

Chegado o dia immediato, volta a perguntar de novo:

—Ainda não poderei hoje falar com o homem?

—Se é negocio muito urgente, poderei mandal-o annunciar... Mas, olhe que elle ainda se acha muito desesperado.

—Não, não é preciso. Eu voltarei então, d'aqui a uns dous dias.

Ao descer as escadas, e por todo o caminho, vae o pretendente a fazer as seguintes considerações:

Realmente o homem é atrabiliario. Sempre que o venho procurar: «está muito desesperado!» Bem me dizem que elle é muito irascivel, que está sempre com o diabo no corpo. Pois então, quem assim é, não serve para ministro.

Decorridos dous dias, apresenta-se outra vez á secretaria, e na fórma do costume pergunta ao dito official:

—Ainda está muito desesperado o ministro?

—Não senhor. Não está mais desesperado. Se lhe quer falar posso mandal-o annunciar.

—Então é favor.

Manda o official de gabinete que se annuncie o pre-

tendente, e conserva-se na sala de visitas, onde o tinha recebido.

Estava o ministro num dos seos dias aziagos.

Na occasião em que o pretendente entrava no gabinete, acabava aquelle de dar um sôcco sobre a mesa, e gritar com o continuo, por lhe ter desapparecido um papel de cima da pasta. Ao deparar-se-lhe o homem, interrompe-o bruscamente :

— Que quer o senhor ? Já lhe disse que não me apoquente mais com seo negocio. Irra !

Mais não foi preciso para que o pretendente se escapasse immediatamente do gabinete, e tonto procurasse o caminho da sahida. Ao chegar á sala de visitas, onde ficára o official de gabinete, diz-lhe indignado :

— Ora, muito obrigado ! O senhor disse-me que o ministro não estava mais desesperado, e eu fui encontral-o furioso ! Só me faltou engulir !

— Mas que tem uma cousa com outra ?

— Que tem uma cousa com outra ? ! O senhor não me disse que o homem não estava mais desesperado ?

— Sim, disse-lhe a verdade, porque o homem não está mais desesperado.

— Mas, como é que o fui encontrar assim tão furioso ?

— Ai ! que me parece que o senhor é um dos destruidores da lingua portugueza. Emprega o termo *desesperado* como synonimo de : *raivoso, colerico, furioso*, etc. Pois está enganado : a palavra *desesperado* é formada do prefixo negativo *des* (não) e do participio passado do verbo *esperar*, e significa o que perdeo de

todo a *esperança*, é como se dissessemos: *desesperançado*, isto é *não esperançado*.

Do mesmo modo temos tambem os substantivos *desespero* e *desesperação*. O *desespero* é a *desesperação* acompanhada de paixão. A *desesperação* é a perda de toda a *esperança*, impaciencia e afflicção extrema de a ter perdido; abatimento d'alma que não julga poder superar o mal que a opprime, ou conseguir o bem que *esperava*.

Como muito facilmente d'ahi se pode passar para o estado de um excesso de irritação, por isso é que o vulgo chama impropriamente ao homem em excesso irritado, isto é, ao raivoso, ao colerico, de *desesperado*. Tal não deve ser; porque o homem que chega a este estado de irritação, já não está mais *desesperado*, e sim, *exasperado*, que é o termo proprio.

A palavra *exasperar* é formada do prefixo *ex*, que ahi quer dizer *muito*, e do adjectivo *aspero*; significando portanto, *exasperar* o mesmo que: *fazer aspero*, *irritar*, etc. Do mesmo modo existem os substantivos cognatos: *exaspero* e *exasperação*. Ao termo *exasperar* oppõe-se: *abrandar*, assim como: a *desesperar* oppõe-se: *esperançar*.

Quando, a principio eu lhe observei que o ministro estava muito *desesperado*, foi porque, tendo elle perdido uma pessôa de familia, achava-se realmente apaixonado, sob o peso de uma grande magua: portanto, como que ter perdido totalmente a *esperança* de tornar a ver essa pessôa a quem tanto estimava. Hoje ao declarar-lhe que elle não estava mais desesperado, não

quiz com isto dizer que o homem não estivesse raivoso, colerico, ou furioso, porque sei que é este seo estado habitual.

Já se o senhor conhecesse a verdadeira significação das palavras, aproveitaria a occasião, em que eu lhe disse que elle estava muito *desesperado*, mas, que se tivesse muita urgencia, poderia falar-lhe. Seria muito melhor essa opportunidade, porquanto apanharia o homem mais brando, mais pacifico, pelo facto de estar moralmente abatido com a perda que tanto o maguou. Talvez, por isso, fosse attendido.

Mas, ahi está no que dá o commettimento da impropriedade dos termos!

VI

OFFERECER

Por occasião de se inaugurar um grande armazem de generos alimenticios, um homem bem trajado que o visitava, começou a gabal-o, pelo seo variado e bello sortimento.

Notando o dono do armazem que o visitante lançava cubiçosos olhares sobre uns queijos de Minas, que estavam á porta, obsequiosamente lhe diz:

— Vou offerecer-lhe um excellente queijo.

— Pois venha de lá isso. Parece que o sr. adevinhou que eu estava hoje appetecendo comer queijo.

—Aqui temos um: Veja como está isto fresquinho! Basta calcar de leve com o dedo. Parece mesmo um algodão.

— Está fresco, está.

— Quer que o embrulhe?

— Certamente, porque não hei-de leval-o desembrulhado.

O negociante embrulha immediatamente o queijo e entrega-o ao comprador.

Recebe este o embrulho, e agradecendo com um muito obrigado, retira-se proferindo estas palavras:

— Pois, meo caro senhor, o que eu desejo é que seja muito feliz com o seo negocio, e que elle por muito tempo prospere.

Com esta despedida, não poude o dono do armazem conter-se, e delicadamente interroga o visitante:

— Quer o senhor que tome nota para pagar depois, ou...

— Para pagar depois?! Pois o senhor não me fez presente do queijo?!

— Não senhor. Eu offereci unicamente para que o comprasse.

— Com que então o senhor offerece-nos uma cousa e obriga-nos depois a compral-a?! Bom modo de negociar.

— Obriga, não senhor. Eu não o obriguei a comprar o queijo. Uma vez, porém que o senhor consentio que o embrulhasse...

— Diz muito bem. Consenti que me embrulhasse com a sua labia. Entretanto, suppuz que, não só por ter inaugurado sua casa, mas tambem por que me ouvia gabar o variado sortimento, quizesse para angariar freguezia, presentear-me com um queijo, o que era muito natural. Appello aqui para o sr. dr. F. que póde servir de testemunha de que o senhor me fez presente do queijo. Não é exacto, dr.?

— Perdão. Eu só poderei servir de testemunha,

justamente do contrario: De que o dono deste armazem não lhe fez presente do queijo.

— Como assim! ?

— Já vejo que o senhor não faz a menor distincção entre *offerecer* e *offertar*. Como a palavra *offertar*, que significa *presentear*, se parece um pouco na fórma com *offerecer* d'ahi é que vem a confusão.

Interrompe o negociante:

— Dê-me licença, dr.: Comquanto eu nada entenda d'estas *cousas de grammaticas,* sempre me quiz parecer terem certas palavrinhas sua significação especial. Não sei se digo alguma tolice.

— Não senhor. É assim mesmo. Empregou muito bem a palavra *offerecer*, porem, este senhor tomou-a no sentido de *offertar* ou *presentear*, como ha pouco acabei de provar.

— Mas, dr., intervem o comprador, o que significa então *offerecer ?*

— Não sei, se o cavalheiro conhece o latim ?

— Estudei alguma coisa.

— Nesse caso, peço licença para melhor o esclarecer: A palavra *offerecer* é derivada do verbo latino *offerre*, composto da preposição *ob*, quer dizer: *diante de,* e do verbo *fero, fers, tuli, latum, ferre,* que significa: *levar, trazer*, etc. Assimilando-se o *b* de *ob* ao *f* de *ferre* deo: *offerre* que em portuguez se transformou em *offerecer*, e cuja significação é a seguinte: *apresentar alguma cousa a alguem,* ou tambem: *expôr, pôr á vista, mostrar*. Assim, por exemplo, no caso vertente o negociante póde *offerecer*, ao publico

suas mercadorias, sem que destas lhe faça *offerta,* ou *presente.* Quando, do mesmo modo, *offerecemos* o braço, a uma senhora, não lh'o *offertamos,* nem a *presenteamos,* com elle. Dizemos tambem: Quando se *offerecer* occasião faremos, isto, ou aquillo, em vez de: Quando se *apresentar* occasião; etc.

A razão, porque erradamente empregam *offerecer,* em vez de *offertar* ou *presentear* é a seguinte: Como, ordinariamente, quando *offertamos,* ou *presenteamos* a alguem, temos sempre receio de que o objecto possa não agradar, ou que o considerem de pouco valôr, por isso, algumas vezes não nos animamos a fazel-o, e então, por modestia, *offerecemos* esse objecto, isto é, apenas apresentamol-o para que o acceitem. Do abuso, porem, desta modestia resultou confundirem *offerecer* com *offertar,* ou *presentear.*

Agora, para que o cavalheiro melhor se convença da verdadeira significação do verbo *offerecer,* convem que *offereça* ou *apresente* preço ao queijo, que deo motivo a tão util discussão.

Diante deste irrefutavel argumento, não teve o tal cavalheiro remedio, senão comprar o queijo, que *bem caro* lhe foi vendido.

VII

APPARIÇÃO

Numa republica de estudantes, acontece estar fortemente constipado, e algum tanto febril, um dos republicanos.

Alfredo era o nome deste futuro doutor, joven de vinte annos, estudante do primeiro anno de medicina. Rapaz excessivamente medroso, era, pelos collegas que o não poupavam, cognominado o *Maricas*, e tambem o chamavam *carola* pelo fanatismo religioso; finalmente, era o pobre Alfredo o instrumento de distracção da rapaziada republicana.

Por infelicídade do rapaz apparece-lhe nesse dia seo chronico *cadaver*, o alfaiate Jacintho Grillo, homem tuberculoso e cardiaco.

A presença deste terrivel espectro, deste grillo que sempre lhe cantava aos ouvidos, veio ainda augmentar-lhe o mal.

Desta vez despacha-o com impaciencia :

— Sr. Jacintho venha n'outro dia. Estou doente, estou com febre, vou até mandar chamar um medico.

— Nada tenho com isso. Eu tambem estou doente, e ainda mais que o senhor.

— Preciso curar-me já e já.

— Eu tambem preciso de dinheiro já e já.

— Retire-se, não seja imprudente.

— Retire-se não. Eu não saio hoje daqui, sem levar meo dinheiro.

Começa a questão a tomar calôr, e os dous contendores, que quasi chegam a vias de facto, terminam por este modo a discussão : o alfaiate sae pela porta fóra atacado de uma forte dyspnéa e o estudante, tremulo e mui agitado, atira-se logo depois sobre a cama.

Achando-se ausentes os collegas de Alfredo, poude este, comquanto um pouco febril, levantar-se e mandar o criado chamar o medico.

Chega o medico, toma-lhe o pulso e pergunta :

— Então que é isso ?

— Ah ! doutor, estou assim por causa de uma apparição !

— Que vio o senhor ?

— O cadaver do meu alfaiate Jacintho Grillo !

— Esqueça-se disso ! Já vejo que o senhor é muito apprehensivo.

— Creia, doutor, foi a apparição d'elle que me trouxe á cama.

— Acalme-se, meo amigo, acalme-se. Sua molestia não passa de uma forte constipação. O senhor vae tomar

um suadouro e um medicamento para combater essa febre, e ámanhã estará bom.

Após estas palavras retira-se o medico.

De facto, no dia seguinte, pela manhã, achava-se o nosso Alfredo completamente restabelecido.

Seis dias depois do caso, o medico que tinha tratado do estudante, encontra-se na rua com um amigo, que era collega d'aquelle, e ao vel-o caminhar apressado, pergunta :

— Aonde vaes com tanta pressa ?

— Vou ao meo alfaiate.

— É verdade, agora é que reparo :

Estás com um fato muito bem feito ! Quem é teo alfaiate ?

— Jacintho Grillo.

— Mas esse homem já morreo !

— Quem ? ! O Jacintho Grillo ? ! Pois faz hoje oito dias que estive com elle. Verdade é que o achei muito abatido.

— Se faz hoje oito dias, posso então afiançar-te que elle morreo ha seis dias.

— Coitado ! Bom alfaiate que elle era !

Despedem-se os dous amigos, e o estudante vae d'alli immediatamente á republica dar a noticia.

— Collegas, trago-lhes uma triste nova : O pobre do Grillo já não canta mais ! *Mortus est grillus in casca* !

A estas palavras lastimam os companheiros a uma voz :

—Coitado do Grillo !

Pergunta um delles :

— Mas, quando morreo?

— Disseram-me que faz hoje seis dias.

Nesse momento intervem o Alfredo, pallido e tremulo, como que ferido por um remorso:

— Faz hoje seis dias?!

— Exactamente no dia em que elle aqui esteve pela manhã! Tivemos uma calorosa discussão; e eu que estava doente, peiorei, e o Grillo sahio d'aqui muito afflicto, atacado de uma forte dyspnéa! Quem sabe, se...

Interrompe immediatamente um dos gaiatos companheiros:

— Sim, quem sabe se elle, por ter altercado tanto comtigo, não foi accommetido de uma syncope cardiaca ou de uma hemoptyse?!

Accrescenta outro:

— Dizes muito bem! Nada mais natural. No estado em que elle se achava... Não era para menos.

Continua o Alfredo:

— Pois vou mandar resar uma missa por alma do pobre homem! Que dizem, collegas?

Responde um dos companheiros:

— Apoiado! Muito bem lembrado! Porque se tens algum remorso, será essa a melhor prova do teo arrependimento.

No dia seguinte á tarde, quasi ao escureçer, achava-se só na republica Alfredo, que estudava fechado no quarto.

Batem-lhe á porta, e Alfredo, dando um pulo da cadeira, pergunta espantado:

— Quem é?

Desta vez o alfaiate teve espirito, porque assim lhe responde:

—A alma de Jacintho Grillo!

Pelo timbre de voz reconhece o estudante ser a do seo inseparavel espectro, e cae no chão fulminado, soltando gritos nervosos.

Suppondo o alfaiate que o rapaz com aquelles gritos queria ainda zombar com elle, assim lhe fala:

— Não abres a porta? Pois eu te mostrarei como o defuncto ainda tem forças para pol-a abaixo.

Nessa occasião passa pela porta da republica o medico que tratára do estudante, e ouvindo barulho de quem punha uma porta abaixo, entra e pergunta ao alfaiate:

— Que quer o senhor aqui?

— Quero ensinar a este pelintra, que ahi está dentro do quarto, que eu não sirvo de *chacota* e que quero meo dinheiro.

— Mas quem é o senhor?

— Chamo-me Jacintho Grillo, sou alfaiate, e este atrevido anda a divertir-se commigo, mandando resar missas de setimo dia pela minha alma.

Conhecendo o medico que havia nisso algum *qui-proquo,* põe-se a rir e bate á porta do quarto, dizendo:

—Abra a porta, Sr. Alfredo, que lhe deseja falar o Dr. F.

O estudante ábre a porta, e entram no quarto o medico e o alfaiate.

Alfredo estava tremulo, e não deixava de olhar resabiado para o alfaiate.

Diz-lhe este:

— Com que então Sr. Alfredo quer-me enterrar em vida?!

— Creia, Sr. Jacintho que eu estava convicto de que o senhor tinha morrido, pois quem me disse foi o Albano.

Interrompe o medico:

— Ai! que já dei com o *quiproquo*! Quem disse ao Albano, que agora é que sei que é seo amigo, fui eu; porque o senhor deo-me a entender isso, justamente ha seis dias passados quando aqui estive. Como me falou na apparição terrivel do cadaver do seo alfaiate, não me lembrando eu na occasião do sentido figurado que dão a esta palavra, por isso suppuz que aqui o Sr. Jacintho Grillo houvesse morrido, e que o senhor, nervoso como estava tivesse uma *visão* e confundisse esta palavra com *apparição*.

— Porém, doutor, eu sei o que quer dizer *visão*, e afianço-lhe que não tive nenhuma. Quando disse *apparição* referia-me ao facto de me ter apparecido o Sr. Jacintho Grillo, com quem tive grande contenda, e pelo que muito me abalei.

— Neste caso, meo amigo, o senhor é que foi o unico culpado de toda esta embrulhada. Em vez de me dizer que tinha tido uma *apparição* devia ter dito *apparecimento*.

A palavra *apparição* deve sómente ser empregada no sentido *mystico*, e não no sentido *natural*. O que inesperadamente nos *apparece*, sob a fórma de milagre, ou prodigio, isso é que é *apparição*, assim como

o que vemos em sonho, em extasis, em espirito. Não é bom portuguez dizer-se a *apparição* de fulano, e sim o *apparecimento* de fulano, porque é um acto natural. Tão commum é este erro, que até nos annuncios de theatro, quasi sempre lemos o seguinte: *Reapparição* da actriz tal, em vez de *reapparecimento*. Não têm os senhores visto isto?

Responde o alfaiate:

— Sim, senhor doutor. Só o que não tenho ainda visto é o meo rico cobre das mãos do Sr. Alfredo.

Intercede o medico:

— Pois bem. Como o Sr. Alfredo foi duplamente castigado, já pelo susto que passou, já pela licção que recebeo, por isso peço licença ao futuro collega para saldar seo debito.

Agradece penhorado o estudante:

— Obrigado, doutor, muito obrigado.

VIII

REGULAR

Entra numa loja de alfaiate um cavalheiro, e pede ao dono do estabelecimento que lhe mostre panno bom para um fato completo.

Apresenta-lhe o alfaiate diversas peças de panno.

Depois de muito escolher, diz-lhe o cavalheiro, indicando uma das peças:

— Sim senhor. Este panno serve-me. Por quanto me faz um fato completo?

Responde-lhe o alfaiate, que não ficára muito satisfeito com a demora da escolha:

— Custa-lhe tanto.

— É muito caro, comquanto o panno seja *regular*.

Replica-lhe o alfaiate, atirando para um lado a fazenda:

— Se o senhor não quer fazer negocio, não me tome o tempo. Eu aqui não tenho panno *regular*, é tudo bom e de primeira qualidade.

Observa o cavalheiro:

— Não seja bruto, nem malcreado. Julgo que como comprador estou no meo direito de não só escolher, mas avaliar tambem a fazenda.

— Ora não seja tolo.

— Tolo é elle.

Dito isto, sae furioso da loja o cavalheiro e fica o alfaiate a descompôl-o.

Nesta occasião, entra um freguez da casa, e ao ouvir a descompostura do alfaiate, pergunta-lhe:

— Que tem hoje o amigo, que está tão incommodado?

— Pois não! O senhor não viu neste instante sahir d'aqui um homem?

— Vi. Conheço-o até muito. Que fez elle?

— Não fez negocio algum, amolou-me a paciencia, e ainda me chamou bruto e malcreado.

— Mas porque foi tudo isso?

— O caso foi este: Pedio-me que lhe mostrasse panno bom para fazer um fato. Apresentei-lhe diversas peças, diante das quaes levou o homem muito tempo a escolher. Afinal, depois de agradar-se de uma dellas, perguntou-me por quanto lhe fazia o fato completo.

Dei-lhe o preço, achou caro, e ainda me disse que o panno era *regular*. Ora veja o senhor! Dizer que é *regular* (mostrando a fazenda) um panno bom como este! Eu fiquei logo furioso por me desfazer na fazenda, e atirei-a para um lado. Chamou-me bruto, malcreado, e eis ahi como foi a historia.

— Perdão. Mas eu entendo que o homem não des-

fez na sua fazenda. O senhor tomou a palavra *regular* no sentido de: *soffrivel, supportavel, toleravel,* e por isso é que se indignou, mas sem razão. Quando o homem lhe disse que o panno era *regular* é porque o achou *bom*.

— Esta é que não é má! Com que então *regular* é o mesmo que *bom*.

— Não me *admiro* de que o senhor se *admire* disto, porque tenho visto por ahí muita gente bôa empregar a palavra *regular*, quando adjectivo, acompanhado de voz fanhosa, e até de certo torcimento de nariz: «é *regular*, como quem diz: *não é máo, póde passar*...

— Nada, meo amigo, esta agora é que me não passa d'aqui (aponta a garganta).

— Pois é engulil-a, para d'outra vez não se *engasgar*.

— Antes de engulil-a é preciso que o senhor a ponha em *pratos limpos*.

— Nesse caso, responda-me tambem primeiro a uma pergunta: Entende o amigo alguma coisa de grammatica, e estudou no seo tempo tambem alguma coisa de latim?

— Comquanto seja hoje alfaiate, confesso que no meo tempo de rapaz estudei um poucochinho d'ambas essas coisas.

— Pois então tenha a bondade de ouvir-me: A palavra *regular*, é em portuguez empregada, ora como *adjectivo* e ora como *verbo*. Como *adjectivo* é derivada do substantivo latino *regula, regulæ,* que quer dizer *regra*, signficando, portanto, *regular*, aquillo que está

de accôrdo com a *regra*. Como *verbo*, significa a palavra *regular* o seguinte: *dirigir, dispôr, ordenar, arranjar*, de accôrdo com a *regra*, derivando-se do verbo latino *regulare*, que é por sua vez formado d'aquelle substantivo *regula* (*regra*).

Podiamos e podemos perfeitamente dispensar estas duas fórmas eruditas: *regular* como *verbo*, por isso que, do substantivo latino, *regula*, formámos o substantivo portuguez *regra* e deste substantivo portuguez *regra* formámos o verbo *regrar*.

Quanto ao *adjectivo*, empregamol-o muitas vezes sob a fórma de participio, dizendo *regrado, regrada*, assim por exemplo, nestas phrases; um viver *regrado* uma vida *regrada*, em vez de um viver *regular*, uma vida *regular*.

Quanto ao verbo, tambem empregamos indifferentemente qualquer das fórmas; assim, por exemplo, dizemos: todos devem *regrar*, ou *regular* a vida, etc. Finalmente, a fórma erudita *regular*, quer, como *adjectivo*, quer, como *verbo*, só serve para denotar a riqueza da lingua, isto é, a superabundancia de fórmas exprimindo um mesmo sentido.

D'ahi conclue-se o seguinte: a palavra *regular*, exprimindo qualidade, isto é, como adjectivo qualificativo, quer dizer: *feito segundo a regra*. Ora, é bem claro que tudo quanto se faz *segundo a regra* deve ser *bom*; logo, *regular* é o mesmo que *bom*.

Como deve saber, chama-se em linguagem grammatical, *verbo regular*, aquelle que se conjuga de accôrdo com o paradigma, ou modelo da conjugação a

que pertence, ou ainda, como dizem algumas grammaticas «aquelle que segue a regra da conjugação a que pertence». Ora, se o adjectivo *regular* significasse o mesmo que *soffrivel, supportavel, toleravel,* o verbo *regular* seria então um verdadeiro *verbo irregular* e até *defectivo,* por apresentar defeitos na conjugação; finalmente, o *verbo regular* seria um verbo soffrivel de *pouco mais, ou menos, assim assim, que podia passar.*

Creio que bastaria só este frisante exemplo para destruir a significação adulterada que geralmente dão ao adjectivo *regular.*

Depois d'isso terá o amigo mais alguma duvida de que panno *regular* não seja o mesmo que *bom?*

Não senhor. Comprehendi tudo, e acceito de muito bom grado a explicação. Sinto apenas ter com a minha ignorancia concorrido para perder um freguez.

— E que bom freguez! Fui eu quem o mandou cá. Aquillo é homem que podia dar-lhe muito dinheiro, mas afinal o senhor mostrou-se...

— Eu acabo o resto: Muito ignorante!

IX

ALVOROÇO

Era director de um internato, collegio de meninos, um respeitavel e erudito ancião. Em extremo dedicado ao estudo da lingua vernacula, gozava este incansavel cultor litterario da reputação de severo purista.

Ninguem commettesse barbarismos, ou solecismos, erros de pronuncia, ou de propriedade de termos que daquella magistral figura não tivesse logo emenda ou correcção.

Mostrava-se muitas vezes impertinente e irritadiço para com os discipulos, quando estes, embora na conversação, qualquer erro commettiam.

Tão original bibliophilo vivia quasi sempre no gabinete, rodeado dos seos inseparaveis amigos — os livros.

Certo dia, na occasião do recreio, mandou chamar o professor interno que estava de plantão e disse-lhe:

— Sr. professor. Tenha a bondade de communicar aos alumnos que resolvi dar sahida geral amanhã.

A communicação desta noticia aos alumnos, produzio-lhes tal contentamento, que, alegres, proromperam logo em vivas ao director do collegio.

Cumpre notar que neste collegio, á semelhança dos antigos estabelecimentos congeneres, existiam dous partidos, que, sem ser o dos *Gregos* e *Troyanos*, eram com estes mais ou menos parecidos.

Passado o enthusiasmo causado por aquella bôa noticia, aconteceo brigarem depois os dous partidos collegiaes, dando isso logar a um grande barulho.

Em vão procura o professor aquietar os animos exaltados daquelles motinadores. Ao vêr porém, que nada conseguia, dirige-se ao gabinete do director, e diz-lhe:

— Sr. director. Venho participar-lhe que os alumnos estão a fazer grande alvoroço no recreio.

O director, que naquelle momento estava com um classico entre mãos, responde á maneira de quem despede alguem:

— Deixe-os lá, deixe que gritem.

Á vista da pouca importancia que o director ligára á participação, retirou-se d'alli muito incommodado o professor, fazendo as seguintes considerações:

— E esta! Deixe que gritem? Está direito! Podem pintar o diabo que eu não intervirei mais.

Chegado ao recreio, vê o professor scenas de capoeiragem, onde as *rasteiras* e os *pontapés* eram á vontade distribuidos. Pelo que tinha resolvido, não interveio na briga.

D'ahi a pouco grita um menino, levando as mão á cabeça, e dizendo que a tinham quebrado.

Não teve o professor outro remedio, senão levar aquella victima á presença do director.

Vendo este correr sangue da cabeça da creança, ficou a principio assustado, depois, porém, certificando-se de que era uma simples escoriação no couro cabelludo, mandou o menino que fosse banhar a cabeça com agua fria.

Retira-se o collegial, e diz o director ao professor:

— Queira contar-me como foi isso.

— Sr. director. Depois que os alumnos já tinham socegado o barulho, que fizeram pela noticia da sahida geral, começou de novo outro barulho, por causa dos dous partidos do collegio. Não querendo elles attender-me, vim, como o senhor vio ha pouco, participar-lhe que estavam fazendo grande alvoroço no recreio. Como, porém, o senhor, me respondeo: deixe-os lá, deixe que gritem, eu cumpri sua ordem, e ahi está o que resultou.

— Qual alvoroço! Diz o director, coçando phrenetico a cabeça.

— Perdão, sr. director. Dou-lhe minha palavra de honra em como fálei na palavra alvoroço. Lembro-me até de que disse grande alvoroço. Só se o senhor não ouvio bem.

— Por ouvir perfeitamente o que me disse é que vejo agora que o senhor ignora a lingua que fala.

— Oh! Mas então não me exprimi bem?! Qual foi o erro que commetti?!

— Foi o dizer que as creanças estavam a fazer grande alvoroço.

— Mas onde está ahi o erro?

— No máo emprego da palavra *alvoroço*.

— Pois *alvoroço* não significa *alarido*, *barulho*, *gritaria*, etc.?

— Sim senhor, significa tudo isso, porem, é preciso estabelecer-se alguma differença.

— E qual é essa differença?

— Só se lhe explicar do principio. Ha na lingua castelhana duas palavras que passaram para o portuguez, conservando a mesma significação, as quaes são: *alborozo* e *alboroto*. De *alborozo* formou-se *alvoroço* e de *alboroto* a palavra *alvoroto*.

Ambas estas palavras significam: commoção, agitação, ou exaltação de animo. Emprega-se *alvoroço*, quando a perturbação de animo se dá por motivo de contentamento, alegria, grande regosijo, etc.; e *alvoroto*, quando a mesma perturbação de animo se dá por motivo de indignação, contrariedade ou raiva. Do mesmo modo se empregam os verbos *alvoroçar* e *alvorotar*.

«Por isso, quando o sr. professor me disse que os discipulos estavam a fazer grande *alvoroço*, suppuz que fosse pela alegre noticia que lhes mandei dar, e eis porque não liguei importancia ao barulho.

«Desde, porem, que o senhor se referia ao facto posterior, que era o de estarem elles a brigar com grande tumulto, já esse barulho não era da mesma natureza que o primeiro; portanto, era este o caso

justamente em que o senhor devia empregar a palavra *alvoroto*, que exprime *bulicio, motim, sedição, revolta, levante*, etc.

— Pois, Sr. director, eu sinto muito...

— Sim, senhor, e eu sinto tamhem dizer-lhe que vá primeiro aprender o portuguez, e depois venha ser professor do meo collegio.

X

GASTRONOMO

Dizia enthusiasmado, o marido á mulher:

— Sabes, querida? Estou aqui, estou deputado!

— Como assim?!

— É o compadre Anastacio, quem me vae arranjar a eleição.

Elle dá-se intimamente com uma pessoa que é influencia parochial, e ficou de trazel-a amanhã para jantar commigo.

— E tu conheces essa pessôa?

— Conheço-a. É um homem muito serio, muito delicado. Ah! É verdade! Antes que me esqueça: Olha que esse tal homem é um bom gastronomo. Vê lá o jantar que apresentas.

— Então esse sujeito já não póde ser assim tão delicado.

— Não sei. Repito o que me disse o compadre: elle é um bom gastronomo!

— Isso é que é máo! Com tudo agora tão caro! Pois bem. Compra-se mais um kilo de carne, mata-se uma gallinha, faz-se uma fritadinha de linguiça e...

— Que é isto? Estás douda? Então não ouviste bem o que te disse. Olha que o homem não é só grastronomo, é um *bom* gastronomo!

— Então mata-se um boi!

— Qual, filha! Tu não conheces bem essa gente. Elles não são cá apreciadores de biquinhos de rouxinoes, desses pratinhos arrebicados. Gostam só de comidas solidas! Carnames, e por ahi alem. O jantar deve ser este; uma sopa de pão, com todas as qualidades de hortaliças, uma grossa feijoada de cabeça de porco, bôa peça de carne assada lardeada, pirão de batata, um grande capado, dous perús recheiados...

— Deste modo, vaes gastar um dinheirão!

— Que se ha de fazer? *Députation oblige*...

— E a sobremesa deste bruto, que ha de ser? Elle, de certo, não gostará de doces de óvos, dessas cousas delicadas.

— Qual doce de óvos. Manda preparar umas bananas da terra, cosidas, uns carás para acompanhar o melaço, uma travessa de arroz doce, e em vez de pôres um pedacinho de pão sobre o prato, manda comprar um desses pães fortificantes, de trezentos reis cada um.

— Está direito. Farei tudo isso, mas eu é que não deixarei de mandar fazer meos pratinhos especiaes do domingo. Não posso gostar dessas comidas de grandes peças de carne, nem de sobremesas abrutalhadas.

— Pois faze lá teo jantar á parte, comtanto que não me falte nada do que te recommendei.

Apresenta-se no dia seguinte a tal influencia parochial.

Á mesa do jantar, por occasião de se servir a sopa, quasi que a visita recusa o prato, o que não fez, attendendo aos preceitos de civilidade. Fingio comer, como fazem muitos. Ao chegar a occasião da feijoada, desculpou-se, dizendo que lhe fazia mal o feijão. Do capado e perú é que comeo, apenas um bocadinho.

Vendo a dona da casa que a visita quasi todos aquelles pratos rejeitava, lembra-se de lhe offerecer um dos seos pratinhos especiaes, e pergunta:

— Não quererá o senhor, um pouco desta caça de fricassé?

— Oh! pois não, minha senhora! Sou muito apaixonado de caça!

Admirada a dona da casa de tanta delicadeza, anima-se d'ahi a pouco a offerecer-lhe uma fritadinha de garoupa.

Á sobremesa acceitou apenas, a visita um pouco de fios d'óvos.

Retirados da mesa, chama o compadre Anastacio ao seo compadre candidato, e diz-lhe em particular:

— Foste um grande grosseiro! Pois, tu apresentas a um homem que vem pela primeira vez a tua casa um jantar destes?! Se não fossem os pratinhos especiaes da comadre, maior seria a vergonha! Nem te recommendando que o homem era um bom gastronomo?!

— Pois foi justamente por isso que lhe apresentei este jantar. Não imaginas o dinheiro que gastei! Eu que sei o que é um gastronomo, ataquei-lhe deveras!

— Estás agora mostrando, exactamente o contrario; que não sabes o que é um gastronomo.

— Sei. Gastronomo é um comilão.

— Qual comilão! Compadre, olha que isso, de ir a gente falando e escrevendo porque ouve os outros falarem e escreverem, póde trazer-nos muitas vezes prejuizos, como por exemplo, o que tiveste hoje, que foi o de despenderes muito dinheiro, sem necessidade. Quando eu te observei que o homem era um *bom gastronomo,* não quiz com isso dizer que elle era um *comilão,* porque não é esta a significação d'aquella palavra.

Gastronomo é o homem que gosta de comer bem, o amigo de bons boccados, o que aprecia as bôas iguarias, e sabe gozar dos prazeres da mesa com gosto, arte, e sem se mostrar glotão.

A arte, ou tractado sobre a bôa comida chama-se *gastronomia* (do grego *gaster,* '*gastros* : ventre, estomago, e *nomos*; lei, regra).

O termo proprio para designar o *comilão, glotão, lambão, lambaz,* é: *gastrólatra* (do grego: *gaster ;* estomago, e *latres,* escravo), ou *gastrophilo,* (amigo do estomago).

— Emfim, vá lá. Quem mais vive, mais aprende. O que eu mais sinto é ter desperdiçado meo rico dinheiro.

— Agora é tarde! É chorar na cama!

XI

CRITICA

Um estudante da Faculdade de Direito de São Paulo, pagára seo primeiro tributo litterario, escrevendo um livro de versos, composto na maior parte, dos mais delicados sonetos.

Vivia na Capital Federal o pae do inspirado poeta; homem simples e bom, mas ignorante nos misteres das lettras. Ao receber de São Paulo aquelle primor litterario, producto do robusto talento do idolatrado filho, futuro bacharel, n'alma cantou-lhe a gloria, e o hymno do contentamento se fez ouvir, vibrando até ás ultimas fibras de um coração paterno.

Nesse livro, a mimosa dedicatoria em verso, pelo imaginoso vate feita ao progenitor de seos dias, produzira n'este o sublime effeito de um orvalho que occulto entre as petalas d'aquellas poeticas e olentes

flôres, pelas arrugadas faces do velho lhe cahira, metamorphoseando-se em lacrimosas gottas de alegria.

Não cabia em si de contente o extremoso pae, que a todos mostrava aquelle livro, a que elle com razão chamava : — minha primeira reliquia.

Tinha tambem o joven poeta mandado alguns exemplares do seo trabalho, para que o pae se encarregasse de offertal-os á imprensa da capital.

Satisfez este o pedido do filho, e pelos elogios que ao livro ja lhe haviam feito amigos sinceros e habilitados, estava o bom do velhote mui convicto de que a imprensa iria tecer os maiores louvores sobre aquella producção poetica.

Na verdade, era aquella obra digna de todos os encomios, porquanto transfundida alli se achava a alma do verdadeiro poeta.

Dentre os representantes de Guttemberg, houve um que, logo no dia seguinte ao receber o livro, deo sobre elle esta noticia : «Recebemos e agradecemos o volume de versos do sr. F. Pretendemos breve fazer a critica deste trabalho.

Ao lêr esta noticia, incommoda-se o hallucinado pae, e, sem a ninguem consultar, escreve immediatamente um artigo, sob a seguinte epigraphe :

«Á redacção tal — Esta sabia redacção declara que pretende em breve fazer uma censura ao livro de versos do sr. F. Que irá ella dizer? Que o trabalho não presta? Que os versos são de pés quebrados? Que

seo auctor não nasceo para poeta? Que commette erros de grammatica?

(Assignado), *Um admirador do livro.*»

Não satisfeito com isso, vae o auctor deste artigo tomar uma satisfação verbal ao redactor que deo aquella noticia.

Eis suas palavras ao chegar áquella redacção:

— Snr. Redactor, sou eu o auctor d'aquelle artigo, que sahio hoje, com a epigraphe: «Á Redacção tal» e assignado: *Um admirador do livro.* Sou eu tambem pae do auctor desse livro de versos. Desejo saber quaes são os defeitos que tem o livro. Os senhores disseram que pretendiam em breve fazer-lhe a critica...

O espirituoso e illustrado redactor, que pelo tal artigo já tinha percebido a ignorancia deste homem, diz-lhe ironicamente:

— Folgo muito em saber que é o senhor o pae de tão mimoso poeta!

— Pelo que vejo quer o senhor tambem divertir-se commigo? Pois, olhe que eu sou muito grosso para palito!

— Perdão. O senhor é que quiz divertir-se com a nossa folha, levantando-nos aquelle falso.

— Que falso?!

— Que pretendiamos fazer uma censura ao livro de seo filho.

— Pois os senhores não disseram que breve fariam a critica deste trabalho?

— Sim senhor: porém, *critica* não é o mesmo que *censura*. O objecto da critica não é precisamente o de *censurar, reprehender*, ou *corrigir* as obras; senão o de *examinal-as, julgal-as*, litterariamente, dar a conhecer suas bellezas e notar seos defeitos, porém, com fundamento e equidade, sendo que a *censura* leva consigo a *reprehensão, correção* e *castigo* do que apparece contrario á lei, á rasão, etc.

É por isso que quando se vae criticar, isto é *julgar, ajuizar, apreciar*, alguma obra pelos defeitos que ella tenha, deve-se sempre attender, como já vimos, ao fundamento e equidade da analyse, juizo ou apreciação, do contrario, incorrer-se-ha n'uma *censura*; e o homem em vez de representar o papel de *critico*, está representando o papel de *censurador*.

O senhor nunca vio escripto nas primeiras paginas de uma obra, logo depois do *prefacio*, este titulo: *juizo critico?*

— É exacto. Tenho lido este titulo em algumas obras.

— Pois esse *juizo critico* é a *critica*; e se *critica* significasse *censura*, seria esse *juizo critico* uma *censura*.

Não era pois, possivel que o auctor de uma obra fosse tão tolo que mandasse imprimir num livro seo uma *censura* que lhe fizessem.

Pela explicação que lhe acabo de dar, vê o senhor que nós não iamos fazer uma *censura* ao livro de seo filho; mas, examinal-o, aprecial-o, julgal-o litterariamente, apontar as bellezas que pela rapida leitura que

fizemos, parecem nelle existir, e ahi está qual era nossa intenção.

— Á vista do que me acaba de expôr, só tenho que lhe pedir desculpa da minha ignorancia, e como obsequio, que não deixem de fazer a apresentação do livro.

— Emfim, vá lá. Como o sr. é pae, está desculpado. Agora já podemos repetir, parodiando a noticia que demos: Breve lerá o senhor um elogio sobre o livro de seo filho.

XII

CONSTAR

Dera-se a vaga de director de uma repartição publica.

Um amigo intimo do ministro encontrando-se com pessoa de sua amisade, assim lhe diz:

—*Consta* que o sr. é o nomeado.

Longe estava essa pessoa de pensar nisso, e pelo simples *consta* não deo muito apreço ao que lhe diziam, e responde com ares de quem se quer dar importancia:

—Não acceito, porque pretendo agora ir dar um passeio á Europa.

Retira-se o amigo do ministro e vae a este immediatamente communicar o que acabava de ouvir.

O ministro, ao saber disso, convida a outro, que acceita o cargo e é nomeado.

Depois da nomeação, encontra-se o amigo do ministro com a pessoa que rejeitara o logar, e diz-lhe:

— Então já sabe que F. foi nomeado?

Responde o outro com indifferença:

— Sim, é verdade, li a nomeação.

Accode o amigo do ministro:

— O senhor não quiz acceitar o logar, por causa da sua viagem á Europa...

— Oh! Pois não! Estou por essa! Estava então o logar reservado para mim?

— Sim, senhor, falo sério; dou-lhe minha palavra de honra.

Á vista da seriedade e convicção com que este falou, não poude o outro deixar de apresentar uma ligeira alteração na physionomia, como de quem está inclinado a acreditar numa cousa e pergunta admirado:

— Que me diz?! Fala sério?

— Nem sempre se está disposto ao gracejo. Não lhe disse eu n'outro dia, que era o senhor o nomeado?

— Perdão, o senhor disse-me apenas que *constava*; portanto não tinha a certeza, e demais, não tendo eu pretenção alguma a esse logar...

Replica o outro:

— E se eu lhe desse certeza?

— Ah! Comprehende perfeitamente o amigo, que se me desse certeza da nomeação, eu não a recusaria.

— Pois então creia o sr. que lhe dei toda a certeza.

— Como assim?

— Repito. Dei-lhe toda a certeza, quando lhe disse: *Consta* que o senhor é nomeado.

— Não o comprehendo. Como é que o senhor me podia dar toda a certeza, dizendo-me *consta*.

— Por isso mesmo.

— Cada vez o entendo menos. Dar-se-ha o caso que se tenha agora mudado a significação das palavras?!

— Diz muito bem. Mudaram a significação das palavras; e é por isso que o senhor julga que *constar* tem a significação de: *não ter certeza, suppor, parecer*, etc.

Interrompe o outro:

— Pois não é isso o que significa *constar*?

— Não senhor. É exactamente o contrario. Eu já o satisfaço. O latim, essa lingua morta, que não serve para nada, serve muitas vezes para explicar a significação de palavras como esta. Se o senhor estudou latim, deve saber que a palavra portugueza *constar* é derivada do verbo latino *constare,* o qual é formado da proposição *cum* e do verbo *sto, as, are, estar firme;* pelo que *constar* quer dizer: *ser evidente, ser certo, saber-se de certo*. Justamente o contrario do que o senhor pensava. Diga-me uma cousa: não tem o adjectivo *constan e* a significação de *firme?* O substantivo *constancia* a de *firmesa*? Pois firme-se tambem nestas duas palavras, ambas derivadas do verbo *constar,* e veja se não é procedente o que digo. Deve tambem o senhor conhecer a formula commum das certidões de edade: certifico e dou fé, que, revendo o livro tal, ás fls. tantas, *consta* o termo do nascimento, etc.

«Ora, se *constar* exprimisse duvida, e não certeza, então é que com certeza pelo *consta* das certidões de

edade ninguem deveria affirmar o dia em que nasceo, e muito menos o nome de baptismo.

«Não vamos ás vezes á secretaria saber se no *livro da porta* já *consta* o despacho de tal requerimento?

«Se o senhor é, por exemplo, socio de um gremio qualquer, não negará que o seo nome deve *constar* no livro dos socios. E se de facto *consta* seo nome, poder-se-ha duvidar de que o senhor seja socio de tal gremio?

«Não se diz tambem vulgarmente: o concurso *consta* das seguintes materias? Não exprimirá ahi esse *consta*, as materias, que com certeza entram em exame?

«Vê, portanto, o amigo que me não contento só com dar-lhe a explicação etymologica da palavra *constar*, mas até exemplos de expressões commummente usadas, tenho aqui apresentado, nas quaes se notam que o verbo *constar* tem significação inteiramente opposta áquella em que é algumas vezes empregado.

— Mas, tambem como poderia o povo adulterar assim tanto, a significação da palavra *constar*, a ponto de lhe dar um sentido inteiramente opposto ao que deve ter?

— O caso explica-se perfeitamente, meo amigo. A principio, foi a palavra *constar* sempre empregada em seo verdadeiro sentido, exprimindo certeza. Como sabe, nada podemos contar neste mundo como certo e infallivel; e porque falhasse muitas vezes a realisação de certos factos, bastou isso para que muitos começassem a empregar o *duvidoso* pelo *certo*, e dahi o abuso do termo *constar* com a significação de *não ter certeza*, *suppor*, *parecer*, etc.

— Sim, senhor, concordo. Mas acho que agora é já, muito tarde para corrigir... que o vicio já está tão inveterado...

— Meo caro senhor, nunca é tarde para reparar o erro. Não é o povo amante de novidades? Não as acceita e adopta quando estas apparecem? Pois o mesmo acontecerá com as palavras que até então eram empregadas no sentido improprio. Ora, para o vulgo ignaro, o apparecimento da verdadeira significação das palavras, será tambem uma novidade. Logo, porque não poderá pegar a moda de se falar e escrever certo?

— Lá isso é verdade. E por tudo quanto me tem o senhor explicado, quer me dizer que tinha certeza de que era eu o nomeado?

— Sem duvida alguma. Pois se eu sabia de bôa fonte...

— Ora, esta, é que foi uma dos diabos!

— E se quizer certificar-se do que digo, vá perguntar ao ministro.

— Não é preciso. Acredito na sua palavra. Do que eu agora me vou certificar, é se no vocabulario de que faço uso, existirão mais algumas destas *palavrinhas* que tiram o emprego de um cidadão, assim, sem mais, nem menos.

— Mas o senhor não tinha que dar um passeio á Europa?

— Qual passeio! Preciso passeiar, mas é de novo pelo paiz dos lexicographos, para não ser mais prejudicado nos actos da minha vida.

XIII

LADROEIRA

Um francez, que pouco conhecia o idioma portuguez, procurou um amigo de nacionalidade braziliense, homem illustrado, que falava correctamente a lingua franceza, e perguntou-lhe como se devia traduzir em portuguez a phrase : *un repaire de voleurs.*

Responde-lhe o amigo :

— Tal phrase deve ser traduzida por esta só palavra : *ladroeira.*

Toma o francez nota da palavra, dirige-se á auctoridade do logar e diz-lhe :

— *Sinhórr.* Eu *vem de descovrir um* ladroeira juncto de minha casa, e eu *pede providances ó case.*

— Qual foi a ladroeira ? Pergunta-lhe a auctoridade.

— *Pardon. Non* comprehende.

— O senhor vio alguem roubar, ou furtar alguma cousa ?

— *Non, non* vio roubar.

— Então, como é que descobrio a ladroeira?

— Ah! *Oui. Descovri* ladroeira junto de minha casa.

— Ora adeos! Mas isso já o senhor disse. O que eu quero saber é da especie da ladroeira.

— *Oui, oui,* é *um* grande ladroeira.

— Meo caro senhor, eu sou quém não o comprehende; por isso, não posso dar providencias como me pede. Quando souber explicar-se venha então falar-me.

Retira-se o francez furioso com a auctoridade, e esta ainda mais furiosa fica por não saber aquelle exprimir-se.

D'ahi a alguns dias encontra-se o francez com o amigo braziliense; relata-lhe o occorido, e pede-lhe que vá falar por elle á auctoridade, visto como esta não o poude entender.

Accede o amigo ao pedido, e dirige-se á auctoridade nestes termos:

— Venho por pedido de um francez que aqui esteve ha dias, participar-lhe que junto da casa desse estrangeiro existe um escondrijo de ladrões, e o pobre homem pede providencias sobre o caso.

— Perdão; porem o francez que aqui esteve, não me disse tal cousa. Tratou de assumpto muito differente. Disse-me apenas que tinha descoberto uma ladroeira perto da casa delle. Perguntando-lhe, eu qual tinha sido a ladroeira, não soube explicar-me, e eis porque não liguei importancia ao facto.

— Mas, senhor, eu creio que o francez não se ex-

primio mal, empregando *ladroeira*, em vez de escondrijo de ladrões.

— E acha o senhor que isso é a mesma cousa?!

— Não acho. Affirmo até que é exactamente a mesma cousa. *Ladroeira* é o logar onde os ladrões se acolhem, isto é, a caverna, o covil, o valhacouto, comquanto dêm os diccionarios esta palavra, significando furto, ou roubo. A palavra que exprime a *qualidade de ser ladrão*, é *ladroice*, ou ainda est'outra, que com muita propriedade empregavam os antigos: *ladroagem*.

A desinencia, ou terminação *ice* exprime *qualidade de ser*, *qualidade do que é*, ou *acto proprio de alguem*, e por isso deve-se dizer com toda a propriedade: *ladroice*, isto é, *qualidade de ser ladrão*, ou *acto proprio de quem é ladrão*, como do mesmo modo dizem: *tolice*, de *tolo*, *bobice*, de *bobo*, *parvoice*, de *parvo*, *doudice* de *doudo*, etc.

A desinencia, ou terminação *agem*, que é um augmentativo, exprimindo *multidão*, como de *ramo*, *ramagem*, de *folha*, *folhagem*, etc., tambem exprime na palavra *ladroagem* o *acto de ser muito ladrão*, a exemplo de outras palavras, como: *bobagem*, *molecagem*, *capoeiragem*, etc., que exprimem o *acto de ser muito bobo*, *muito moleque*, *muito capoeira*, etc.

Riquissima de vocabulos é nossa lingua. Alguns ha que tendo a mesma raiz, exprimem differentes sentidos, pelas differentes desinencias, ou terminações. Neste caso estão as palavras: *ladroeira*, *ladroice* e *ladroagem*, derivadas todas da mesma raiz da palavra *ladrão*.

A desinencia, ou terminação *eiro, eira,* denota cousa que *obra, exerce, move, produz, mantem, cria,* etc.

Como cousa que *obra, exerce, move,* ou *produz,* representada no exercicio da profissão, temos: *chapeleiro, a, sapateiro, a, padeiro, a, funileiro, a,* etc.

Como cousa que *mantem, cria,* ou propriamente logar onde se *conserva* alguma cousa, temos: *assucareiro,* onde se *mantem,* ou se *conserva* o assucar; *tinteiro, manteigueira, ratoeira,* e do mesmo modo *ladroeira,* logar onde se *mantêm,* se *conservam,* ou se *recolhem* os ladrões.

As mesmas desinencias, ou terminações *eiro, eira,* podem tambem denotar: *repetição, extensão, grandeza* e *intensidade*; como por exemplo, nas palavras: *aguaceiro, nevoeiro, cachoeira, cordilheira, fogueira,* etc.

— E a palavra *asneira,* onde fica?

— No ról das *asneiras,* devendo por egual modo ser substituida pela palavra *asnice,* que já muita gente bôa diz.

— Mas, afinal de contas, que tenho eu com tudo isso? Com essa catilinaria grammatical que me acabou de prégar?

— É que se o senhor não ignorasse a significação da palavra *ladroeira,* teria dado já as providencias necessarias; ao passo que, agora, talvez seja tarde!

XIV

ALUMNO

Dirige-se um chefe de familia a um collegio e fala nos seguintes termos ao director:

— Sr. director, trago-lhe mais um alumno para seo collegio. Como estou com muita pressa, deixo-lhe aqui meo cartão de visita. O menino dir-lhe-ha o nome, a edade, o que estava aprendendo, etc., e o sr. fará o obsequio de tirar a conta, que eu depois voltarei para conversarmos.

Ás 3 horas da tarde, por occasião da sahida dos externos, apresenta-se no collegio um criado, dizendo que ia buscar o menino fulano.

Observa o director ao criado:

— Esse menino a que você se refere, matriculou-se como interno, e o pae não me deo ordem de o mandar hoje.

— Sim senhor, diz o criado, eu direi isso mesmo em casa.

O chefe da familia, ao receber do director aquelle recado, poz-se logo a caminho do collegio. Ahi chegado, assim se exprime ao educador.

— Sr. director, cabe-me obsevar que não lhe disse que meo filho seria interno. Lembro-me perfeitamente de lhe haver dito sómente isto: «trago-lhe mais um alumno para seo collegio». Meo erro foi talvez não declarar que elle seria alumno externo.

— Pois foi mesmo por ter o senhor empregado sómente a palavra *alumno,* que o considerei interno.

— Mas, perdão! Então o *alumno* não póde ser *externo, semi-interno,* ou *interno?* São estas as diversas categorias de *alumnos* que eu conheço.

— Pois, meo amigo, eu só conheço uma categoria de *alumno*, que é a do *interno*. Fique sabendo que é uma impropriedade dizer-se *alumno externo*, *alumno semi-interno*, e um verdadeiro pleonasmo, *alumno interno*. A palavra *alumno* é puramente latina; não é mais do que o ablativo do singular do substantivo *alumnus alumni* que significa: criança de mamma, menino, derivado este substantivo (*alumnus*) do verbo; *alo*, *alis*, *alui*, *alitum,* ou *altum*, *alere*, que quer dizer: *nutrir*, *alimentar*, *crear*, *sustentar*, etc. Assim, pois, *alumno* é aquelle que recebe, além do figurado alimento do espirito, tambem o proprio alimento do corpo, e por isso deve-se dizer com mais propriedade dos *pensionistas* de um collegio, por que estes recebem a pensão alimenticia.

— Mas, sr. director, se a instrucção é tambem um alimento, logo, todo *discipulo* é tambem um *alumno*, porque recebe do mestre a *nutrição* intellectual.

— Eu já esperava que o amigo viesse com a tal chapa do *pão do espirito*, que entra na maior parte dos banquetes oratorios. Tenha paciencia, suspenda por um pouco sua logica, porque não é de ferro, mas sim de muito leve metal litterario. Permitta que lhe diga: Sendo assim, como acabo de dizer, que faremos das palavras: *estudante* e *discipulo?* Como se provará então a riqueza da nossa lingua, que consiste justamente na propriedade de cada um de seos termos? Que necessidade ha de se empregar sempre figuradamente o *estudante,* ou *discipulo* como *alumno*? Cada palavra deve ser empregada na sua verdadeira accepção, conforme nos indica a etymologia, que lhe é peculiar. Pela sua logica, escusado é haver *synonimos,* começando pela palavra *alumno,* que no seo entender, já abrange o *estudante* e *discipulo.*

Na verdade, o sr. e outros modernos *logicos* da sua força deram um valente *pontapé* nos termos *estudante* e *discipulo,* pois já se não ouve dizer: o *estudante* desta, ou daquella Faculdade, o *discipulo* deste ou daquelle collegio. Nada! Tudo hoje é *alumno*! *Alumno* da Faculdade da Medicina, *alumno* da Escola Polytechnica, *alumno* da Faculdade de Direito, *alumno* da Escola Normal, e até *alumno* particular de uma hora de explicação por dia! Como vae em progresso nossa lingua! E a isto é que chamam evolução!

Não se vê igualmente no francez as palavras *étu-*

diant, *disciple*, *élève*, e *écolier*, serem apropriadamente empregadas?

Porventura, só uma dessas palavras é que é exclusivamente usada?

Em conclusão, meo caro senhor: O *estudante* é o que frequenta curso superior; o *discipulo* da palavra latina *discipulus*, de *disco*, *discere* é todo aquelle que *aprende*, porém mais directamente a doutrina do *mestre*; o *alumno*, é aquelle *estudante* ou *discipulo* que recebe *pensão alimenticia*; finalmente, é exactamente o mesmo que *interno* ou *pensionista*.

— Pois, sr. director, só pela sua licção, vou agora matricular meo filho em seo collegio, não, como *externo*, ou *semi-interno*, mas como *alumno*.

XV

FREGUEZ

Certo rapaz, filho de familia pobre, que morava numa das cidades do interior de Minas, viera á capital deste Estado procurar emprego. Educado pelo padrinho, concluira o curso de humanidades, distinguindo-se sempre em seos exames de preparatorios; não podendo, porém, matricular-se em nenhuma academia, por haver morrido seo protector.

Por mais esforços que fizesse o rapaz para arranjar bom emprego e de posição, nada conseguia, não obstante as habilitações alliadas a um excellente caracter.

Vendo afinal o pobre moço que a protecção sobrepujava taes attributos, e pensando acertadamente sobre o rifão: *quem não tem padrinho morre de fome*, resolveo agarrar-se á primeira taboa de salvação, isto é, ao primeiro emprego que lhe apparecesse, fosse qual fosse.

Eis que se lhe depara um annuncio nestes termos: «*Precisa-se de um caixeiro para um armarinho. Não se exige practica; deseja-se apenas que seja pessôa honesta. Rua tal n.º etc.*»

Apresenta-se immediatamente o rapaz ao referido estabelecimento, e toma conta do logar.

Decorrido um anno, era elle um magnifico caixeiro, tendo conquistado com seo talento e maneiras delicadas grande freguezia para a casa.

Entretanto, de nada lhe servio isso, pois que o atrabiliario patrão, antigo typo de negociante carrança, não o poupava com recriminações, chegando muitas vezes a insultal-o diante da freguezia.

Uma occasião estava o infeliz caixeiro ao balcão, dobrando peças de panno, quando lhe diz o dono da casa, que se achava enthronisado na sua alta escrevaninha:

— Ó senhor fulano, veja lá aquelle freguez que está á porta.

Depois de olhar para a porta, responde-lhe o caixeiro, sem sahir do balcão:

— Não tem freguez algum á porta.

— Como não tem?! O senhor é cégo?

Nesse momento, pergunta da porta um distincto cavalheiro, bem trajado, parecendo ser homem de bôa posição na sociedade:

— Quanto custa esta gravata?

Observa o patrão ao caixeiro:

— Então? Que lhe disse eu? Não está á porta um freguez?

Após esta observação em tom reprehensivo, convida o dono da casa aquelle cavalheiro para entrar e escolher uma gravata a seo gosto.

Accede este ao convite.

Dão-lhe uma cadeira, senta-se, e espera que se lhe apresentem as gravatas para escolher.

Neste interim, diz em voz baixa o caixeiro que tem ido buscar a caixa das gravatas:

— Eu bem disse que não tinha freguez algum.

— Que está o senhor ahi a resmungar? Sirva o freguez, que é melhor.

— Estou a falar que eu bem dizia que não tinha freguez algum á porta.

— Ó estupido, pois então aqui este senhor não é um freguez?!

— Repito o que disse e posso até provar-lhe em bom portuguez, como não é. Graças a Deos, estudei bem minha lingua.

— Bom, bom, deixemo-nos de discussões, e sirva o freguez.

Diz em voz baixa o caixeiro:

— E elle a dar-lhe com o freguez!

Desta vez intervem o comprador, que tem estado pacientemente a ouvir a discussão:

— Ora bem. Eu comprarei a gravata, até pelo dobro do preço, mas com a condição de que o dono da casa ha de permittir que seo empregado prove em como não sou freguez.

— Pois vá lá, concede o dono da casa. Eu sempre

quero vêr como é que este estupido quer negar uma cousa que todos dizem.

Toma a palavra o caixeiro:

—Lá o todos dizerem é o menos. Eu sou quem o não diz, porque sei que é erro. A palavra *freguez* é formada do adjectivo latino *frequens, frequentis,* que quer dizer *frequente,* referindo-se portanto áquelle que *frequenta* alguma cousa.

Ora, como este senhor não *frequenta* esta casa, tendo apenas hoje vindo pela primeira vez, logo não é *freguez.* Este erro, porém, procede do desejo que têm todos os negociantes de arranjar freguezia, e por isso vão antecipadamente chamando *freguez* ao individuo que pela primeira vez, lhes compra, mas só com o fito de lhe agradar, e mais tarde apanhal-o como verdadeiro *freguez.*

Seja embora um excesso de delicadeza da parte do negociante, dando ao comprador da primeira vez um titulo, que este não merece, ainda assim não deixa aquelle de incorrer numa impropriedade.

Não ouvimos tambem, pelo mesmo excesso de delicadeza chamar ao alferes de tenente, ao tenente de capitão, ao capitão de major e assim por diante? Pois com a palavra *freguez* o mesmo acontece, dando-se este qualificativo a um individuo que não é comprador *frequente* de uma casa.

Applaude o distincto cavalheiro, que por ser homem illustrado, tem sabido apreciar os conhecimentos do caixeiro e sua lucida explicação sobre a palavra *freguez:*

— Muito bem. Muito apoiado! Discorreo proficientemente! Continue, continue, estou gostando de o ouvir!

Prosegue o caixeiro:

— Ainda aqui não fica: Não só chamam impropriamente *freguez* áquelle que compra pela primeira vez em uma casa, como tambem chamam erradamente *freguez* ao proprio dono da casa de negocio, quando, pela significação que desta palavra já vimos, este não *frequenta* cousa alguma.

Exclama enthusiasmado o cavalheiro:

— Bonito! Sim senhor! Tem discutido magistralmente!

— Pois de certo! Só devemos empregar a palavra *freguez* ao individuo que *frequenta*, e não ao que é *frequentado*.

Diz ironicamente o dono da casa que tem estado a morder-se de raiva:

— O senhor errou a carreira. Devia ter estudado para doutor. Garanto-lhe que dava um bom deputado! Eu é que não vou com estes palanfrorios! E quer saber de uma cousa? Empregados litteratos não me servem. O que eu devia agora fazer era pôl-o no olho da rua. Mas como não tem onde cahir morto...

A esta ultima phrase responde o pobre rapaz com a voz um tanto embargada:

— Não errei a carreira, sr. F. Sendo meos paes muito pobres, fiz todo meo curso de preparatorios a expensas de um bom padrinho, que infelizmente é hoje morto; do contrario, ter-me-hia formado. Urgido, po-

rem, pela necessidade, sem mais protector, por isso é que vim aqui parar para receber hoje seos insultos.

Taes palavras, de tal modo commoveram o respeitavel cavalheiro, que era director de uma importante repartição publica, o qual disse sem mais poder conter-se:

—Senhor negociante, guarde suas gravatas. Este rapaz, que é livre, levo-o desde já commigo. D'amanhã por diante será elle meo official de gabinete.

Á vista deste grande acto de philantrophia, fica o dono da casa de bocca aberta, como quem diz: Perdi o caixeiro e... *perdi o freguez!*

XVI

MORADIA

Morava numa bella chacarinha um respeitavel octogenario que costumava aos domingos receber a visita de alguns amigos.

De genio folgazão e de animo sempre bem disposto era o bom velho, que sem possuir erudição, gostava, entretanto de contar factos historicos, que não só deleitavam, mas até instruiam áquelles que com elle conversavam.

Num desses domingos, apparece na sua modesta habitação o sr. Prudencio, velho amigo da casa, o qual levava comsigo um companheiro, conhecido como um dos nossos bons litteratos, e assim o apresenta:

— Meo bom sr. Fagundes, apresento-lhe meo particular amigo, o sr. Alberto Silva, moço de grande talento e illustração, e um dos nossos melhores litteratos da moderna pleiade. Tomei a liberdade de o trazer

commigo, porque sei não perderá seo tempo em ouvil-o e aprecial-o.

— Oh! pois não. Tenho muito gosto em receber tão honrosa visita, e sinto não estar na altura de poder devidamente lhe apreciar o bello talento e illustração.

Interrompe o apresentado:

— Por quem é! Não me confundam assim; pois já me acho curvado com o peso de tanta amabilidade. Eu não passo de um simples rabiscador de papeis, e amigo da nossa litteratura.

Diz o amigo do sr. Fagundes:

— Ora meo caro senhor, eu não costumo gastar cêra-senão com bom defuncto. Se o senhor não fosse possui, dor das qualidades que acabei de expôr, creia que faria uma simples apresentação, e mais não diria.

Referindo-se depois ao dono da casa:

— Pois é o que lhe digo, sr. Fagundes: Aqui o sr. Alberto, não é por estar na sua presença, mas é de uma vastissima e profunda erudição. Ha de vêr, ha de vêr, quando com elle conversar. E tome cuidado, porque diante destes homens temos obrigação de andar muito direitinhos. O que vale é que elle é bôa pessôa, e tem bastante discernimento para perdoar os erros dos velhos, como nós, que já temos no dizer delles o *miolo molle.*

Atalha o litterato:

— Lá isso é uma injustiça que se me faz, porque sempre respeitei e estimei a velhice, assim como, faço muito bom conceito dos velhos.

Diz o sr. Fagundes:

— Não faça caso, sr. Alberto. Meo amigo Prudencio

está a gracejar. Basta ser o senhor amigo delle, para não fazer este juizo dos homens da minha edade.

— O melhor é deixarmos de tanto rasgar de sedas, accrescenta o sr. Prudencio, e vamos ao que serve: Meo amigo, o sr. Fagundes, vae contar-nos uma das suas bôas historias, do tempo de seos avós, e meo particular amigo, o sr. Alberto, ha de apreciaI-a muito, porque se remonta a épocas historicas. Aquelle facto, por exemplo, sr. Fagundes, que se deo com seo avô, ou bisavô, quando fidalgo.

Responde o bom velhote:

— Homem, isto é uma historia muito comprida, e aqui o sr. Alberto talvez fique maçado, e me chame *cacete*, como por ahi se diz daquelles que contam grandes historias.

— Ora essa! Qual maçada! Eu até aprecio muito os factos historicos, principalmente sendo narrados por testemunhas oculares, ou auriculares, porque estas inspiram mais confiança, do que a narração que nos fazem os livros.

— Apoiado! Sou da sua opinião, acóde o sr. Prudencio. Está, portanto, na berlinda meo amigo Fagundes para nos narrar o tal facto.

Começa o sr. Fagundes:

— Contava meo avô paterno, que, sendo meo bisavô fidalgo da casa real, tinha uma moradia. Entre parenthesis: Quem me dera que eu tambem tivesse hoje uma moradia! Seria talvez mais feliz do que sou.

— Mas o senhor não póde dizer isso, interrompe o joven litterato.

— Porque não?!

— Pois o senhor não possue esta bella moradia, onde respira o puro oxygenio, que se desprende desta grande arborisação que o cerca?

— Não o posso comprehender. Diz o sr. Alberto que eu possúo uma moradia?!

— Sim senhor. Pois a casa onde o senhor mora não é sua moradia?!

Exclama o velho Fagundes cheio de admiração e espanto, e arregalando os olhos:

— Esta agora! A casa onde eu moro é minha *morada,* e *moradia* sempre conheci, significando outra cousa. Comquanto, hoje, não mais haja *moradia* dada pelos reis a certos fidalgos, comtudo, deve esta palavra conservar ainda a significação, que lhe é peculiar. Porque hão de desapparecer as palavras *habitação, residencia, domicilio,* e tambem *morada,* que exprime o logar onde moramos, para ser empregado *moradia,* este antiquado termo, que tem significação tão differente?! A palavra *moradia* significa especialmente o ordenado, que os reis davam aos fidalgos que moravam na côrte, mas a *moradia* não era o logar onde esses fidalgos moravam, e sim, o ordenado que recebiam. Quando o principe fazia até mercê a algum fidalgo, do titulo de conde, marquez, ou duque, perdia o agraciado a *moradia,* e em logar della, se lhe fazia *mercê de assentamento,* que era outra especie de ordenado.

Á vista da licção do octogenario, o *grande litterato,* puxando do relogio, só teve para responder as seguintes palavras, acompanhadas de certa mastigação:

*

— Pois sr. Fagundes... estimei muito conhecel-o. Sinto neste momento ter que o deixar, mas agora é que me lembro: Ficou de esperar-me em casa um amigo, e por isso, não posso demorar-me.

— Ora essa! Eu bem sei o que são essas cousas... Só o que lhe digo, sr. Alberto, é que póde ir para sua casa, ou *morada* mas não para sua *moradia*. Deixe esta palavra dormir o somno da antiguidade!

XVII

RAPARIGA

Lembra-se uma respeitavel matrona de fazer a seguinte encommenda ao marido:

— Preciso de que fales hoje ao dono do armazem, donde nos fornecemos, a ver se elle me póde arranjar uma pretinha velha, que entenda de gallinhas, saiba pôl-as no chôco, etc.; finalmente, que se occupe com a criação, porque eu não tenho tempo para isso.

Accede o marido ao pedido da consorte, e immediatamente vae ver se encontra aquella preciosa prenda! Chegado ao armazem, faz o pedido, e diz-lhe o dono deste:

— Pois não. Conheço uma nestas condições. Hoje mesmo, sem falta, mandar-lh'a-hei pelo caixeiro, porque essa gente velha não acerta muito bem com as ruas.

Segue d'alli para o trabalho o marido daquella senhora, e ao regressar aos penates pergunta-lhe:

— Então? Veio a pretinha velha?

Que pretinha? Até agora não appareceo ninguem.

—Hom'essa! Entretanto, o dono do armazem ficou de me arranjar uma para hoje mesmo, sem falta. Disse-me até que a mandaria pelo caixeiro, porque esta gente velha não acerta bem com as ruas.

—Pois até agora ainda não veio.

—Naturalmente, hão de apparecer quando estivermos jantando; já se vê, para nos incommodar.

Ás seis horas da tarde senta-se a familia á mesa do jantar. Já pelo fim desta refeição, e por occasião de se servir o café, batem á porta. Vae ver quem bate uma tia velha, senhora de nacionalidade portugueza. Ao abrir a porta, duas pessôas se lhe deparam, ás quaes manda que se sentem no banco do corredouro, e corre a prevenir o sobrinho.

—Ó menino, estão alli duas pessôas: um rapaz e uma rapariga; e saindo da sala, dirige-se para o jardim.

Volta-se então o marido para a mulher:

—Que te disse eu? Ha de ser o caixeiro com a pretinha velha. Pois que esperem, que ainda estamos a jantar. Dahi a um bom quarto de hora, diz a mulher:

—É verdade, filho! E o caixeiro com a preta que estão á nossa espera ha tanto tempo?! Agora, vae tu mesmo accender o gaz do corredouro, porque o creado sahio.

Dito isto, levanta-se o chefe de familia, toma a direcção do corredouro, que já se acha completamente ás escuras, e emquanto bate nos bolsos, á procura da caixa dos phosphoros para accender o gaz, vae proferindo as seguintes palavras:

— Mais vale tarde, do que nunca? Olá, tia, sabe pôr uma gallinha no chôco?

Com tão original recepção, não mais se puderam conter, e soltam gostosas gargalhadas as duas pessôas que no banco se achavam sentadas.

Feita a luz carbonica, fez-se ao mesmo tempo a luz da razão para o dono da casa: Um elegante rapaz, com sua senhora, linda joven de vinte annos, vinham visital-os.

Convidando-os a entrar para a sala, diz-lhes, cheio de acanhamento, o dono da casa:

— Peço-lhes que me desculpem, mas os senhores comprehendem, as pessôas de edade, ás vezes não sabem se exprimir bem, e por isso minha tia chamou rapariga a esta senhora. Ora, como eu esperava uma preta velha com um caixeiro do nosso armazem, suppuz que fossem elles.

Diz-lhe o elegante rapaz, com um amavel sorriso, e com consciencia de quem conhecia a lingua portugueza.

— Perdão, snr. F. Creio que sua tia não se exprimio mal.

Replica o dono da casa:

— Esta agora é que é muito bôa! Com que então sua senhora é uma rapariga?! Uma senhora clara e rosada como ella é? Ora pelo amor de Deos! O sr. está gracejando.

Observa o rapaz:

— O sr. é que, nem por gracejo deve dizer semelhante cousa!

— Mas, porque? Erro então?

— Certamente que sim. Mostra que ignora a verdadeira propriedade do termo *rapariga*, applicando-o a uma preta velha.

Deve então ser sómente á preta moça?

— Quanto á preta moça está correcto.

— E porque não deve ser tambem correcto applical-o á preta velha? Ambas são pretas.

— Nisso é que está justamente o engano. A palavra *rapariga* não é synonimo da preta moça, ou velha.

— Mas como é que o sr. disse que quanto á preta moça estava correcto?

— O melhor é explicar-lhe convenientemente, o que é facillimo de se comprehender.

— Pois vá lá. Se a explicação me satisfizer, darei as mãos á palmatoria.

— Então ouça: Sabem todos perfeitamente que a palavra *rapaz* quer dizer: homem de pouca edade, joven, moço. etc. Ora, não resta duvida, de que o femenino de *rapaz* é *rapariga*; logo, esta palavra deve ter a mesma significação que a outra. Assim, pois, a mulher, de qualquer côr que seja, branca, parda ou preta, desde que fôr de pouca edade, joven, moça, etc., será uma *rapariga*. Não acha facil a explicação?

— Sim senhor, é facil, e concordo. Mas é que tambem muita gente chama *rapaz* ao preto moço, ou velho.

— Sim, porem isso não é tão commum como o ouvir-se chamar *rapariga* a uma preta velha. E ainda fazem troça das crianças, porque dizem: aquelle *moço velho*, aquella *moça velha!*

— É rir-se o roto do descosido, porque *moço velho*, ou *moça velha* são do mesmo teor que *rapaz* ou *rapariga*, referindo-se ao preto ou preta velha. Ora ponha a mão na consciencia, e veja se não é rasoavel o que lhe acabo de dizer.

— Não, meo amigo. Em vez de pôr a mão na consciencia, cumpro agora o que prometti: Dou-lhe as mãos á palmatoria.

XVIII

PRESTIGIO

O deputado F., homem eminentemente politico, de excellente caracter e de reconhecida probidade, é em um bello dia surprehendido por um dos nossos periodicos, com a seguinte mofina: «Quando se fartará o illustre deputado, o Ex.mo Snr. Dr. F., de proteger nosso pobre paiz, *arranjando-se* com certas concessões, illudindo os seus credulos concessionarios? Será isso *politica* ou peloticagem?»

No dia seguinte, em outro periodico, apparece na secção dos *A pedidos* o seguinte artigo, com a epigraphe *Ao publico*, e com a assignatura do articulista por extenso.

Eis o artigo:

«O digno representante da nação, o Ex.mo Snr. Dr. F., deputado que mais tem cooperado com seos sublimes projectos de melhoramentos para a prosperidade

deste paiz, é hoje desmascarado em publico, descobrindo-se que elle é um grande pelotiqueiro, este homem que até então éra pelo povo reputado como exemplo de um caracter puro e immaculado, de uma honradez e probidade a toda a prova. Se elle se tem *arranjado* com as concessões, como se diz então pobre? O publico que commente o facto, e o julgue como entender, pois quanto a mim, digo, e direi sempre que o Ex.mo Snr. Dr. F. não é nenhum homem de *prestigio* na nossa sociedade.— F. de tal.»

Surprehendido o deputado com este artigo, ficou então devéras furioso pela calumnia, que lhe levantavam, e por toda parte indagava se conheciam o auctor, até que houve quem a curiosidade lhe satisfizesse.

No mesmo dia, um amigo que com elle passeava por certa rua, apontou-lhe o referido articulista, dizendo-lhe:

— Olha, é aquelle que vae entrando n'aquella pharmacia alli defronte.

O deputado deixa a companhia do amigo, e immediatamente se dirige ao encontro do auctor do artigo, o qual não chega a entrar na pharmacia, porque é por aquelle interrompido com a seguinte pergunta:

— O snr. é F. de tal?

— Sim, senhor, um seo criado.

Sem mais preambulos, o deputado, que era genioso, atira-se sobre o homem para esbordoal-o. Trava-se a lucta corporal: os chapeos cahem ao chão, rebentam-se os collarinhos e as gravatas.

O pharmaceutico e algumas pessôas, que se achavam

na pharmacia, logo intervieram, e, ao reconhecerem o deputado, não mais consentiram que a lucta continuasse.

Separados os gallos brigadores, entraram estes para a pharmacia, a fim de comporem o fato e endireitarem os collarinhos e as gravatas, que pelo pescoço já subiam.

Diz o deputado, cheio de indignação:

— Vejam só este tratante! Sem me conhecer, e a insultar-me por aquelle modo!

Interrogam todos a um tempo:

— Mas então o que foi, doutor? Este homem insultôu-o?

Interrompe o articulista:

— É falso, não o insultei. Ao contrario, foi V. Ex.ª o primeiro a aggredir.

Responde colerico o deputado:

— Cale-se, seo miseravel... Senão!...

O pharmaceutico e as pessôas que se acham na pharmacia, procuram conter o deputado, e ao mesmo tempo insistem para que este lhes diga qual o insulto.

Depois de sentar-se o deputado e tomar uma larga respiração, assim se explica:

— Ouçam este artigo (puxa do bolso um periodico, e lê em voz alta o artigo supra).

Após a leitura, pergunta aos circumstantes:

— Então, que me dizem? Depois da mofina de hontem, não será isto uma provocação? Pois é aqui este senhor (aponta para o articulista) o auctor deste bello artigo. Confirma que eu sou um grande pelotiqueiro, que tenho sabido arranjar-me com as conces-

sões, e finalmente, declara que diz e dirá sempre que eu não sou nenhum homem de *prestigio* na nossa sociedade. Ponhamos de parte a modestia. Será pouco o que tenho feito em beneficio do meo paiz? E é a um homem como eu, que se diz que não tem nenhum *prestigio* na sociedade?!

Depois de uma ironica risadinha, intervem pachorrentamente o auctor do artigo:

— Ora, meo caro doutor! Se eu soubesse que toda a sua colera contra mim, era por causa do artigo, que escrevi, creia, com franqueza, que não consentiria que o doutor fizesse tamanho escandalo em publico.

Replica o deputado:

— Previno-lhe de que não supporto gracejos, nem admitto que faltem ao respeito e consideração de que me julgo merecedor.

Responde o articulista:

— Tanto é V. Ex.ª digno de todo o respeito e consideração, que é d'isso meo artigo a prova mais cabal. O que escrevi, verbalmente aqui o repito: Que V. Ex.ª não é nenhum homem de *prestigio* na nossa sociedade.

Diz o deputado:

— Mas então o senhor nega que eu seja um homem de *prestigio* na nossa sociedade?!

— Sim, senhor, nego, porque quero affirmar que V. Ex.ª não é nenhum pelotiqueiro.

— Então lá para o senhor, o homem de *prestigio* é um pelotiqueiro?!

— Cá para mim, não, senhor. Entendo que para to-

dos assim deve ser. Pelo menos, é o que nos ensina o diccionario.

— E o senhor tambem affirma que o diccionario diz isto?

— Por que não? E se me dá licença peço desde já ao snr. pharmaceutico para nos ceder seo diccionario por um pouco.

Como sobre a mesa se achavam, e bem á vista, dous grandes tomos de um diccionario, não poude o pharmaceutico a isso recusar-se, e, tomando de um delles, começa o articulista a manuseal-o. Ao encontrar a palavra *prestigio*, lê sobre esta o seguinte: *Prestigio,* do latim: *præstigiæ, arum* de *præ* diante, e do grego *stegó*, cobrir, esconder: illusões, fantasias, enganos. Os *prestigios* da arte magica, etc.

Depois de ler, accrescenta o articulista:

— D'ahi a palavra *prestigiador* ou *prestidigitador*, que vem a ser *magico*, o homem que pratica toda a sorte de *illusões, fantasias* e *enganos*. O *prestigiadór* ou *prestidigitador, magico,* ou *pelotiqueiro*, como o queiram chamar, esse homem de *prestigio* tem realmente diante de espectadores, leigos como nós, que não sabemos arremedal-o, certo *merecimento*, certo *valor*, que lhe é peculiar; mas d'ahi não se segue que todo o homem de *merecimento* ou *valor* seja um homem de *prestigio*.

O *merecimento* e o *valor* podem-se estender a todos, mas o *prestigio* não. Este é um *merecimento*, ou um *valor* muito restricto, que só se deve empregar no sentido em que lhe fôr proprio.

Homem *prestigioso* quer dizer: *enganador, astucioso, embaidor, embusteiro, pelotiqueiro,* etc. O que o povo confunde, meo doutor, é a palavra *prestimo,* com *prestigio,* e *prestimoso,* com *prestigioso.*

O deputado, para salvar-se da embaraçosa situação, diz ao articulista:

— Bem, bem, não fallemos mais nisso. Se sua intenção não foi offender-me, está desculpado.

Responde-lhe immediatamente o articulista:

— Bem, bem, não fallemos mais nisso. Desde que a *interpretação* do doutor foi outra, está tambem desculpado.

Se ha castigo para os que erram, quer nos parecer que o tal deputado foi bem castigado.

XIX

APPELLIDO

Leva um pretendente ao ministro carta de empenho, afim de que este o nomeie para certo logar, que, não dependendo de concurso, exige, entretanto, alguns conhecimentos litterarios.

Depois de haver o ministro lido a carta, pergunta ao portador:

— É o senhor o proprio?

— Sim, senhor.

— Estou sciente. Appareça depois d'amanhã, porque agora não posso prestar-lhe attenção.

Chegado o dia determinado pelo ministro, apresenta-se o pretendente, e diz-lhe aquelle o seguinte:

— Já podia tel-o nomeado, mas como perdi a carta que trazia seo nome, eis o motivo porque ainda não se acha lavrada a nomeação. Lembro-me sómente de que era um nome muito comprido.

— Na verdade, meo nome é muito comprido.

— O melhor é o senhor dizer-me apenas seo appellido. É quanto basta.

— Porem, Snr. ministro... meo appellido... é um nome muito feio... Chamam-me *caólho,* por causa deste defeito que eu tenho num dos olhos.

— Ora senhor meo pretendente! Nada temos feito. Já vejo que o senhor não póde occupar o logar que deseja.

— Mas porque?! Eu diviso perfeitamente os objectos. Leio e escrevo tão bem, como se não tivesse cousa alguma.

— Não é isso, meo amigo. Não é ao seo defeito physico que me refiro, e sim a outro muito peior. É que o senhor pouco vê intellectualmente. Quero dizer que não póde ter grandes habilitações, porquanto começa por ignorar sua propria lingua.

— Mas como póde V. Ex.ª saber disso?!

— Pela sua propria bocca é que estou sabendo. Pergunto-lhe por seo appellido, e o senhor diz-me a alcunha por que é conhecido.

— Porem, Snr. ministro, não o comprehendo. Não sei o que quer V. Ex.ª dizer-me.

— Pois então, comprehenda agora de uma vez: *Appellido* é o sobrenome, denominação accrescentada ao nome proprio, ou de baptismo.

Alcunha do arabe *alconia*, ou *al conya,* é um *appellido* injurioso, allusivo a algum defeito physico, ou moral.

Ambas estas palavras eram synonimas em significarem o sobrenome das pessôas, segundo a differença

das familias. Davam os reis por honra e mercê a suas villas e cidades *alcunhas* de *leaes, nobres, notaveis,* etc., assim como, os nomes de animaes, peixes, aves, como por exemplo, *perdigão, pêga, coêlho, sardinha,* foram os *appellidos* nobres da descendencia das familias. Hoje porém, e já ha muito, não se dá tal synonimia, porque *alcunha* só significa, como já disse, *appellido* injurioso, e quasi sempre allusivo a algum defeito da pessôa; ao passo que, *appellido* se transmitte e distingue as familias.

Supponha o senhor que seo primeiro nome, ou de baptismo é Francisco, e que seo pae se chama fulano de tal da Veiga: será portanto, seo *appellido* de familia o nome Veiga, mostrando desse modo que pertence á familia Veiga. Se quer ainda mais claro: *appellido* é o ultimo nome da pessôa.

— E qual a denominação que se deve dar aos nomes, que não são nem *appellidos,* nem *alcunhas,* como por exemplo: *Bibi, Tátá, Fifi, Lúlú, Dádá, Lóló* e outros?

— Estes chamam-se *tautosyllabismos,* que quer dizer palavras formadas de duas syllabas iguaes. Como porém, muitas vezes, encontramos trocadas as syllabas de taes nomes, augmentadas até com outras, formando nomes differentes, como por exemplo, de *Bibi* e *Lúlú,* formando *Bilu,* ou mesmo de *Bibi* e *Lóló* com o augmento da syllaba *ca,* formando *Biloca,* e assim por diante, melhor será denominal-os *nomes figurados,* por não serem nem *appellidos,* ou verdadeirós nomes de familia, nem tão pouco *alcunhas.*

Se as pessôas, por exemplo, de sua familia forem por esses nomes tratadas, não deve o senhor dizer que em casa todos têm *appellido*, pois que necessariamente devem todos possuir o ultimo nome do chefe da familia, mas sim que em casa todos têm *nomes figurados*, por isso que aquelles não são nomes nem sobrenomes.

— Mas, sr. ministro, não sou eu só quem erra.

— Bem sei. Tambem não é só o senhor quem deseja ser nomeado. Muitos outros ha que pretendem o mesmo logar; por isso, acho melhor que, quando seo *appellido* de familia deixe de ser *caôlho*, e seja, fulano de tal, o senhor então se apresente para preencher o logar; porém com mais conhecimentos do nosso idioma.

XX

RECORDAR

Encontram-se dous amigos que ha tres annos não se viam.

Diz um delles, que havia chegado de fóra:

— Então, Baptista, não se recorda mais de mim?

Responde o outro muito calmamente:

— Não.

— Pois não te recordas do teo velho amigo Felismino, que foi teo condiscipulo no collegio Brandão, depois na academia de medicina, que se formou juncto comtigo, e foi tambem teo visinho, paredes-meias á rua de Sant'Anna?

— Não, responde ainda o Baptista com a mesma calma.

— Pois eu me recordo perfeitamente de ti, comquanto mudasses alguma cousa. Mas realmente é extraordinario! Um homem, como tu, que tiveste sempre

uma memoria prodigiosa, não te recordares de um collega, que foi sempre teo amigo, desde os bancos collegiaes e academicos?! Parece incrivel! Estás naturalmente gracejando commigo, não é assim? Fala sério, Baptista. Não te recordas, então, mais de mim?! Pelo facto de eu estar tres annos fóra, dahi não se segue que mudasse assim tanto, e demais, não mudei tambem de nome. Sou ainda o mesmo Felismino, teo inseparavel amigo daquellas grossas pandegas no Café Monteiro, no tempo em que eramos estudantes. Ainda assim não te recordas?!

— Estás ahi, meo Felismino, a gastar o verbo *recordar*, não sei por que motivo. Afinal, que necessidade tenho eu de me *recordar* de uma cousa, da qual me *lembro* perfeitamente? Se me tivesses primeiramente perguntado se eu me *lembrava* de ti, e eu te respondesse que não, nesse caso é que deverias dizer: Vê se te *recordas*, tornando-se desse modo mas apropriado o emprego do verbo *recordar*.

— Tens razão, meo caro Baptista, o vicio da impropriedade dos termos está tambem na razão directa do vício de pronúncia. Não sei quando se endireitará nossa riquissima lingua, que tão maltratada vive na bocca dos poucos zelosos pela sua pureza! Eu por exemplo, confesso que sou um delles, porque tambem vou na onda! É verdade, ia-me esquecendo de que foste sempre um *caturra* da lingua portugueza. Já no tempo de estudante sei que o eras, pelas discussões que ás vezes provocavas entre os collegas, a respeito da bôa pronúncia das palavras, e da sua verdadeira significação. Te-

nho até uma idéa de que escreveste qualquer cousa sobre este assumpto, não é exacto?

— Sim, escrevi, e até sobre essa mesma palavra *recordar* tive occasião de dizer algumas verdades, que se não agradaram a alguns, com isso pouco me importa, pois sou de opinião que nunca devemos occultar as verdades, por mais amargas que sejam.

— Apoiado! Sou tambem dessa opinião. Desejaria agora que me repetisses o que disseste sobre o verbo *recordar*, comquanto, apanhasse eu logo sua verdadeira significação pela laconica e logica resposta que me déste, quando eu por vezes te perguntei se não te recordavas mais de mim.

— Pois o que eu disse foi o seguinte: O tal verbo *recordar* pertence ao numero de cértas palavrinhas arrebicadas, de que o vulgo, por affectação, gosta sempre de empregar. Está, por exemplo, nessa relação o elegante *carecer* que é tambem termo todo alambicado. Nos labios femininos então, ouvimos a cada momento o *recordar* e o *carecer* conjugados em todos os seos *modos, tempos, numeros e pessôas*. Nos bailes é uma praga! Só se ouve: V. Ex.ª deve se *recordar* daquella valsa que dansámos. Não se *recorda* V. Ex.ª daquelle baile, em que estivemos? Ah! sim! *recordo-me* perfeitamente. Não sei se me *recordarei* da *romanza* que me pede para cantar. Ninguem mais se *lembra* de conjugar o verbo *lembrar*. É *recorda* para aqui, e *recorda* para acolá. Dão tanta *corda* ao *recorda* que já rebentaram a *corda* da sua verdadeira significação. Para variar vem agora o *carecer*. Quando *carecer* dos meos fracos

prestimos... Oh! por quem é, não *carece* incommodar-se por tão pouco! Quando V. Ex.ª *carecer* do meo braço está ás suas ordens. V. Ex.ª *carece* alguma cousa deste seo criado? Vê, meo Felismino, até as palavras têm tambem sua moda!

—Pois amigo Baptista, pela tal resposta que me déste, vi logo, pouco mais ou menos a differença que existe entre o *lembrar* e o *recordar*.

—E a differença é a seguinte: O verbo *lembrar* significa: *ter presente na memoria todos os conhecimentos por esta adquiridos*. Quanto ao verbo *recordar*, formado do prefixo *re* e do substantivo latino *cor*, *cordis* (coração, animo) exprime: *a acção de ir buscar com esforço á memoria os conhecimentos por esta adquiridos, e que nos faltam presentemente.* Se queres um frisante exemplo disso, ahi temos a phrase escolar: *recordar* a licção, que vem a ser: *procurar lembrarmo-nos dos conhecimentos de que tracta essa licção, e que nos faltam presentemente.* Com a mesma significação devemos empregar os substantivos correspondentes: *lembrança* e *recordação*, e quanto ao substantivo *reminiscencia*, significa este o seguinte: *lembrança mui remissa, ou que se apresenta ao entendimento de modo vago, ou duvidoso.*

—Se mais clara, meo Baptista, não póde ser tua explicação, agora tambem reconheço que mais confusa não podia ser a maneira porque a ti me apresentei.

XXI

COLLOCAR

Eis o que se passára num baile de segunda ordem: Querendo o dono da casa mostrar-se muito obsequioso para com seos convidados, esperava-os á porta da entrada de uma sala de recepção, para lhes tomar os chapéos, capas, sobretudos, bengalas, etc., etc.

Dentre os convidados, apresenta-se um que estreiava naquella noute um fino chapéo alto de pello, vulgarmente denominado *quartóla*.

Diz-lhe o dono da casa com o sorriso sempre nos labios:

— O cavalheiro ha de dar-me licença que eu vá collocar lá dentro seo chapéo, sobretudo e bengala.

— Não se incommode, diz-lhe o convidado.

— Ora essa! Não é incommodo, algum; ao contrario, é até do meo dever proceder por esta fórma.

— Nesse caso, fico muito agradecido por tanta attenção e delicadeza da sua parte.

Dito isto, entrega o convidado o chapéo, sobretudo e bengala ao dono da casa, que leva immediatamente esses objectos para dentro, voltando logo após ao seo posto de honra, que com tanta satisfação exercia naquella oc casião.

De meia-noute por diante, já o dono da casa não fazia mais rapapés aos convidados, batia no hombro de todos, e tratava-os com a maior familiaridade, assim como, faziam aquelles dessa casa alheia sua propria casa, percorrendo todos os cantos e recantos, sem a menor cerimonia.

Pela madrugada, começam a retirar-se a maior parte dos convidados, e dentre estes o dono da *quartóla* estreiada, que ao dono da casa se dirige nestes termos.

— Desejava que o amigo me fizesse o obsequio de dar meo chapéo, sobretudo e bengala.

Responde o dono da casa, batendo-lhe em cheio uma palmada nas costas.

— Ora, não se faça tolo. Você bem sabe que esta casa é sua. Se quizer vá á alcova da sala de jantar buscar o que é seo, e deixe-se de cerimonias.

Não teve o convidado outro remedio, senão ir á tal alcova buscar o que era seo, e ahi chegando, encontra-a completamente ás escuras. Accende um phosphoro, e qual não é a sua admiração, ao vêr que sobre uma cama de madeira estavam chapéos, capas, sobretudos e bengalas, quaes verdadeiros cadaveres amontoados uns sobre os outros naquelle grande campo de batalha! Accende outro phosphoro, e só encontra o sobretudo e bengala, pois a respeito de chapéo, nem sombras! Tor-

na a accender outro phosphoro, mas, oh! surpreza! Ao levantar um pesado sobretudo, depara-se-lhe o chapéo, chato como um figo passado, simulando um chapéo de molas, ou chapéo-pasta. Enche-se o homem de indignação, procura o dono da casa, e diz-lhe, apresentando o chapéo naquelle bello estado:

— Ora aqui está a transformação do meo chapéo, que o senhor com tanto cuidado tomou-me das mãos para guardal-o; entretanto, por uma sua palavra empregada na occasião, em que me tomou o chapéo, entendi que ia pôl-o em logar apropriado, como é costume fazer-se em alguns bailes, recebendo-se até senhas numeradas, correspondentes aos cabides em que se acham os chapéos, e mais alguns objectos que os acompanham. Imagine agora o senhor, que sáio eu de madrugada pelo meio da rua com um chapéo neste estado. Que dirão os rondantes? Que sou algum ébrio, e são muito capazes de atacar commigo no xilindró. Ahi está o caso de ser parodiado o: *preso por ter cão, e preso por não o ter*, que vem a ser: *preso por ter chapéo, e preso por não o ter*. Esta só a mim acontece.

— Mas eu não consinto, diz-lhe o dono da casa, que meo amigo saia assim para a rua. Vou emprestar-lhe meo chapéo, e amanhã, não tomará o amigo por offensa, mandar-lhe-hei outro novo, exactamente igual; por isso ha de dar-me licença que fique hoje com o seo.

— Não senhor, não é preciso. Eu cá me arranjarei com este mesmo.

— Essa é bôa! Não senhor, não admitto. Vou já buscar meo chapéo.

Vae o dono da casa buscar o chapéo, e ao voltar diz ao convidado:

— Experimente agora este, faça o favôr.

Assim que o convidado poz o chapéo na cabeça, enfiou-se-lhe este até ás orelhas, o que produzio grande hilaridade da parte dos circumstantes.

Continúa o dono da casa, já meio encavacado com a historia:

— Não tem duvida. Ha ainda outro remedio. Vou buscar o chapéo de meo filho.

Eis agora o chapéo do filho, formando verdadeiro contraste com o chapéo do pae: Se o primeiro chapéo enterrou-se até ás orelhas do convidado, ficou-lhe o segundo quasi na corôa da cabeça, de tão pequeno que era.

Felizmente um dos convidados, que era visinho fronteiro da casa do baile, foi á sua propria casa buscar um chapéo baixo, que julgava servir na cabeça daquelle convidado, e como de facto servio-lhe, remediando-se assim o caso.

Não obstante isso, dobraram as risadas dos convidados, redobrando ainda mais de indignação o dono do chapéo amarrotado, que não mais se podendo conter, aproveita a occasião para dar ao dono da casa uma dupla licção: A do cuidado com o objecto alheio, e tambem com o verdadeiro emprego das palavras, e por isso assim fala:

— Ora vejam os senhores: Tudo isso aconteceo (desculpem-me a franqueza) por causa de uma palavra mal empregada pelo dono desta casa, quando, das mi-

nhas mãos recebeo um chapéo, sobretudo e bengala para guardar.

Intervem o dono da casa:

— É verdade. Ha pouco já o senhor me disse que na occasião em que lhe tomei o chapéo, tinha eu empregado uma palavra, que o senhor entendeo, ou interpretou mal, uma cousa mais ou menos assim, não foi isso?

— Perdão. Eu não entendi, nem interpretei mal; ao contrario, o senhor foi quem interpretou mal a significação dessa palavra, empregando-a noutro sentido, como o poderei provar, se me der licença.

— Pois não. Com todo o gosto o ouvirei, e terei até com isso occasião de aprender o que ignorava. Faça o favôr, então, de dizer-me qual foi essa palavra e de m'a explicar o que realmente significa, porque ainda muito grato lhe ficarei.

— Deve o senhor lembrar-se, diz-lhe o convidado, que ao receber-me empregou esta phrase: Ha de darme licença que eu vá collocar lá deutro seo chapéo, sobretudo e bengala. Não está certo disso?

— Perfeitamente, responde o dono da casa.

— Ora bem. Pois a tal palavra ahi mal empregada, foi o verbo *collocar*, que o senhor empregou no sentido simplesmente de: *pôr*, quando não é. Em portuguez, os verbos: *pôr, assentar*, *collocar* e *botar* tem cada qual sua significação especial. Da palavra *pôr*, do verbo latino *ponĕre,* fizeram nossos antigos: *poer*, como ainda se encontram hoje vestigios nas palavras: *poente*, o logar onde o sól se *põe,* e *poedeira* a gallinha que põe muito.

Dahi, modificou-se depois a palavra *poer* em *pôr*, cuja significação é mui generica, designando: *descansar uma cousa em qualquer logar*, e corresponde em francez aos verbos: *mettre* e *poser*. A palavra *assentar* significa: *pôr com assento, ou firmeza*, isto é, *pôr com acerto* e de *maneira conveniente*. Assim pois, *põe-se* uma pedra em qualquer logar, isto é, no chão, na parede, etc., e *assenta-se* a cantaria para fazer o edificio, e ainda no sentido figurado, *assentar* designa: *cousa que serve de base, ou fundamento a outras*. Um orador, por exemplo, *assenta* certas proposições, que são o fundamento do seo discurso.

A palavra *collocar*, do latim: *collocare* , formada de *col*, por *com*, e *loco*, *locare*, que quer dizer: *pôr, situar*, significa o seguinte: *Pôr no devido logar com proporção e symetria*, e corresponde em francez ao verbo: *placer*. Diz-se por isso, com toda a propriedade: *Collocar* o chapéo no cabide, o livro na estante, o annel no dedo, o collar no pescoço, os brincos nas orelhas etc., etc., por serem estes os logares proprios de serem *postos* aquelles objectos.

Quanto á palavra *botar*, digamos ser formada mais propriamente do francez: *bouter*, ou do italiano *buttare*, ambos derivados do latim: *peto, petere*, que significa: *lançar*, *arremessar*, do grego: *piptô*, que quer dizer: *lançar-se*, *cahir sobre*, etc.

Significa pois a palavra *botar* o seguinte: *Lançar*, *arremessar*, *expellir com força*. Diz-se tambem por isso, com toda a propriedade: *botar* fóra o dinheiro, isto é, *lançal-o*, ou *deital-o fóra*; *botar* os bofes pela

bocca, isto é, *esfalfar-se, cansar-se, falando,* ou *correndo.*

Dahi temos tambem o verbo *botar,* significando: *Sahir fóra,* como se vê no substantivo cognato: *botafóra,* que quer dizer: *Sahida de um navio do porto, festejada por amigos do capitão,* ou *dos passageiros que vão de terra a bordo até certa distancia.* Dizemos, por exemplo: Fomos ao *botafóra* de fulano.

Tambem se usa o verbo *botar* em vez de: *embotar,* isto é, fazer *boto;* assim, por exemplo, se diz: *botar o fio, a ponta, o gume da espada, da faca,* etc.

Depois desta explicação diz o dono da casa:

— Sim senhor, aprendi muito, e comprehendi perfeitamente tudo o que disse o cavalheiro. Para eu dizer que ia *collocar* lá dentro seo chapéo, seria preciso ter um logar proprio para guardal-o, isto é, um cabide; como porem o não tinha, deveria empregar a palavra *pôr,* que era *descansal-o,* ou *reposal-o em qualquer logar.* Se meo amigo não se offende, aqui o repito, ha de dar-me licença de lhe mandar amanhã um chapéo novo, exactamente igual ao seo.

Na verdade, a despeza com a compra de um chapéo novo, não poderá representar melhor castigo para o dono da casa, que impropriamente empregou o termo *collocar.*

XXII

GRATIFICAR

Certo homem, que vivia muito pobremente, encontrou uma vez no meio da rua uma carteira ainda em bom estado, a qual continha sómente alguns papeis, que pareciam ser de importancia. No dia seguinte foi avidamente lêr os periodicos, a vêr se vinha algum annuncio relativo á carteira. De facto, deo com um annuncio, redigido nos seguintes termos: «Objecto perdido». «Gratifica-se a quem tiver achado, e entregar á rua tal, numero tanto, uma carteira em bom estado, contendo alguns papeis de importancia.»

Immediatamente se dirige aquelle homem á rua indicada no annuncio. Acontece ser essa rua situada numa montanha, cujos caminhos eram muito tortuosos, e de difficil subida. Depois de muito se estafar, chega aquelle pobre homem á casa a que se referia o dito annuncio. Era esta uma modesta habitação, que denotava alli morar

familia de poucos recursos. Ao bater a porta, apparece-lhe o dono da casa, que muito satisfeito ficou, por saber que lhe haviam encontrado a carteira.

— Não imagina, disse elle ao portador daquelle objecto, a falta que me faziam estes papeis! São documentos importantissimos, e se os não encontrasse, muito prejudicado ficaria. Felizmente os encontrei, e ao senhor posso dizer que devo neste momento minha salvação. Permitta agora que aqui lhe fale com toda a franqueza: Eu sou um chefe de familia, muito pobre, vivo do meo aturado trabalho, do que ganho pouquissimo para sustentar a grande familia que tenho: não repare, portanto, na gratificação que lhe vou dar.

— Ora essa! Com qualquer cousa eu me contento, diz-lhe alegre aquelle mensageiro da fortuna.

— Nesse caso, ainda mais reconhecido lhe ficarei, e se o senhor dá-me licença, desde já tomo a liberdade de lhe pedir que acceite hoje um logar na minha mesa de pobre, e creia que muita honra e satisfação terei nisso, pois acho que tudo quanto lhe fizer, ainda será pouco para pagar tão grande gratidão!

— Por quem é, meo caro senhor, não se incommode, fico-lhe muito obrigado.

— Mas se o senhor foi meo anjo protector, se me veio trazer a tranquillidade de espirito...

— É porque a Providencia assim quiz! Determinou-me ella que fosse eu o portador desse objecto perdido, e para mostrar-me que sem o trabalho nada se alcança, em vez de fazer-me achar uma fortuna dentro dessa carteira, obrigou-me a caminhar até aqui para receber

a remuneração do meo trabalho, isto é, dos passos que dei para chegar á sua morada.

— Se eu pudesse, creia que o gratificaria por outra fórma, mas como infelizmente não posso, por isso, apenas o convido para jantar commigo.

— Pois é essa a gratificação que o senhor me dá?! Pelas suas proprias palavras, de que tudo quanto me fizesse seria pouco para pagar tão grande gratidão, eu suppunha, quando me offereceo o jantar, que fosse isso mais um acto de reconhecimento; mas agora já vejo que me enganei. De modo, que dei uma caminhada inutilmente! Cansei-me de andar por esses pessimos caminhos, para aqui chegar, e, em vez de gratificação, recebo um amavel convite para jantar. Ora muito obrigado! Comquanto seja pobre, jàntar tambem tenho eu em minha casa. Deve o senhor se lembrar que no seo annuncio dizia que gratificaria aquelle que lhe trouxesse a carteira com os papeis, portanto, deve cumprir sua palavra.

— Pois eu não estou fóra do cumprimento da minha palavra.

— Como assim?!

— Porque offerecendo-lhe de tão bôa vontade meo jantar, creio que isso já é uma gratificação.

— Porem eu é que não creio, e não saio hoje daqui, sem o senhor me dar a gratificação.

— Mas que outra gratificação deseja o senhor?!

— A verdadeira, que é o dinheiro.

— Ah! Com que então o dinheiro chama-se agora gratificação?! Desta não sabia eu!

— Ora deixe-se de sophismas, meo caro senhor, e passe para cá o cobre, que é o melhor. Eu não vim aqui para perder tempo.

— Perdão, o senhor agora deve convir numa cousa.

— Vamos lá. Se fôr cousa razoavel, acceitarei.

— É muito razoavel.

— Pois então diga.

— Como sabe, neste mundo, a não serem os surdos e os mudos, todos nós nos entendemos por meio de palavras.

— Até ahi concordo.

— Muito bem. Se o senhor reflectir um pouco, verá que a palavra *gratificar* está mesmo, como que dizendo: *grato ficar*, pois, de facto, outra não é sua etymologia, senão a de: *ficar grato*, de modo, que a verdadeira significação de *gratificar* é: *demonstrar gratidão.* Ora, de muitos modos podemos *demonstrar* nossa *gratidão* para com alguem, quer, dando-lhe um abraço, uma flôr, ou outro objecto qualquer, prestando-lhe um serviço, ou fazendo-lhe um offerecimento, etc., etc.

Quando, porém, a pessôa a quem *demonstramos gratidão*, nos é indifferente, e por isso, não póde avaliar o puro reconhecimento do nosso animo, nesse caso então, geralmente o traduzimos por um objecto de valôr, como por exemplo, o dinheiro, para que mais sensivel se torne esse reconhecimento, a que chamamos *gratidão*. Já vê o senhor que *gratificar* não quer dizer: *dar dinheiro*, mas sim; *demonstrar gratidão*. Mesmo que eu fosse um homem muito rico, não sendo o cavalheiro pessôa de minha amizade, porém um extranho,

querendo eu *demonstrar* minha *gratidão*, e offerecendo-lhe um logar na minha mesa, creio que isso teria mais valôr moral, do que se pegasse numa moeda e lh'a desse, a titulo de *gratificação*.

Sendo, porém, eu pobre, como já lhe disse, desde que lhe offereço um logar na minha mesa, é porque o considero distincto e digno de toda minha estima e consideração, e assim procedendo, não deixarei de o *gratificar*, isto é, de *demonstrar* minha *gratidão*. Se o coração do rico, quasi sempre se encontra dentro da sua bolsa, a bolsa do pobre é sempre encontrada dentro do seo grande coração! E isso vem confirmar que cada qual dá o que tem.

Imagine tambem o cavalheiro, que um amigo seo, por exemplo, presta-lhe um obsequio, e o senhor quer *demonstrar-lhe* por isso sua *gratidão*. Pergunto-lhe agora eu: Irá o senhor pagar-lhe em dinheiro esse obsequio, ou procurará por outros meios *demonstrar-lhe* sua *gratidão?* De certo que procurará os meios moraes, como mais puros e verdadeiros.

Se eu quizesse *demonstrar gratidão*, offerecendo dinheiro áquelle que achasse a carteira, redigiria então o annuncio nestes termos; «Gratifica-se com a quantia de tanto a quem tiver achado uma carteira, etc., etc.» Ora, desde que eu só declarei que *gratificaria*, sem dizer que era com quantia alguma, logo, deve ser esta palavra tomada no seo verdadeiro sentido, que é o de *demonstrar gratidão* por qualquer fórma; entretanto, se o cavalheiro não quizer acceitar a unica prova de

gratidão que neste momento lhe posso dispensar, proceda então, como entender.

— Pois procederei do mesmo modo que o senhor, pagando-lhe na mesma moeda, que vem a ser: *Demonstrar-lhe* minha *gratidão,* e pedir-lhe que me considere para sempre como seo verdadeiro amigo.

XXIII

DEMISSÃO

Havia numa repartição publica um antigo e fiel empregado, muito cumpridor dos seos deveres. Nunca dera occasião que seo chefe o admoestasse, ou lhe lembrasse suas obrigações, relativas aos misteres do cargo que, occupava. Um collega, que tinha inveja da estima e bom conceito de que esse empregado gosava, e que tambem lhe ambicionava o logar, armou uma vez intriga, que ia prejudicando esse honesto funccionario, se não fosse aquella, descoberta por um continuo da repartição, que tinha sido convidado para servir de instrumento na referida intriga.

Tão bem feita era a trama preparada pelo collega daquelle funccionario, que se o continuo accedesse ao conluio, muito perderia o honesto empregado, que tão boas notas dera sempre de si, durante doze annos de funccionalismo publico.

Chegado ao conhecimento do innocente funccionario a malvadez do seo collega, indignara-se aquelle em extremo, e ao consultar com um collega, que elle ignorava ser connivente nessa trama, ouvio deste a seguinte opinião:

— Eu no teo caso, depois de passar uma grande descompostura a fulano, ia em seguida ao director e pedia minha demissão, porque, cesteiro que faz um cesto faz um cento, e esse sujeito é capaz de te fazer ainda alguma, de que te não possas livrar, e seres afinal demittido. O facto de estares ha doze annos nesse cargo, exercendo-o muito honestamente, hoje em dia, meo caro, de nada vale, porque o publico costuma fazer destes commentarios: «Quem havia de dizer! Um funccionario que parecia tão honrado, depois de tantos annos naquelle cargo proceder hoje por esta forma! Custa a acreditar! Eis como ás vezes, o mais honesto empregado se desmoralisa da noute para o dia!» Pois é o que te digo: Eu, no teo caso, brioso como és, pedia quanto antes minha demissão; entretanto, faze lá o que entenderes.

O honrado funccionario, que era intelligente e perspicaz, percebendo que era esse collega um connivente na trama, aproveita a opportunidade, e dá-lhe uma bôa licção, não só defendendo seo illeso e puro caracter, mas tambem mostrando o gráo de ignorancia desse máo collega sobre o idioma vernaculo, e assim lhe responde:

— Saiba o collega que isso não faria, nem faço, pela seguinte razão: Seria preciso que eu tivesse con-

sciencia de haver nesta casa praticado um crime, para chegar-me ao director e dizer-lhe: Peço minha demissão.

— Mas só no caso de praticar um crime, é que um empregado deve pedir sua demissão?! Essa é que eu não comprehendo! Então, se elle adoecer, de modo que não possa mais trabalhar, ou tirar, por exemplo uma sorte, e não queira ser mais funccionario publico, fica-lhe feio pedir sua demissão?!

— Certamente que sim.

— Mas porque?!

— Porque a palavra *demissão*, pela sua etymologia, corresponde a: *despedida*, ou *expulsão*, o que aqui provarei: É o substantivo *demissão*, como claramente se vê, formado do verbo *demittir*, e sendo este derivado do verbo latino *demittere*, deve portanto, aquelle conservar a mesma significação que este tem em latim, por ser formado do prefixo *de*, que exprime: *ponto de partida*, ou: *cousa que vem de cima para baixo*, verbo: *mittere* (mandar, enviar). Ora, *mandar*, ou *enviar* uma cousa *de um ponto*, ou fazel-a *vir de cima para baixo*, corresponde a: *despedir, pôr fóra*, ou *expulsar;* logo, deve o verbo portuguez *demittir* e seo substanttvo cognato *demissão* terem ambos esse sentido. Se ninguem deve pedir para ser *despedido, posto fóra, ou expulso*, claro está, que não deve *pedir sua demissão*, mas sim, *dispensa*, ou *exoneração* do cargo; por isso não devemos confundir *exonerar* com *demittir*, ou *exoneração* com *demissão*, pois, como synonimos tem cada qual sua significação especial: O verbo *exone-*

rar é derivado do latim: *exonerare*, que é composto do perefixo *ex*, que quer dizer: *fóra, alem de*, e do verbo *onerare* (onerar, carregar) formado de *onus, onĕris* (carga, peso) significando dahi *exonerare* o seguinte: *livrar-se do cargo, descarregar, desobrigar*, etc.

Só o superior, que é o que está de cima, é quem póde *despedir, pôr fóra*, ou *expulsar*, e é por isso que se diz geralmente e com toda a propriedade: *Demittido a bem do serviço publico*, e não *exonerado a bem do serviço publico.*

Na verdade, todo aquelle que é *demittido*, não deixa de ser *exonerado*, porque fica *dispensado, livre de qualquer onus*, ou *cargo*, mas, nem todo aquelle que é *exonerado* se deve considerar *demittido*, porque póde ser *dispensado*, ou *livre de qualquer cargo*, sem que para isso desse motivo.

O collega melhor se exprimiria, se dissesse que eu devia pedir minha *exoneração*, isto é, a *dispensa do cargo*, voluntariamente minha, mas não, pedir minha *demissão*, porque o mesmo seria que pedir minha *expulsão*, e foi por isso, que eu lhe disse que seria preciso que eu tivesse commettido um crime, para assim proceder, pois de facto, muitas vezes, o criminoso é o primeiro a pedir o castigo, como por exemplo, vêmos naquelle que espontaneamente se entrega á prisão.

Mesmo quanto á minha *exoneração*, não pediria, nem peço, porque iria despertar no espirito do director haver eu commettido alguma malversação, e demais, tendo plena convicção dos meos actos, digo-lhe aqui, como vulgarmente se diz: «Quem não deve, não teme».

Com tão fulminante e categorica resposta, sahio dalli o tal collega, exactamente como um desses animaesinhos da raça canina, que abaixam a cabeça e escondem a cauda, quando têm consciencia de que não fizeram cousa bonita.

XXIV

PROTESTAR

Numa sessão da camara dos deputados pede um destes a palavra para apresentar um projecto. Depois de um eloquente discurso sobre a exposição do referido projecto, diz o presidente: « Os senhores que approvam o projecto do nobre deputado F. queiram ter a bondade de se levantar.

Ninguem se levantou, e ouvio-se, desde o primeiro até o ultimo deputado a seguinte palavra: *protesto*, referindo-se a uma proposta, em que o deputado dizia terem seos collegas anteriormente approvado.

Revestido de grande calma, diz o deputado que apresentára o projecto:

— Sr. presidente: De todas as legislaturas, em que até hoje tenho tomado parte, confesso a V. Ex.ª que em nenhuma fui tão feliz na apresentação de um projecto, como na actual, em cuja sessão ora me acho.

Ordinariamente, sr. presidente, quando ao corpo legislativo apresentamos um projecto, vemos sempre soffrer este o terrivel choque das controversias, qual a temerosa náo que sobre o oceano soffre o embate das ondas.

Foi assim que eu, como rude timoneiro da palavra, ao lançar neste vasto oceano de idéas esclarecidas minha fragil náo, a que denominei *projecto*, em vez de vêl-a arrojada ao littoral do desprezo, coube-me entretanto, a suprema ventura de vêl-a deslisar por este mar de rosas, que brandamente ondeia neste illustrado recinto.

Diz uma voz:

—Muito bem, mas não apoiado!

Continúa o deputado:

—Vejo, sr. presidente, que a bussola que me dirige vae levar-me ao norte da minha expectativa, que é a approvação do meo projecto; portanto, nada mais posso desejar. Só me resta agora congratular-me com os valentes marinheiros, que me auxiliaram nesta arriscada navegação, que, se bonança encontrou, podia tambem encontrar enfarruscado o tempo, e nas velas do meo arrojado pensamento soprar o rijo vento da opposição, e naufragar minha pobre náo, denominada *projecto*.

Ouve-se este áparte:

—Póde o nobre deputado disfarçado em timoneiro, considerar-se mesmo naufrago, porque sua *náo-projecto* naufragou devéras.

Outras vozes:

—Apoiado! Muito apoiado!

Prosegue o deputado:

— Sr. presidente, comquanto nunca fosse *mestre escola*, vejo-me ora forçado a representar esse papel, para melhor fazer-me comprehendido dos meos nobres collegas, e por isso, peço licença a V. Ex.ª para aqui tratar da etymologia de uma *palavrinha* muito predilecta de quasi todos os representantes da nação.

Essa *palavrinha* vem a ser a seguinte: *Protestar*. Não raro é ouvirmos desprender-se dos labios de um deputado esse verbo, arrogantemente empregado na primeira pessôa do singular do presente do indicativo: Protesto!

É esse *protesto*, geralmente empregado no sentido de: *nego, rejeito, não approvo*. É pena, sr. presidente, que tal expressão seja *parlamentar*, pois deve ser antes *para lamentar*, como já alguem parodiou aquella palavra.

Entendo, sr. presidente, que se um bom deputado deve ser aquelle que tem o dom da *palavra*, consequentemente essa palavra deve tambem ter o dom da *propriedade*, isto é, da bôa applicação no discurso; entretanto, a expressão *protesto*, no sentido como já vimos, de: *negar, rejeitar, não approvar*, é muito mal empregada por aquelles, que assim como dão leis á nação, deveriam leis tambem dar sobre a linguagem falada e escripta, zelando, além dos outros interesses nacionaes, os interesses tambem da lingua, apurando-a de contínuo, afim de que o povo mais francamente caminhe pela grande estrada da civilisação! Indubitavelmente, sr. presidente, é este o maior progresso que

desejar se póde a um paiz que quer ter fóros de adiantado.

Ouve-se mais este áparte:

— Queira então o pseudo *mestre-escola* nos ensinar a significação da palavra *protestar*.

Responde neste tom o deputado que está com a palavra:

> Sem oculos, sem boceta e palmatoria,
> Do *protestar* vos contarei a historia:

Os collegas, que passaram pelo cadinho do estudo do latim, não devem ignorar que ha nesta lingua um verbo chamado *depoente*, que vem a ser o seguinte: *protestor, protestari*, composto da preposição *pro* (diante) e do verbo tambem *depoente*, que é: *testor, testari*, o qual significa: *testemunhar*. Assim pois, tanto em latim, como em portuguez, significa o verbo *protestar* o seguinte: *manifestar publica, solemnemente, attestar, certificar, asseverar, testemunhar*.

Ora, se os collegas declararam unisonamente *protesto*, quando me referi ao facto de terem anteriormente approvado a proposta, de que já vos falei, é porque, pela genuina significação do verbo *protestar*, quizeram: *manifestar publica, solemnemente, attestar, certificar, asseverar, testemunhar* a approvação dessa proposta.

Eis porque, sr. presidente, ha pouco vos disse que me considerava feliz na apresentação do meo projecto, e isso, pelo facto de ter unanimemente ouvido a expressão verbal *protesto*, que isoladamente assim proferida equivale a dizer: *confirmo*.

Dir-me-hão, talvez, que ahi se dá a *ellipse* da preposição *contra* depois do verbo *protesto*. Mas que necessidade ha de commettermos essa *ellipse*, se com isso póde se dar um equivoco, como o que se acabou de dar com relação ao meo desventurado projecto?

Ainda mais uma vez, sr. presidente, terei que ser *mestre-escola*: Diz-nos a grammatica que só devemos usar da *ellipse*, ou, por elegancia, isto é, para evitarmos a repetição de uma ou mais palavras, ou quando facil se torne subentendel-as na phrase. Sendo assim, desejaria que me explicassem qual a falta de elegancia em dizermos: *Protesto contra isto, ou aquillo?*

Significando a expressão verbal *protesto*, o mesmo que *afirmo*, segue-se que esse *afirmo* quer ahi dizer: *afirmo contra?* Logo a *ellipse* da preposição *contra* em tal caso, não tem razão alguma de ser, porque não é facil subentendel-a.

Agora, para provar aos meos nobres collegas, que me não contrariei com o *protesto* de força negativa, que sobre meo projecto lançaram, eu tambem daqui desta tribuna lançarei, mas com força affirmativa, os mais altos *protestos* da minha estima e consideração sempre para comvosco. Dito isto, todo o recinto da camara prorompeo em palmas e applausos ao deputado, que pelo seo talento, illustração e fino espirito conseguio depois a real e unanime approvação do projecto que apresentára.

XXV

SURDO

Num dos carros de um comboio vinham tres passageiros, sendo um delles homem já velho. Trazia este um periodico com que se entretinha a lêr. Ao seo lado estava um passageiro militar, e em frente a este, um paisano ainda novo. Atrazando-se o comboio na hora da partida, incommoda-se com isso o paisano, que tinha pressa de chegar ao ponto que se destinava, e começa dahi a pouco a falar com o militar, porém a meia voz:

— É sempre isto! Esta Companhia está cada vez mais relaxada! Raro é o dia, em que os comboios não andem atrazados! E uma pessôa que tem pressa, que fique prejudicada, por causa da indolencia dos senhores empregados!

O militar sorrio, e disse-lhe baixinho:

— Olhe que este senhor que aqui vem ao meo lado, é um dos directores da Companhia.

O paisano ficou logo muito enfiado, e ia mudar de assumpto, quando continuou o militar, ainda baixinho:

— Mas não tenha receio, que elle é surdo.

Não obstante isso, o paisano deteve-se por algum tempo, mas depois começou a falar sobre o mesmo assumpto, porém desta vez, bem alto, e desassombradamente.

— Isto não é Companhia, nem aqui, nem em casa do diabo! Do que me admiro é como consentem que um animalejo assim surdo, seja director desta Companhia!

Nessa occasião pára o comboio na primeira estação, onde o tal director tinha que apear-se, e ao sahir do carro, diz este ao paisano:

— Não lhe posso dar agora a resposta, porque fico aqui, mas amanhã appareça na Companhia.

Imaginem o estado de perplexidade em que ficou o passageiro, que logo depois da sahida do tal director, pergunta admirado ao militar:

— Como é que o senhor me disse que aquelle homem era surdo, se elle ouviu tudo quanto falei?!

— Se elle ouviu, responde-lhe o militar, foi naturalmente agora, porque desta vez o senhor falou bem alto. Como é que queria que o homem não ouvisse?

Diz-lhe o paisano:

— Estará o senhor a gracejar?!

— Gracejar porque?

— Porque está a querer admittir que um *surdo* ouça.

— Mas então o *surdo* ás vezes não ouve?!

—Nesse caso, tambem o *mudo* poderá algumas vezes falar.

—Mas se ha *surdos* que *nada ouvem*, outros ha que *ouvem alguma cousa.*

—Tambem se ha *mudos* que *nada falam*, outros haverá que *falem alguma cousa.* ¡Estamos portanto, ainda na mesma. Meo caro senhor, eu só conheço uma especie de *surdo*, que *é* o que *nada ouve*, assim como uma só especie de *mudo*, que é o que *nada fala.*

—Como se deve então chamar ao que ouve pouco?

—Se quer em verso, eu lhe respondo: *Mouco.* Não conhece o dictado: *A palavras loucas, orelhas moucas?*

—Conheço.

—Pois ahi está. O *mouco* é aquelle que *ouve pouco*, e o *surdo*, o que *nada ouve.* Basta dar-lhe a etymologia da palavra *surdo*, para que o senhor se convença dà sua verdadeira significação. Aqui a temos: A palavra *surdo* é derivada do latim: *Surdus*, que é formado do suffixo *ex*, ou *sine* (sem) representado por *s*, e *aures* (ouvido), ou *audire* (ouvir); portanto, *surdo*, quer dizer: *privado da faculdade de ouvir, ou por motivo de nascença, ou por doença.*

Não conhece tambem o senhor uma instituição denominada *Instituto dos Surdos Mudos?*

—Perfeitamente.

—Ora, se a palavra *Surdo* significasse o que *ouve pouco*, nesse caso, seria um objecto de luxo crear-se uma instituição para aquelles que *ouvissem pouco*, não acha?

— Realmente assim é, porém, eu sempre desejaría fazer-lhe uma pergunta, comquanto, muito me satisfizessem suas claras e logicas explicações.

— Então qual é?

— Vem a ser a seguinte: Porque é que havendo a differença entre *mouco* e *surdo*, ha de sempre o povo chamar *surdo* ao que *ouve pouco*, e nunca, ou quasi nunca empregar a palavra *mouco* para designar o que *ouve pouco*?

— Pela seguinte razão: Como o que *ouve pouco*, quasi que é *nada ouvir*, por isso, o povo por *força de expressão* começou a abusar do termo *surdo*, ficando por isso de parte o termo *mouco*. Esse abuso provém naturalmente do seguinte: Quando falamos com um individuo, e que este percebe mal o que dizemos, isto é, não ouve ou distingue bem as palavras, que lhe dirigimos, incommodados então com isso, exageramos o máo estado da audição desse individuo, e o chamamos *surdo*, do mesmo modo porque chamamos ao individuo de pouca acção de: *morto;* ao de pouca comprehensão: *tapado;* ao de poucos meios pecuniarios: *miseravel*, e assim por diante; entretanto, sabemos que o *morto* é o que não tem acção alguma; o *tapado* o que nada comprehende, e o *miseravel* o que nada tem. Chamar-se portanto, *surdo* ao *mouco*, não é mais do que uma *força de expressão.*

— Muito obrigado cavalheiro. Pois eu tambem agora, não por *força de expressão*, mas por uma *força de vontade*, não chamarei mais ao *mouco* de *surdo*.

XXVI

REMEDIO

Respeitavel senhora, pertencente á bôa sociedade, manda chamar um medico para examinal-a.

Depois de minucioso exame diz-lhe o medico:

—Isso não é nada, minha senhora. Não é caso para assustar.

—Sim, não é nada, mas o doutor hoje não sae daqui, sem me receitar um remedio. Eu que o mandei chamar, é porque me acho doente.

—Certamente que não deixarei de lhe receitar um remedio, mas quero dizer que não é cousa grave, ou nenhum mal, que se não possa curar.

—Folgo muito saber disso doutor, e peço-lhe que me receite, quanto antes, o remedio que o doutor entende, que me ha de fazer bem.

—Posso até, se quizer, dizer-lhe por bocca, sem ser preciso escrever.

— Não, doutor. Estimo mais, que escreva, porque eu sou muito esquecida.

— Mas se é uma cousa tão simples...

— Ainda assim, será melhor o doutor escrever.

Dirige-se o medico a uma mesa, escreve e diz depois o seguinte:

— Tenha a bondade de seguir fielmente a prescripção que alli deixo sobre a mesa, e affianço-lhe que dentro de muito pouco tempo, estará completamente bôa. Quanto ao mais, sempre ás ordens de V. Ex.ª

— Muito obrigada, doutor.

Retira-se o medico, e aquella senhora, sem lêr a prescripção do mesmo, toca immediatamente a campainha para chamar o criado. Ao apparecer este, diz-lhe ella:

— Leva aquelle papel escripto, que alli está sobre a mesa, e vá á primeira pharmacia que encontrar para me aviar depressa essa receita.

Executa o criado a ordem e sae. Ao chegar á primeira pharmacia, entrega o papel ao pharmaceutico, que depois de o lêr, lhe diz com um certo sorriso:

— Não temos aqui este remedio.

Volta o criado á casa, e diz á patrôa:

— Minha senhora, fui á primeira pharmacia que encontrei, e o pharmaceutico me disse que lá não tem este remedio.

— Pois então vá a outro logar.

Vae o criado a outra pharmacia, e o pharmaceutico que nesse dia estava com os *seos azeites*, depois de lêr o papel que lhe entregára o criado, faz daquelle uma bola, e atirando-o á cara do criado, diz-lhe o seguinte:

— Ora vá para o inferno, que eu não estou para mangações!

Sae dalli o criado, muito espantado, e ao chegar á casa entrega á patrôa o tal papel feito em bola, e assim lhe fala:

— Minha senhora, o pharmaceutico a que eu agora fui, fez esta bola do papel, atirou-me com ella á cara, e disse-me: «Ora vá para o inferno, que eu não estou para mangações!» Não sei porque seria isso!

Diz-lhe a patrôa:

— Deixe-me cá vêr esse papel.

Ao desfazer aquella senhora a tal bola de papel, lê o seguinte, que neste se achava escripto: «Passeios matutinos, bôa alimentação, e tranquillidade de espirito. Dr. F.»

Observa indignada esta senhora:

— Ahi está porque um pharmaceutico disse que não tinha esse remedio, e outro tomou como mangação mandarem-n'o aviar um disparate destes, como uma receita. Mas isso não se faz! O doutor devia vêr, que estava tratando com uma senhora de respeito, e não com qualquer desfructavel. Porque então disse elle que não deixaria de me receitar um remedio, e até pedio-me que seguisse fielmente a prescripção, que me havia feito?! Realmente, isso é para incommodar uma pessôa! Mas elle ha de ouvir-me, e eu hei de dizer-lhe que suppunha, que elle tratasse seos doentes com mais zelo, respeito e consideração. Esta ha de elle ouvir-me, pois não! Demais, um medico que não conheço, que o mando chamar pela primeira vez, vem á minha casa

para chincalhar commigo?! Não, isso não póde ficar assim! Vou mandar chamal-o, quanto antes; exijo-lhe que me dê uma satisfação.

Feitas taes considerações, chama o criado, e diz-lhe:

— Vá á casa do Dr. F., e diga-lhe que eu estou muito incommodada, e que lhe mando pedir como obsequio, chegar até cá o mais depressa possivel.

Ao sahir o criado, continúa aquella senhora a fazer considerações sobre o caso, e de tal modo excitou-se, que quasi teve um ataque de nervos.

Dahi a meia hora chega o medico, e tão agitada recebe-o ella, que immediatamente pergunta-lhe aquelle:

— Sente-se V. Ex.ª mal?!

— Muito mal, doutor!

— Então, que sente, minha senhora? Tenha a bondade de dizer-me.

Responde aquella:

— Permitta que lhe diga: Esperava que o doutor tratasse seos doentes com mais zelo, respeito, e consideração.

— Mas, porque, minha senhora?! Faltei-lhe então, com o devido respeito?!

— Quando o mandei chamar á minha casa, não foi para chincalhar commigo, mas sim para examinar-me e receitar-me um remedio.

— Pois não foi isso exactamente o que fiz?!

Continua aquella senhora, ainda muito despeitada:

— O doutor devia logo vêr, que estava tratando com uma senhora de respeito, e não com qualquer desfructavel!

— Mas, minha senhora...

— Perdão, doutor, não admitto desculpa alguma. Ora diga-me uma cousa, apresenta-lhe o tal papel, que trazia á mão: Faça o favor de dizer-me se isso algum dia se chamou remedio?

O medico, ao vêr o papel, solta uma grande risada, e diz-lhe:

— Ora minha senhora, e foi só por isso que V. Ex.ª me mandou chamar, e tanto se incommodou?! Creia que não valeo a pena. Diz V. Ex.ª que o que ahi está escripto neste papel não é nenhum remedio?! Permitta que lhe pergunte: Que julga então V. Ex.ª, que vem a ser um remedio? Sómente a droga que se ingere, não é assim? Ha de convir, minha senhora, que lhe diga que essa idéa, é a concebida pelo vulgo ignaro, que vê sómente, como remedio, a droga, que tem de ingerir. Peço agora licença a V. Ex.ª para dizer-lhe que o que eu receitei chama-se *remedio*, e com muita propriedade. Não só, quando estudei a lingua portugueza, mas tambem a sciencia medica, tive occasião, minha senhora, de conhecer a differença, que existe entre as palavras *remedio* e *medicamento*, e se V. Ex.ª me permittisse, eu teria muito gosto e satisfação de aqui mostrar essa differença, e ao mesmo tempo, de defender-me da injusta accusação, que me foi feita, de não lhe ter eu receitado *remedio* algum.

— Pois não, estou prompta a ouvil-o.

— Nesse caso, com licença: A palavra *remedio*, minha senhora, é o *bem* ou *allivio* produzido pelo *medicamento*, palavra esta derivada do latim: *medica-*

mentum, que quer dizer: *droga simples, ou composta, que tem virtude curativa*. O *remedio*, é pois um *meio, expediente para remediar, atalhar, prevenir, corrigir*, etc. e o *medicamento* o *vehiculo*. Tanto assim é, que no sentido moral, empregamos o termo *remedio*, exprimindo o *expediente* ou *recurso* para accudir ás necessidades; assim, por exemplo, muitas vezes dizemos: Não ha *remedio*, senão fazer isto, ou aquillo, etc.

Se quer ainda mais claro direi: O *medicamento* é um substantivo concreto, porque representa a droga, ou substancia material, e o *remedio* é um substantivo abstracto, porque representa o *meio*, ou *recurso*.

Dizer-se tambem, como vulgarmente se diz: «Este *remedio* amarga, vem a ser isso um perfeito absurdo, porque uma cousa abstracta, como é o *meio*, ou *recurso*, não póde amargar; o *medicamento*, esse sim, é que póde amargar, porque é representado por uma droga, ou substancia material.

Pelo que acabo de expôr, já vê V. Ex.ª, que quando eu lhe receitei *passeios matutinos, bôa alimentação e tranquillidade de espirito*, foi tudo isso como um *meio*, ou *recurso* de V. Ex.ª se fortalecer, pelo facto de ser seo mal exclusivamente fraqueza, portanto, não deixei de lhe receitar um *remedio*.

Podia tambem receitar-lhe um *medicamento*, para combater-lhe o mal, porém, quiz primeiro experimentar, como *remedio*, o *meio*, que lhe apresentei para debellar o estado de atonia geral, em que V. Ex.ª se acha.

Dahi podemos até tirar como illação o seguinte: Todo o *medicamento* é um *remedio*, porque tem por

fim *alliviar*, ou *curar*, mas, nem todo *remedio* será um *medicamento*, como por exemplo neste caso, em que lhe receitei, como *remedio*, e de primeira ordem para seo estado: *passeios matutinos*, *bôa alimentação*, *e tranquillidade de espirito*.

Estará tambem agora V. Ex.ª mais tranquilla de espirito com a minha explicação, e ao mesmo tempo com a satisfação que lhe acabo de dar?

— Pois não, sr. doutor, peço-lhe até desculpa de o ter mandado incommodar.

— Incommodo nenhum, minha senhora, e se o julga ser, deixe-me então aqui encaixar a phrase: « O que não tem *remedio*, *remediado* está.

XXVII

ADORNAR

Conversavam animadamente num Café alguns estudantes de differentes cursos, e no meio destes se achava um velho litterato, e distincto philologo, frequentador acerrimo desse Café.

Era o referido velho muito estimado, e acatado pela classe academica, que o cognominava nosso Patriarcha, consultando-o sempre sobre varios assumptos scientificos e litterarios.

De genio sempre pilherico, vivia o bom velhote rodeado daquella rapaziada, que o não dispensava nunca nas mais intimas palestras estabelecidas nesse Café.

Quando o pachorrento velho, por qualquer circumstancia não comparecia áquelle ponto, perguntavam logo os estudantes uns aos outros: Onde está nosso Patriarcha?

O que é facto, é que o bom do velhote, não dava

com isso cavaco, e os appellidava tambem de *noviços*, titulo este, a que os estudantes acudiam sempre com uma gaiata resposta.

O que muito prendia os rapazes, era, não só a vasta erudição daquelle homem, mas tambem o fino espirito e as bôas e brejeiras anecdotas, que este todos os dias lhes contava.

Discutia-se nessa occasião sobre assumpto de nautica. Um enthusiasmado aspirante de marinha, querendo mostrar que era um verdadeiro lobo do mar, disse com toda a arrogancia o seguinte:

— Eu já nasci talhado para marinheiro. Por mais encapellado que esteja o mar, a mim nunca me amedronta! Quer o navio jogue de prôa a pôpa, como de bombordo a estibordo, cá o marujo nunca escorrega, nem cambaleia, sempre firme na vertical! Não sou como muitos collegas, que seria melhor terem nascido mulheres, pois com qualquer bordejar do navio, estão alijando a carga ào mar. Grandes palermas! Fosse eu commandante, havia de mandar agarrar esses *maricas*, e os pendurar pela cintura ao *gurupés*, só para os vêr dansar, como bonequinhos de corda, ou então, fazel-os dormir ao relento, sobre a *gavea*. Nesta viagem de instrucção que fizemos, muita barrigada de riso tomei, por causa de um collega, que tremia como uma vara verde, ao vêr o navio *adornado*.

Interrompe o velhote com esta piada:

— Permitta que lhe diga: Isso agora é exageração da sua parte, pois quem é lá, que se vae assustar por vêr um navio *adornado*?!

Diz o aspirante:

— Não me assusto eu, nem o senhor, talvez por não ter medo, ou já estar acostumado a viajar, mas muita gente ha, que se assusta ao vêr um navio *adornado*.

— Ora não diga isso, meo aspirante, replica muito sério o velhote, fingindo-se despercebido no assumpto. Que susto póde agora causar, aqui repito, vêr-se um navio todo enfeitado, todo cheio de bandeirinhas e lanternas, artisticamente dispostas em cordas e nos topos dos mastros?! Não desmoralise assim tanto aos da sua classe, que mesmo antes de serem aspirantes de marinha, já deviam naturalmente ter estado, por occasião de festa nacional, dentro de muitos navios *adornados*, ou *enfeitados*.

Responde o aspirante, soltando uma grande risada:

— Ora, nosso Patriarcha nunca ha de perder o costume de gracejar com tudo e por tudo?! Vejam só como elle se aproveitou do verbo *adornar*, que tambem significa *enfeitar*, para fazer um trocadilho como este! Teve graça, sim senhor! Por essa é que eu não esperava! Este nosso Patriarcha é impagavel! É um pandego de força! Do que se havia elle de lembrar?! E o caso é que a principio eu ia tomando a cousa a sério, mas, por fim é que vi que nosso velho camarada, quiz mexer commigo. Ah! Ah! Ah! Essa é que foi muito bôa!

— Não se ria, meo *noviço*, não se ria, porque o caso é sério! Não obstante seos conhecimentos de *nautica*, o que lhe digo, é que desta vez, meo grande e valente

marinheiro *naufragou*, e em *terra firme*! Ha pouco fazia o amigo troça dos seos collegas, que enjoados, alijavam a carga ao mar, ou, que se assustavam, quando o navio se abaixava. E se estivesse agora aqui presente algum collega seo, mais avançado em estudos, e o corrigisse da cincada, que nosso aspirante acabou de dar na technologia da sua propria sciencia?! Não seria isso muito bem feito?! Com que então *adornar*, que significa *enfeitar*, é tambem termo nautico?! Em que tratado de *nàutica* encontrou meo aspirante *adornar*, como termo technico dessa sciencia?

Observa o aspirante um tanto enfiado:

— Mas então uma palavra escripta e pronunciada de um só modo, não póde ter mais de uma significação?! Porque razão *adornar* não poderá ter tambem a significação de *abaixar-se*?! Sempre desejaria que nosso Patriarcha me explicasse isso.

— Com o maior prazer, meo aspirante, comquanto, não seja mais do que um rude marinheiro nos misteres da grande náo, denominada Lingua Portugueza.

Atalham unisonos os estudantes, que alli se achavam:

— Não apoiado, meo Patriarcha.

Diz um dos estudantes:

— Não será um rude marinheiro, mas um habilissimo commandante nos misteres dessa náo!

Applaudem os outros:

— Apoiado!

Prosegue o velho:

— Perguntou-me ha pouco, meo aspirante, se uma

palavra escripta e pronunciada de um só modo não poderia ter mais de uma significação. Tanto póde, que essas palavras se chamam, até por isso, *homonymas*, mas o que convem notar é o seguinte: Essas palavras, escriptas e pronunciadas de um só modo, e com significação differente, geralmente não deixam de apresentar entre si, certa analogia, pelo lado da propria significação, como vemos, por exemplo, na palavra *cabo*, do latim *caput* (cabeça), que significando a *corda principal* do navio, tambem significa a *parte principal* de qualquer cousa, como seja por exemplo, o *cabo*, chefe dos soldados, o *cabo* da faca, do chapéo, da bengala, da espada, etc., etc.

Quanto porém, ao verbo *adornar*, é este composto da preposição latina *ad*, e do verbo *ornare* (ornar, enfeitar), significando exclusivamente o seguinte: *pôr adorno, ornato, ataviar, adereçar, enfeitar*. Que analogia póde pois haver nisso, com o navio que *se abaixa?*! Creio que nenhuma, absolutamente; portanto, é uma grande impropriedade dizer *adornar*, no sentido de *abaixar-se*.

O verdadeiro termo technico, meo aspirante, é: *Adernar*, do inglez: *Stern* (pôpa), do prefixo *a*, e da desinencia verbal *ar*. Dahi, a palavra *adernar*, significando: *descahir, abater, abaixar-se*. Lá encontramos em Castanheda: *Adernando a náo de pôpa, levantou a prôa*. Ainda lêmos no mesmo: *Adernou o navio,* e *tombou-se todo por uma parte.*

Com certeza não deve, meo aspirante, ignorar o in-

glez, pois como sabe, na carreira da marinha é indispensavel o conhecimento dessa lingua.

— Não ignoro, meo Patriarcha; o que, porém, ignorava, confesso, era o termo technico *adernar*.

— Mas isso desculpa-se, por ser, meo aspirante, ainda *marinheiro de primeira viagem*.

XXVIII

COLLEGIO, AULA

Exemplar chefe de familia, que muito se esmerava com a educação de dous filhos varões, puzera estes como internos num collegio, que um amigo lhe recommendara, como muito bom, dizendo este terem tambem seos filhos feito grande progresso, depois que entraram para o referido collegio.

Dahi ha oito dias, quando os dous filhos daquelle homem chegaram á casa, a primeira novidade que o mais velho dera ao pae foi a seguinte:

— Papae, segunda-feira não ha collegio.

Responde o pae a sorrir:

— Não é possivel.

— Não ha, não senhor, confirma o filho mais moço.

Diz o pae para gracejar, pois que sabia que essa segunda-feira era dia feriado:

— Pois vocês hão de ir, porque eu sei que segunda-feira ha collegio.

— Pois se papae quizer, replica o filho mais velho, mande saber no collegio, se é mentira minha, ou não.

— Não é preciso, meo filho, acredito, porque um menino bem educado não mente. Eu estava apenas a gracejar com vocês, pois bem sei que segunda-feira é dia feriado.

Atalha o filho mais velho:

— Foi até isso mesmo que o professor disse: «Segunda-feira não ha collegio, porque é dia feriado. Não foi assim, maninho?

Responde rapidamente o irmão:

— Foi isso mesmo, papae, juro por Deos.

— Está direito, já sei. Tambem não é preciso jurar, porque não se jura por qualquer cousa, senão podem até mais depressa duvidar do que dizemos. O juramento, meo filho, é cousa muito sagrada, pois só devemos jurar por cousas muito sérias. Quando queremos affirmar qualquer cousa, temos para isso nossa *palavra de honra*, que é de muito valôr para acreditarem no que dissermos.

Se entretanto, meo filho, queremos affirmar uma cousa, que não é verdade, nesse caso, então, nem nossa *palavra de honra*, nem o proprio *juramento* terão valôr algum.

Mais tarde, quando tiveres melhor comprehensão, explicar-te-hei mais claramente tudo isso. Por ora, basta que saibas que só deves dar tua *palavra de honra*, pelo que fôr verdade, e não tens necessidade de jurar por cousa alguma, porque ainda és criança, e só os

homens é que juram. Quando a homem chegares, é que chegarás tambem a conhecer a verdade do que hoje te digo. Comprehendeste?

Responde o filho, que dera o juramento:

— Comprehendi, sim, senhor.

— E tu, meo figurão mais velho?

— Tambem comprehendi, sim, senhor.

— Pois é isso, o que eu quero. Digam-me agora uma cousa: Qual foi o professor que disse que na segunda-feira não havia collegio?

Acòde o filho mais velho:

— Foi o professar Ferreira.

— Mas de que é professor esse senhor Ferreira?

Continúa o mesmo filho:

— É professor de Portuguez.

— Ora bem. É quanto basta. Vão agora brincar.

Saem dalli os rapazes, e dahi a uma hora chega o amigo, que havia indicado o collegio. Depois dos cumprimentos do estylo, diz este:

— Qual foi então a impressão dos pequenos a respeito do collegio? Bôa, ou má?

— Se queres que te fale com franqueza, não tive ainda tempo de lhes fazer essa pergunta, comquanto, chegassem, seguramente ha duas horas, mas a razão foi a seguinte: Assim logo que entraram, a primeira novidade que o meo mais velho me trouxe, foi esta: «Papae, segunda-feira não ha collegio.» Eu peguei logo nesta phrase, e comecei a troçar com elles, dizendo que não era possivel. O mais moço confirmou que não havia, eu repliquei que elles haviam de ir, porque sabia

que havia collegio. Insiste o mais velho, dizendo-me que eu podia mandar saber no collegio, se era mentira delle, ou não. Ahi, foi preciso dizer-lhe que acreditava, para lhe poder dar uma licção de moral, mostrando-lhe que um menino bem educado não mente. Declarei-lhes, então, que estava a gracejar com elles, pois que bem sabia que segunda-feira era dia feriado. Nessa occasião, atalhou-me o meo mais velho, dizendo que foi isso mesmo que o professor dissera, e invocando o testemunho do irmão, este jurou-me logo por Deos, que era isso mesmo. Aproveitei tambem a opportunidade, e dei-lhe outra licção de moral sobre o juramento, que se não devia dar por qualquer cousa. Gastei com essa predica um certo tempo, e não lhes querendo mais tolher a liberdade, mandei-os brincar no quintal. Logo mais á noute é que tenciono explicar-lhes esta proverbial phrase: *Amanhã não ha collegio*, a qual foi sempre erroneamente proferida pelo collegial, desde o tempo dos meos avós.

Lembro-me perfeitamente, quando menino, haver tambem incorrido nesse crime de *lesa-impropriedade.* Ainda tenho bem presente de memoria uma resposta, que me deo meo pae, quando uma vez, ao chegar á casa, disse-lhe eu, como me falou hoje meo filho: «Papae, amanhã não ha collegio.» Parece que ainda estou a ouvir o bom velho responder-me: «Collegio ha sempre, meo filho, o que não ha é aula.» Pois creia o amigo, que nunca mais me sahio isso da cabeça, e sempre que ouvia qualquer collega soltar essa tolice, cahia-lhe logo em cima, a corrigil-o por aquelle modo.

*

Exprime-se agora a visita:

— O amigo dá-me licença, que lhe faça uma observação?

— Pois não. Com a maior franqueza.

— Pois eu assim tambem pensava, até ha bem pouco tempo, porém, meo filho mais velho, que já tem quinze para dezesseis annos, e que é muito curioso, muito amigo de saber, e indagador de tudo, uma vez, perguntou ao professor de Portuguez, se era erro dizer-se: *Amanhã não ha collegio*, e se o certo não devia ser: *Amanhã não ha aula.*

Interrompe o amigo:

— Com licença, como se chama esse professor de Portuguez? Não é Ferreira?

— É. Porque?

— Porque, disse meo filho mais velho, que o professor de Portuguez, chamado Ferreira, foi quem assim dissera: «Segunda-feira não ha collegio, porque é dia feriado.» Já vejo que foi o mesmo. Mas continue. Que lhe respondeo então esse professor?

— Que não era erro dizer-se: «Amanhã não ha *collegio*, mas sim erro dizer-se: Amanhã não ha *aula.*» Tal explicação apresentou ao rapaz, baseada no latim, que eu, que tambem estudei meo poucochinho dessa lingua, dei-lhe toda a razão, e d'hoje por diante, não farei mais caçoada dos que disserem: «Amanhã não ha *collegio*, mas sim dos que disserem: «Amanhã não ha *aula.*»

— Ora ahi está uma cousa, que se não fosse incommodo, muito desejaria que o amigo m'a explicasse ago-

ra, pois, como sabe, sempre fui tambem amigo de saber.

— Ora essa! Incommodo algum. Meo bom amigo, que foi meo condiscipulo de collegio, deve se lembrar, e ter até consciencia de que foi um dos melhores discipulos da nossa classe de latim, não é isso? Responda, sem modestia.

— Lá isso fui. Hoje porém, já estou muito esquecido.

— Mas tambem para comprehender a explicação que lhe vou dar, não é preciso ser nenhum latinista. Meo filho, que está agora a estudar latim, comprehendeo-a perfeitamente, quando o professor lh'a deo.

— Então faça o favor. Dê-me a explicação, a vêr se eu torço minha opinião, e abraço a do professor dos nossos filhos.

— De uma cousa vou prevenil-o: E' que o fundo da explicação é do professor, quanto porem, ás considerações e illações são minhas, que tirei, para mais clara tornar-se a explicação, por isso, me desculpará se me mostrar prolixo.

— Não se incommode, e explique, como entender.

— Então lá vae: Deve o amigo se lembrar do verbo latino *cólligo, collígere* (colligir, juntar, reunir), portanto, tambem do substantivo *collégium*, tirado do supino *collectum*, daquelle verbo *collígere*. Ora o substantivo latino *collégium*, deo, como sabe, *collegio* em portuguez, cuja significação não póde ser outra, senão a

de: *corporação, gremio, junta, reunião de discipulos, ou de outras entidades quaesquer.*

Por um abuso de metonymia, tomando-se o *continente* pelo *conteúdo* estenderam a significação de *collegio* á casa, ou edificio, em que se *colligem, juntam,* ou *reunem* os *discipulos,* ou *collegiaes.*

Essa metonymia, porém, do *continente* pelo *conteúdo,* tem mais razão de ser numa peça oratoria, em que se diz por exemplo: O *collegio* embadeirou-se por occasião das férias, em logar da *casa do collegio,* porque sendo o *collegio,* como vimos, uma *corporação,* esta não poderia embadeirar-se, por ser um substantivo abstracto.

Mas numa simples e tosca phrase de um collegial, que quer exprimir que em tal dia não ha *classe,* ou que seos collegas não se *reunem,* é muito mais logico e consentaneo dizer: «Em tal dia não ha *collegio,* que equivale a dizer: Não se *reunem* os collegiaes.

Quanto á palavra *aula,* do latim: *aula, aulæ,* (sala), é tambem outra metonymia, que ficou, do *continente* pelo *conteúdo,* chamando-se *aula,* á *classe* que funcciona numa *sala;* portanto, pela explicação do professor, responderei sempre a quem me replicar: «*Collegio* ha sempre, *aula* é que não ha, o seguinte: «*Aula* ha sempre, porque esta palavra quer dizer, *sala;* agora, *collegio,* que exprime *corporação,* ou *gremio* de collegiaes, é que póde deixar de haver, porque, nem sempre estes se *reunem.*

—Muito obrigado, pois declaro que estou de opinião torcida, e abraçando a opinião desse professor, dou

tambem no amigo um grande abraço, pela bôa licção que me deo. Agora, já não direi mais a meos filhos, que é erro dizer-se : « Amanhã não ha *collegio ;* ao contrario, vou tocar hoje neste assumpto, para lhes mostrar a correcção da phrase.

XXIX

COMMUNICAR

Um amanuense de secretaría preparava um officio para o ministro, o qual assim começava: «Communico-vos que nesta data, etc.»

Depois de prompto o officio, foi aquelle empregado leval-o ao chefe da sua secção, afim deste vêr se estava conforme.

O chefe, que era versado nos misteres da lingua portugueza, depois de haver lido o referido officio, disse ao amanuense:

— Escusava o senhor ter tido todo esse trabalho, quando bastària apenas bater no hombro do ministro, e falar-lhe neste tom:

— Sabes, fulano? Nesta data deo-se este, ou aquelle facto.

— Mas, porque diz isto meo chefe?!

— Pela familiaridade com que o senhor tracta o ministro no officio que lhe dirige.

— Familiaridade?! Qual é ella?!

— Pois o senhor não lhe diz no officio: Communico-vos?!

— Sim senhor, mas *communicar* é o termo geralmente empregado em taes casos.

— Que é geralmente empregado, não soffre duvida alguma, a prova é que o senhor acaba de o fazer; o que porém não parece ser, é *propriamente* empregado em tal caso.

— Mas como devia então exprimir-me, a não ser por essa fórma?

— Dizendo-lhe: «*Participo-vos*, etc. As palavras *communicar* e *participar* não são synomymos assim tão perfeitos, que se possam confundir, empregando-os, quasi que indifferentemente. O termo *communicar*, do latim: *communicare*, comquanto signifique: *fazer commum*, encerra, entretanto, a idéa de *liberdade*, assim, por exemplo, um amigo *communica* a outro que se mudou, casou, ou outra cousa qualquer. A *communicação* traz, portanto, mais restrictamente a idéa de *tracto familiar*, de uma intima relação entre pessôas, ou cousas, como sejam a de dous entes que se *communicam*, ou de uma sala que se *communica* com outra, de dous raios que se encontram, etc.

Assim, pois, quando não temos *liberdade* com a pessôa a quem nos dirigimos, devemos, por principio de consideração e respeito, simplesmente *dar parte*, isto é, *participar*, sendo este termo mais apropriado e polido para *fazermos commum* a noticia que desejamos dar a alguem.

Como frisante exemplo, temos: Cartões de *participação* de casamento, e não: cartões de *communicação*.

Em conclusão: O inferior nunca deve *communicar* ao superior, mas sim, *participar*-lhe de qualquer occorrencia; portanto, não devia o senhor, como amanuense, dirigir-se ao ministro, dizendo-lhe: «*Communico-vos*, mas sim:» *Participo-vos*.

Permitta-me a franqueza: Os senhores amanuenses, que fizeram concurso para obter esse logar, deviam vir melhor preparados em portuguez.

Em certa época deo-se tambem o seguinte facto com um seo collega, que era aqui empregado: Pergunguntando-lhe eu porque razão escrevia: *Communico-vos*, e não: *Participo-vos*, sabe o que elle me respondeo? Que escrevia *Communico-vos*, porque gostava mais de lançar um *C* maiusculo, do que um *P*, que lhe sahia sempre mal feito.

Ora ahi tem, meo amigo, a razão fundamental, que apresentou seo collega, para preferir escrever o termo *communicar*, em vez do termo *participar*. Com certeza lá para elle essas palavras não eram synonimas.

Creia, meo amanuense que se eu fosse ministro, ao receber um officio com o tal *communico-vos*, exoneraria logo o empregado que tivesse redigido esse officio, só pela incapacidade intellectual deste, claramente revelada na impropriedade daquelle termo.

— Nesse caso, teria meo chefe que exonerar todos os empregados de secretaria, que só escrevem *communico*-vos, e não, *participo*-vos.

— Bem sei que é esta a formula commum de todas

as secretarias; pois, ainda assim, exonerava-os todos, até que elles se corrigissem do erro.

— Qual! Meo chefe não seria tão máo, que puzesse grande numero de empregados na rua, só por causa da impropriedade de um termo.

— Porque não?! Isso é que eu faria. Quer o senhor ouvir um facto historico, com relação a esta palavra *communicar* impropriamente empregada tambem num officio?

— Pois não. Ouvil-o-hei com todo o gosto.

— Então, ouça: Por occasião da guerra do Paraguay, um general brasiliense chamado Flôres recebeo um officio com o termo *communico*-vos. Rigoroso como era na disciplina militar, manda immediatamente o general chamar o official inferior, que havia redigido aquelle officio, e dá-lhe vóz de prisão, allegando ser aquella expressão uma falta de respeito para com um superior.

Ora, meo amanuense, se ha na milicia esse rigor e respeito com a propriedade dos termos, por que razão não o ha de tambem haver na sociedade dos paisanos? A lei deve ser igual para todos. Que diz, meo amanuense?

— Digo-lhe, meu bom chefe, que para lhe dar uma prova de que acceito sua douta e sensata opinião sobre o assumpto, vou, desde já, inutilisar este officio, e fazer outro, substituindo a expressão *communico*-vos por est'outra: *Participo*-vos.

XXX

SEVICIA

Certo rapaz de vinte e tantos annos, que vivia como curatellado, por soffrer das faculdades mentaes, era noute e dia maltractado por seo curador, que parecia ser mais um carrasco, do que um administrador de bens. Por qualquer falta que o pobre rapaz commettesse, dava-lhe aquelle grandes sovas, que o punha quasi morto.

Muitas vezes acudia a visinhança aos gritos do curatellado, que não tinha ninguem por si, e o malvado do curador ainda se indignava com a intervenção dos visinhos, quando estes lhe iam tirar das mãos a pobre victima.

Uma occasião, apanhou o rapaz tão tremenda sova, que ficou com o tronco cheio de cicatrizes, a ponto de ser preciso um visinho cural-o com pannos molhados em vinagre. Nesse dia, o visinho que fez o curativo, não mais se podendo conter, resolveo ir á auctoridade

do logar e fazer-lhe uma queixa formal desse curador, que tanto espancava o curatellado.

Sabendo o curador que esse visinho ia-se queixar á auctoridade, poz-se logo a caminho, afim de desfazer a queixa que lhe preparavam, mas ao chegar á repartição da auctoridade, já lá estava a falar com esta o visinho, que se queixava nestes termos:

— Senhor doutor, venho aqui interceder por um pobre homem, meo visinho, que é curatellado de um malvado, que revestindo-se da auctoridade de curador, esbordoa-o noute e dia.

É o homem um tanto apatetado, e por isso, não póde reagir contra seo aggressor, sendo quasi sempre preciso intervirem os visinhos para arrancar das mãos do algoz aquella verdadeira victima! Coitado! Mette dó vêl-o com o tronco todo cheio de cicatrizes! Quando apanha, chora, como se fosse uma creança.

O curador, que estava a ouvir tudo por detrás do reposteiro, nessa occasião, afasta-o um pouco, e mette a cabeça, retirando-a immediatamente, e o visinho, que fazia a queixa, reconhecendo-o logo, disse em acto continuo á auctoridade:

— O doutor não vio uma cabeça, que agora espiou pelo reposteiro?!

— Sim, vi, responde-lhe a auctoridade.

— Pois aquelle é o homem das sevicias, e o doutor deve com elle conversar, quanto antes.

Diz-lhe a auctoridade:

— Nesse caso, deixe-se ahi ficar por um pouco, que eu lhe vou ao encontro. Póde ser que elle já se tivesse

escapado, mas tambem póde ser que esteja á espera de que o senhor saia, para vir falar-me.

Dito isto, sae a auctoridade, e ao chegar [á sala de espera, dirige-se-lhe o curador, que pela pouca edade que tinha, bem podia passar como curatellado:

— Eu desejava dar-lhe uma palavra.

Pergunta-lhe a auctoridade:

— Foi o senhor quem ha pouco espiou alli pelo reposteiro?

— Sim senhor, porém, peço-lhe desculpa, mas como suppunha que estivesse só, por isso...

— Bem, não é preciso mais nada. Acompanhe-me até cá dentro.

Acompanha-o o curador, porém um tanto resabiado, e a auctoridade o leva para uma saleta, onde se procediam aos exames medico-legaes.

Ahi chegando, diz-lhe a auctoridade:

— Tire o casaco.

Pergunta-lhe o curador, cheio de espanto:

— Mas, o senhor doutor vae mandar dar-me pranchadas?!

— Não tenho que lhe dar satisfações. Tire o casaco, se não quer que mande o soldado tiral-o.

O curador, tremulo e branco como uma cêra, tira o casaco, mas sempre a olhar muito desconfiado.

— Ora bem, continua a auctoridade: Tire agora a camisa, senão mando o soldado tiral-a.

Cada vez mais tremulo e lacrimoso, tira aquelle homem a camisa ficando porém com outra de meia.

Nessa occasião, ajoelha-se o curador, e pede-lhe de mãos postas:

— Pelo amor de Deos, senhor doutor, não me mande dar pranchadas, porque eu juro que não sou culpado.

— Tire a camisa de meia, se não quer que...

— Eu tiro, eu tiro, senhor doutor, mas peço-lhe que não me mande dar pranchadas, porque eu não fiz nada.

Ao dizer isto, foi o curador tirando muito vagarosamente a camisa de meia, e a auctoridade, ao vêr um tronco limpo e claro, sem cicatriz alguma, pergunta admirado:

— Como é que me disseram que o senhor tinha o tronco todo cheio de cicatrizes, das pancadas que levava do seo curador, e eu o vejo com o corpo claro e limpo desta maneira?!

O curador, que era um grande espertalhão, achando um meio de pôr-se ao fresco, aproveita o ensejo e diz á auctoridade, suppondo já ter ido o visinho que estava no gabinete:

— É para o senhor doutor vêr o falso que levantaram ao meo curador. Eu vim mesmo aqui para desmanchar essa intriga, e dizer-lhe que meo curador nunca me bateo, e que fui por elle sempre muito bem tractado, nem eu sou apatetado, como esteve aquelle senhor a dizer-lhe. Se tenho curador é porque me deram como prodigo. Saiba agora o doutor que esse homem, que lá esteve em seo gabinete, é um perfeito louco, pois já esteve por duas vezes na casa dos doudos. A mania desse homem é intrigar toda a gente, principalmente a visinhança, levantando falsos tão grandes, como este,

que muitas vezes prejudica uma pessôa. Ás vezes, quando lhe dá o accesso de loucura, elle é quem se atira aos visinhos, querendo esbordoal-os.

Contra mim, por exemplo, já elle levantou um páo, que se não fosse eu arrancal-o com força das mãos, podia abrir-me a cabeça com elle. Aquelle homem é um perigo, senhor doutor. Não sei, como o senhor lhe escapou. Se lhe desse o acceso na occasião em que lhe esteve a falar, era até muito capaz de o estrangular. É o que lhe digo. Se elle aqui voltar, senhor doutor, mande-o agarrar e mettel-o na casa dos doudos, pois não sei como deram por bom, um homem naquelle estado!

— Pois, sim senhor. Estou sciente de tudo, e já vejo que isso é mesmo um falso, não só porque não encontrei cicatriz alguma em seo tronco, mas tambem, porque vejo pela sua conversação, que o senhor tem seo juizo perfeito. Póde vestir-se e ir embora, que eu cá darei as providencias necessarias.

— O doutor ha de desculpar-me, mas eu acho que é meo dever defender-me de uma accusação desta ordem.

— Não tem duvida. Vá descansado, que eu sei o que hei de fazer.

Retira-se o velhaco do curador, e a auctoridade leva logo dalli comsigo dous soldados, para segurarem o tal visinho, que ficara á espera no gabinete, e leval-o em carro fechado da policia para o hospicio dos alienados.

Ao chegar ao gabinete diz a auctoridade aos soldados:

— É este o homem. Conduzam-n'o para onde eu disse.

O visinho dá um pulo na cadeira, e pergunta admirado á auctoridade:

— Mas que fiz eu, senhor doutor, para mandar prender-me?

— Não admitto perguntas. Vamos, camaradas, diz a auctoridade aos soldados, levem-n'o para onde eu disse.

— Mas, senhor doutor, observa o visinho, eu preciso de justificar-me. Isso não póde ser assim, é uma violencia! Eu tambem sou um homem de pergaminho, como o doutor. Sou formado em leis, e por isso mesmo, não admitto que se transgridam as leis do meo paiz.

Como é que o doutor resolve um acto destes a seo bello prazer, sem ouvir a parte accusada, nem sequer inquerir testemunhas para averiguação do facto? Tenha paciencia, doutor, mas proceda de conformidade com a lei.

Se agora eu lhe disser quem sou, pois naturalmente o doutor me conhecerá de nome, talvez seja isso sufficiente para desmanchar qualquer intriga, que aquelle sujeito, que aqui espiou, tivesse feito a meo respeito.

Se lhe não dei tambem meo cartão de visita, assim que me apresentei, foi porque, com a precipitação com que vinha para fazer minha queixa, não me lembrei disso, senão, tel-o-hia logo feito, o que era meo dever, mesmo para o doutor ficar sabendo que estava a falar com uma pessoa séria, e não com um intrigante. Em todo caso, aqui está meo cartão.

A auctoridade, depois de lêr o cartão, disse-lhe que já o conhecia muito de nome, e que o respeitava e considerava como homem honesto e illustrado, e vio lo-

go ser inexacto o que lhe havia dito o curador, que elle tomara como curatellado, mas ainda assim pergunta-lhe admirado:

—Mas como é que o doutor me disse que o tal homem tinha o tronco todo cheio de cicatrizes, e eu nelle nada encontrei?!

—Perdão. Mas eu não me referi ao curador, e sim ao curatellado. O homem que aqui espiou, e que foi naturalmente com quem o doutor falou, esse é o curador. Não era um sujeito ainda novo, de pouca barba, e olhos azues?

—Exactamente.

—Pois esse é que é o curador, e não o curatellado.

—Ora o grande maroto! Mas se eu suppuz que era o curatellado, foi porque o doutor me disse ser aquelle o homem das sevicias; logo era o homem das cicatrizes.

—Sim, disse-lhe, e aqui repito que aquelle é o homem das sevicias, mas eu é que não conheço esta palavra com a significação de cicatrizes. Já vejo que o doutor está muito esquecido do latim, e nesse caso, peço licença para aqui lhe avivar a memoria: A palavra *sevicia* é derivada do substantivo latino: *Sœvitiæ* (crueldade ferina) a qual significa propriamente: *mão tratamento que o marido dá á mulher, o pae aos filhos*. Deve até o doutor conhecer a expressão juridica: *Dar sevicias*, que vem a ser a sentença de separação por motivo de *sevicias* do marido á mulher. Deve tambem o doutor lembrar-se de um adjectivo de fórma eru-

dita, muito usado em portuguez, o qual vem a ser: *sévo, séva,* significando: *cruel, feroz, que maltracta,* etc. Este adjectivo *sévo, séva,* é derivado do adjectivo latino *sævus, sæva, sævum,* donde se derivou *sævitia, sævitiæ,* sendo aquelle derivado do verbo *sævio, sævire,* que significa: *enfurecer-se contra, commetter crueldades, maltractar,* etc.

A confusão do povo em tomar a palavra *sevicia,* como synonimo de *cicatriz,* procede naturalmente do seguinte: Como em geral se diz: O corpo apresenta signaes de *bexiga, sarampo, catapóras,* etc., molestias estas que deixam naquelles verdadeiras *cicatrizes,* por isso, suppõ-se tambem que signaes de *sevicias* são signaes de *cicatrizes* especiaes, sob este nome, quando, a expressão signaes de *sevicia* corresponde a: signaes produzidos pela *crueldade,* empregando-se a fórma erudita, ou divergente desta palavra, a qual vem a ser: *sevicia.*

Desculpa-se a auctoridade por este modo:

— Realmente, meo caro doutor, eu estou muito esquecido do latim!

XXXI

RELAXAMENTO

Para casa de uma familia fôra chamado numa manhã um medico, afim de vêr um doente.

Cumpre notar que, pela gravidade do doente, achava-se essa casa, durante alguns dias, numa perfeita desordem, pois parentes e amigos da familia, os quaes faziam quarto ao enfermo, dormiam pelo chão, cadeiras e sofás, de modo que era impossivel estabelecer-se o arranjo e bôa disposição dos moveis, attendendo-se a taes circumstancias.

Dentre os amigos dessa familia destacava-se um desses typos, leigos em medicina, mas nesta sciencia mettidos a sabichões, e como vulgarmente se diz: *Mettendo em tudo sua cólher*.

De vez em quando, dava esse amigo sua opinião sobre a molestia do doente, e ao empregar termos technicos de medicina, proferia horrores, a que o medico não

podia deixar de sorrir, para não soltar uma gargalhada em cheio na bochecha de tão audaz ignorante!

Numa occasião disse o chefe da familia, já aborrecido com o pedantismo do seo amigo:

— Ó fulano, será bom ouvirmos primeiro a opinião do senhor doutor.

Responde-lhe o tal amigo:

— Ah! pois não. Eu estou apenas conjecturando sobre o caso, pois não quero avançar ao prognostico da molestia, sem que primeiramente o doutor lhe faça o necessario diagnostico.

Observa o dono da casa ao medico:

— O doutor não leve o mal as observações aqui do meo amigo, que é um fanatico pela medicina.

Pergunta o medico áquelle amigo:

—Porque não se formou o senhor em medicina, já que tem tanto gosto por esta sciencia?

Responde-lhe com o seguinte disparate o tal amigo:

— Eu explico ao doutor: Não me pude formar na grande sciencia de Hippocrates, por causas morbidas do meo tenro organismo, que se depauperava a olhos vistos, devido a uma pleuro-dispepsia chronica, que me affectava de tal modo os lóbulos, a ponto de fazer seo percurso até á região dos hippocondrios. Alem disso, meo estado neurastenico não me permittia um estudo acurado do espirito, razão porque não pude conseguir meo *desideratum*, que era ser medico; entretanto, sempre estudei e tenho estudado alguma cousa, mas sómente commigo, em particular. Pela minha linguagem, o dou-

tor deve logo vêr, que não sou assim tão ignorante na materia...

Confirma ironicamente o medico:

— Pois não. Vê-se logo pela sua conversação que o senhor tem grandes conhecimentos da sciencia medica.

Interrompe desta vez o immodesto homem com esta modestia propria das occasiões:

— Insignificantissimos, doutor. Sou apenas um obscuro curioso. A fibra muscular do meo cerebello ainda não attingio aos perfeitos conhecimentos hippocraticos.

Intervem o dono da casa, o qual tem se mostrado impaciente, e ao mesmo tempo envergonhado com os grandes disparates do seo amigo:

— Basta de medicina! Se começas a desenrolar o fio da sciencia, já sei que não acabas hoje, e o doutor talvez já esteja bem saturado para não dizer outra cousa...

— Bem maçado, atalha o amigo.

— Qual maçado, diz o medico. Eu até tenho gostado muito de o ouvir discorrer. Na verdade, é pena que o senhor não tivesse estudado medicina.

Nessa occasião ouve o medico este aparte do dono da casa:

— Para não dizer tanta tolice, concordo.

Ri-se o medico, e não só para disfarçar, mas tambem para se vêr livre do tal *cacete*, diz ao dono da casa:

— Se me dá licença, eu desejaria consultar um livro que trouxe commigo, e que deixei na sala.

— Sem cerimonia, senhor doutor, acóde immediata-

mente o dono da casa. Se quer papel e tinta posso ir buscar.

— Muito obrigado, não é preciso. Eu desejo sómente lêr um pouco.

Encaminha-se o medico para a sala, e o dono da casa e o seo amigo se dirigem para o quarto do doente.

Dahi a uns vinte minutos, volta o tal amigo á sala, onde se achava o medico, e vendo que este estava a lêr, profere a seguinte phrase para fazer espirito:

— Queira desculpar-me. Suppuz que estivesse só.

Responde-lhe o medico:

— Creio que estou só. Vê-me o senhor acompanhado por alguem ?!

— Certamente que vejo. Pois o doutor não conversa neste momento com a dama dos seus affectos — a Sciencia ?

— Mas isso não o impede de entrar. Esta senhora, delicada e attenciosa como é, não será capaz de repellir aquelles que della se approximam, principalmente os curiosos do saber. Ora, como o cavalheiro está nesse numero incluido, portanto, poderá, se quizer, conversar tambem um pouco com essa formosa dama.

— Obrigadissimo pela gentileza, meo illustre doutor, mas os homens da minha estatura intellectual, quaes verdadeiros pygmêos, não poderão nunca fazer chegar sua rude voz aos ouvidos da elevada personagem Sciencia. Como o doutor se relaciona com esta illustre entidade, mais facilmente poderá servir-me de interprete, quando a ella eu precise de consultar. Estou que não me recusava esse obsequio.

— Comquanto não seja um bom interprete, perante tão respeitavel figura, comtudo, estarei sempre ao seo dispôr.

— Acho que o doutor é modesto de mais, pois essa senhora, confiando-lhe tão de perto seos segredos, não poderia deixar de o fazer o seu melhor interprete. Neste momento, por exemplo, desejava consultal-a sobre o proprio doente, de que o doutor está tractando. No meo fraco entender, noto uma cousa aqui no caso do musculo que o doutor hoje examinou.

— Que nota então o cavalheiro?

— O que eu aqui noto é um grande relaxamento.

Nessa occasião apparece á porta da sala o dono da casa, e ao ouvir a resposta do amigo ao doutor, dirige-se áquelle nestes termos:

— Admiro-me de que o amigo note na minha casa grande relaxamento, pois sempre a conheceo com ordem, e muito bem arranjada. Se hoje assim se acha, atravancada, e com os moveis fóra do logar, é devido, e com muito justo motivo, á perturbação de espirito em que presentemente se acha toda minha familia. Quem tem em casa um doente grave, como sabe perfeitamente o amigo, não tem socego, nem tempo para estar mandando arranjal-a. Com franquesa, nunca esperei que o amigo falasse mal da casa daquelle, que sempre o tractou com toda a estima e consideração.

Pergunta-lhe o amigo, debaixo de uma grande risada:

— Mas isso é troça... ou, o que é?

— Troça é o que o amigo acaba de fazer da mi-

nha casa, dizendo ao doutor que o que aqui nota é um grande relaxamento.

Interroga-lhe admirado o amigo:

— Com que então esta palavra não tem o direito de exprimir outra cousa, senão o desmazelo, ou falta de ordem? Ora, o amigo bem mostra que não conhece a technica da sciencia dos Esculapios. Creia sinceramente que eu não me referi ao desarranjo da sua casa, mas sim, ao affrouxamento de um musculo, que apresenta nosso doente. Dirigindo-se ao medico:

— Não foi isso, doutor?

Responde aquelle:

— Sim, o cavalheiro quiz se referir a isso, porem...

Interrompe o dono da casa:

— Eu conclúo: Empregou impropriamente o termo *relaxamento*, em vez de *relaxação*, que exprime acção de relaxar-se um musculo. Pergunto tambem agora eu:

— Não foi isso doutor?

Responde o medico:

— Para não mentir á sciencia, direi que sim.

Observa o dono da casa:

— Ora ahi está como são as cousas: Meo bom amigo, sendo tão devotado apostolo da sciencia medica, desta vez profanou-a, confundindo o termo *relaxamento* com *relaxação*, do mesmo modo porque o vulgo confunde *recepção* com *recebimento*, e outros termos identicos. Quer me parecer que é termo puramente technico da medicina, o qual serve para exprimir a *tensão das fibras musculares* ou *tambem dos nervos*. Ainda mais uma vez pergunto:

— Não é assim, doutor?

Responde o medico no mesmo tom, em que anteriormente falára:

— Para não mentir á sciencia, direi que sim.

O pedante, em falta de melhor resposta, sae-se com esta:

— Para tambem não mentir á minha consciencia direi que... acceito a correcção do termo.

XXXII

COMPATRIOTA

Discutia-se numa roda de distinctos cavalheiros sobre o assumpto: *Patriotismo.*

Dizia um dos cavalheiros:

— O patriotismo, meos amigos, só existe fóra do torrão natal. É longe da patria que quasi sempre proferimos esse consolador *verbo* da humanidade, o qual nos traz ao pensamento o lar domestico, a caricia dos nossos paes, o aconchego dos parentes e amigos, os habitos e costumes da nossa sociedade, e até o proprio sól que nos desperta, e a meiga lua que nos embala no grande remanso da noute!

Se longe da patria estamos, outra já nos parece a natureza: O ar que respiramos, as arvores que nos cercam, as estrellas que sobre nossas cabeças scintillam, e até o firmamento, tudo nos é completamente extranho!

Que nos importa que um só Deos, seja o auctor de todos esses phenomenos moraes e naturaes, para que deixemos de sentir essa vehemente paixão, com respeito ao sólo que nos vio nascer? Porque então nos ligou Elle tão estreitamente a uma determinada superficie terrestre, dizendo-nos: É este o ambiente da tua vida physica, moral e social? Com outro fim, certamente não foi, senão, o de implantar no seio de cada nação esse grande germen moral, denominado patriotismo!

Quereis ainda saber, quando essa doce palavra agradavelmente nos sôa aos ouvidos? Aqui vos direi: É quando, embarcados, vêmos a pouco e pouco desapparecerem os cumes dos nossos montes, as torres dos nossos templos, esconder-se o sól, que de nós se despede com o ultimo sorriso, que lhe rouba o occidente, e fugirem dos nossos olhos as aguas que banhavam o patrio littoral, para sulcarmos outras, em que tememos a submersão pelo naufragio! É nesse momento, que o coração, estremecendo de medo e de saudade obriga-nos a balbuciar a suave e melancolica palavra: Patriotismo!

É tambem quando pisamos o estrangeiro sólo, e que volvemos nossos amorosos e lacrimosos olhares para o vasto oceano, como querendo lobrigar um rastilho do patrio terreno, que o grito d'alma internamente expande seo saudoso sentir, cujo echo se nos repercute, fazendo-nos ouvir a maviosa voz: Patriotismo!

É finalmente, quando longe da patria, encontramos nossos habitos, nossos costumes, nossas paisagens, nossas florestas, nossos passaros, e o que mais nos conten-

ta, nossos patrios irmãos! É ainda ahi que nos segreda a alma cheia de jubilo, a doce expressão: Patriotismo!

Observa um dos cavalheiros da roda:

—Tudo isso é muito bonito, meo caro, mas quando o espirito não soffre os atropellos da necessidade, que nos obriga a abandonarmos a patria, para buscarmos o pão, ou mesmo a saúde, noutras paragens, em que não sopre o impiedoso tufão da adversidade!

Nesse ponto, sigo a conhecida maxima latina: *Ubi bene, ibi patria.* Na verdade, onde estou bem, é ahi minha patria, por isso, não sou patriota. O universo é e será sempre a patria da grande humanidade, e a liberdade dos mares é um livre direito reconhecido, que jamais poderá vedar as relações internacionaes.

Ante a communhão dos povos não existem nacionalidades, e o estrangeirismo é uma convenção puramente social, feita para afastar a ambição do homem.

Como prova do que digo, ahi temos o prégador evangelico, chamando-nos a todos de irmãos, e o povo sempre o confirmou com a vulgacha expressão: *Todos nós somos irmãos por parte de Adão e Eva.*

Diz o individuo, que discorreo sobre o patriotismo:

— Responda-me o cavalheiro a uma cousa: Já se afastou algum dia da sua patria?

Responde aquelle:

— Ha trinta annos que vivo neste paiz, onde tenho agora o prazer de conversar com o senhor, e confesso que nunca tive saudades da patria.

— Ah! É tambem estrangeiro como eu! E qual a sua nacionalidade?

— Sou portuguez.

— Eu tambem o sou.

Observa o que diz não ter saudades da patria:

— Nesse caso, sou seo compatriota.

Replica o outro:

— Perdão. Isso é que não póde ser.

— Porque razão?!

— Porque a palavra *compatriota*, formada da preposição *com*, e do adjectivo *patriota*, está claramente exprimindo o que é *patriota com alguem*. Ora, como o senhor acabou de declarar que não era *patriota*, por isso, não póde ser meo *compatriota*, isto é, *patriota commigo*, que o sou, como acabei ha pouco de provar na exposição que fiz.

A palavra *patriota* não significa o *filho da patria*, mas sim, *aquelle que tem amôr á patria*. Ao *filho da patria* deve-se dar apropriadamente o nome de: *patricio*, e ao que é *patricio* com outro, ou do outro: *compatricio*.

— Mas isso pouco importa. Se não sou seo *compatriota*, não deixarei de ser seo *compatricio*, que era, como agora sei, o que devia dizer.

— Pois a mim muito importa. Creia que estimaria mais tel-o como *compatriota*, do que como simples *compatricio*.

XXXIII

INCREDULO

Apresenta-se numa sacristia um individuo á procura de um padre para o confessar, e ao dirigir-se ao sacerdote assim lhe fala:

— Senhor padre: Venho aqui pedir-lhe para confessar-me. Tenho um peccado, que considero o maior do mundo!

Diz-lhe o padre:

— Vamos então, já daqui ao confissionario.

Sae dalli o individuo com o padre, que ao chegar ao confissionario, pergunta ao penitente:

— Dizei, meo filho, qual é esse maior peccado do mundo que possuis, e que, naturalmente, vos deve estar affligindo a consciencia.

— Senhor padre: Eu acho que não pode haver maior peccado no mundo, do que ser-se um hereje, e é o que eu sou. Por mais que meos paes procurassem incutir-me

no espirito a idéa de um Deos, que me obrigassem, em criança, a resar todas as noutes, que me levassem a todas as cerimonias da egreja, que me submettessem á confissão, duas e tres vezes por anno, e que se mostrassem verdadeiros fanaticos pela religião, ainda assim, nada disso foi sufficiente para tornar-me um homem religioso. Por vezes, tenho eu proprio procurado reagir contra meo modo de pensar, mas em vão o faço, porque meo espirito repelle todos os dogmas da religião. Creia, senhor padre, que tenho com isso um grande desgosto! Mas se não sou culpado, se a natureza assim me formou, como posso fugir dessas severas e malignas leis do pensamento, que sobre mim actuam?!

Serei por isso um peccador, senhor padre?!

Responde o padre com ar sentencioso:

— Sim, meo filho, ainda que impulsionado pelos máos pensamentos. Como deveis saber, o peccado não é sómente commettido por palavras e obras, mas tambem por pensamentos.

Para que de vós afasteis esses máos pensamentos, aqui vos aconselho continuas preces ao Senhor, rogando-lhe que se dissipe do vosso espirito as idéas irreligiosas que o accommettem, porque assim, verá Deos que tendes ardente desejo de nelle depositar vossa fé, e dentro em pouco sereis um grande convertido na grande religião christã!

Orae, meo filho, orae sempre e com fervor, porque a oração é o caminho mais curto e seguro para alcançarmos a divina graça!

Pedi bem a Deos, que elle vos attenderá, pois delle

proprio são as seguintes expressões: *Petite et accipietis; quœrite et invenietis; pulsate et aperietur vobis,* o que se traduz por estas phrases:

Pedi, e dar-se-vos-ha; procurae, e achareis; batei, e abrir-se-vos-ha.

«Quando elle nos deo sua palavra, assim diz Sancto Agostinho, tornou-se nosso devedor, como vêmos no: *promissor dominus debitor factus est.*»

Diz ainda o mesmo Sancto Agostinho: «Sobre os que assim oram, pedindo a graça de Deos, desce sua graça, e por sua misericordia são sanctos seos, o que se explica pelas palavras: *Gratia Dei, et misericordia est in sanctos ejus.*

Não sejais hereje, meo filho, porque não podereis nunca ser feliz. O que é pois um hereje? O grande vulto da tribuna sagrada, o incomparavel padre Antonio Vieira, assim se exprimira num dos seos bellos sermões: «Parece cousa difficultosa e ainda impossivel que o erro e infidelidade com que os herejes negam o mysterio da fé catholica, seja argumento certo e consequencia infallivel da mesma fé.»

Abstrahi-vos, portanto, meo filho, dessa terrivel idéa de ser hereje, e tornae-vos um verdadeiro amigo de Deos.

Pergunta o penitente:

— Tem o senhor padre já confessado algum incredulo?

Responde o padre, admirado:

— Porque me fazeis agora esta pergunta?!

— Porque suppuz que fosse eu o unico.

— Mas vós não sois incredulo!

— Como não sou, senhor padre!? Pois não acabei ha pouco de confessar que nunca pude crêr em Deos!?

— Isso, porém, meo filho, não é ser incredulo.

Observa o penitente:

— Então o homem que não tem religião, aquelle que não crê em Deos, não é um incredulo?!

— Aqui vos repito, meo filho, não é, nem nunca o será.

— Mas porque, senhor padre?!

— Pela seguinte razão: A palavra *incredulo* é derivada do latim: *incredulus*, que por sua vez é composto do prefixo negativo *in* (não) e do adjectivo *credulus* (credulo) que vem a ser: *o que crê mui facilmente, e em cousas futeis*; *o simples; o ingenuo.* Dahi pois, se infere o seguinte: A palavra *incredulo* exprime sómente aquelle que não é *credulo*. Ora, isso é até uma bôa qualidade que todo o homem sensato deve possuir, isto é, *o não ser credulo.*

Aquelle, porém, que tem fé religiosa, o que acredita, o que está convencido de uma cousa qualquer, esse é o *crente*, que se não deve confundir com o *credulo*, que não passa de um simples acreditador de quantas babozeiras mundanas existem.

Se, como vimos, o *incredulo* sómente exprime *o que não é credulo*, assim tambem *o que não é crente*, será *descrente*, que vem a ser a fórma negativa da palavra *crente*; portanto, não vos deveis considerar um *incredulo*, mas sim um *descrente.*

—Permitta agora, senhor padre, que lhe diga que

não sou eu só quem commette este erro de impropriedade, mas sim, muita gente bôa, como vulgarmente se diz...

Conclue o padre:

—Bem o sei: *De gravata lavada.*

XXXIV

ALLUDIR

Escriptor de nomeada, havendo publicado um livro, que obteve grandes elogios dos principaes orgãos da imprensa, lê dias depois num artigo inserto na secção dos «A pedidos» uma phrase que lhe dizia respeito. Versava esse artigo sobre a apreciação de um trabalho doutro escriptor, e a phrase que se referia ao escriptor de nomeada era esta: «Segundo diz o alludido auctor da obra tal». Depois deste escriptor lêr a phrase que lhe era referida, mostra-se um tanto contrariado, e resolve ir á redacção do periodico que publicára esse artigo, saber onde poderia encontrar seo auctor.

Acontece estar na redacção desse periodico o auctor do tal artigo, ao qual fôra apresentado o escriptor de nomeada, que nestes termos lhe fala:

— Vindo hoje agradecer á redacção deste periodico as encomiasticas expressões, que ha dias me dispensou sobre um recente livro que publiquei, aproveito tam-

bem a occasião para conhecer o auctor de um artigo que hoje li, na secção «A pedidos» deste mesmo periodico, o qual faz uma referencia á minha pessôa.

Pergunta o auctor do artigo:

— Como se chama o senhor?

Responde o escriptor:

— Fulano de tal.

Exclama o articulista cheio de todas as attenções:

— Tenho muita honra em conhecer pessoalmente tão distincto escriptor, e creia o cavalheiro que este periodico, de que não sou suspeito, por não ser delle collaborador, não fez mais que seo dever, dizendo a verdade sobre a excellencia do seo livro. Póde-se dizer que a opinião da imprensa foi toda unanime em render a devida homenagem a um trabalho daquella ordem. Basta o nome de tão laureado escriptor ligar-se a uma peça litteraria ou scientifica, para que, sem mesmo abrir-se o livro que lhe pertence, tecerem-se-lhe os justos louvores, que sómente se dá a quem os merece.

Responde-lhe o escriptor:

— Penhoradissimo agradeço tão elevadas phrases, que só poderei acceitar, como verdadeiramente lisonjeiras. Peço agora licença para observar-lhe o seguinte: Se tanto assim merecesse seo artigo de hoje neste periodico publicado, não citaria a phrase que a mim se refere, a qual se acha em perfeito desaccordo com o que o cavalheiro acaba de dizer-me.

— A phrase que a si se refere?!

— Sim, aquella phrase: «Segundo diz o alludido auctor da obra tal».

Pergunta o auctor do artigo, cheio de espanto:

— Mas que vê o cavalheiro de offensivo naquella phrase?!

— Nada vejo de *offensivo*, mas unicamente de *allusivo* ao meo trabalho.

Prosegue o articulista ainda com mais espanto:

— E o que é allusivo a uma pessôa, póde isso incommodal-a?!

Continua o escriptor:

— Parece-me que sim.

Replica o auctor do artigo:

— Pois a mim, parece-me que não. Em todo caso, sempre desejaria que o cavalheiro me elucidasse sobre o assumpto.

— Pois não. Para isso julgo que bastará attender ao termo *alludido*, empregado naquella phrase do seo artigo.

Observa o articulista:

— Permitta o cavalheiro que eu ainda aqui insista sobre o assumpto: Creio que o termo *alludido* não poderá molestar alguem.

Responde o escriptor:

— Mas isso é o que o cavalheiro cré, porém, eu é que não posso nisso crêr.

— Nesse caso, diz o articulista, peço que melhor me elucide, porque confesso que até aqui ainda nada pude comprehender.

Accede o escriptor, explicando o seguinte:

— Quer-me parecer que tanto o termo *allusivo*, que ha pouco empreguei, como o *alludido*, de que tambem

lhe falei, são ambos derivados do verbo *alludir*. Ora, sendo este verbo derivado do verbo latino *allúdere*, logo, deve ter a mesma significação, que possue aquelle em latim, a qual é: *brincar, jogar, folgar, divertir-se, gracejar*, etc.

O verbo *allúdere* é composto da preposição *ad* (juncto de) e do verbo: *lúdo, lúdis, lúsi, lusum, lúdere*, que tem a mesma significação que *allúdere*, sendo neste, assimilada a consoante *d* ao *l* de *lúdo*, escrevendo-se, por isso, *alludere* com dous *ll*.

Diz-se até em latim: *Allúdere álicui*, ou *ad aliquem*, ou simplesmente *áliquem*, significando: *Brincar*, ou *divertir-se com alguem; zombar, escarnecer*, etc. Dizer-se portanto, em portuguez: Eu *allúdo* isto a fulano, equivale a dizer-se: *Eu brinco*, ou *me divirto com fulano*, ou: *Eu zombo*, ou *escarneço de fulano.*

Observa o articulista:

— Mas todos os diccionarios portuguezes dão o verbo *alludir* com a significação de: *Referir-se a uma pessôa, ou cousa, sem as mencionar expressamente.*

Diz o escriptor:

— Mas isso são os diccionarios portuguezes; porém, todos os diccionarios latinos, donde foi tirado o verbo portuguez *alludir*, nem no sentido translato dão ao verbo *alludere*, a significação de *referir*, sob qualquer fórma que seja. Ora, sendo assim, creio que não ha razão para em portuguez adulterar-se o verdadeiro sentido do verbo *alludir*, dando a este a significação de: *referir-se, sem nomear-se pessôa, ou cousa.*

Mas o melhor não é só isso, meo caro senhor, pois

empregam-n'o até muito commummente, como synonimo perfeito de *referir*, não estabelecendo differença alguma, como se ouve por ahi dizer: Eu não *alludo* isto ao senhor, mas sim a fulano. O sentido em que geralmente empregam esta phrase é o seguinte: Eu não me *refiro* sobre isto ao senhor, mas sim a fulano.

Pergunta o articulista:

— Mas não me explicará o cavalheiro, porque é que o verbo *alludir* ficou com a significação assim tão adulterada?!

Diz-lhe o escriptor:

— Naturalmente, outra não poderá ser a causa, senão a seguinte: Como, quando geralmente brincamos, ou nos divertimos com qualquer pessoa, ou cousa, ou tambem dessas zombamos, ou escarnecemos, procuramos para produzir mais graça occultar-lhes o nome, ficando sempre predominando a idéa da referencia, como se observa na maior parte das *allusões*, que não passam de simples *referencias jocosas*. Tanto assim é, que vulgarmente se diz: Fulano veste-se, ou fala daquelle modo para *divertir-se* com beltrano, ou *zombar*, ou *escarnecer* deste. Ora, como taes phrases importam em dizer: Fulano veste-se, ou fala daquelle modo para se *referir* a beltrano, dahi tirou talvez o vulgo do verbo *alludir* a significação de *referir*.

Não sei, entretanto, se falsa poderá ser minha interpretação...

Atalha o articulista:

— Não, cavalheiro, vejo agora que falsa é que foi a significação que dei ao termo *alludido*.

XXXV

COLLO

Num saráo familiar brincava-se o *jogo das prendas*. Depois destas recolhidas por um cavalheiro, que era o influente ehefe do jogo, diz este:

— Todas estas prendas devem agora ser bem guardadas, para depois proceder-se á sentença dada pelos seus donos. Onde as devemos, pois, guardar, meos senhores?

Responde um desembaraçado estudante:

— No collo de D. Fulana.

Observa admirado aquelle cavalheiro:

— No collo de D. Fulana?! Mas isso é impossivel! No collo de uma senhora nada se póde guardar!

Replica o estudante:

— Pois é sempre assim que tenho visto fazer.

Diz-lhe o chefe do jogo:

— Já tardava que meo estudante não viesse com

uma pilheria propria da classe. Ora deixe-se de brincadeiras, que o caso é sério. Pois o senhor não vê que os donos das prendas já estão com receio de ficar sem ellas?! Vamos, meos senhores, queira qualquer dizer onde devem ser guardadas taes prendas, pois fica sem effeito a opinião aqui do senhor estudante, por não ser mais do que um simples gracejo.

Intervem um cavalheiro da roda:

— Perdão. Eu tambem sou da opinião do senhor estudante, pois geralmente nesses jogos são as *prendas* sempre guardadas no collo de uma senhora, que faça parte do jogo.

Agradece o estudante:

— Obrigado, collega. Desculpe-me o cavalheiro assim o tractar, mas como tambem toma parte na nossa roda do jogo, por isso...

Responde aquelle:

— Ora essa! Não dou cavaco com isso. Aprecio até muito os rapazes de espirito como o senhor.

Chama o estudante a attenção do influente do jogo:

— Está vendo, meo chefe? Este senhor é tambem da minha opinião, e não sei se mais alguem da roda o será. É verdade, tive agora uma idéa, meo chefe!

Pergunta-lhe este:

— Qual é ella?

— Se o chefe me permitte, e é de parecer, que ponha a votos o assumpto em questão, assim o farei.

Diz o chefe do jogo, o qual já anda de ponta com o estudante, por tirar-lhe este a namorada:

— Por quem é, meo caro senhor! Eu sou tão che-

fe, como todos aqui o são. Se tomei a iniciativa de pôr-me á frente do jogo, foi, não só para concorrer com o meo pequeno prestimo, mas tambem porque sei que ninguem o queria fazer, e sendo tambem defeito meo apresentar-me sempre nas bôas rodas, como um intruso e fraco animador dos *brincos familiares*, por isso é que tomei da vara, que podìa e poderá estar em mãos de juiz mais competente.

Responde o estudante em tom oratorio para chacotear com o seo rival:

— Não apoiado! O nobre collega foi, é e será sempre o presidente eleito em todas as legislaturas da grande *jogatina familiar*, porque, senhor presidente, já Cicero dizia: *Asini duo magri, asinus gordus valêre.*

O chefe do jogo, o qual era rapaz illustrado e de fino espirito, percebendo que o estudante estava a troçar com elle, resolve deste vingar-se perante a propria roda em que se acha, e assim lhe responde:

— Uma vez que o senhor estudante consulta meo humilde parecer sobre a deliberação que deseja tomar, peço licença para aqui fazer-lhe a seguinte ponderação: No meo fraco entender, julgo que pôr a votos o assumpto em questão, viria isso perturbar a marcha do jogo, desviando-nos do nosso alegre objectivo, que vem a ser apreciarmos, quanto antes, as espirituosas sentenças dictadas neste jocoso tribunal, cujo verdadeiro presidente é e será sempre o grande Democrito!

Alem disso, senhor estudante, para que molestarmos o bello sexo, exigindo-lhe seo voto, para uma cousa, que é inteiramente impossivel?

Diz admirado o estudante:

— Impossivel?! Essa agora é que não é possivel! Mas, então porque, meo chefe?! Creia que me despertou neste momento a curiosidade de saber. Querem vêr que meo chefe não tem confiança nas senhoras, e por isso, não deseja dar-lhes as *prendas* a guardar? !

Atalha o chefe da roda:

—Longe de mim tal pensamento! Eu já provarei ao senhor estudante que está pisando um falso terreno. Comquanto as senhoras não sejam cofres de muitos segredos, não deixarão entretanto de o ser, e bem fieis, para guardar as *prendas* do nosso jogo.

Creia que eu seria incapaz de as accusar de um commettimento dessa ordem; ao contrario, sempre fui advogado do bello sexo, e se este ás vezes claudica na conservação de alguns segredos, de certo não claudicará na guarda das *prendas*, que lhe forem confiadas, as quaes, por mais valiosas que sejam, não mancharão nunca suas mimosas mãos.

O bello sexo, senhor estudante, será ladrão de outras cousas, como por exemplo, dos nossos corações, porem nunca de materiaes objectos, que só lhe poderão magoar a fina e delicada epiderme, de que se revestem aquelles pequeninos membros digitaes.

O caso é outro, e mui distante está talvez neste momento o senhor estudante, de saber porque motivo disse, e direi sempre que é impossivel serem as *prendas* guardadas no collo de uma senhora. A palavra portugueza *collo* é o puro ablativo do singular do substantivo neutro da segunda declinação *collum, colli*, que

significa: *a parte do corpo humano, formada pelo pescoço e hombros.* Como derivado do collo, temos: *collar, collarinho, colleira e collete* (que abrange a parte do *collo*).

Ao que, naturalmente, o senhor estudante quiz referir-se, foi ao *regaço*, do francez: *rehausser* (levantar), o qual significa o seguinte: *seio das saias, ou roupas apanhadas para levar alguma cousa no vão*, ou: *a parte do corpo que o apanhado da sáia cobre.* No sentido figurado é até esta palavra empregada na significação de: *repouso, descanço*, dizendo-se por exemplo: *no regaço do ocio, dos prazeres*, etc.

Tambem se emprega figuradamente *collo*, no seguinte sentido: *Os braços em que a mãe leva o filhinho.* Muito commum é tambem a expressão: *Ao collo*, para significar: *Nos braços.* Esta significação vem da extensão do termo *collo*, que não só se entende do *pescoço*, mas tambem dos *peitos*, juncto aos quaes a mãe trás a criança, a quem dá de mamar.

Meo estudante, que não é pouco criança, talvez guarde uma reminiscencia da edade infantil, em que era acalentado nos joelhos maternos, ou propriamente *regaço*, com a seguinte cantiga popular:

> Menino bonito não dorme na cama,
> Dorme no *regaço* da Senhora Sant'Anna.

Observa o estudante:

— Mas, meo chefe, se a palavra *collo*, como acabou de dizer, estendeo-se até aos braços, conservando ahi a mesma significação, portanto...

Conclue aquelle:

— Poderia estender-se até ao *regaço*, não é o que quer dizer? Mas, sendo assim, meo estudante, a palavra *regaço* não precisaria de existir, com sua significação apropriada, e o *collo* poderia estender-se, até mesmo aos pés. A isso é que eu chamo um verdadeiro *estenderete*.

Sabe o que me faz lembrar essa observação? Ao guardanapo, que até certo tempo, sempre se usou preso ao pescoço, mas que agora a *moda, elegancia* ou *pedantismo*, como melhor o chamarei, o estendeo quasi ao ultimo botão do collete.

Neste andar, meo estudante, veremos qualquer dia o guardanapo descer tanto, até prenderem-n'o ao botão do cós das calças, simulando um descuido.

A esta comparação soltam gostosas gargalhadas os circumstantes, que se têm mostrado satisfeitos com a licção, que o espirituoso estudante não esperava receber.

Diz o estudante, para depreciar seo rival:

— Já vejo que meo chefe tem muito geito para mestre escola; mas, por estarmos aqui reunidos, não faça disso collegio.

Tapa-lhe o outro a bocca com esta:

— Que quer, meo estudante. É feitio meo. Sempre gostei de ensinar as crianças.

XXXVI

PHYSIONOMISTA

A um distincto medico fôra apresentado por um seo amigo, certo sujeito que tinha a mania de possuir uma prodigiosa memoria, e tambem de guardar para sempre as feições das pessôas, que tivesse visto uma só vez, não deixando, entretanto, de ser muito exagerado, a ponto de prégar algumas petas de mistura com os factos.

Ao ser apresentado ao medico, diz o tal sujeito:

— O senhor doutor, não me é extranho de todo. Já o vi ha tres annos, quatro mezes e cinco dias, ás sete e meia da manhã, na estação do caminho de ferro. Ia até tomar o comboio que partia ás sete e quarenta e cinco. Levava uma mala pequena na mão...

Interrompe o amigo, que o apresentára:

— E tambem um chapéo na cabeça.

Intervem o medico:

—Nesse caso, deixe-me tambem dizer: E um par de botas nos pés.

Observa o homem da prodigiosa memoria:

—Duvidam talvez do que digo. Pois eu me lembro de factos mais remotos do que este, e de pessôas vistas tambem ha mais tempo.

Desculpa-se o medico:

—Não leve a mal o que eu disse. Se o fiz, foi sómente para acompanhar o gracejo do meo amigo. Na verdade, creio no que o senhor me disse, pois já tenho visto pessôas de memoria muito forte, e que relatam minuciosamente factos passados ha muitos annos.

A velhice de outr'ora era, por exemplo, de uma fertilissima memoria. Temos factos historicos contados por nossos bisavós aos nossos avós, os quaes eram tão minuciosamente relatados, como se estivessemos a lêr num livro.

A velhice, porém, de hoje é inteiramente opposta. Podemos dizer que é na maior parte atacada de *amollecimento cerebral*, de velhos *lymphaticos*, *cacheticos*, *rachiticos*, *hemepligeticos*, cheios de *delirium tremens*.

É uma senectude completamente arruinada! Esta não póde infelizmente relatar-nos factos passados, nem a dias, e talvez, nem mesmo a horas.

Na propria mocidade, em que sempre pujou a robustez da memoria, vemos tambem hoje seo grande depauperamento.

Pena é confessar, meo caro senhor, que rapazes de então não mais querem fazer exercicios de memoria, até fogem atterrados, quando se lhes fala em decorar qualquer

cousa; entretanto, eram os do outro tempo mais amigos do exercicio da memoria, decorando por gosto, não só as lições que lhes eram passadas, mas até versos e cantigas populares..

« Hoje é uma miseria! Pede-se-lhes numa sala para recitar uma poesia, e elles se desculpam como as senhoras, quando rogadas a tocar piano, ou cantar. Dizem como estas: «Não sei nada de cór.»

Que uma senhora assim se desculpe, por acanhamento, vá; porém, um rapaz?! É até uma vergonha! Tão vergonha, como se lhe pedirem para ajudar a levantar uma mesa, e elle responder: «Não posso levantal-a, porque não tenho força.» Admitte-se lá que um homem, por mais fraco que seja, diga que não tem força?! É o caso de se lhe applicar a phrase:

« Que faça das fraquezas forças», para não desmentir a corrente versão de que o homem representa na sociedade o *sexo forte,* assim como a mulher o *sexo fragil.* Ora, se é vergonha um homem declarar que não tem *força,* não menos o será declarar que não tem *memoria*, porque sendo esta uma das principaes operações da intelligencia, o homem que della fôr destituido, como que se deve tambem considerar destituido de intelligencia.

Afinal, estou a prégar philosophia barata, e a *maçar* talvez os senhores.

Considera o apresentado:

— O doutor não *maçou;* ao contrario. Discorreo perfeitamente sobre o assumpto, e quanto a mim, creia que agradou tão interessante, quão philosophica pales-

tra. Eu tambem sempre pensei do mesmo modo como o doutor, a respeito da memoria. Se ainda hoje a conservo forte, é porque tenho sabido conserval-a tanto, quanto minha saúde.

Observa o medico.

— É o caso do: *Mens sana in corpore sano.*

Intervem o amigo do medico:

— Tiraste-me agora a phrase da bocca. Era justamente o que eu ia dizer, porque o amigo que aqui te apresentei, sendo um grande conservador dos factos passados, nunca deixou tambem de ser um grande conservador da saúde. Pois é verdade! Posso-te affiançar que aqui meo amigo basta vêr uma pessôa uma só vez, para nunca mais della se esquecer. Já commigo dá-se justamente o contrario: Por mais vezes que me encontre com uma pessôa, que não me seja muito intima, custa-me sempre a reconhecel-a. Nesse ponto sou um desgraçado!

Diz ó amigo que fôra apresentado ao medico:

— Perdão. Não serás por isso um desgraçado; dize-o melhor: Não és, como eu, um physionomista.

Pergunta o medico admirado:

— Um physionomista?!

Responde o apresentado:

— Pois o homem que não perde as feições de outro, o que conserva a physionomia de qualquer, não é um physionomista?! Não será esta palavra derivada de *physionomia?!*

Responde o medico:

— Que a palavra *physionomista* é derivada de

physionomia, não resta nisso a menor dúvida; o que, porém, não exprime, é em significar aquelle que conserva as feições de outro. Bem sei que muita gente assim se exprime, mas o amigo deve convir que muita gente ha, que, em vez de se exprimir, algumas vezes tambem se *expreme* na linguagem, empregando impropriamente os termos, ou como vulgarmente se diz: *Tomando alhos por bugalhos.*

A palavra *physionomia,* do grego: *physis* (natureza) e *gnomon* (mostrador, indicio) é: *O conjuncto de caracteres, que distinguem uma cousa de todas as outras da mesma natureza, e lhe dão uma feição particular.* Por extensão veio a significar: *as feições do rosto; a expressão particular dessas feições,* e ainda o seguinte: *semblante, parecer, aspecto.* Em Latino Coelho, encontramos para exemplo, a seguinte phrase: « Ha nas obras litterarias uma *physionomia* que retrata ao natural as tendencias e as paixões do escriptor.»

De facto, não soffre dúvida que *physionomista* é derivado de *physionomia.* Como, porém, o suffixo *ista* exprime: *emprego, occupação, profissão do que exerce, trabalha, faz, ou estuda,* como vemos nas palavras: *pianista, rabequista, flautista, dentista, machinista, foguista,* etc. assim tambem, o *physionomista* é aquelle que se occupa em observar, ou estudar a *physionomia* de uma pessôa, afim de lhe conhecer a indole, ou caracter.

Intervem o amigo do medico:

— Em Portugal, por exemplo, donde sou filho, nunca ouvi empregar esta palavra no sentido daquelle que

conserva, ou guarda de memoria as feições de outro. O que lá se emprega neste sentido é a palavra *previsto.*

Observa ainda o medico:

— Tambem a palavra *previsto* não é bem empregada nesse caso. Como sabes, *previsto* é o participio passado do verbo *prevêr*, composto da preposição latina *præ* (antes) transformada em *pre*, e do verbo *vêr*, significando dahi, *prevêr*, o seguinte: *vêr antes.*

O participio *previsto* tem até uma significação peculiar, que vem a ser: *conjecturado, prenunciado.*

Pergunta o apresentado:

— Qual é então o termo apropriado, doutor?

Responde este:

— Apropriado não ha, porém poderiamos, sem escrupulo, acceitar qualquer dos neologismos que aqui apresento, e que preencherão satisfactoriamente o fim que desejamos.

Interroga o apresentado:

— Quaes são elles?

Pondera-lhe o medico:

— Antes de o dizer, convem explicar o seguinte: Assim como a palavra *secretário* exprime aquelle que *possue, conserva,* ou *guarda* os *segredos;* o *visionario,* o que *possue, conserva,* ou *guarda* as *visões;* o *diccionario,* o livro que *possue, conserva,* ou *guarda* as *dicções,* ou *vocabulos,* etc.; assim tambem, o que *possue, conserva,* ou *guarda* as *feições,* deverá, por igual modo, ser chamado: *feicionario,* ou *physionario,* servindo-nos do elemento grego *physis* (natureza), que

na palavra *physionomia* ficou com a significação de *traços*, ou *feições*.

De facto, da idéa de *augmento*, *quantidade*, ou *collecção*, expressa pelo suffixo *ario*, facilmente podemos tirar a idéa de *posse*, ou *conservação*, e vice-versa: Tirarmos da idéa de *posse*, ou *conservação*, a idéa de *augmento*, *quantidade*, ou *collecção*. Assim, pois, sendo o *secretário* aquelle que *possue*, *conserva*, ou *guarda* os *segredos*, necessariamente deve-os *possuir* em *quantidade*, ou *collecção*, e o mesmo aqui diremos com respeito ás palavras *visionario*, *diccionario*, e outras da mesma classe.

Diz enthusiasmado o homem da prodigiosa memoria:

— Pois, senhor doutor, acceito os neologismos *feicionario*, ou *physionario*, e prometto que vou fazer-lhes a propaganda.

XXXVII

CASTIGAR

Recommendára certo pae ao director de um collegio que não batesse em seo filho, pois quando este não andasse direito, mandasse-lhe dizer, que elle o corrigiria em casa.

Numa occasião recebe o director do collegio uma carta daquelle pae, na qual perguntava-lhe este como ia o filho.

O director, que puxava pelo rapaz, por vêr que era este muito intelligente e estudioso, responde ao pae, nestes termos: «O rapaz vae bem. Não o poupo, pois o tenho castigado muito nos estudos». Do am.º e cr.º F.

O pae, ao lêr a carta do director do collegio, manda immediatamente buscar o filho, que era interno, e faz á familia as seguintes considerações:

—E que tal?! Recommendei tanto ao senhor director do collegio que me não batesse no rapaz, e recebo

hoje uma carta do proprio director, que me diz haver castigado o pequeno! Como se explica isso?! De que servio então minha recommendação?! Pois agora perde elle o discipulo, e talvez com este, outros mais, porque hei de falar com alguns amigos, que lá puzeram seos filhos, por pedido meo, para que os retirem dahi.

Não admitto que ninguem bata em meos filhos! Quando eu lh'o confiei, foi para o instruir, e não para lhe bater. Só os paes é que têm direito de bater em seos filhos, e ainda assim, até hoje, nunca lhes toquei com o dedo, nem de leve!

Deixe-o estar que lhe hei de dar uma bôa licção! Hoje mesmo, depois que o rapaz vier, e que com elle conversar, hei de ir ao collegio tomar uma satisfação ao tal senhor director.

Ao chegar á casa o filho, pergunta-lhe o pae:

— Então, porque foi que o director te bateo?

Responde o filho admirado:

— O director não me bateo, papae! Quem foi que disse isso?!

— O proprio director numa carta que me escreveo. Ah! já sei, naturalmente occultas o facto, porque fizeste alguma, meo marôto...

— Pois olhe, papae, esse director nunca me bateo, nem tambem nos meos collegas. Foi sempre muito bom para todos nós. Elle até não consente que os professores gritem comnosco, ou nos batam. Diz sempre aos professores que quando fizermos alguma cousa, nos levem á presença delle, porque elle saberá reprehender-nos. Inda outro dia, elle despedio um professor, porque este

puxou as orelhas a um menino, e não ha muito tempo, que foi tambem despedido um inspector, só porque este prometteo um cascudo a um menino muito malcriado, que lá tem.

Considera o pae:

— Mas sendo assim, como é que elle me mandou dizer que te havia batido?! Nisso ha talvez alguma cousa, que não te convem dizer. Quando o homem chega a declarar-me na carta que te bateo, é porque alguma fizeste, e não pequena. Anda lá, confessa: Nem um puxão de orelhas... nem um beliscão.... nem nada?

Responde convicto o filho.

— Nada, não senhor.

Não acreditando o pae no que o filho dizia, dirige-se immediatamente ao collegio, e ahi chegando, assim fala ao director:

— Já vejo que de nada servio minha recommendação. Desejo saber porque foi castigado meo filho.

Responde o director:

— Por ser um bom estudante.

— Comprehendo a ironia da sua resposta, senhor director, mas peço-lhe que me explique os motivos, que o determinaram a bater em meo filho.

Exclama o director cheio de espanto e admiração:

— Bater em seo filho? Quem lhe disse isso?!

— O senhor proprio, na carta que me escreveo. Se quizer, posso até mostra-la, porque trago-a aqui commigo.

— Não é preciso. Eu me lembro perfeitamento do que escrevi, e agora é que vejo que o senhor tomou a

palavra *castigar* no sentido de *bater, dar pancada, sovar, esbordoar,* não foi isso?

— Sim, confesso que foi.

— Pois então, meo caro senhor, confessa um peccado, que muita gente bôa tem, mas desde já lhe prometto que será perdoado pelo Deos da Synonimia, se o attender na prática que elle lhe fizer sobre a referida palavra: Diz esse grande Deos, que preside á significação exacta dos termos: A palavra *castigar* é derivada do latim: *castigare,* que por sua vez é composta do adjectivo *castus, casta, castum* (casto) e do verbo: *ago, ágere* (fazer, produzir), significando rigorosamente dahi, a palavra *castigare* o seguinte: *fazer,* ou *tornar casto, puro, honesto,* etc. Por extensão significava tambem este verbo: *impôr pena a quem violava a castidade.*

Hoje porém significa o verbo *castigar* o seguinte: *corrigir erros, faltas, defeitos,* etc. Muito correctamente dizemos: Fulano foi bem *castigado,* como que para exprimir: bem *emendado,* ou *corrigido.*

Ora, como a *pancada* é geralmente o meio de que muitos se servem para *corrigir os erros, faltas, defeitos,* etc., suppõe, por isso, o povo que *castigar* significa sómente *bater, sovar, dar pancada, esbordoar.*

Se assim fosse, as expressões: *estylo castigado,* e *linguagem castigada,* não corresponderiam, como correspondem a: *estylo puro,* ou *correcto,* e *linguagem pura,* ou *correcta,* mas sim: a *estylo sovado,* e *linguagem sovada.* Que acha o senhor?

— Acho que é muito razoavel tudo quanto o senhor acaba de explicar.

Continua aquelle:

— Pois ahi está explicada a razão, porque na carta que lhe escrevi, mandei dizer que tinha *castigado* muito seo filho nos estudos, o que quiz com isso dizer que o tinha *aperfeiçoado* muito, *purificando-o*, ou *corrigindo-o* dos *erros*, *faltas* ou *defeitos* por elle commettidos nos proprios estudos, mas, sem ser preciso, para tal fim, recorrer á *pancada*.

Tanto *castigar* significa: *purificar*, *aperfeiçoar*, *corrigir*, etc., que quando queremos nos referir ao acto de *purificar*, *aperfeiçoar*, ou *corrigir* só por meio da *pancada*, geralmente usamos a expressão: *castigo corporal*, como que para differençar do *castigo moral*, que é o *castigo* propriamente dito.

Deste castigo, meo caro senhor, é que eu gasto no meo collegio, e não do outro, que sempre condemnei, porque acho que é elle privativo dos irracionaes, assim como, este, exclusivamente proprio do homem. Só este ente, como racional, poderá *corrigir-se* pela palavra bem vibrada e insinuante, daquelle que a souber empregar; do mesmo modo, porque o irracional se *corrigirá* pelo vibrante e insinuante látego, daquelle que o souber manejar.

— Na verdade, meo filho já me tinha dito que o senhor director não batia, nem consentia que ninguem batesse em seos discipulos, porém eu, suppondo que o marôto tivesse feito alguma, e m'a quizesse occultar, por isso, vim até cá saber o que havia.

— Pois o que houve foi o estar eu muito satisfeito com elle, e por esse facto, tel-o *aperfeiçoado*, ou *castigado* nos estudos, como isso ponderei na carta, que lhe escrevi.

— Nesse caso, senhor director, peço-lhe desculpa do que fiz, e se me permitte, meo filho voltará para o seio de tão bom, quão illustrado educador.

— Póde mandal-o, quando quizer. As portas deste modesto templo estarão sempre abertas para receber os bons filhos, que á casa tornam.

XXXVIII

LÉPIDO

Rapaz intelligente e habilitado, de ha muito andava á procura de um emprego, mas por ser um grande molleirão, e alem disso, possuir uma feição muito carrancuda, nada tinha ainda podido conseguir.

Pela manhã lia todos os periodicos, afim de vêr, se encontrava alguma cousa que lhe conviesse, e, se de facto, encontrava, quando chegava para tractar do emprego, era sempre tarde.

Uma occasião, diz-lhe um amigo, que tinha grande interesse em lhe arranjar um emprego:

— Sabes, Aniceto, arranjei-te um emprego, mas é preciso para o alcançares, contrafazeres um pouco tua natureza.

Esse emprego a que me refiro, exige um homem lépido. Se o queres alcançar, toma meo conselho: Contrafaz um pouco tua natureza. Todos nós, meo caro ami-

go, temos neste mundo, em certas occasiões, necessidade de representar papeis, que por vontade propria, não representariamos, mas, se, ás vezes, assim se torna preciso, que havemos de fazer?

Não é sem razão, que muitos dizem ser esta vida uma perfeita comedia, e nós os actores, que desempenhamos muitos papeis, que não são compativeis com a nossa natureza. Se alguns os desempenham bem, outros já o não fazem, e assim vamos atravessando os actos dessa longa, ou breve comedia, conforme determina o Empresario desse grande theatro da humanidade!

Pois é o que te digo, meo bom Aniceto, modifica um pouco tua natureza, e apresenta-te ao logar que te vou indicar, que alcançarás um emprego de primeira ordem. É limpo, decente, e muito rendoso; emfim, melhor não conheço outro presentemente. Não te digo já o que é, porque te quero causar surpreza. Só o que te repito, é que elle exige um homem lépido.

Toma uma carta, que aqui trago já feita. Procura esta pessôa pelo endereço, que ahi tem no sobrescripto, e apresenta-te neste logar, amanhã ás 7 horas da manhã, em ponto. O homem espera-te a esta hora, porque eu já lhe falei. Não chegues depois da hora, porque elle gosta muito da pontualidade. Ora ahi tens, o que te pude arranjar. Deos permitta que alcances o emprego, porque com isso terei muita satisfação, mas lembra-te, de que de ti tudo depende. Ainda pela terceira vez te repito: O tal emprego exige um homem lépido, portanto, sê lépido; ao menos uma vez na tua vida, para pode-

res apanhál-o. Agora, até amanhã. Procura-me, que eu desejo saber do resultado.

— Obrigadissimo, meo bom amigo Carlos. Não sei como te hei de pagar tão grande obsequio! Dá-me um abraço, e crê que jámais me esquecerei daquelle, que me deu a mão para subir os degráos da fortuna.

— Ainda é cedo, meo Aniceto, ainda é cedo. Não soltemos os foguetes antes do tempo. Esperemos primeiro o resultado da nossa empreza. Se fores feliz, como desejo, o que não deixa de depender da tua força de vontade, em contrafazer-te, então sim: Manifestarás tua gratidão, como entenderes. Por ora, não, meo bom amigo. Aguardemos os acontecimentos. Procura-me então amanhã, como já te disse, e aqui te deixo, porque tenho muito que fazer.

— Até amanhã, meo bom Carlos.

No dia seguinte, caso raro e estupendo, levantou-se o senhor Aniceto ás 5 $^1/_2$ horas da manhã. Elle proprio extranhava a mudança, que se operára em sua natureza! Nunca se preparou tão depressa em sua vida! Elle, que em se vestir gastava quasi uma hora, naquelle dia vestio-se num abrir e fechar d'olhos.

Ao arranjar-se assim dizia: «Nada! Desta vez não chegarei tarde. Vou tomar o conselho do meo amigo: Contrafazer minha natureza. Agora é capricho meo. Quero provar-lhe que tenho força de vontade para reagir contra a indolencia, que se me apoderava do organismo, perturbando todos os actos da minha vida. Não sei já quantos empregos tenho perdido, por me apresentar sempre tarde. Pois, desta vez, tal não succederá. Vou

andar tão depressa, como se estivesse a correr. Não quero lá chegar depois da hora, e o homem já ter sahido. Disse-me o Carlos que o sujeito é muito pontual, portanto, é preciso eu não me descuidar. Toca a andar ligeiro, senhor Aniceto.

Feitas taes considerações, sahe de casa o senhor Aniceto ás 6 horas em ponto, chegando á casa do individuo, a quem o amigo o apresentava, dez minutos antes da hora determinada.

Deixou passarem cinco minutos, e quando só faltavam cinco, bateo á porta. Ao mandar annunciar-se, foi logo recebido pelo individuo, a quem a carta era dirigida. Este, ao encarar o senhor Aniceto, esfriou immediatamente, mas lembrando-se do pedido do amigo Carlos, sempre lhe disse:

— Eu preciso de um empregado para uma Empresa que vou montar, sob o titulo de «Empresa de divertimentos uteis e instructivos». Esta Empresa, como seo proprio nome indica, tem por fim reunir em diversos salões, a par dos jogos de bilhares, xadrez etc., outros inteiramente novos, por mim creados, cheios de gaiatas peripecias, os quáes exigem um empregado, que alem de intelligente e polido, seja tambem alegre, de genio folgazão; finalmente, um homem gracioso, e com espirito bastante fino, para poder deleitar a boa sociedade, que a essa Empresa comparecer.

Não sei, se o senhor estará nessas condições.

Responde o senhor Aniceto:

— Peço desculpa de o ter incommodado, e ao mesmo tempo, licença para dizer-lhe que, pelo que ouço,

vejo que fui mal informado. Meo amigo, o senhor Carlos, que é quem lhe escreve esta carta, comquanto não me dissesse a natureza do emprego, ainda assim, falou-me, de que era um emprego, que exigia um empregado ligeiro, activo, e mais não disse.

Quanto ao ser ligeiro, ou activo, lá isso sou; porém, o ser gracioso, de genio folgazão e com espirito para deleitar uma sociedade, confesso que o não sou, porque a natureza não me prodigalisou com esses dotes, que como o senhor sabe, não podem ser communs a todas as pessôas.

Essas palavras agradaram em extremo ao auctor da Empresa, o qual, pela simples carranca do senhor Aniceto, já estava disposto a não acceital-o, e aproveitando-se da recûsa daquelle, diz-lhe nestes termos:

— Na verdade, o senhor tem toda a razão. Não porei duvida na sua intelligencia e polidez para o tracto social, como já vejo pelas suas delicadas maneiras; porem, isso não é o sufficiente. Falta-lhe o genio folgazão, a boa disposição de espirito para o jocoso, e outros mais requisitos, que devem ser inherentes a um cargo destes. Creio que falando-lhe com esta franqueza, pago-lhe na mesma moeda, que foi a franqueza com que tambem me falou o senhor. Estimei muito conhecel-o, e aqui estou sempre ás suas ordens.

Com a mesma delicadeza despede-se o senhor Aniceto, que vae direitinho procurar seo amigo Carlos, para relatar-lhe minuciosamente o occorrido. Ao encontrar-se com este, diz-lhe o seguinte:

—Has-de me permittir que te relate minuciosamente o que houve.

—Pois não. Relata-me o caso, pondo todos os pontos nos *ii*.

Começa o senhor Aniceto:

—Em primeiro logar, levantei-me ás 5 $^1/_2$ horas da manhã.

—Sim senhor, interrompe o outro, gostei da madrugada! E depois?

Continua aquelle:

—Lavei-me e vesti-me, emquanto o diabo esfrega um olho.

—Bonito! Estou gostando. Vamos adiante.

— Sahi ás 6 horas de casa, corri mais do que andei, e quando cheguei á casa do homem, faltavam ainda dez minutos para a hora marcada, que era 7 horas. Ahi, fiz-me annunciar, e fui logo recebido. Qual porém não foi minha surpreza, quando o homem me disse que o que elle precisava, era de um empregado, que além de intelligente e polido, fosse alegre, tivesse genio folgazão; finalmente, que fosse um homem gracioso, que possuisse um espirito bastante fino, para deleitar a bôa sociedade que á sua Empresa comparecesse! Ora, tu que conhecias a natureza dessa Empresa, fizeste mal em não m'a descreveres, porque, assim, não teria eu dado meos passos infructiferamente.

Como me disseste por tres vezes que o emprego exigia um homem ligeiro, por isso, eu procurei esforçar-me para o ser, começando por me apresentar antes da hora marcada, e estava bem disposto a contrafazer-

me para sempre, abandonando minha indolencia, para tornar-me realmente um homem activo e ligeiro, como declarei que o era ao auctor da tal Empresa. De que servio tudo isso? Não tirei resultado algum, senão o de cansar-me. Póde-se dizer que desta vez fui culpado?!

Responde o outro:

— De certo que sim.

— Quem?! Eu?!

— Quem ha de ser mais?!

— Mas porque?! Não me dirás?!

— Digo-te já, se o queres.

— Vamos lá, dize-o.

— É que tomaste a nuvem por Juno, meo caro. Quero com isso dizer que tomaste a palavra *lépido,* no sentido de: *activo, ligeiro,* etc., quando não é isso o que ella significa.

A palavra *lépido,* do latim: *lépidus,* do grego: *leptos,* (delicado, tenro) de *lepos* (casca, pellicula) tem a significação de: *alegre, gracioso, jovial, engraçado, galante,* etc. Diz-se com propriedade: *Falar lépido,* exprimindo: *gracioso, motejando, jocoso.*

O povo confunde esta palavra com outra que se parece na pronuncia, a qual é: *lesto,* em italiano: *lesto*; em francez: *leste,* e em latim: *lévipes, levípedis* (que tem o pé ligeiro). Esta palavra, sim, é que significa: *activo, ligeiro, prompto, desembaraçado,* etc.

Ha tambem a forma *lestes,* que é a modificação de *lesto.* Em João de Barros, por exemplo, encontramos a seguinte phrase: «As nossas galés eram mais *lestes,* por causa do remo.»

A confusão de *leste* por *lépido*, está na mesma relação do *intemerato* por *intimorato*, e como estas, muitas outras ha, que geralmente se confundem.

O que eu te dizia, meo Aniceto, que contrafizesses, não era tua indolencia, mas sim teo genio concentrado, esse carrancudismo com que a todos te apresentas. O que te aconselhava, é que te apparentasses *jovial*, *folgazão*; emfim, que te fingisses de *engraçado*, para agradar ao homem, porque mesmo com este esforço, como és um rapaz intelligente, talvez, depois pelo habito te tornasses *jocoso*.

Não disseste ha pouco, que pelo esforço de te fazeres *activo*, ou *ligeiro*, podias tornar-te realmente isso? Assim tambem, pelo esforço de quereres fazer-te *engraçado*, *jocoso*, etc., podia dar-se o caso de vires a ser ainda um bom *gaiato* de força!

— Sempre és de muita *força*, é o que te digo.

— E o que eu te aconselho, meo bom amigo, é que estudes com mais *força* o riquissimo idioma portuguez, que possue termos apropriados para as differentes idéas, expressas pelo nosso pensamento.

XXXIX

ENXERGAR

Numa festa popular, á esquina de uma rua, aggrupavam-se os curiosos, como geralmente acontece.

Um individuo, todo apelintrado, que soffria dos callos, mas que nem por isso deixava de usar botas apertadas, para fingir pé pequeno, foi nesse dia victima de quantas pisadellas houve.

Dizia aquelle a um dos curiosos, que se achavam no grupo:

— Isto sempre me acontece! Quando estreio um par de botas, hão de todos pisar-me os callos! Parece que adivinham! Hoje, por exemplo, já fui pisado tres vezes, e não sei ainda quantas mais o serei. O senhor não tem callos?

Responde-lhe o outro:

— Nas mãos, meo caro senhor, por não ter outro remedio, por que sou carpinteiro, porém, nos pés, nunca os quiz ter.

Exclama admirado o possuidor dos callos:

— Diz o senhor que nunca os quiz ter?! Pois isso depende lá da vontade de alguem?! É a primeira vez que ouço assim dizer.

Continua o carpinteiro:

— Admira-se o senhor disso? Pois a maior parte dos callos são filhos das botas apertadas. Eu cá sempre andei com as minhas folgadas, e por isso é que os não tenho.

Diz a victima dos callos:

— Pois olhe, que tambem as botas muito grandes produzem callos.

— Mas isso são as grandes, observa o carpinteiro. No que eu lhe falei, foi nas botas folgadas. Parece-me que não disse algum disparate, porque folgada chamamos nós a uma cousa, que não é muito, nem pouco. Assim, por exemplo, quando uma pessôa vive folgada, não quer dizer que vive na grandeza, nem tambem com muito aperto. O senhor deve saber, melhor do que eu, que sou um pobre homem, que vivo do meo grosseiro trabalho, e por isso não me occupo com essas cousas de palavras.

— Sim, sim, eu bem sei o que é folgada, porem...

Nessa occasião um distincto cavalheiro pisa com toda a força bem em cima do melhor callo d'aquelle homem, que tanto se queixava, o qual, sem poder soffrear a dôr, solta um agudo grito, acompanhado da seguinte expressão:

— Ui! O senhor não enxerga?!

Desculpa-se delicadamente o distincto cavalheiro:

— Oh! Perdão, meo amigo.

Diz-lhe furioso o dono do callo:

— Qual meo amigo! Meo inimigo é o que o senhor é! Pois o senhor não vê onde pisa?!

Responde aquelle:

— Não vejo, cavalheiro.

— Então é cego.

— Tambem não o sou, graças a Deos.

— Pois se não é, deve enxergar.

— Isso sim, enxergo.

— Como é, então, que me acabou de dizer que não vê?!

— Porque realmente não vejo.

Rompe furiosa a victima dos callos:

— Ora bolas! Não o comprehendo. Se o senhor não vê, como é que enxerga?! Parece que quer troçar commigo!

— Ao contrario, o senhor com esta sua resposta de, se eu enxergo, é porque vejo, isso é que me parece mais troça.

— Como assim?!

— Porque eu, pelo menos, não confundo *vêr* com *enxergar*. Se o senhor me attender um pouco, ha de dar-me razão, porque lhe respondi, parecendo troça, quando o não era.

— Attendel-o-hei, e póde ser até que com sua explicação, me passe esta dôr do callo, que ainda está a chiar-me! Safa! Mas olhe que o senhor pisou-me com vontade! Tenho soffrido hoje algumas pisadellas, mas, nenhuma como esta. Foi rapida, porém valente!

Diz aquelle cavalheiro:

— Se minha explicação lhe puder servir de allivio...

— Ora vamos vêr.

— Então lá vae: A palavra *vêr* no sentido proprio, significa: *perceber com clareza os objectos que se apresentam aos nossos olhos*; e no sentido figurado: *comprehender, entender, perceber,* etc.

Quanto á palavra *enxergar,* do castelhano: *enxergar,* que significa: *começar,* talvez do italiano: *cercare* (buscar), outra já é a significação, que vem a ser: *ver indistinctamente, divisar, vislumbrar,* isto é: *vêr com difficuldade, perceber com os olhos o objecto, sem distinguir suas partes.* A differença que existe entre *vêr e enxergar,* muito claramente estabeleceo o grande auctor dos Lusiadas nesta bella estancia, em que nos descreve a tromba marinha:

Eu o *vi* certamente (e não presumo
Que a *vista* me enganava) levantar-se
No ar um vaporzinho e subtil fumo,
E do vento trazido, rodear-se;
Daqui levado um cano ao polo summo
Se *via,* tão delgado, que *enxergar-se*
Dos olhos facilmente não podia;
Da materia das nuvens parecia.

Pondera ainda o mesmo cavalheiro:

— Ora aqui tem o senhor confirmada pelo grande e correctissimo poeta a differença, que se deve notar entre a significação das palavras *vêr* e *enxergar*. Estará agora mais alliviado do seo callo ?

Responde aquella victima:

— Do *callo* fiquei *alliviado*, e da ignorancia : *curado*.

XL

NOIVOS

Realisava-se um festim nupcial em casa d'uma familia. O chefe desta, que muito satisfeito se achava, por vêr n'aquelle dia casada sua filha mais velha, esforçára-se por isso, para apresentar uma festa inteiramente original.

Começa aquelle por substituir o já tradicional e sediço *sofá dos noivos* por duas riquissimas poltronas, que na sala dispõe, afastadas um pouco, uma da outra.

Alem de muitas originalidades que n'esta festa introduzira, teve tambem o mesmo chefe de familia a seguinte lembrança: Preparar duas mezas para o banquete: A primeira, composta só de pessoas casadas, e sendo presidida pelos dous, que naquelle dia se receberam á face do altar. A segunda, representada pelos solteiros, solteirões e viuvos.

Sem declarar isso aos convivas, pois que lhes desejava causar esta surpreza, toma o dono da casa de um lapis e um pedaço de papel, e começa a assentar sómente os nomes dos casaes, que alli estavam presentes, considerando, portanto, o restante como solteiros, solteirões e viuvos.

Depois de haver tomado nota dos nomes de todos os casaes, chega á porta da sala de visitas, e ao dar com um cavalheiro, que com muita familiaridade conversava com uma dama, não os conhecendo, pergunta a um sobrinho, que alli estava juncto de si, se aquelles dois gentis pombinhos eram casados, ao que lhe responde aquelle apenas o seguinte:

— São noivos.

Inquire de novo o tio:

— E como se chamam elles?

Responde-lhe o sobrinho:

— Seos nomes não poderão confundir-se com outros, porque são muito raros. O rapaz chama-se Vitruvio, e a rapariga Mancillia.

Toma o dono da casa immediatamente nota d'aquelles dous nomes, e em seguida diz aos seos convidados:

— Meos senhores, para tornar mais original nossa festa de hoje, lembrei-me de preparar-lhes uma surpreza, e peço não estranhem convidal-os para minha modesta mesa, chamando dous de cada vez, e pelos seos nomes. Depois de realisado meo intento, ficarão então os senhores de posse da surpreza, que lhes preparo.

Dito isto, começa o dono da casa a proceder á cha-

mada, por meio dos casaes, chamando em primeiro logar os noivos.

Completa a primeira mesa, diz depois aquelle:

— Agora, peço aos outros meos convidados o obsequio de occuparem indistinctamente logar na segunda mesa, que lhes preparei, e eis a surpreza que reservava áquelles, que hoje me honram esta casa com suas presenças.

Ao perceberem os convidados a original idéa do dono da casa, applaudem-n'a muito, levantando-lhe enthusiasticos vivas.

Logo depois diz o sobrinho ao tio:

— Meo tio ha de permittir que lhe diga que sua obra não está de todo completa, porquanto, noto que ha na mesa dos casados um cavalheiro e uma dama, que são apenas noivos.

Responde o tio:

— E o que tem isso? Pois noivos não são tambem os que estão a presidir á mesa?

Replica o sobrinho:

— Mas esses noivos a que eu me refiro, ainda não se casaram.

Solta o tio uma grande risada, acompanhada desta phrase:

— Noivos que ainda não se casaram?! Essa é que não póde ser! Estás a estudar, meo rapaz, mas deves confessar que ainda estás muito atrazado no conhecimento da verdadeira significação das palavras.

Pergunta admirado o sobrinho:

— Mas não se chamam tambem *noivos* aos que estão para casar?!

Diz-lhe o tio:

— Geralmente assim chamam, porém, não deixa de ser uma impropriedade; pois, rigorosamente, *noivos* são os *casados de pouco tempo*, ou *recem-casados*.

Ahi, diz o dono da casa aos convidados:

— Os senhores me desculparão estar a dar explicações ao meo sobrinho, quando a occasião não é propria para isso.

Intervem um dos convidados:

— Permitte o dono da casa um aparte?

Responde aquelle:

— Pois não.

Diz o convidado:

— Comquanto uma festa de nupcias seja uma solemnidade digna de todo o respeito, ainda assim, com o caracter familiar com que esta se apresenta, relevará uma explicação interessante, como me parece, tanto mais, que o assumpto de que ella se occupa, está de perfeito accordo com a natureza da propria festa, que ora assistimos.

Demais, se todo tempo é tempo de reparar o erro, não devemos perder a presente occasião, que não deixa de ser opportuna.

Sabendo ainda todos nós que o amigo não se póde conter, quando ouve um termo mal empregado, por isso, ao conhecermos seo genio, e capacidade sufficiente para corrigir a impropriedade dos termos, não repararemos nas correcções, que daquelles fizer. Da mi-

nha parte, pelo menos, só terei occasião de aprender, o que muito me satisfaz.

Diz um dos convidados:

—Apoiado! Só teremos que aprender.

Respondem em côro os outros:

—Apoiado! Apoiado!

Agradece penhorado aquelle delicado chefe de familia, e assim diz:

—Já que me concedem permissão, continuarei a explicar a meo sobrinho: Com a palavra *noivos*, meo rapaz, succedeo o mesmo que com outras tem succedido, como, por exemplo, o ouvirmos chamar *freguez*, ao que não *frequenta* uma casa; *doutor*, ao que ainda não está formado; *capitão*, ao *alferes*, que ainda não assumio este posto; e assim por diante.

Mas porque será isso?! Naturalmente, por estarem taes titulos muito proximos dos seos futuros proprietarios, e então, por um excesso de delicadeza assim procedemos, o que não deixa, entretanto, de ser uma força de expressão. Ora, como os que estão para casar, ou apalavrados para isso, quasi que *noivos* se podem considerar, eis porque, como *noivos*, logo os consideramos.

Mas, fica sabendo, meo sobrinho, que, rigorosamente, *noivos*, aqui te repito, são sómente: *os casados de pouco tempo*, ou *recem-casados*.

A palavra *noivo* não é mais do que a alteração da palavra castelhana *novio*, que tem a mesma significação, palavra aquella derivada do latim: *nubes*, *nubis* (nuvem, sombra, véo, etc.)

Se bem que o *noivo* não traga *véo,* mas sim, a *noiva,* comtudo, a denominação de *noivos* é assim empregada sómente por *extensão,* do mesmo modo, porque usamos da fórma erudita *nubentes,* quando sabemos que em latim esse adjectivo participio *nubens, nubentis,* quer dizer : *o que se cobre, ou se envolve com véo.*

Não ouve o sobrinho serem tambem empregados certos titulos, no sentido, muitas vezes commum aos dous sexos ? Não se diz, por exemplo, os brazões dos *marquezes* de tal ?

Não é tambem a palavra *filho,* muitas vezes empregada, abrangendo os dous sexos ? Não se diz : Fulano tem tantos *filhos,* sem ser para exprimir sómente filhos varões ?

Observa o sobrinho :

— Porém, meo tio, pela explicação que me apresenta, dá-me tambem o direito de, por *extensão,* usar da expressão *noivos* para aquelles que estão prestes a casar.

Considera o tio :

— Mas aqui n'este caso, meo sobrinho, a *extensão* de *noivos,* para exprimir os que estão prestes a casar, é mais forjada, do que a que exprime a communhão do *estado,* ou *dignidade,* pertencentes a dous individuos. .

Pois não basta este abuso de *translacção ?* Para que mais outro abuso, que é o da verdadeira significação do termo ?

Pergunta o dono da casa aos convidados:

— Que acham, meos senhores?

Responde o convidado, que dera o áparte:

— Que á vista da explicação do meo amigo, seo sobrinho não deve dizer mais nada.

XLI

DEBIL

Extremosa mãe ia pela primeira vez matricular um filho de oito annos de edade num collegio, a que já tinha falado.

Na vespera da entrada do menino para o collegio, não se falava noutra cousa no lar domestico daquella senhora, senão no nhonhozinho, que deixaria dahi por diante de fazer tantas travessuras em casa.

Nesse mesmo dia diz o criado, ao menino:

— Bem feito! Tomára já que chegue amanhã para ir para o collegio. Em lá estando, quero vêr tambem se ha de mangar com o mestre, como manga aqui com a gente. A palmatoria não é o chinello da mamãe, que só sacode a poeirinha das calças.

Responde pacificamente o pequerrucho:

— Eu não me importo... Mamãe já me disse que esse mestre não tem palmatoria... Vá só perguntar

á mamãe, se não fui eu que lhe pedi para entrar para o collegio. Eu até gôsto, porque a gente leva uma bolsa, para guardar a refeição, que mamãe disse que todos os dias hei de levar para o collegio. E a gente tambem tem livros com figuras para aprender a lêr. Mamãe já disse que eu sabendo lêr, vae me comprar um velocipede. Tu é que és um estupido, que não sabes lêr, e não pódes ir para o collegio, porque já és muito grande.

Diz-lhe o criado:

— Eu não sei lêr, mas quando o nhonhozinho souber, ha de ensinar-me, não é assim?

— Ensino sim, diz-lhe o pequeno, mas quando tu não souberes a licção, eu dou-te com o cabo da vassoura na cabeça, valeo?

Atalha o criado:

— Isso não! Um mestre assim tão máo, não quero. O menino gostará que no collegio lhe façam o mesmo? Safa! Que mestrezinho tão zangado me sahio este! Já não quero mais aprender. Mas, nhonhozinho tem mesmo vontade de ir para o collegio?!

— Tenho sim. Tomára até que já chegue amanhã. Olha, quer saber de uma cousa? Eu amanhã vou acordar muito cedinho para vestir-me com um fato novo que a mamãe fez, depois vou arranjar minha bolsa, pôr os livros dentro, pôr minha refeição, e tudo...

— Olhem a grande bagagem! Então o menino já estuda em muitos livros, para dizer que os vae guardar dentro da bolsa?! Não duvido que o embrulho da

refeição tome mais logar na bolsa, do que os livros, que o menino tem. Quantos são elles?

—Ah! Por ora a gente não tem muitos. É só a carta do *abc* e a taboada, mas, quando demorar muito tempo, mamãe disse que o mestre dá uma porção de livros á gente. Depois eu hei de mostrar-te todos elles, sim?

— Pois bem! Até lá não me dôa a cabeça!

Na verdade, aquella figurinha de gente estava enthusiasmada para entrar para o collegio.

Pela manhã, sonhava talvez aquelle futuro homem de lettras com as primeiras lettras, que sua dedicada mãe lhe ensinára a balbuciar em seos maternos joelhos.

Acorda aquella com a doce voz do filho, que assim falava:

—Já sei dizer, mamãe. É *a*, *b* e *c*, não é?

Ao contemplar aquelle quadro do desejo ardente de saber, marejam-se de lagrimas os olhos daquella meiga mãe, que, num arrebatado impeto de satisfação, cobre de beijos mil os roseos labios daquelle innocente, que promptamente desperta ao receber tão doce impressão.

Movido, como que por uma mola, senta-se o filhinho immediatamente na cama, e pergunta:

—Já são horas de ir para o collegio?

—Não, meo filho. Dorme mais um pouco, porque é muito cedo ainda. Quando forem horas, eu te chamarei.

Acabava o relogio da casa de soar seis pancadas, e o esperto menino diz logo depois:

— Olha, mamãe, deram agora seis horas.

— Sim, meo filho, eu as ouvi dar, mas dorme. Mamãe tambem vae dormir.

— Mas eu não tenho mais somno, mamãe. Eu quero vestir-me, para depois ir arranjar minha bolsa.

— Pois bem, meo filho, vou te fazer a vontade, já que fui eu a culpada de despertares a esta hora.

— Porque, mamãe!

— Porque meo filhinho estava a dormir tão bem, e eu fui acordal-o.

— Mas mamãe chamou-me? Eu não ouvi.

— Não te chamei aos ouvidos, meo filho, mas te chamei aos meos labios, dando-te muitos beijinhos, porque estavas a sonhar com uma cousa muito bonita!

— Ah! Por isso é que eu sonhei que mamãe estava a dar-me beijos, porque eu estava dando minha licção muito direitinho.

— Foi justamente por isso, meo filho, que eu deite muitos beijinhos. Foi porque estavas a dar tua licção, e eu não quiz que os anjinhos, que te ouviam, cercando tua cabeceira, te beijassem antes da tua bôa mamãe. Agora toca a vestir e preparar-te para o collegio.

Tal magia produziram estas palavras naquelle espirito infantil, que o rapazote, cheio de contentamento, começou a dar pulos em cima da cama, e pouco faltou chorar de prazer; pois, do cantinho dos seos negros e vivos olhos, pareciam querer transformar-se em lagrimas duas brilhantes gottas, que alli se occulta-

*

vam. Na sua alegre physionomia expandia-se o puro sentimento, que naquelle instante experimentava aquella alma ainda de criança!

Depois de prompto nosso joven, diz-lhe a bondosa mãe:

— Agora, vaes almoçar.

— Não quero, mamãe. Eu não tenho vontade.

Tal era a influencia de que se achava possuido aquelle innocente, que até perdera a propria vontade de comer.

Insiste-lhe com caricias a bôa mãe:

— Não, meo filho, isso não póde ser. Precisas de comer, porque, se não, ficas muito fraco, e depois falta-te a voz para poderes dar a licção ao teo mestre.

Á vista desta ponderação, sempre se resolveo o filho a almoçar, e com receio, de que realmente faltasse-lhe a voz para a licção, comeo sufficientemente.

Vejamol-o agora no collegio: A desvelada mãe, ao apresental-o ao educador, diz-lhe o seguinte:

— Meo filho, hoje, só com a influencia do collegio, quasi não almoçou.

— Na verdade, diz aquelle, assim acontece no primeiro dia, em que elles entram para o collegio. Com a commoção agradavel, ou desagradavel que experimentam, perdem logo a vontade de comer, e isso, como sabe, não se dá sómente com as crianças; o mesmo a nós acontece, quando tambem experimentamos uma commoção de qualquer natureza que seja. Elle parece-me fraco, não?

Responde aquella senhora, acariciando o filho:

— Acho-o, muito debil.

Diz o director:

— Pois deixe o rapaz commigo. Como sei que é a primeira vez, que entra para o collegio, dispensar-lhe-hei todos os cuidados.

Despede-se do director a referida senhora, e ao beijar o filhinho, assim lhe diz:

— Se o senhor director der licença, a mamãe virá hoje buscar-te á 1 hora.

Intervem o director:

— Oh, pois não, minha senhora! A hora que V. Ex.ª quizer. Como tambem hoje é o primeiro dia...

— Então, se me permitte, virei buscal-o á 1 hora da tarde.

Dito isto, retira-se aquella senhora, e o director, depois de mostrar o collegio ao novo discipulo, pergunta-lhe:

— Porque é que você não quiz almoçar?

Responde com viveza o menino:

— Porque estava com pressa de vir para o collegio.

Observa-lhe o director:

— Pois os meninos que não querem almoçar em casa, almoçam então no collegio, que é para não ficarem fraquinhos. É o que agora vae acontecer com você. Não quiz almoçar em casa, portanto, vae almoçar commigo.

Diz muito depressa o esperto menino:

— Almocei, sim senhor.

— Qual almoçou! Você o que está é com acanhamento de dizer o contrario: Não almocei, não senhor. Não será isso?

— Não é, não senhor, eu já almocei.

— Pois não faz mal, almoça outra vez commigo.

Sem mais preambulos, leva o director aquelle interessante discipulo para com elle almoçar. Ao voltar do almoço, entrega-o ao professor da classe de primeiras lettras, recommendando o dispensar-lhe certos cuidados, pelo facto de ser a primeira vez que aquelle menino entra para o collegio.

D'ahi a uma meia hora, começa o menino a sentir-se incommodado do estomago; pois, realmente, não poderia deixar de assim estar, pelo facto de haver almoçado duas vezes, e não mal.

Ao saber o director que o menino se achava incommodado do estomago, manda que um dos da classe vá passeiar ao recreio com seo novo condiscipulo, afim deste poder melhor fazer a digestão.

Decorre-se o tempo, e chega a hora da saudosa mãe vir buscar seo filhinho. Assim que esta chegou, perguntou logo ao director:

— Então, como se portou o rapaz? Houve alguma novidade?

— Não, minha senhora. Apenas queixou-se ha pouco de que estava com o estomago cheio, e por isso, mandei-o passeiar ao recreio, junctamente com um collega, não só para tomar-lhe conta, mas tambem para o distrahir.

Como V. Ex.ª me disse que o achava muito debil, por ter almoçado pouco, por isso, o convidei para almoçar commigo, e como almoçou bem, naturalmente

sentio-se cheio, razão porque, mandei-o passeiar, para facilitar-lhe a digestão.

— Mas elle almoçou muito bem em casa. Podia até fazer-lhe mal.

— Mas não foi isso o que V. Ex.ª me disse. Lembro-me perfeitamente de que V. Ex.ª falou-me que o menino com a influencia do collegio, quasi nem almoçou, logo é porque almoçou pouco.

— Perdão, mas não foi neste sentido que eu disse. Quando lhe falei que o menino quasi não almoçou, quiz com isso dizer que quasi deixou de almoçar.

Pondera-lhe o director:

— Tambem podia empregar neste sentido aquella phrase, porém, dizendo-lhe eu que seo filho parecia-me fraco, respondeo-me V. Ex.ª achal-o muito *debil*, por isso, confirmou-se-me a idéa, de que elle se achava fraco, justamente por ter almoçado pouco.

— Mas quando o senhor director me disse que o menino parecia-lhe fraco, suppuz que se referia, quanto á sua constituição.

— Tambem podia ser, minha senhora, porém, o que eu não poderia tomar como *fraco* por constituição, era a palavra *debil*, porque não a emprego nesse sentido.

— Pois olhe, eu emprego mais a palavra *debil*, do que *fraco*. Não sei porque. Achô-a até mais bonita; emfim, são gostos.

— Perdão, minha senhora, ahi não ha questão de gostos, mas sim, de propriedade. A palavra *fraco* indica a falta de forças, ou o não serem sufficientes, ou ser uma cousa pouco firme, ou consistente, ou ainda,

o que facilmente se quebra, se rende, etc., como se vê, pela origem da palavra, que vem do latim: *frango, fragiles, fractus*, etc. Assim, por exemplo, dizemos que um menino é *fraco*, porque seos orgãos são ainda muito delicados, ou tambem, que tem uma *constituição fraca*, por não possuir forças bastantes.

A palavra *debil* já exprime outra cousa, isto é, indica a decadencia de forças, porque se gastaram, diminuiram, ou perderam. Um velho, por exemplo, é *debil*, porque seos orgãos estão gastos.

Tem V. Ex.ª um frisante exemplo na propria palavra *debilidade*. Não empregamos esta palavra no sentido de uma *fraqueza* toda accidental, isto é, no sentido de nos terem sido *gastas*, *diminuidas*, ou *perdidas* as forças, que possuiamos, como, por exemplo, acontece, quando temos o estomago vasio?

Ora ahi está! Se a palavra *debilidade*, exprime a *falta* de forças, que se *gastaram, diminuiram, ou perderam;* por igual modo, a palavra *debil*, donde aquella se deriva, deve ter a mesma significação.

V. Ex.ª ha de desculpar-me ter entrado neste assumpto, mas assim foi preciso, para se elucidar a má interpretação, que houve da minha parte.

—Ao contrario, senhor director, a má interpretação foi toda minha, e muito lhe agradeço a bôa explicação, que me deo. Creia o senhor director que eu estava completamente convicta, de que *debil* era o mesmo que *fraco*, e empregava sempre *débil*, por achar mais doce, mais suave.

—Bem conheço este sestro feminino, minha se-

nhóra. Esta palavrinha é do numero de outras tambem adocicadas, de que muito gosta o bello sexo, como sejam : *carecer*, *recordar*, etc.

— Pois o senhor director ha de dar-me licença que eu leve o menino, e ao mesmo tempo, tambem licença, de que, quando eu pisar em falso...

— Não a deixe cahir no precipicio. Assim o farei.

XLII

COMMERCIANTE

Festejava seo anniversario natalicio um abastado e illustrado banqueiro, havendo, para esse fim, convidado muitos collegas, grandes capitalistas, e importantes commerciantes.

Dentre os convidados, apresenta-se um, que leva em sua companhia um distincto negociante, dono de uma casa de ferragens. Ao cumprimentar o amigo banqueiro diz-lhe aquelle convidado:

— Meo caro Rodrigues, tomei a liberdade de commigo trazer meo particular amigo, o Sr. Mathias, distincto commerciante da nossa praça, o qual muito desejava conhecer-te de perto, por isso, peço licença para aqui t'o apresentar.

O banqueiro, ao estender amavelmente a mão ao apresentado, dirige-lhe as seguintes palavras:

— Tenho muita satisfação de o conhecer, e ao

mesmo tempo, muita honra de o receber em minha casa. Basta ser amigo do meo amigo Garcia, para de futuro meo amigo ser.

Agradece o apresentado:

— A mesma satisfação e honra cabem-me hoje em conhecer pessoalmente aquelle, de quem sempre ouvi tecer bons elogios.

Atalha o banquêiro:

— Dirá talvez melhor: Lisonjeiros elogios.

Interrompe o amigo Garcia:

— O amigo Rodrigues só tem um defeito: É ser modesto de mais, mas isso desculpa-se, porque é geralmente o defeito de toda a gente bôa.

Diz o banqueiro:

— E aqui meo amigo Garcia tem outro, Sr. Mathias: É ser muito exaggerado nas suas observações.

Pondera o Sr. Mathias:

— Não creio que seja assim tanto. Sempre o conheci, como amigo da verdade.

— Ora muito bem, diz o Sr. Garcia, a apresentação já está feita, portanto, meos amigos hão de me permittir que eu os deixe por um pouco, porque preciso muito de conversar sobre um assumpto importante com um amigo, que aqui se acha. Foi até uma fortuna cá o encontrar. Recommendo ao meo amigo Mathias a bôa palestra do meo amigo Rodrigues. Creia que ha de gostar de o ouvir. É um bom cavaqueador.

Após estas palavras, retira-se o Sr. Garcia, e o delicado e attencioso banqueiro abre o assumpto de conversação nestes termos:

— Que diz o Sr. Mathias deste ultimo relatorio do ministro da fazenda? Lêo aquelle ultimo topico do capitulo terceiro, em que elle cita as reformas do grande economista Turgot?

O Sr. Garcia, que nunca se occupara com as altas questões financeiras, responde-lhe com esta franqueza caracteristica do puro negociante:

— Se quer que lhe diga, meo caro senhor, nunca me occupei com estas cousas. Vivo muito modestamente do meo negocio, e pouco se me importa o resto.

— Mas o senhor não é commerciante?!

— Sim, mas nunca dei para essas cousas.

— A que ramo de commercio se dedica o senhor?

— Meo negocio é de ferragens. Ha vinte annos que possúo uma casita de duas portas, que, graças a Deos, me vae dando para manter a familia. Sou um pobre ferragista, é o que sou.

O banqueiro, que por esta não esperava, pois que o considerava como um alto funccionario do commercio, diz-lhe para salvar-se da embaraçosa situação:

— Não desfaça assim tanto no mercado das ferragens, que ainda é um dos bons ramos de negocio, que hoje possuimos.

— Já o foi, sr. Rodrigues, já o foi! Hoje está muito explorado! Noutro tempo, sim, fazia-se negocio.

Nessa occasião apparece o sr. Garcia, que acabava de conversar com o tal amigo, e com vivo interesse pergunta áquelles dous:

— Então, palestraram muito?

— Alguma cousa, responde o banqueiro.

Continúa o Sr. Garcia:

— Sabes, Mathias, quem aqui está tambem? Aquelle teo amigo Jeronymo, a quem uma vez me apresentaste no theatro.

Pergunta admirado o Sr. Mathias:

— Ah! Sim?! Ha muito tempo, que o não vejo. Desejava falar-lhe.

Diz o banqueiro:

— Sem cerimonia, Sr. Mathias. Esta casa é sua. Se quizer ir até á sala falar com este seo amigo, não se prenda por minha causa. O senhor não veio aqui, sómente para conversar commigo, mas tambem para tomar parte na minha modesta festa.

Accrescenta o Sr. Garcia:

— Que não se perca pelo caminho, é o que desejamos. Olha, não repares em não acompanhar-te, porque preciso muito de falar aqui uma cousa com o Rodrigues. Mas, eu já por lá appareço, daqui ha pouco.

Diz o apresentado:

— Já que o Sr. Rodrigues me concede licença...

Acóde immediatamente este:

— Ora essa! Aqui não se pede licença. Repito o que já lhe disse: Esta casa é sua. Disponha della como entender.

— Muito obrigado, agradece o Sr. Mathias, que dalli se retira.

Assim que este desapparece, diz o banqueiro ao seo amigo Garcia:

— Ora sou um seo criado! Como é que me apre-

sentas este homem, dizendo-me que é um distincto commerciante da nossa praça ? !

Exclama o outro admirado :

— Pois não é um commerciante ? ! E distincto tambem é elle pelas suas distinctas qualidades. É um homem muito sério, muito honesto, muito leal nos seos negocios ; finalmente, é um distincto cavalheiro ; do contrario, não o teria como amigo, nem o traria á tua casa. Mas então, que achaste nelle ? !

— Achei-o realmente distincto cavalheiro, e parece-me até ser um homem muito sisudo, mas has de convir que não é um commerciante.

— Essa agora é que não póde ser ! Então o que é elle ? !

Responde o banqueiro ;

— Apenas um negociante de ferragens, um simples ferragista, como elle proprio m'o disse.

Conclue o Sr. Garcia :

— Logo, é um commerciante.

— Pois, nem logo, nem agora, meo caro Garcia, porque, *negociante* não é o mesmo que *commerciante*.

— Ora, não é o mesmo ! Tanto faz dizermos *negociante* como *commerciante*, exprime tudo a mesma cousa.

— Isso é o que te parece, porque ouves indistinctamente empregadas aquellas palavras.

— Então, distinctamente como devem ser empregadas ?

— Do seguinte modo, meo bom amigo : A palavra *commerciante*, é, como claramente se vê, derivada da palavra *commercio*. Esta palavra *commercio*, do latim :

commércium, significa litteralmente; *cambio de mercadorias*. É o *commutatio mercium*, formado de *com* e *merx* (mercadoria).

Como, a principio, não haviam as *moedas*, nem o *calculo*, nem o *cambio*, e muito menos, o giro destas cousas, por isso, a palavra *commercio* era exclusivamente applicada ás *trocas e permutações*, que nesse tempo existiam. Mais tarde, porém, fazendo-se estas operações por valores equivalentes, ficou a palavra *commercio* com á significação de; *cambio, reciproca commutação e trafico*.

Em francez é que a palavra *commerce* se estende a toda especie de *compra e venda;* em portuguez, porem tem a palavra *commercio* seo sentido particular, que é o do tracto feito com sciencia, em grande e por atacado. É por isso que se diz: *Junta do commercio, tribunal do commercio, aula do commercio*, etc.

D'ahi, só se deve chamar *commerciante* ao que estuda a sciencia do *commercio*, e a pratica, isto é, aquelle, que por meio de complicadas operações procura o melhor meio de *compra* ou *venda*.

Quanto á palavra *negociante*, é tambem esta derivada da palavra *negocio*, do latim: *negotium*, que por sua vez, se deriva destas duas: *nec* e *otium*, que quer dizer: *sem ocío*, ou *falta de ocío, carencia de ocío*, e por consequencia: *trabalho, fadiga*.

O negocio comprehende a idéa de *commercio* lucrativo, e só se refere á parte laboriosa.

O negociante é aquelle que sómente se entrega ao *negocio*, o que compra generos para vender com lucro,

sem calculo nenhum prévio, nem especulação engenhosa.

Eis pois explicada, meo bom amigo, a differença, que existe entre *commerciante* e *negociante*.

Para que havemos de corromper tanto nossa lingua, que é riquissima em vocabulos, ora, simplificando todos num só, como se deo com a palavra *alumno*, ora, empregando-os indifferentemente com o mesmo sentido, como agora aqui acontece com as palavras *commerciante* e *negociante*?! Que me dizes a tudo isso?

Responde o amigo:

—Que precisamos de estudar bem a lingua portugueza.

FIM

INDICE

DAS

PALAVRAS, CONSIDERADAS COMO IMPROPRIEDADE DOS TERMOS, CONTIDAS NESTE VOLUME

A

C

I

L

M

N

O

P

R

S

ERRATA

Dentre alguns erros, que nesta obra a clara intelligencia do leitor supprirá, houve, por lapso, no fim do primeiro capitulo do segundo volume, sob a epigraphe *Alugar*, a omissão do seguinte trecho:

Observa o advogado:

— Comquanto o termo *alugar* já esteja muito vulgarisado no sentido de *ceder*, e tambem *tomar por aluguel*, cumpre, entretanto, dizer que o mesmo termo *Alugar*, rigorosamente não se deve empregar com relação aos *bens immoveis*, mas sim, aos *bens moveis*, como se vê pela propria etymologia da palavra, pois que *alugar* é formado de duas palavras latinas: *ad* (para) e *locare* (pôr, collocar) de *locus* (logar), exprimindo, portanto, *alugar*, o seguinte: *tirar de um logar para outro*, o que só se póde fazer com os *bens moveis*, e não, com os *immoveis*, como são as *casas*.

— E eu que não sabia ainda de mais esta!

— Pois então, fique agora sabendo, e ainda mais o seguinte: Com relação aos *bens immoveis*, como são as casas, só se deve empregar o verbo *arrendar*, dizendo-se que o proprietario *arrenda*, e o inquilino, ou locatario *toma de arrendamento*, ou usar tambem a expressão: Fulano *arrendou*-me esta casa, e não: Eu *arrendei* esta casa a fulano.